**Tese de Doutorado**

# A PRÁTICA PROFISSIONAL DO ARQUITETO EM DISCUSSÃO

**Francisco Segnini Jr.**

**Orientador:**
**Dr. Ualfrido Del Carlo**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**
**FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO**
**Abril / 2002**

À minha mulher e aos meus filhos

**Agradeço:**

- Ao meu orientador, Ualfrido Del Carlo, pelo apoio, confiança e paciência neste longo período.
- Aos professores Dr. Luiz Antônio Jorge e Dr. Nilton Ricoy Torres, pelas valiosas contribuições no Exame de Qualificação.
- Ao Marcelo Bicudo, Beto Rolfsen e a Thais Bortolato que me ajudaram na pesquisa e na organização dos dados.
- À Haifa Sabbag, pela leitura atenta.
- À minha mulher, Liliana, por sua colaboração, sem a qual este trabalho não teria sido possível.

"A obra de arquitectura concretiza a síntese entre o pensamento do arquitecto (ainda que abstracto ideológico) e a realidade. Uma realidade que é antes de mais a condição geográfica: a arquitectura transforma uma condição de natureza numa condição de cultura. Esta transformação modifica um equilíbrio espacial existente num novo equilíbrio. O encontro entre o mundo ideológico do pensamento, o mundo abstrato do desenho e o mundo da realidade é também encontro com uma situação histórica, com uma entidade cultural, com uma memória da qual o território está impregnado e que, julgo, a arquitectura deve reler e repropor através de novas interpretações, como testemunho das aspirações, das tensões, das vontades de mudança do nosso tempo"

Mario Botta, 1996

# Índice


| | | |
|---|---|---|
| **Introdução** | | **1** |
| | Aspectos metodológicos | **5** |
| | A profissão do arquiteto no Brasil | **7** |
| | Configuração atual do trabalho do arquiteto | **19** |
| | A construção de um objeto de pesquisa: a revista AU | **22** |
| | Procedimentos de pesquisa | **25** |
| **Capítulo I** | **O arquiteto, a arquitetura e o projeto** | **31** |
| | Arquitetura e arte | **34** |
| | Arquitetura e construção | **50** |
| | Arquitetura e utopia social | **54** |
| **Capítulo II** | **O arquiteto e a informatização da produção do projeto** | **61** |
| | Os primórdios do uso de uma técnica | **64** |
| | Anos 90: difusão tecnológica e competição no mercado | **68** |
| | O processo criativo é limitado pelo computador? | **69** |
| | Racionalização do desenvolvimento do projeto | **75** |
| **Capítulo III** | **Produção do projeto arquitetônico e mercado de trabalho** | **92** |
| | Globalização mercado e arquitetura | **96** |
| | Arquitetura, competitividade e marketing | **101** |
| | O arquiteto, a arquitetura e o cliente | **108** |
| **Considerações Finais** | | **118** |
| **Bibliografia** | | **135** |
| **Anexo 1** | **Fonte da Pesquisa:**<br>**Revista AU – Arquitetura e Urbanismo**<br>**Pesquisa: O arquiteto e a prática profissional** | **144** |
| | 1. O arquiteto e cliente | **145** |
| | 2. O arquiteto e o mercado | **170** |
| | 3. O arquiteto e a arquitetura | **178** |
| | 4. O arquiteto e o arquiteto | **203** |
| | 5. O arquiteto e a produção do projeto de arquitetura | **218** |
| | 6. O arquiteto e a informatização da produção do projeto | **228** |

## RESUMO

O objetivo dessa tese é analisar a prática profissional do arquiteto e a relação que a produção do projeto arquitetônico, entendido como expressão da arte e da técnica, estabelece com o mercado. O objeto analisado é constituído por depoimentos e entrevistas de 206 arquitetos selecionados em 91 exemplares da Revista *AU – Arquitetura e Urbanismo*, no período de 1985 a 2000. Esse período é particularmente significativo porque nesses quinze anos são observadas mudanças como a intensificação do fenômeno social, econômico e político denominado globalização e a difusão da informática, alterando a produção do projeto; no plano político nacional significa o término do período militar. A hipótese norteadora desta pesquisa é que a tensão entre arte, técnica e mercado, observada na prática profissional do arquiteto desde o Renascimento, se intensifica nesse contexto.

## ABSTRACT

The objective of this thesis is to analyze the professional practice and the relationship that the production of the architectonic project, understood as the expression of art and technique, has with the market. The analyzed objRect is made of statements and interviews of 206 architects selected from 91 issues of *AU – Architecture and Urbanism* magazine, from 1985 to 2000. This period is particularly significant because in theses fifteen years changes like the intensification of the social, economic and political phenomenon called globalization and the diffusion of informatic have been observed. These changes have altered the project production and in the national political context it means the ending of the military period. The main hypotheses of this research is the tension between art, technique and market, observed in the architect professional practice since renaissance and which is intensified in the globalization context.

# INTRODUÇÃO

# A Prática Profissional do Arquiteto em Discussão

Desenho de Alex Lemaistre – O arquiteto no seu espaço de trabalho[1]

Essa necessidade de melhor esclarecer meus projetos levou-me a um sistema de trabalho muito particular. Ao chegar a uma solução, passo a descrevê-la num texto explicativo. Se, ao lê-lo, ele me satisfaz, inicio os desenhos definitivos. Se, ao contrário, os argumentos não me parecem satisfatórios, volto à prancheta. É uma espécie de prova dos nove. Na realidade, na maioria dos casos é lendo os textos que os meus projetos são aprovados. Pouca, muito pouca gente conhece os segredos da arquitetura.[2]

Oscar Niemeyer

[1] **JACQUES**, Annie –*La carrière de l'architecte au XIX siècle* – Paris, Editions e la Réunion des Musées Naticionaux, 1986 pág.36

[2] **NIEMEYER**, Oscar- *Minha arquitetura* – Rio de Janeiro, Revan, 2000

A tensão entre arte, técnica e mercado marca a profissão do arquiteto e a produção do projeto arquitetônico desde o Renascimento. Atualizar essa discussão significa incorporar novas temáticas que caracterizam o presente momento histórico, compreendendo, no entanto, que outras são re-elaboradas enquanto outras tantas permanecem candentes desde então. Nesse sentido, este trabalho pretende compreender o exercício da profissão do arquiteto e a relação que a produção do projeto arquitetônico, entendidas como expressão da arte e da técnica que incorpora mudanças, estabelecem com o mercado de trabalho.

Metodologicamente, o objeto de pesquisa construído, que permite analisar a temática acima referida, é constituído por falas de arquitetos informando experiências[3] vividas que ficaram plasmadas no imaginário[4] elaborando visões sociais de mundo[5] a respeito do conjunto de relações

[3] **THOMPSON**, E.P. – *Tradición, Revuelta y Conciencia de Clase* – Barcelona: Critica,1979. pág. 10 - A experiência, para Thompson, é compreendida "em termos culturais, encarnadas em tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais". Nesse sentido, é estabelecido um diálogo entre o autor e Castoriadis e Löwy pois todos compreendem, nesse magma semântico, a importância dos aspectos culturais, sociais, históricos na construção de falas significativas.

[4] **CASTORIADIS**, Cornelius – *A instituição imaginária da sociedade* – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, 2ª edição (...) Aqueles que falam de "imaginário" compreendendo por isso o "espetacular", o reflexo ou o "fictício", apenas repetem, e muito freqüentemente sem o saberem, a afirmação que os prendeu para sempre a um subsolo qualquer da famosa caverna: é necessário que (este mundo) seja imagem *de* alguma coisa. O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/ formas/ imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de "alguma coisa" . Aquilo que denominamos " realidade e racionalidade" são seus produtos.

[5] **LÖWY**, Michael – *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen – marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento* – São Paulo: Cortez Editora, 2000. – pág. 13 – O autor compreende a visão social de mundo como "um conjunto orgânico articulado e estruturado de valores, representações, idéias e orientações cognitivas, internamente unificado por uma *perspectiva* determinada, por um certo *ponto de vista* socialmente condicionado".

sociais e de utopias presentes no fazer arquitetura. Ou ainda, como fazem e porque fazem arquitetura. Nesse sentido, objetiva-se analisar como arquitetos, expressando-se publicamente em entrevistas e depoimentos, informam a representação que constroem a respeito do fazer arquitetura, ou melhor, da prática profissional em arquitetura, resgatando dimensões que remetem à problemática acima indicada.

A hipótese norteadora desta pesquisa é que a tensão entre arte, técnica e mercado, se intensifica no contexto da difusão da informática e do conjunto de relações econômicas e sociais denominado globalização. Esse fenômeno implica, entre outras coisas, na intensificação da concorrência em um mercado cada vez mais relevante na organização das políticas públicas e sociais.

Para tanto, foram analisados 91 exemplares da revista AU – Arquitetura e Urbanismo, publicada pela Editora Pini, no período de 1985 a 2000, possibilitando acesso a entrevistas e depoimentos de 206 arquitetos (200 homens e 6 mulheres) sobre os temas enfocados. São profissionais brasileiros e estrangeiros, que informam a relevância do resgate da prática profissional, especialmente a do arquiteto brasileiro, em uma publicação nacional. A opção pela revista AU, como campo de pesquisa, será justificada ainda neste capítulo introdutório.

## Aspectos metodológicos

Os trabalhos que analisam projetos concebidos por arquitetos multiplicam-se com diferentes graus de complexidade e sob diferentes enfoques, destacando a contribuição da teoria da arquitetura e do urbanismo, da estética, filosofia, sociologia, economia, geografia e da história - sobretudo da história da arte e da arquitetura.

Mas poucas são as análises que enfocam a atividade do arquiteto recuperando sua condição de *homo faber*, segundo perspectiva da filosofa Hannah Arendt. "*O trabalho de nossas mãos, em contraposição ao labor de nosso corpo – o homo faber que `faz´ e literalmente `trabalha sobre' os materiais em oposição ao animal laborans que labora e se `mistura com´ eles – fabrica a infinita variedade de coisas cuja soma total constitui o artifício humano*" [6] O *homo faber* converte o mundo em objetos partilhados pelo homem, conferindo-lhe objetividade.[7]

Existe intencionalidade no trabalho humano e Marx recorreu ao trabalho do tecelão e do arquiteto para distingui-lo do trabalho instintivo do animal. "*Nosso ponto de partida é uma forma de trabalho que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes as do tecelão, e a abelha supera, pela estrutura de suas células de cera, a habilidade de mais de um arquiteto. Mas o que*

[6] **ARENDT**,Hannah *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária; Rio de Janeiro: Salamandra; São Paulo: EDUSP, 1981. pág. 149

[7] Id.Ibid. pág. 150

*distingue, na origem, o pior arquiteto da abelha mais esperta é que ele figura na mente a sua construção antes de transformá-la em realidade*".[8]

O "*figurar na mente sua construção*" significa a criação do artifício humano elaborado pelo arquiteto; trata-se do projeto arquitetônico, resultado de sua prática profissional.

As formas e técnicas de elaboração do projeto passaram por mudanças desde o Renascimento, momento histórico que marca o nascimento da concepção moderna da profissão. Na Idade Média, a classificação tradicional entre artes liberais e artes mecânicas não permitia diferenciar os artistas, arquitetos-pintores ou arquitetos-escultores, do mundo dos artesãos, dos trabalhadores manuais. [9]

Nos séculos XV e XVI, observa-se, cada vez mais, que as Belas Artes, tanto na Itália como na França, são associadas às artes liberais, possibilitando que o arquiteto adquira o estatuto de intelectual e o de artista.

Uma síntese da compreensão do papel do arquiteto pode ser encontrada em "O Tratado de Arquitetura", de Alberti, que define, de forma apaixonada, o que faz um arquiteto: "*Aquele que, com uma razão e uma regra maravilhosa e precisa sabe, primeiramente, compreender as coisas com seu espírito e sua inteligência, e secundariamente, como organizar com precisão durante os trabalhos de construção todos os*

[8] **MARX**, Karl. *O Capital- Crítica da Economia Política*. *Rio de Janeiro*: Civilização Brasileira, , 6ª. edição, 1980, pág. 46

[9] **JAQUES**, Annie – *La Carriére de l'architecte au XIX siècle*. Paris: Editions de la Réunion des Musées Nationaux, Paris, 1986 (tradução do autor)

*materiais que envolvem essa produção, os quais pelos movimentos de suas cargas, pela reunião e justaposição de seus corpos possam servir com eficiência e dignidade às necessidades do homem...".*[10]

Assim, o arquiteto é compreendido como um sábio pelos seus conhecimentos de geometria e engenharia e como um humanista pelo seu conhecimento da tradição e da história. Sua expressão é o desenho que, para Alberti, é o traço de união entre a arquitetura e as matemáticas.[11]

O profissional arquiteto, se não mais é denominado sábio, continua a ter sua prática profissional marcada, até o presente momento, pela dupla dimensão já assinalada por Alberti; o projeto expressa conhecimento técnico e criação artística, requerendo sólida formação em ciências humanas.

## A profissão do arquiteto no Brasil

As profissões representam formas históricas de organização social e de categorização das atividades do trabalho que evidenciam relações políticas, sobretudo com o Estado. Significam também formas históricas de seu exercício, de identificação subjetiva dos seus membros, de expressão de valores de ordem ética, plena de significações culturais. As profissões representam também contradições e tensões entre os diferentes

[10] Id.Ibid.

[11] Id.Ibid

atores envolvidos, que procuram, historicamente, defender espaços do mercado de trabalho, assegurar clientela, remunerações condizentes, empregos, salários estáveis, reconhecimento de sua *expertise*. As relações econômicas evidenciam a relação entre profissão e mercado, indagam pelo seu futuro, dentro de uma economia de mercado, cada vez mais racionalizada e mundializada.[12]

A profissão do arquiteto começa a se organizar no século XIX. Na França, em 1843, é criada a "*Société Centrale des Architects*" e com ela a discussão da necessidade de um diploma para por fim "*aos inconvenientes da liberdade absoluta no exercício profissional*".[13] Essa discussão prolonga-se por muitos anos e em 1881 surge a primeira associação extra-oficial de arquitetos diplomados, a *SADG- Sociètè de Architectes Diplomés par le Gouvernement*, resultado de movimento liderado por Julien Guadet, chefe de ateliê na *Ecole des Beaux Arts*. Preocupado em defender o interesse dos arquitetos com diploma, que naquele momento formavam uma comunidade de 44 profissionais, ele motivou seus antigos alunos a se organizarem[14]. Essa nova sociedade irá desenvolver a discussão sobre o exercício profissional e, em 1892, obtém reconhecimento como de utilidade pública. Apesar disso, os arquitetos são de opinião que esse *status* não é suficiente, necessitando de um código para serem compreendidos como profissionais disciplinados e

[12] **DUBAR**, Claude; **TRIPIER,** Pierre. *Sociologie des professions.* Paris: Armand COLIN, 1998, pág. 13.

[13] **BONNIER**, Louis – *La fondation de la SADG-* In **EPRON**, Jean Pierre – *Architecture une anthologuie* – Liège: Pierre Mardaga Éditeur, 1992, pág.290 (Tradução do autor)

[14] Id. Ibid. , pág. 291

honrados: "*por isso todos assinam uma adesão plena ao 'Le Code Guadet'*".[15]

Capa do semanário L'Architecture ,1900[16]

[15] Id. Ibid. loc. cit.

[16] **EPRON**, Jean Pierre – *Architecture une anthologie* – Liège: Pierre Mardaga Éditeur, 1992, pág.292

O Código Guadet[17], apresentado e aprovado no *Congress de Bordeaux-1895* é publicado pela primeira vez na revista *L'Architecture*, de 10 de agosto de 1895, nº 32, pág. 288-289, sob o título "*Les devoirs profissionnels de l'architecte*". Ele estabelece princípios básicos para a organização da profissão e seus reflexos, definindo parâmetros às lutas dos arquitetos franceses por melhores condições de trabalho nos anos seguintes.

> *"O CÓDIGO GUADET*[18]
>
> *A Sociedade central dos arquitetos franceses,*
> *Considerando que é necessário precisar as obrigações morais que sempre foram a regra de conduta, e a honra dos arquitetos verdadeiramente dignos deste nome;*
> *Que é necessário, de fato, que o público, os clientes e as administrações possam ter conhecimento das garantias às quais tem direito de esperar dos arquitetos que exercem honradamente suas profissões;*
> *Declara que os princípios que regem a conduta dos arquitetos nas suas relações com seus companheiros, seus clientes e empresários ou o pessoal da construção, são os seguintes: (...)*
> *1. O arquiteto é definido, pelo dicionário da Academia francesa (edição 1878), nestes termos: O artista que compõe os edifícios, determinando suas proporções, suas distribuições, os faz executar sob suas ordens e controla suas despesas. Por conseqüência, o arquiteto é, ao mesmo tempo, um artista e um prático. Sua função é conceber e estudar a composição de um edifício, dirigir e supervisionar a execução, verificar e organizar as contas das despesas que lhe são relativas.*
> *2. Ele exerce uma profissão liberal e não comercial. Esta profissão é incompatível com aquela do empresário, industrial ou fornecedor de materiais ou objetos empregados na construção. Ele é retribuído unicamente pelos seus honorários, excluindo-se todas as espécies de benefícios por ocasião de seus trabalhos ou durante o exercício de seu mandato. (...)*
> *4. Ao arquiteto, não sendo nem um comerciante e nem um agente de negócios, proíbe-se todas as operações que possam dar lugar a vantagens ou comissões. Ele se abstém de fazer, visando vantagens pessoais, anúncios, reclames ou ofertas de serviços por meio de jornais, cartazes, prospectos ou outros meios de publicidade em uso nas profissões comerciais. (...)*

[17] **GUADET**, Julien – *Le Code Guadet* In : **EPRON**, Jean Pierre – *Architecture une anthologuie* – Liège: Pierre Mardaga Éditeur, 1992, pág.290 (Tradução do autor)

[18] **GUADET**, Julien – *Le Code Guadet* In : **EPRON**, Jean Pierre – *Architecture une anthologuie* – Liège: Pierre Mardaga Éditeur, 1992 pág. 293 ( tradução do autor)

*6. Ao lado de seus colegas, o arquiteto se proíbe o plágio, assim como o desconhecimento das delicadas regras que a consciência impõe aos artistas dignos deste nome nas suas relações entre eles. (...)*
*7. Ele reconhece a qualidade de seu colega e confere o título a todo arquiteto que exerça honradamente a profissão. Ele dará, na medida do possível, prioridade a seus colegas ao marcar encontros, convocações, recepções, etc. Quando houver reuniões entre muitos arquitetos, essas reuniões deverão se realizar no escritório do mais velho. (...)*
*9. O arquiteto coloca à disposição de a seu cliente todo o seu saber e sua experiência na elaboração dos projetos que lhe são solicitados, na direção e supervisão de seus trabalhos, assim como nos pareceres e conselhos a lhe serem fornecidos. Todos os esforços têm como objetivo a defesa dos interesses que lhe são confiados.*
*10. Entretanto, o arquiteto não se presta a operações, mesmo que exigidas pelo cliente, que sejam de natureza a lesar os direitos de terceiros. (...)*
*15. O arquiteto se recusa ser nomeado "expert" em negócio onde seu cliente é questionado, mesmo quando tenha emitido um parecer a respeito da causa em litígio. Da mesma forma, quando é designado "expert" pelo seu cliente, por exemplo em questão de garantia de registro, etc., ele não é mais mandatário de seu cliente, ele não passa de um "expert". Quando ele é chamado como árbitro, suas obrigações são as mesmas. (...)*
*16. O arquiteto emprega sua autoridade moral no sentido de garantir aos operários da obra condições de trabalho as menos penosas possíveis, e assegurar a boa harmonia, a cordialidade e a honorabilidade nas relações de todas as pessoas envolvidas nos serviços.*
*17. Ao lado dos empresários ou dos fornecedores, o arquiteto se proíbe receber qualquer recompensa, comissão ou donativo, seja em dinheiro, seja em espécie, que estes empresários ou fornecedores tenham ou não empregados nos trabalhos de construção. (...)*
*20. Quando um arquiteto tem como cliente um empresário ou um grupo de empresários, ele, neste caso também, é remunerado unicamente por honorários. Ele jamais se submete ao jogo de ganhos e perdas que é a essência do empreendimento empresarial, em contradição com o exercício da profissão liberal do arquiteto.*
*21. O arquiteto que se transforma em empresário ou mandatário de empresa, incorporador, verificador, perde a qualidade de arquiteto. Ele não a perde sendo mandatário de um arquiteto.*
*Inútil ir além; o resto é uma regulamentação interna, a formação de um conselho de disciplina na Sociedade Central, o que todos podem fazer em seus respectivos espaços. (aplausos) (...)*
*Sr. Presidente – Conforme a proposição de M. Faget, eu consulto a assembléia sobre a aprovação do trabalho do Sr. Guadet. (Este trabalho foi aprovado por unanimidade)*
*Sr. Presidente – É uma unanimidade perfeita".*

Capa da revista *L'Architecture*,1906[19]

O processo de regulamentação da profissão continua a ser objeto de discussão e, no início do século XX, em 26 de março de 1924 é aprovada a lei Liouville que pune a utilização do título profissional sem que se preencham as condições legais. Em 1938, é proposto, por MM.

[19] **EPRON**, Jean Pierre – *Architecture une anthologuie* – Liège: Pierre Mardaga Éditeur, 1992, pág.292

Vaillant-Couturier, projeto de lei para criação da *Ordre des Architectes.* Essa lei, votada e aprovada em 1940, protege o título de arquiteto sem, entretanto, lhe conferir monopólio e organiza a profissão tendo com referência o Código de Guadet.[20] No início da reconstrução da França, após a II Guerra Mundial, o Código Guadet continua sendo referência; M. Pierre Jaume, arquiteto e urbanista, em artigo publicado na revista *L'Architecture d'Aujourd'hui*, nº 1, afirma: "*Eu considero sempre o Código Guadet como a garantia das tradições de honra, de probidade e de solidariedade às quais se tem o direito de exigir de nossa profissão.*[21] Progressivamente a "*Societè Centrale*" deixa as tarefas das lutas profissionais a cargo da *Ordre des Architectes* e transforma-se em *Academie d'architecture* após 110 anos de existência.

O Syndicat des Architectes de la Seine, criado em 1955, coloca-se polemicamente perante a *Ordre des architectes* e a *SADG*. Os acontecimentos de 1968 aceleram o processo de desagregação da *Ordre des architectes,* tal como se apresentava na lei de 1940 e, nos anos 70, a *SADG* segue o mesmo caminho da *Societè Centrale*. No final da década de 70, com a fusão dos sindicatos, é proposta uma nova lei, desta vez para a arquitetura. Esta lei, sob o regime da qual se desenvolvem as atividades atuais dos arquitetos franceses, foi votada em 1977.

[20] **EPRON**, Jean Pierre – *Architecture une anthologuie* – Liège: Pierre Mardaga Éditeur, 1992 pag. 295

[21] *"L'organization profissionnelle des architectes"*, L'Architecture d'Aujourd'hui, nº1, mai-juin 1945, 31-32 In - **EPRON**, Jean Pierre – *Architecture une anthologuie* – Liège: Pierre Mardaga Éditeur, 1992 pag. 301

Arquiteto Charles Garnier (1825-1898)
Estudo de fachada – Edifício para Sr. Aucler[22]

A história da profissionalização do arquiteto no Brasil inscreve-se em todo o século XX. Compreendê-la requer recuperar o processo de consolidação das instituições de ensino, bem como a organização legal das instituições que regulam e representam esses profissionais, considerando sempre as mudanças ocorridas na sociedade brasileira em termos econômicos, sociais e políticos.[23] No entanto, esse não será o

[22] **JACQUES**, Annie Les dessins d'architecture du XIXº siècle – Paris: Bibliotheque de L'image, 1995

[23] **DURAND**, José Carlos Garcia. *A profissão do arquiteto (estudo sociológico).* Tese de mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia da 5ª. Região (Guanabara), novembro de 1972; **DURAND**, José Carlos Garcia. *Arte, privilégio e distinção Artes Plásticas, Arquitetura e Classe Dirigente no Brasil, 1855/ 1985.* São Paulo: Editora Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1989. As análises pioneiras realizadas por Durand a respeito da profissão do arquiteto como objeto de análise sociológica contribuem para a compreensão dos objetivos desse trabalho, mesmo considerando que a singularidade do mesmo está na sua abordagem construída a partir da

objeto desta tese, conforme explicitado no início do texto. Algumas considerações, porém, se fazem necessárias para melhor esclarecer em que contexto os arquitetos constroem a representação que expressam nas entrevistas e depoimentos presentes nos artigos analisados na Revista AU – Arquitetura e Urbanismo.

A arquitetura, inicialmente, era uma especialização da engenharia. A primeiras turmas foram formadas pela Escola Politécnica de São Paulo (1899) e pela Faculdade de Engenharia do Instituto Mackenzie, a partir de 1917.A primeira Faculdade Nacional de Arquitetura foi inaugurada, por lei federal, no Rio de Janeiro, em 1945. A partir de então outras se seguiram como a Faculdade de Arquitetura Mackenzie em 1947, no ano seguinte, a Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo. No início do século XXI, existem 141 cursos, dos quais 113 associados a ABEA – Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo. Observa-se que 71 cursos estão concentrados na região sudeste e 34 na região sul do país, Seguindo a mesma tendência registrada em todo o ensino superior, na década de 90 é intensa a expansão das faculdades privadas, o que provoca preocupações e polêmicas na categoria a respeito da qualidade do ensino e, conseqüentemente, do futuro da profissão.[24]

Acompanhando o processo de expansão da formação profissional do arquiteto observa-se também a multiplicação de instituições que

representação que os arquitetos elaboram sobre a prática profissional que desenvolvem. Nesse sentido, o referencial teórico que possibilita a análise desse objeto é construído, sobretudo, a partir desse campo de trabalho e reflexão.

[24] Site www.abea-arq.org.br/cursos.htm 18/01/2002

regulamentam, controlam, fiscalizam e organizam o exercício profissional. O Instituto dos Arquitetos do Brasil surgiu em 1921, denominado então Instituto Brasileiro de Arquitetura. A atividade profissional do arquiteto foi regulamentada no Brasil em 1933 (Decreto Federal nº 23.569 - de 11 de dezembro de 1933); desde então, juntamente com engenheiros e agrônomos, um único órgão legal fiscaliza o exercício profissional. Trata-se do sistema CREA/CONFEA – Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia e Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia.

Em 1966, o exercício das profissões de Engenheiro, Arquiteto e Engenheiro Agrônomo é regulamentado (Lei 5.194 de 24 de Dezembro de 1966) e é sob o regime desta regulamentação que, até o momento, se organiza a profissão do arquiteto.

Em 1971, considerando "*imperativo para a disciplina profissional*"[25] , o CONFEA (Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia) resolve adotar, por meio da Resolução 205 (30 de setembro de 1971) o Código de Ética Profissional. Essa entidade foi fortemente influenciada pelo Código Guadet, apresentado aspectos comuns na construção do significado da ética profissional do arquiteto.

[25] **CONFEA**- Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia –Leis -Decretos e Resoluções – Engenheiros- Arquitetos- Engenheiros Agrônomos- Geólogos- Geógrafos- Metereologistas – Técnico de 2º grau. Brasília: CONFEA, Pax Ed. Gráfica e Fotolito Ltda,1987 , pág. B-21

> *"Código de Ética Profissional do Engenheiro, do Arquiteto e do Engenheiro Agrônomo*[26]
>
> *São deveres dos profissionais da engenharia, da arquitetura e da agronomia:*
> *1º. – Interessar-se pelo bem público e com tal finalidade contribuir com seus conhecimentos, capacidade e experiência para melhor servir à humanidade.*
> *2º. - Considerar a profissão como alto título de honra e não praticar nem permitir a prática de atos que comprometam a sua dignidade.*
> *3º. – Não cometer ou contribuir para que se cometam injustiças contra colegas.*
> *4º. – Não praticar qualquer ato que, diretamente ou indiretamente, possa prejudicar legítimos interesses de outros profissionais.*
> *5º. – Não solicitar nem submeter propostas contendo condições que constituam competição de preços por serviços profissionais.*
> *6º. – Atuar dentro da melhor técnica e do mais elevado espírito público, devendo, quando consultor, limitar seus pareceres às matérias específicas que tenham sido objeto de consulta.*
> *7º. – Exercer o trabalho profissional com lealdade, dedicação e honestidade para com seus clientes e empregadores ou chefes, e com espírito de justiça e eqüidade para com os contratantes e empreiteiros.*
> *8º. – Ter sempre em vista o bem estar e o progresso funcional de seus empregados ou subordinados e tratá-los com retidão, justiça e humanidade.*
> *9º. – Colocar-se a par da legislação que rege o exercício profissional da Engenharia, da Arquitetura e da Agronomia, visando cumpri-la corretamente e colaborar para sua atualização e aperfeiçoamento.*

O crescimento do número de profissionais assalariados leva à criação do Sindicato dos Arquitetos do Brasil, reconhecido pelo Ministério do Trabalho em 1971, concretizando reivindicações da Associação Profissional dos Arquitetos – APA, fundada em 1968.

No entanto, apesar da expansão do assalariamento, sobretudo na região sudeste do país, a profissão do arquiteto ainda é predominantemente exercida de forma liberal. De acordo com dados fornecidos pelo CONFEA, baseado no Cadastro Nacional de Profissionais, existem no Brasil 74.375 arquitetos; entre eles, como é possível observar na tabela a seguir, 6.621 formalmente assalariados no país. Esse dado foi obtido junto ao Ministério do Trabalho e Emprego, na

[26]Id. Ibid. , pág.B-22

base de dados RAIS / CAGED, que registra tão somente o trabalho formal (com carteira assinada) no Brasil.

**ARQUITETOS NO BRASIL**

POR ESTADOS DA FEDERAÇÃO - 1999

| | Homens | Mulheres | Total |
|---|---|---|---|
| Distrito Federal | 85 | 116 | 201 |
| Goiás | 42 | 60 | 102 |
| Mato Grosso | 16 | 09 | 25 |
| Mato Grosso do Sul | 40 | 30 | 70 |
| Rio Grande do Sul | 251 | 269 | 520 |
| Santa Catarina | 64 | 74 | 138 |
| Paraná | 135 | 147 | 282 |
| São Paulo | 945 | 1.179 | 2.124 |
| Rio de Janeiro | 737 | 858 | 1.595 |
| Espírito Santo | 29 | 48 | 77 |
| Minas Gerais | 108 | 161 | 269 |
| Bahia | 259 | 282 | 541 |
| Sergipe | 08 | 10 | 18 |
| Alagoas | 17 | 50 | 67 |
| Pernambuco | 72 | 120 | 192 |
| Paraíba | 35 | 38 | 73 |
| Rio Grande do Norte | 07 | 12 | 19 |
| Ceará | 72 | 57 | 129 |
| Piauí | 17 | 09 | 26 |
| Maranhão | 07 | 06 | 13 |
| Tocantins | 02 | 04 | 06 |
| Amapá | 05 | 02 | 07 |
| Pará | 31 | 47 | 78 |
| Roraima | 01 | 00 | 01 |
| Amazonas | 12 | 14 | 26 |
| Acre | 02 | 04 | 06 |
| Rondônia | 11 | 05 | 16 |
| **TOTAL** | **3.010** | **3.611** | **6.621** |

Fonte: RAIS/ CAGED. MTE, 1999

O trabalho assalariado do arquiteto é exercido por um número maior de mulheres, representado 55% do total dos arquitetos empregados. O assalariamento, no entanto, significa somente 9% dos profissionais registrados nos CREAs dos diferentes Estados. Essa constatação quantitativa pode ser uma interessante e necessária pista de pesquisa a ser desenvolvida em outros projetos que poderiam indagar como homens e mulheres se inserem na profissão e quais as diferenças que marcam suas trajetórias profissionais. Esta pergunta torna-se especialmente relevante se for considerado que nos 91 números da Revista AU - Arquitetura e Urbanismo, entre 206 depoimentos e entrevistas de profissionais arquitetos, somente seis mulheres, na qualidade de arquitetas, discutem a produção do projeto arquitetônico realizado por elas mesmas. Sem dúvida, outras falas femininas podem ser lidas enquanto pesquisadoras e acadêmicas, para as quais a arquitetura é objeto de estudo.

## Configuração atual do trabalho do arquiteto

Considerando que o objetivo desse trabalho é analisar como profissionais arquitetos, manifestando-se publicamente em entrevistas e depoimentos, informam a representação que constroem a respeito do fazer arquitetura, ou melhor, da prática profissional em arquitetura, conforme já salientado anteriormente, torna-se relevante informar no que consiste, na sua atual configuração, o trabalho de um arquiteto,

destacando a produção do projeto.

A AsBEA – Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura publicou, em 2000, o Manual de Contratação dos Serviços de Arquitetura[27], com o objetivo de atualizar a primeira edição, publicada em 1992, porque considera de extrema importância fornecer, para arquitetos associados e para o mercado, subsídios que definem parâmetros para o exercício profissional, considerado um instrumento de trabalho, em razão das observações a seguir. "*Nestes anos muitas coisas aconteceram, que revolucionaram profundamente o exercício da profissão. A chegada das máquinas, a invasão dos estrangeiros, uma profunda discussão sobre o gerenciamento da profissão, a concorrência predatória e a guerra de preços dos serviços, enfim, uma lista enorme de problemas que continuam à nossa porta*." [28]

Entre os tópicos analisados na publicação da AsBEA, se sobressai para os objetivos desse trabalho, a definição do projeto de edificação: "*A palavra projeto significa, genericamente, intento, desígnio, empreendimento e, em sua acepção técnica, um conjunto de ações caracterizadas e quantificadas, necessárias à concretização de um objetivo. Embora este sentido se aplique a diversos campos de atividades, em cada um deles o projeto se materializa de forma específica. O objetivo principal do projeto de arquitetura de edificações é a execução da obra idealizada pelo arquiteto. Essa obra deve se*

[27] **AsBEA** – Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura. *Manual de Contratação dos Serviços de Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo: Pini, 2000

[28] Id. Ibid.

*adequar aos contextos natural e cultural em que se insere, além de responder às necessidades do cliente e de seus futuros usuários.*"[29]

As etapas consideradas básicas de um projeto consistem na[30]: concepção, execução, coordenação e gerenciamento de projetos. O desenvolvimento dessas etapas divide-se em sub-etapas e fases, definindo o processo de trabalho do arquiteto[31]: levantamento de dados; estudo preliminar; anteprojeto; projeto legal; projeto executivo; caderno de especificações; compatibilização / coordenação / gerenciamento dos projetos; assistência à execução da obra.

A elaboração do projeto enuncia, sem dúvida, processos de normalização e regulamentação da profissão; mas exprime, sobretudo, o desenvolvimento das ciências exatas e humanas, a *expertise* do profissional para incorporá-las, sensibilidade para interpretar a relação entre o momento histórico e o programa previamente estabelecido com o cliente. Por todos esses fatos, a realização do projeto arquitetônico implica, até o presente momento, na dupla dimensão apontada por Alberti – técnica e arte.

A análise das entrevistas e depoimentos de arquitetos, nos últimos 15 anos, na Revista AU, possibilita compreensão inovadora sobre o fazer arquitetura e suas implicações multifacetadas. Significa, dessa maneira, apreender a presente forma histórica do exercício da profissão, as

[29] Id. Ibid., pag. 25

[30] Id. Ibid.

[31] Id. Ibid.

experiências vividas, o imaginário e as visões sociais de mundo de profissionais que a exercem.

## A construção de um objeto de pesquisa: Revista AU – Arquitetura e Urbanismo.

Capa da Revista AU – Arquitetura e Urbanismo, nº 1, janeiro85

Primeiro desafio na elaboração desse projeto - como e onde encontrar ou conseguir depoimentos de colegas/profissionais, de reconhecida atuação na sociedade brasileira.

A possibilidade aventada no início foi elaborar um questionário que pudesse orientar entrevistas com arquitetos; esse recurso pareceu, já numa primeira análise, com limitações que reduziriam o trabalho a um determinado espaço físico - no caso São Paulo – pela impossibilidade de estender tais entrevistas a todo o território nacional. Outro problema seria relativo a qualidade dos discursos, eventualmente comprometidos, considerando que o profissional estaria falando a um outro colega com colocações filtradas por reflexões que podem ocorrer nesse tipo de entrevista.

A segunda possibilidade foi procurar, nas publicações disponíveis, jornais, revistas, livros, elementos que pudessem fornecer respostas para as indagações iniciais. Examinando esse material foi percebido que a bibliografia que enfoca os problemas da arquitetura está mais voltada ao produto do trabalho do arquiteto do que com problemas vivenciados que ele enfrenta para produzi-lo. Os jornais também significaram uma limitação ao trabalho porque pouco publicam sobre arquitetura e, quando o fazem, referem-se às mesmas questões anteriores. Revistas brasileiras especializadas em arquitetura foram analisadas e, em função das especificidades da problemática enfocada e da hipótese norteadora desta pesquisa, foi compreendido que a AU – Arquitetura e Urbanismo

representava significativa possibilidade na construção do objeto. Além disso, a delimitação de um campo específico de pesquisa permite, ao circunscrever o objeto, maior profundidade no tratamento do tema.

Porque a AU?

Trata-se de uma revista que, desde seu primeiro número, enfoca os problemas da arquitetura de maneira crítica; não só analisa o produto do trabalho do arquiteto como procura destacar suas reflexões por meio de entrevistas e depoimentos sobre sua atividade enquanto profissional, como ser político e participante da sociedade.

O primeiro número é publicado em 1985, logo após a redemocratização do país, num momento em que o discurso do arquiteto deixa de ser uníssono; iniciam-se discussões político-partidárias que os diferenciam. A partir de então se percebe que o companheiro do lado já não pensa exatamente como se supunha, nem todos eram de “esquerda”, como a resistência à ditadura fazia crer. Exatamente nessa ocasião a revista AU passa a evidenciar o distanciamento de visões de mundo que implicava em discursos e práticas profissionais diferenciadas.

O período de existência da revista, os últimos 15 anos, também coincidem com a introdução da micro-eletrônica no trabalho do arquiteto. Essa questão já aparece como preocupação nos primeiros números da revista e vai acompanhar as mudanças que foram sendo observadas, desde o discurso incrédulo num primeiro momento, até a verificação que o projeto de arquitetura já não se faz sem a ajuda do computador como

instrumento básico de trabalho.

Outros aspectos foram determinantes na seleção da AU como base de pesquisa, diferenciado-a das demais revistas brasileiras. A revista publica projetos de arquitetura ou obra realizada evitando o caminho mais fácil que é a anexação, pura e simples, de uma ficha técnica, introduzindo uma visão crítica da produção. Assim foram os artigos publicados na pauta "Casas do Brasil", para citar um exemplo.

"Casas do Brasil" criou espaço para que os arquitetos relatassem seus percursos profissionais, e muitos que o fizeram, na pauta referente aos "Escritórios de Arquitetura", significando um material muito rico em informações sobre a organização dos escritórios de arquitetura.

Outro aspecto relevante no conteúdo da revista consiste no fato de ela não se ater a entrevistar e publicar trabalhos de arquitetos paulistas, mas trazer dados e informações sobre a produção dos profissionais das mais diferentes regiões do país e do mundo, da maior importância para ampliar o escopo da análise.

## Procedimento de pesquisa

A revista AU- Arquitetura e Urbanismo passou a circular em janeiro de 1985, com o apoio editorial da Diretoria Nacional e do Departamento de São Paulo do Instituto dos Arquitetos do Brasil.

"*Resultado: mais de 15 mil arquitetos de todo o território nacional, em sua grande maioria sócios do IAB, estão recebendo o n$^{o}$. 1 de Arquitetura e Urbanismo*".[32] Na apresentação da revista, salienta o editor Mário Pini, "os arquitetos brasileiros passam a contar com um novo veículo de divulgação de suas atividades e assuntos que são do interesse do setor. O mercado de materiais, serviços e equipamentos de habitação, por sua vez, dispõem de um novo canal de comunicação efetiva com importante segmento profissional. Deve-se ressaltar, enfim, que este esforço editorial ocorre às vésperas de uma nova administração do país".[33]

O primeiro número enfocou o XV Congresso da UIA – União Internacional dos Arquitetos, realizado em um espaço de 3.000 m$^2$, na Universidade do Cairo. "*O desafio à profissão do arquiteto*" foi discutido no terceiro dia do congresso por Richard Meier, dos Estados Unidos. Para os arquitetos brasileiros, em particular, a questão debatida na Tese Brasileira apresentada no congresso referia-se à situação do país (desigualdade, pobreza e autoritarismo) e o papel político do arquiteto. "*No atual contexto de transição, a superação deste impasse exige prioritariamente dos arquitetos que, assumindo plenamente sua cidadania, engajem-se na luta pela democratização da sociedade*

[32] **PINI**, Mário. *Apresentação* . Revista AU – Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, ano1, no. 1, janeiro 1985, pág.1

[33] Id. Ibid. loc. cit. O editor refere-se ao término do período militar no país, após 20 anos.

*brasileira, objetivando viabilizar uma justa distribuição da riqueza nacional*".[34]

A discussão política está sempre presente, em maior ou menor grau, juntamente com os temas relacionados à arquitetura e à profissão do arquiteto, nos 91 números lidos e analisados nessa pesquisa. A AU jamais teve sua periodicidade interrompida (seis números por ano) durante os 15 anos enfocados.

O estudo ocorreu no período de 1985 a 2000; entrevistas, depoimentos e artigos analisados foram subdivididos, inicialmente, nos tópicos que seguem, vinculados às hipóteses norteadoras presentes no projeto inicial de pesquisa: Arquiteto, Arquitetura, Concursos, Informatização da produção do projeto, Marketing, Arquitetura como mercadoria, Arquitetura como negócio, Organização do trabalho do arquiteto, Produção do projeto, Arquitetura e tecnologia, O arquiteto e o cliente, O arquiteto e o usuário.

Posteriormente, os itens foram re-agrupados em temas que foram se impondo, evidenciando possibilidades para a análise: O arquiteto, a arquitetura e o projeto; A arquitetura e mercado de trabalho – o projeto, o cliente e o usuário; O projeto arquitetônico e a informatização.

[34] **Tese brasileira**. *IAB traça um retrato do país.* Revista AU – Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, ano1, nº1, janeiro 1985, pág. 9

O material coletado, compreendido à luz do referencial teórico elaborado durante esse processo, possibilitou a subdivisão da tese nos seguintes tópicos:

Introdução
I - O arquiteto, a arquitetura e o projeto
II - O arquiteto e a informatização do projeto
III - Produção do projeto arquitetônico e mercado de trabalho
Considerações finais

Na introdução, são definidos o objetivo, a hipótese da pesquisa, a elaboração do referencial teórico e são descritos os procedimentos metodológicos, estruturando, portanto, a apresentação do trabalho. Destaca-se também o objetivo de analisar como profissionais arquitetos, expressando-se publicamente por meio de entrevistas e depoimentos, informam a representação que constroem a respeito do fazer arquitetura, ou melhor, da prática profissional em arquitetura. Nesse sentido, o trabalho pretende compreender o exercício da profissão do arquiteto e a relação que a produção do projeto arquitetônico, entendida como expressão da arte e da técnica, estabelece com o mercado de trabalho.

No primeiro capítulo são analisadas a representação, o imaginário e a visão social de mundo, presentes nas falas dos arquitetos, referentes à arquitetura enquanto um conjunto de relações sociais, enunciada no

projeto de edificações. Para tanto, serão discutidos temas apreendidos nos depoimentos estudados, a saber - arte e arquitetura, construção e arquitetura e utopia social e arquitetura.

Com a introdução das tecnologias derivadas da micro-eletrônica, a produção do projeto modificou-se completamente nos últimos anos. Essa questão, analisada no capítulo II, recupera a transformação desde o início, momento no qual esse profissional, temeroso e, ao mesmo tempo, curioso, começa a reconhecer oportunidades de mudanças em seu trabalho. As pranchetas de desenho quase desapareceram e no seu lugar ou mesmo sobre elas, computadores que se desenvolvem numa velocidade nunca vista (hardwares e softwares), prometendo transformações ainda mais contundentes na produção do projeto arquitetônico.

No capítulo III é analisada a relação entre a produção do projeto arquitetônico e o mercado de trabalho. O reconhecimento da existência de uma demanda, na qual desenvolve-se o trabalho do arquiteto, implica também no reconhecimento de uma das dimensões presentes na produção do projeto arquitetônico. Ou seja, de uma mercadoria, e enquanto tal, portadora das contradições inerentes ao mundo das mercadorias no presente momento histórico.

A análise das entrevistas e depoimentos dos arquitetos brasileiros e alguns estrangeiros, na Revista AU, no período enfocado nesta tese, permite maior compreensão das contradições presentes no processo de

produção dessa singular mercadoria. Dentre elas, a competitividade (cada vez mais acirrada, intensa); as formas que assumem o *marketing* no trabalho do arquiteto; a compreensão por parte do profissional arquiteto de sua produção enquanto negócio gerador de lucro e da apropriação do trabalho de outros profissionais e trabalhadores. A relação com o cliente está presente em todas essas dimensões; nas falas encontradas ele aparece também de formas diversas, complementares, contraditórias, ora como mecenas, ora como alguém que o arquiteto tem a missão de educar, ora como usuário a ser atendido, respeitado, interpretado pelo profissional, ora como consumidor necessário à realização do projeto.

# CAPÍTULO I

# O Arquiteto, a Arquitetura e o Projeto

"Nova escada realizada com o sistema de encaixes dos carros de boi". Projeto Lina Bo Bardi / Solar do Unhão/Salavador , 1959[35]

"Aquele que, com uma razão e uma regra maravilhosa e precisa sabe, primeiramente, compreender as coisas com seu espírito e sua inteligência, e secundariamente, como organizar com precisão durante os trabalhos de construção todos os materiais que envolvem essa produção, os quais pelos movimentos de suas cargas, pela reunião e justaposição de seus corpos possam servir com eficiência e dignidade às necessidades do homem..."

Leon-Battista Alberti ( 1404-1472) Traité d´Architecture[36]

[35] **FERRAZ**, Marcelo C. coordenador editorial -*Lina Bo Bardi* - São Paulo: Instituto Lina Bo Bardi e P.M. Bardi, 2ª edição ,1996, pág.317

[36] **JAQUES**, Annie – *La Carrière de l'architecte au XIX siècle* – Paris: Editions de la Réunion des Musées Nationaux, 1986 (tradução do autor)

A arquitetura revela ambigüidades, incoerências e desencontros característicos da relação estabelecida com as especificidades do contexto econômico e social no qual se insere. Analisá-las permite melhor compreender sua própria história.

A arquitetura significa também um conjunto de relações sociais expressas nos projetos de edificações. O arquiteto é o profissional que interpreta as relações sociais referidas, ao elaborar, em condições diversas, o projeto arquitetônico.

O objetivo deste capítulo é sistematizar e analisar a representação elaborada por arquitetos sobre o significado da arquitetura, salientando tripla dimensão, a saber:

- Arquitetura e arte.
- Arquitetura e construção.
- Arquitetura e utopia social.

Os temas selecionados e que estruturam este capítulo resultam da própria análise das entrevistas e depoimentos na Revista AU- Arquitetura e Urbanismo, no período 1985 a 2000.

## Arquitetura e Arte

> Se a beleza é fundamental em alguma expressão estética, o é justamente na arquitetura. Se ela é cenário da vida cotidiana, você pode imaginar o mal que faz uma arquitetura feia, horrível, como algumas intervenções que ocorrem aqui, no Rio, e em S. Paulo também"
>
> Ferreira Gullar[37]

A arquitetura, tal como definida no dicionário, é a "*arte de criar espaços organizados e animados, por meio do agenciamento urbano e da edificação, para abrigar os diferentes tipos de atividades humanas*"[38]; e por arte, o mesmo autor compreende a " *atividade que supõe a criação de sensações ou de estados de espírito de caráter estético, carregados de vivência pessoal e profunda, podendo suscitar em outrem o desejo de prolongamento ou renovação".*[39]

Os arquitetos, em seus depoimentos e entrevistas na Revista AU, reafirmam o papel da arquitetura enquanto arte, que se concretiza na construção, tal como definido em dicionário. É de Lucio Costa a afirmação:"*Se arquitetura é fundamentalmente arte, não o é, menos, fundamentalmente construção*"[40]. Informa também Rino Levi que "*Arte é*

[37] **GULLAR**, Ferreira - *Amanhã será pleno* - (depoimento a Jose Wolf) - AU, ano 3, dez-jan.88, nº 15, pág.31.

[38] **FERREIRA**, Aurélio Buarque de Holanda ─ *Novo Aurélio século XXI – o dicionário da língua portuguesa*- 3ª edição.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999

[39] Id. Ibid.

[40] **SABBAG,** Hayfa Y. - A beleza de um trabalho precursor, síntese da tradição e da modernidade - AU, ano 1, jan.85, nº 1, pag. 15.

*uma só. Ela se manisfesta de várias maneiras, quer pela pintura, pela escultura, pela música ou pela literatura, como também pela arquitetura. Tais manifestações constituem fenômenos afins sem diferenças substanciais na parte que realmente caracteriza a arte, como manifestação do espírito."* [41]

"*O arquiteto é antes de tudo um artista*"[42] diz Artigas ao discutir o papel do arquiteto na produção de uma arquitetura que signifique "*expressão da época em que viveu*[43]", explicitando assim que não o entende somente como um profissional da industria da construção civil. Da mesma forma, Le Corbusier reitera " *A arquitetura é um objeto de arte, um fenômeno de emoção a despeito das questões de construção. A construção é para sustentar o espaço construído. A arquitetura é para emocionar*"[44].

As formas e técnicas de elaboração do projeto vivenciaram mudanças desde o Renascimento, momento histórico que marca o nascimento da concepção moderna da profissão. Na Idade Média, a classificação tradicional entre artes liberais e artes mecânicas não

[41] **LEVI**, Rino – *Técnica hospitalar e arquitetura* - Conferência pronunciada no MAM SP –1948 IN DEPOIMENTOS – 1 – São Paulo: Ed. GFAU , 1960

[42] **ARTIGAS**, João B.V.- *Arquitetura, política e paixão, a obra de um humanista – Entrevista*- (texto de Livia Alvares Pedreira) AU, ano 1, jan.85, nº 1, pag. 23

[43] Id. Ibid.

[44] **LIMA**, Evelyn F. W. – *Semeando a boa semente* - AU, ano 3, out-nov.87, nº 14, pág. 30.( tradução do autor)

permitia diferenciar os artistas, arquitetos pintores ou escultores do mundo dos artesãos, ou seja, trabalhadores manuais. [45]

A partir do século XV, com a aproximação entre as Belas Artes e as artes liberais, o arquiteto adquire o estatuto de intelectual e de artista. Nos séculos seguintes, os arquitetos fazem parte do mundo particular dos artistas; as instituições acadêmicas formadoras, nos séculos XVII e XVIII, identificam os arquitetos aproximando-os dos pintores e escultores.[46] As transformações sociais, políticas e econômicas ocorridas na sociedade que se industrializou no século XIX, alteram as estruturas e relações até então vigentes. Inovações tecnológicas, desenvolvimento dos meios de informação, o crescimento das cidades são elementos que modificam a profissão do arquiteto.

Neste contexto, a prática da arquitetura se transforma profundamente, a dimensão tecnológica se sobrepõe à dimensão artística determinando que o arquiteto identificado ao artista passe a ser compreendido de forma negativa, pejorativa mesmo. *"A imagem do criador solitário e maldito, face à sua folha ou à sua tela, coincide mal com a prática da arquitetura que coloca em relação capitais, materiais e equipes de homens importantes. Essa contradição talvez explique o fato de que o arquiteto é compreendido negativamente pelo público do século XIX"*.[47]

[45] **JAQUES**, Annie – *La Carrière de l'architecte au XIX siècle.* Paris: Editions de la Réunion des Musées Nationaux, Paris, 1986, pág.5 (tradução do autor)

[46] Id. Ibid. loc. cit.

[47] Id. Ibid. pág.7

Richard Morris Hunt (1883), arquiteto, vestido como pintor, no século XIX[48]

No entanto, a tensão entre arte e técnica se recoloca constantemente até a atualidade. São muitas as afirmações e reafirmações que recuperam a prática profissional do arquiteto como expressão de sua condição de artista, tal como foi observado nos primeiros depoimentos deste capítulo.

A arquitetura é revelada por meio de múltiplas metáforas, que sustentam o reconhecimento de que os arquitetos a compreendem como

[48] **CUFF**, Dana – *Architecture: The story of practice*- Cambridge, Massachusetts, MIT Press, 1991 (tradução do autor), pág. 27

arte, tal como a poesia, ou como a música (petrificada), expressão da espiritualidade e sentimento humano, ato criativo.

Boffil dirá que "*A arquitetura é uma arte atemporal que responde a necessidade permanente do homem de construir o espaço. Defino arquitetura como a arte de construir espaços"*[49]. Kurokawa, citado por Pini, reitera essa posição salientando que "*a arquitetura deve expressar espiritualidade e sentimento humano ... Ele vê a arquitetura como a literatura e as artes plásticas e espera que as sensações que ela provoca nas pessoas sejam tão excitantes quanto a ansiedade por virar a página de um livro. A arquitetura tem que ter uma estrutura narrativa, essencialmente teatral, tem que ter magia, cenário, mistério, drama, tem que emocionar, tem que ser sentida.*[50] Longo salienta que a meta da arquitetura é revelar, por meio da construção, um ato criativo, poético: "*arquitetura não deve se originar de um ato teórico, impositivo. Sua meta: a construção de um projeto poético, partindo sempre do ato criativo...*" [51]

"*A arquitetura é música petrificada*."dirá Izaak Vaidergorn citando Goethe "[52] e Lina Bo Bardi assevera que projetar uma escada é projetar uma estrutura "*elevada ao nível da poesia,como parte da estética. Não há nenhuma diferença."*[53].

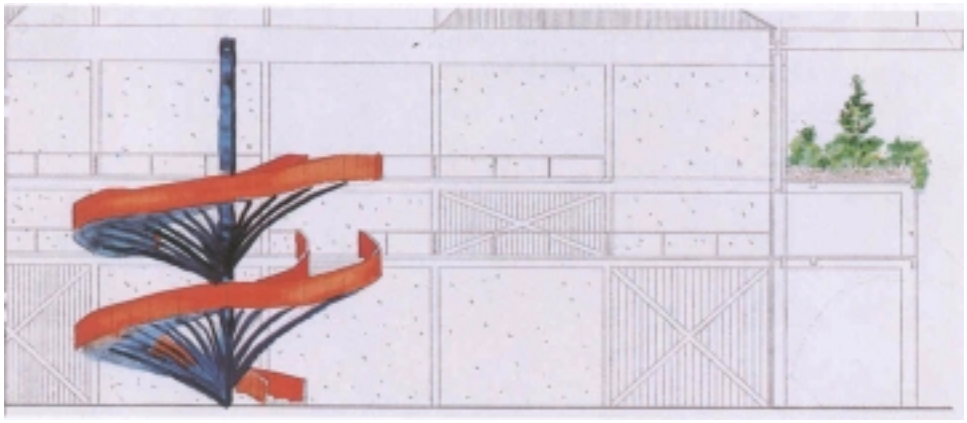
[49] **BOFFIL**, Ricardo - *Entrevista* - AU, ano 5, dez88-jan89, nº 21, pág. 54

[50] **PINI**, Sandra M.A. – *Kisho Kurokawa.O toque do oriente* - AU, ano 2, jun.86, nº 6, pág. 90.

[51]**SABBAG**, Haifa Y. – *Exercícios dissidentes* - AU, ano 3, jun-jul.87, nº 12, pág. 38.

[52] **VAIDERGORN**, Izaak – *Começo de tudo* - AU, ano 2, jun.86, nº 6, pág. 40.

[53] **BARDI**, Lina Bo - *A escada* - AU,ano 3, abr-maio.87, nº 11, pág. 25.



A grande "escada flor". Estudo e projeto
Escada projetada por Lina Bo Bardi para o Centro de convivência Vera Cruz, São Bernardo do Campo, 1991[54]

Considerações como estas levam à indagação: seria o arquiteto um escultor? As entrevistas apontam controvérsias a respeito desta questão. Para Paulo Mendes da Rocha, o simples fato de ser bonita, escultural, não garante à edificação o *status* de arquitetura. "*A idéia de arquitetura, como escultura, não é certa: uma construção que 'pareça´ uma escultura*"[55]. No entanto, para Rossi, Zevi, Camillo a aproximação entre escultura e arquitetura deve ser considerada, pois ambas "*se expressam através de formas*"[56]. Diferenciações e especificidades são sintetizadas por Zevi, ao salientar que arquitetura é "*uma grande escultura escavada*

[54] **FERRAZ**, Marcelo Carvalho , coordenador editorial - *Lina Bo Bardi* — São Paulo: Instituto Lina Bo Bardi e P.M. Bardi, 2ª edição,1996, pág.317

[55] **ROCHA**, Paulo M. – *Exercício da modernidade* - (Depoimento a JOSE WOLF) - AU, ano 2, out-nov.86, nº 8, pág. 26.

[56] **ROSSI** , Aldo – *Entrevista a Marisa Barda* - AU, ano 3, fev-mar.87, nº 10, pág. 90.

*onde o homem pode entrar e caminhar*"[57]. Camillo, reiterando a perspectiva anterior, afirma "*Criar ambientes é esculpir o vazio, formas, moldar o espaço de um jeito que o torne interessante, onde as pessoas se sintam bem*"[58].

Entretanto, o exercício profissional do arquiteto, se considerado tão somente na sua dimensão artística, conduz a polêmicas e contradições desde o século XIX, conforme já citado. Se, por um lado, o arquiteto é um profissional que vive de seu trabalho numa sociedade de mercado, necessitando de demanda pelos seus serviços; por outro, revela-se um artista que pretende fazer do resultado desse trabalho uma representação de seu tempo, como afirma Paulo Mendes da Rocha, "*fazer arquitetura é estabelecer o desenho da contemporaneidade, desenhar edifícios para os homens de sua época. Modernidade, afirma, é também o momento da perda das ilusões*"[59]. Essa opinião remete à outra dimensão presente nas condições atuais de trabalho do arquiteto, decorrente da relação entre profissão e mercado. Nesse sentido, Teperman sintetiza. "*Um arquiteto que agora é entendido, não por muitos, mas por todos que compreendem que o que se espera de um profissional ,é pelo menos, que seja profissional*"[60]. Ser profissional significa, além da concretização do ato criativo – arte – um conjunto de exigências - cumprimento de prazos, soluções técnicas rápidas, avaliação de custos, rentabilidade,

[57] **MASSUH**, Laila Y. – *Clorindo Testa em Pinamar e Ostende* – AU, ano 7, jun-jul 91, nº 36, pág. 38.

[58] **CAMILLO**, Rubens Gil de – *Esculpindo o vazio* - AU, ano 5, dez88-jan89, nº 21, pág. 100

[59] **SABBAG**, Haifa Y. – *Revisão e autocrítica* - AU, ano 2, fev.86, nº 4, pág. 21.

[60] **TEPERMAN**, Sergio - *A mocidade independente da praia vermelha* - AU, ano 4, fev-mar 88, nº 16, pág.82

racionalização do trabalho, coordenação de profissionais envolvidos no projeto – e, a procura de trabalho.

Gregotti, por exemplo, salienta implicações negativas para a qualidade da arquitetura diante de estratégias individuais na procura de trabalho. "Q*uem ameaça a arquitetura atualmente são os próprios arquitetos. Em geral, sua maior preocupação é com sua fama pessoal, com as publicações, com a imagem.....Como ocorre em muitas expressões artísticas, o artista, para sobreviver, torna-se mais importante que a própria obra...*[61]. A mesma preocupação está presente em Cambiaghi, em entrevista a José Wolf, quando afirma que o "*arquiteto, em suma, tem sido mal visto, mal pago e muitas vezes mal amado, porque não sabe se impor como profissional*"[62].

Frank Gehry, citado por Cuff, afirma: "*Eu estou interessado em arquitetura como um trabalho de arte, ...*" [63]; entretanto, seu trabalho, reconhece, é também um negócio. Mills, também citado por Cuff, em ensaio publicado em 1959, comentando o trabalho do designer como produção cultural, afirma: "*Sua arte é um negócio, mas seu negócio é arte e curiosamente esse encontro propiciou mudanças tanto na arte como no negócio – e também nele*"[64]. Analisando a prática profissional do arquiteto nos Estados Unidos, Cuff observa que "a*rte e negócio*

[61] **GREGOTTI**, Vittorio – *Entrevista* – AU, ano 10, abr-mar 95, nº 59, pág.72/73.

[62] **WOLF**, José – *Projeto com metodologia* - AU, ano 7, fev/mar.91, nº 34 (CFA-Cambiaghi Arquitetura)

[63] **CUFF**, Dana – *Architecture: The story of practice*- Cambridge, Massachusetts, MIT Press, 1991 ( tradução do autor) pag. 35

[64] Id. Ibid. loc. cit.

*existem como uma dialética em arquitetura o que criou um dilema para a profissão desde seus primórdios. Eu pressuponho que o cliente é o centro desse dilema*"[65].

Essa discussão está representada, sintetizada, no cinema, por meio do tema abordado pelo filme – The Fountainhead - de King Vitor (EUA-1949), interpretado por Gary Cooper. Lauro Cavalcanti refere-se a ele como " *uma entusiasmada celebração do arquiteto como herói e gênio, em permanente batalha contra o sistema e os homens de seu tempo. A visão heróica da profissão de arquiteto aludia aos mestres pioneiros da arquitetura moderna. Frank Lloyd Wright, a quem a autora conhecia, é citado como fonte de inspiração para o personagem principal,...*"[66].

Gatti, analisando a obra do arquiteto Franz Heep, observa esse desencontro entre o profissional e seus clientes quando informa que "*à partir do final dos anos 60, Heep encontra dificuldade para conseguir trabalho. O temperamento explosivo e a atitude ditatorial em relação ao projeto – que ele não consente em adequar as particuliaridades individuais -, o extremo cuidado com a execução, fazendo-o elaborar enorme quantidade de detalhes para cada obra, tornam-no temido por clientes e construtoras....Heep foi um apaixonado pela arquitetura. Os que o conheceram, descrevem-no "comendo, bebendo e dormindo arquitetura",* colocando-o numa situação semelhante a abordada pelo filme na construção da personagem Howard Roark.

[65] Id. Ibid. loc. cit.

[66] **CAVALCANTI**, Lauro – *Cenas de arquiteto* - AU, ano 5, abr-maio 89, nº 23, pág. 100

Arq. Howard Roark, personagem do filme The fountenhead, queima desenhos de obras não construídas em função de serem compreendidas muito criativas por clientes conservadores[67]

Entretanto, as dificuldades indicadas na maior parte dos depoimentos e entrevistas, podem também ser compreendidas numa outra perspectiva, como relata o arquiteto João Filgueiras: "s*ou um profissional e como tal, tenho que atuar para a comunidade. É evidente que existem parâmetros em que mesmo nos governos a gente pode encontrar uma brecha para atuar. No tempo da revolução de 64, é claro que fui discriminado, até mesmo pelas minhas ligações com a Universidade de Brasília e com o governo João Goulart. Essa situação permaneceu durante uns 5 anos, depois a minha participação passou a ser aceita pelos militares. Não que eu tivesse feito alguma concessão, simplesmente*

[67] **CUFF**, Dana – *Architecture: The story of practice*- Cambridge, Massachusetts, MIT Press, 1991 ( tradução do autor), pág. 2

*mantive meu trabalho profissional com o mesmo nível e, nesses termos, é claro que se consegue trabalhar com qualquer governo"*[68].

Frank Lloyd Wrigh apresenta a Salomon Guggenheim a maquete do museu Guggenheim; ao seu lado, Hilla Rebay, artista plástica e curadora da coleção permanente, que ajudou na seleção do arquiteto.[69]

Concordando com Cuff, os depoimentos mostram que o dilema presente na relação entre arquitetura e arte vincula-se, sobretudo, à relação cliente e arquiteto. Implica em esforços no sentido de articular o diálogo com diferentes interlocutores, significa sobrevivência no mercado de trabalho enquanto profissional e artista. Tal situação aparece

[68] **FILGUEIRAS**, João - *A serviço do bem e do mal* - AU, ano 3, abr-maio.87, nº 11, pág.18.

[69] **CUFF**, Dana – *Architecture: The story of practice*- Cambridge, Massachusetts, MIT Press, 1991 ( tradução do autor) pág. 38

em depoimento de Paulo Mendes da Rocha quando, em contraponto a afirmação de Filgueiras, informa que, nem sempre, a competência e a qualidade do projeto são suficientes para garantir a sobrevivência do profissional arquiteto. "*Existem os desafios do chamado mercado: cotejá-lo, conquistá-lo e mantê-lo. São momentos em que nem sempre a competência e a qualidade do projeto são suficientes para garantir a sobrevivência do escritório... Conhecemos profissionais de diferentes gerações, produzindo arquitetura da maior qualidade e nem sempre vivendo de maneira confortável...*"[70]

Outra dimensão referente ao trabalho do arquiteto enquanto artista, presente nesses depoimentos e entrevistas, remete ao próprio conceito de arquitetura, ao qual é atribuído sentidos diferenciados, com implicações diversas.

Arquitetura é o conjunto de edificações que constituem o espaço habitado, resultado de produção espontânea ou não? Ou, para que a edificação adquira o estatuto de arquitetura, seria necessária a presença de outros atores, tais como o arquiteto, ou mesmo, como coloca Quaroni, a presença de um "gênio" que melhor elaborou projetos num determinado período[71].

Da mesma forma que Quaroni afirma que arquitetura é resultado do trabalho de um "gênio", Boffil qualifica as edificações ao dizer que "*A*

[70] **LAMPARELLI**, José e **ROCHA**, Paulo Mendes – *Projeto e mercado: o equilíbrio distante* – AU, ano 13, fev-mar 98, nº 76, pág.62.

[71] **QUARONI**, Ludovico – *Proyetar um edifício. Ocho lecciones de arquitectura*- – Madrid: Xarait Ediciones, 1987

*arquitetura aparece quando o homem cria monumentos, transforma a construção em signos e símbolos arquitetônicos, quando o homem passa da casa ao templo. O templo é arquitetura, na casa está a construção. Quando se domina a tecnologia para construir espaços (signos e símbolos) começa a arquitetura*"[72]. Boffil circunscreve o espaço da produção arquitetônica enquanto arte, reduzindo-o a exemplos pontuais, eliminando a possibilidade de referir-se a "casa" além da dimensão construção; esse é o privilégio dos templos.

A arte na arquitetura somente se realiza nessas condições especiais? A análise dos depoimentos indica que os arquitetos tendem a responder a essa indagação afirmativamente. Em muitas entrevistas a arquitetura é qualificada e adjetivada ; em outras, subentende-se que toda edificação tem o estatuto de arquitetura, pois expressam a cultura em um determinado momento.

Niemeyer qualifica a arquitetura em "estágio superior" ou como "boa arquitetura" quando diz: "*Acho que arquitetura é toda feita de imaginação. Quando ela não representa uma novidade, não chega a seu estágio superior. O Corbusier mesmo disse que arquitetura é invenção, e é isso mesmo. Acho que o bom é quando o arquiteto tem um tema que permite pensar uma coisa completamente diferente. Uma idéia nova, que surpreenda, que traga essa surpresa arquitetural que a boa arquitetura deve conter*"[73].

[72] **BOFFIL**, Ricardo - *Entrevista* - AU, ano 5, dez88-jan 89, nº 21, pág. 54.

[73] **NIEMEYER**, Oscar – *Vãos e* ...(Entrevista a JOSE WOLF) - AU, ano 3, dez-jan.88, nº 15, pág. 15.

Comas traz mais elementos para esta discussão, ressaltando que a arquitetura pode cair num formalismo "gratuito". "*Toda arquitetura pretende formalizar o amorfo e imprimir ordem fundada em uma lógica e uma racionalidade bem pensada. Arquitetura se faz a partir de uma tensão equilibrada entre pensamento e sentimento. Ausente um do outro, a arquitetura degenera em formalismo gratuito ou funcionalismo estéril*"[74].

Mahfuz, por sua vez, qualifica a arquitetura remetendo-a a crise sócio-econômica na década de 90, *"...é claro que o baixíssimo nível da arquitetura brasileira contemporânea está ligado à degradação geral por que passamos em todos os setores: econômico, cultural, social e moral. Não seria possível ter uma arquitetura de qualidade em meio a tal situação. A realização de uma arquitetura de qualidade, como média geral, não como fato esporádico, está diretamente ligada a períodos de prosperidade"*[75].

Os depoimentos analisados informam a multiplicidade de visões sobre as relações estabelecidas entre arquitetura e arte, mas não oferecem condições para a construção de uma conclusão que sustente a predominância de uma determinada posição.

Os arquitetos, quando falam de arquitetura, falam do resultado de seu trabalho e quando se referem ao exercício da profissão, referem-se ao que pensam ou desejam sobre as possibilidades inerentes a atividade

[74] **COMAS**, Eduardo – *Ofício e Paixão* – AU, ano 3, ag-set 87, nº 13, pág. 47.

[75] **MAHFUZ**, Edson - "*Cartas*" - AU, ano 6, fev-mar 90, nº 28, pág. 8.

profissional que exercem. A discussão sobre arquitetura popular, sem autoria ou sobre a arquitetura produzida por outros profissionais da área da construção civil não é colocada, embora, Lúcio Costa seja categórico ao afirmar que "*arquitetura é a construção utilitária, mas a satisfação de exigências técnicas e funcionais não converte a construção em arquitetura. Para tanto, a construção precisa conceber-se com intenção plástica, de relacionamento expressivo de seus elementos formais. A construção se torna arquitetura quando seus elementos apresentam ordenação formal, com valor estético substantivo, distinto do atrativo superficial da decoração aplicada*".[76] Lucio Costa contribui com essa discussão elaborando uma síntese das dimensões apontadas anteriormente.

A relação entre a arquitetura e arte é questionada por Sergio Ferro a partir do seu produto, ou seja, o projeto arquitetônico gera a edificação e esta é realizada engendrando relações sociais calcadas na desigualdade. "*Não há condições de se falar em arte na arquitetura se não houver uma modificação das condições de produção nas obras. Arte é aquele momento do trabalho em que o júbilo, a alegria acontece e é, portanto, uma dimensão do trabalho. Eu gostaria de saber qual é o prazer que sente o operário da construção civil. Talvez, só na hora da pinga, no bar ou quando ouve aquela música do Chico Buarque*.[77] Sérgio Ferro refere-se, assim, à ambigüidade existente no processo de produção capitalista,

[76] **COMAS**, Carlos Eduardo – *Da atualidade de seu pensamento* - AU, ano 7, out-nov 91, nº 38, pág. 38.

[77] **FERRO**, Sergio - *A geração da ruptura* - AU, ano 1, nov.85, nº 3, pág. 56.

ou seja, na divisão social do trabalho, questionando se a produção da arte se legitima enquanto arte ao produzir exploração, sofrimento, desigualdade nas relações sociais tão bem sintetizadas pelo compositor (quase arquiteto) Chico Buarque, na música Operários em Construção.

Arquitetura é arte; no entanto, os depoimentos e entrevistas analisadas, apesar de concordantes com essa dimensão presente na arquitetura, questionam, a partir de três interferências decisivas, se é possível considerá-la enquanto tal. Nesse sentido, foi observado que se os arquitetos se reconhecem enquanto artistas, indagam em primeiro lugar quais as relações possíveis entre arte e a qualidade do projeto; em segundo lugar questionam a relação entre arte, arquitetura e mercado, para finalmente, perguntarem pelas relações de produção que concretizam o projeto arquitetônico. Assim, conclui-se que, se é possível considerar arquitetura como uma expressão artística; não o é incondicionalmente, faz-se necessário polemizar esta questão.

## Arquitetura e Construção

> "Se arquitetura é fundamentalmente arte, não o é, menos fundamentalmente, construção".
>
> Lucio Costa[78]

Construção é necessariamente arquitetura ou construção é arquitetura somente quando existe no seu processo de produção intenção plástica? Para Lucio Costa a "*intenção plástica... deve estar presente em toda obra arquitetônica, consciente ou inconscientemente. Isso é o que a distingue da simples construção. A beleza é uma função e deve aparecer como resultado final da obra. O objetivo , que ela funcione, que se adapte ao programa e que seja bela. Ser bela apenas é cenografia*".[79]

Paulo Bastos reafirma o que foi dito por Lucio Costa quando introduz a noção de "*qualidade*" como condição necessária para a existência da arquitetura. *"Arquitetura é antes de tudo síntese. Ela tem um objetivo, um desígnio, uma proposta que, necessariamente, tem que ter qualidade".*[80]

Em outro sentido, Ruy Gama, distingue, com clareza, o projeto arquitetônico da obra edificada, quando afirma: "*Utilizando uma imagem*

[78] **SABBAG,** Hayfa Y. - *A beleza de um trabalho precursor. Síntese da tradição e da mo*dernidade - AU, ano1, jan.85, nº 1, pág. 15.

[79] Id. Ibid.

[80] **PEDREIRA**, Livia A. – *Arquitetando a esperança - depoimentos* - AU, ano 2, fev.86, nº 4, pág. 38

*bem simples, direta, eu acho, metaforicamente, que arquitetura se faz com pedra sobre pedra, pode ser pedra e concreto, pedra e cal. Agora, arquitetura que ficou só no papel pode ser um conjunto de idéias, de hipóteses, de suposições, mas a arquitetura tem que se materializar, ela vale depois de construída"*.[81] Ruy Gama também reconhece a importância da dimensão qualidade se referindo a construção. Expressa seu ponto de vista ao citar o Tratado Teórico e Prático da Arte de Construir (1802), de Rondelet, indicando que naquele instante "*a boa e eficiente construção constituía, segundo Rondelet, o valor mais importante em qualquer obra de arquitetura*".[82]

Toscano polemiza esse ponto de vista e sustenta que o projeto de arquitetura vai além dos adjetivos que a qualificam como sendo "boa" e "eficiente". "*O projeto arquitetônico não nasce simplesmente de uma decisão estrutural. A tecnologia não é argumento suficiente para justificar uma solução arquitetônica"*. [83] Chemetov, dialogando com o pensamento de Toscano, reconhece que a construção transcende opções estruturais, ao comentar seu projeto elaborado para a administração pública francesa "*A construção, enfim, constitui o lugar da expressão do edifício. A gente pode até fazer uma analogia com o pensamento de arquitetos como Wagner, Alvar Aalto, Toni Garnier e mesmo Mies van der Rohe. Para eles, em suma, a construção significa muito mais que a*

[81] **GAMA**, Ruy – *No chão coberto de goiabas* - AU, ano 3, abr-maio.87, nº 11, pág. 12.

[82] **GAMA**, Ruy - *O ensino e o debate da arquitetura* - AU, ano 2, abr.86, nº 5, pág. 57.

[83] **SABBAG**, Haifa Y. – *Aço rompe linguagem tradicional* - AU, ano 4, fev-mar 88, nº 16. pág. 30

*estabilidade do edifício.”*[84]

Todas essas afirmações, de uma maneira ou de outra, indicam que arquitetura é construção, mas não somente construção. Marília Sant´Anna de Almeida introduz novos elementos na discussão ao afirmar que “*arquitetura deve conter um significado maior do que a simples construção...Espaço construído é cultura*".[85]

Os aspectos culturais e locais são determinantes da arquitetura, como bem salienta Jean Nouvel ao reconhecer que arquitetura é “*influenciada por todos os níveis culturais, seja no nível técnico ou no plano da produção de imagens”*.[86] Reafirma essa posição ao definir arquitetura *“não como um jogo no espaço, mas muito mais como a introdução de valores de cultura e de civilização no construído..Toda construção é uma provação. Há arquitetos que fazem arquitetura sem saber. Há engenheiros que têm uma sublime sensibilidade. Eu não faria uma distinção "a priori" entre arquitetura e construção. "A priori" tudo é arquitetura. Tudo tem uma potencialidade para ser arquitetura”*.[87]

Mario Botta, argumentando de outra forma, reafirma a dimensão cultural presente na arquitetura, afirmando que arquitetura é “*sempre uma atividade de transformação, não existe arquitetura se não existir*

[84] **CHEMETOV**, Paul – *Tempo da duração - Entrevista concedida a AU* – AU, ano 5, fev-mar 89, nº 22, pág.56.

[85] **SABBAG**, Haifa Y. – *Técnica e arte* – AU, ano 6, out-nov 90, nº32, pág.68

[86] **NOUVEL**, Jean – *Cada projeto é singular - Entrevista concedida a AU* - AU, ano 5, fev-mar 89, nº 22, pág. 50.

[87] Id. Ibid.

*transformação.* ***O primeiro ato de arquitetura não é por pedra sobre pedra, e sim pedra sobre um lugar, portanto transformar uma condição de natureza numa condição de cultura****"*.[88](grifo nosso)

Considerando arquitetura como expressão cultural de determinado povo, em determinado local e em determinado momento, pode-se afirmar que toda expressão espacial assim produzida é arquitetura. Desta forma, tanto a edificação espontaneamente produzida (arquitetura sem projeto, aquela que o homem executa para seu próprio abrigo), como a edificação resultado de projetos, qualquer que seja seu autor, deve ter o *status* de arquitetura. O palácio do governo, a fábrica, o edifício comercial, a casa, o barraco da favela são todos elementos de um mesmo espaço urbano ou rural e, da mesma forma, representam a sociedade a qual pertencem, com suas contradições, idiossincrasias, qualidades, defeitos, etc. Um verdadeiro retrato cultural do momento, um produto social.*"O que podemos concluir é que a arquitetura, como produto social, revela um povo"*.[89]

[88] **BOTTA**, Mario - *Entrevista concedida a Paulo Faccio e Laila Y. Massuh* - AU, ano 5, ago-set 89, nº 25, pág. 50.

[89] **PINI,** Mario Sergio - *UIA homenageia a arquitetura brasileira* - AU, ano 1, jan.85, nº 1, pág. 13.

**Arquitetura e Utopia Social**

> " Um edifício como o do ministério, por exemplo, não deve ser reflexo de uma realidade, mas o repositório de expectativas, de um desejo coletivo, algo como uma utopia social"
>
> Alberto Xavier[90]

A discussão sobre o significado de utopia pode remeter a diferentes conceitos, mas também, a diferentes ramos das ciências humanas.

Neste trabalho, a contribuição de Argan, arquiteto e historiador, possibilita melhor compreender as múltiplas perspectivas observadas nos depoimentos analisados sobre a dimensão utópica presente na elaboração do projeto arquitetônico. Para o autor, utopia é "*simulacro de uma sociedade impossível. Ela se gera, como o sonho, da existência vivida, da renúncia de continuar a vivê-la na dramática tensão da história. Não implica uma crítica da situação, mas só a frustração de essa ser imperfeita e instável, sensível aos contrastes das forças históricas*"[91].

O reconhecimento que arquitetura é cultura e que expressa uma sociedade "*imperfeita e instável*" leva vários arquitetos a manifestarem as angústias e sonhos por se reconhecerem intérpretes utópicos dessa mesma sociedade.

[90] **SABBAG**, Haifa Y. - *...e fez a obra de concreto e de emoção* - AU, ano 3, dez-jan.88, nº 15, pág. 43.

[91] **ARGAN**, Giulio Carlo – *Projeto e destino* – São Paulo: Ática, 2000

Xavier utiliza a expressão "utopia social" no sentido proposto pelo movimento moderno em arquitetura, ou seja, como afirma Anatole Kopp, as "idéias-força" que aglutinaram um grupo de arquitetos, o qual empreendeu uma verdadeira revolução arquitetônica.[92] Essas "idéias-força" foram a resposta desse grupo a uma das questões centrais colocadas nos anos vinte, após a I Guerra Mundial: à quem pertence e irá pertencer o mundo? "*...a resposta era clara: ao povo, às massas, aos trabalhadores, ao maior número*"[93], afirma Kopp. A perspectiva de um novo modo de vida, num mundo mais justo e menos desigual, fez com que esses pioneiros da arquitetura moderna, cada um a seu modo e segundo as condições existentes em seu país, colocassem "*seus conhecimentos, seu talento e seu entusiasmo a serviço do que eles acreditavam ser o ´sentido da história´*"[94].

No desenvolvimento dessas "idéias-força", esses arquitetos "*sacrificaram aquilo que, para a maior parte de seus colegas, constituía justamente a gratificação que se poderia esperar do exercício tradicional da profissão do arquiteto: dinheiro e fama*".[95]

O termo "utopia social" foi usado, como indica Anatole Kopp, no sentido pejorativo, pelos críticos da arquitetura moderna, reduzindo-a a

[92] **KOPP**, Anatole – *Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa*- São Paulo: Nobel/ Edusp, 1990, pág. 15

[93] Id. Ibid., pág. 22

[94] Id. Ibid., pág. 24-o chamado "Movimento Moderno" é o resultado do trabalho , do qual participaram, dentre outros, Bruno Taut, Hannes Meyer e Walter Gropius na Alemanha, André Lurçat e Le Corbusier na França, os irmãos Vesnine e Ivan Leonidov na URSS.

[95] Id. Ibid. loc. cit.

"*apenas o cenário das ´utopias sociais` das primeiras décadas do século XX*" e sobretudo, como diz o mesmo autor, citando Le Dantec, "*o horror escondido no coração dessa utopias*"[96]. O "horror", referido por Kopp, resgata críticas elaboradas sobre o movimento moderno, as quais se apropriam de alguns maus exemplos edificados como paradigmas desse movimento. "Les Minguettes" em Lion ou o conjunto Pruitt-Igoe em Saint Louis (Missouri)[97] são freqüentemente citados com significado de "horror" utópico, exemplos de "*simulacro de uma sociedade impossível*".

Nos depoimentos e entrevistas essas questões estão presentes, elaboradas e reelaboradas de diferentes formas.

A arquitetura "*contém o desejo individual de projetar esse povo numa situação estética, ética e politicamente melhor"*[98], informa Mario Pini.

"*A arquitetura...manifesta, através de sua expressão formal, modelos de nossos desejos, do que gostaríamos de ser. Inclusive, eternos e humanos",*[99] ressalta Paulo Mendes da Rocha.

"*Arquitetura no sentido mais amplo da palavra, é uma aspiração latente de todos os homens. Ou seja, da organização de melhoria das condições de vida em termos de espaço físico, da melhoria das condições*

[96] Id. Ibid., pág. 15 -

[97] Id. Ibid., pág.24 –

[98] **PINI,** Mario Sergio - *UIA homenageia arquitetura brasileira* - AU, ano 1, jan.85, nº 1, pág. 13.

[99] **WOLF**, Jose - *O "Último Imperador"* - AU, ano 4, jun-jul.88, nº 18, pág. 73.

*de relacionamento do homem com o espaço em que vive, e ele vive em termos de significação"*[100], confirma Demétrio Ribeiro.

Mario Di Lascio compreende "*o arquiteto como um propositor, um arauto daquilo que representa uma produção humana na área das Belas Artes. Alguém que propõe e a sociedade dispõe"*.[101]

"*Os arquitetos... querem que a obra seja a expressão da época que ele viveu*",nesse sentido, cabe a ele "*dominar,... submeter a estrutura impositiva que transforma o homem em coisa, em vítima de sua própria criatura..."*,[102] informa Artigas.

Os depoimentos que analisam arquitetura na sua dimensão utópica, ou melhor, de "idéias força", no sentido de expressar o desejo de mudança, ou o simulacro de uma sociedade possível, referem-se aos anseios dos arquitetos por uma sociedade mais justa na qual o arquiteto seria responsável pela criação e produção desses espaços. As condições que propiciaram as teses defendidas pelos modernos continuam presentes na sociedade atual; grande parte da população não tem acesso a habitação e os espaços são produzidos em função do capital em detrimento das necessidades reais da sociedade. Refletem, também, essa angústia e expressam o anseio por mudanças estruturais da sociedade. Mudanças que não foram possíveis no início do século XX por meio da arquitetura

[100] **RIBEIRO**, Demétrio – *Denso olhar de um sábio* – (Depoimento à José Wolf) - AU, ano 2, fev. 86, nº 4, pág. 16.

[101] **DI LASCIO**, Mario G. – *Entrevista a José Wolf* - AU, ano 4, ag-set 88, nº 19, pág. 66.

[102] **ARTIGAS**, João B.V.- *Arquitetura, política e paixão, a obra de um humanista- Entrevista* (texto de Livia Alvares Pedreira) AU, ano 1, jan.85, nº 1, pág. 23

como agente reformador e que se agravaram no presente momento histórico, no qual o mercado e sua lógica racionalizadora assume importância cada vez maior, submetendo as relações sociais às relações econômicas, aprofundando desigualdades em dimensões jamais observadas anteriormente.

A história mostrou que a arquitetura moderna não conseguiu implementar sua causa e transformou-se em estilo, distanciando-se de seu ideário, na medida em que a "*prática profissional e o projeto se viram excluídos, após a II Guerra Mundial, de qualquer trabalho de decisão e renovação tecnológicas, os quais, em todos os níveis de decisão e de gestão, foram impostos de acordo com o estrito critério de rentabilidade. As tecnologias impostas, ao contrário, condicionam o desenvolvimento do projeto e o tipo de desenvolvimento urbano. Dentro dessas estruturas produtivas o papel do arquiteto se reduz ao de legalizador de uma situação de fato*".[103]

O exercício profissional do arquiteto se coloca na intersecção das três vertentes apontadas: arte, técnica e intenção. Os arquitetos, segundo os depoimentos, não abdicam da condição de artista, ao mesmo tempo em que se apropriam da técnica com duplo objetivo, tanto para criar abrigo para as atividades humanas, bem como para demonstrar intenções, anseios ou esperanças.

Dessa forma, como diz Marx, já citado na introdução deste

[103] **BATTISTI**, Emilio – *Arquitectura ideologia y ciencia*- Madrid: Blume Ediciones, 1980, pg.10

trabalho, "... o que distingue, na origem, o pior arquiteto da abelha mais esperta é que ele figura na mente a sua construção antes de transformá-la em realidade"[104], ou seja, a proposta ou o projeto do arquiteto é idealizado num processo mental e traz consigo intenções e objetivos. Artigas em seu ensaio "O Desenho", lembra que Platão iguala arte e intenção[105] e "*levanta o véu sobre o que mais tarde virá a acontecer com a nossa linguagem. Ela será desenho, mas também desígnio, intenção*"[106]. Recuperando conceitos elaborados no Renascimento, Artigas informa que a palavra *disegno* tem dois significados: "*de um lado é risco, traçado, mediação de um plano a realizar, linguagem de uma técnica construtiva, de outro lado é desígnio, intenção, propósito, projeto humano no sentido de proposta do espírito. Um espírito que cria objetos novos e os introduz na vida real*".[107]

A arquitetura, no seu sentido mais amplo - a organização do espaço físico - tem sido utilizada pelo homem com as intenções mais diversas. Speers a serviço do nazismo, produz espaços que enaltecem aquela ideologia, Niemeyer será o "porta voz" das propostas desenvolvimentistas de Juscelino Kubstichek, os arquitetos modernos, entre as duas grandes guerras deste século, pretenderam a criação de um

[104] **MARX**, Karl. *O Capital- Crítica da Economia Política.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 6ª. edição, 1980, pág. 46

[105] **ARTIGAS**, Vilanova - *Caminhos da Arquitetura*- São Paulo: Fupam / Cosac & Naify Edições, 1999, pág.71

[106] Id. Ibid. loc. cit.

[107] **ARTIGAS**, Vilanova - *Caminhos da Arquitetura*- São Paulo: Fupam / Cosac & Naify Edições, 1999, pág.73

mundo novo, no qual a arquitetura seria concebida como um dos instrumentos transformadores. Atualmente, grande parte da produção do espaço carece de causas sociais no sentido apontado anteriormente por Kopp pois está, predominantemente, a serviço do mercado e do lucro.

Nesse capítulo foi possível observar pelos depoimentos, que os arquitetos compreendem arquitetura como arte concretizada na construção, e revela, ou não, utopias. No entanto, o fazem polemizando, argumentando, relativizando as condições nas quais esse trinômio se estabelece, informando assim, diferentes dimensões dessa problemática. Talvez, por essa razão, reconhecem que arquitetura é arte, mas, dificilmente, se colocam na condição de artistas, como seria presumível.

# CAPÍTULO II

# O arquiteto e a informatização da produção do projeto

> "Arquiteta, ela recém-aprendeu a trabalhar com os complicados mecanismos do Autocad em seu computador...Um dia, ela viu que se tornavam obsoletos o nanquim, os esquadros, compassos, papéis, lapiseiras, a caneta rotring, réguas, a velha gilete para apagar erros...Determinada, ela. trouxe Kátia, uma professora e, em poucos meses, dominou o sistema."
>
> Ignácio de Loyola Brandão[108]

"Aí está a contemporaneidade."
Gasperini[109]

O processo de produção do projeto de arquitetura modificou-se nos últimos anos com a introdução das tecnologias derivadas da micro-eletrônica e o desenvolvimento de softwares específicos. Este capítulo analisa essa transformação, recuperando na fala dos profissionais arquitetos na revista AU, desde o momento em que, assustado e ao mesmo tempo curioso, esse profissional começa a perceber a possibilidade de mudanças em seu trabalho, até a constatação de que, em apenas 15 anos, as pranchetas de desenho quase que desapareceram. No lugar delas ou mesmo sobre elas, encontram-se os computadores.

[108] **BRANDÃO**, Ignácio de Loyola - *A Veia Bailarina* – Global, São Paulo, 1997. (Loyola refere-se a Márcia, sua companheira, que trabalha com arquitetura no mesmo espaço físico no qual ele escrevia esse livro).

[109] **WOLF**, José - *A América, Terra distante*- (entrevista com Gian Carlo Gasperini) - AU, ano 3, ag-set 87, nº 13, pag. 12.

Acompanhar esse debate na revista AU é o objetivo desse capítulo e, além disso, tentar compreender os desafios que o desenvolvimento da representação gráfica do projeto, por meio do uso de hardwares e softwares específicos, pode significar para o rompimento dos atuais limites do projeto e da própria arquitetura.

A lapiseira e o papel vegetal serão substituídos na representação gráfica da arquitetura pelas mesas de desenho eletrônico, afirmava no início da década de 60, o grupo MIT´s Lincoln Laboratory, chefiados por Ivan Sutherland. [110] À euforia provocada nos primeiros momentos após a divulgação do sistema "Sketchpad", na Spring Joint Computer Conference, em 1963, quando pela primeira vez foi apresentado, publicamente, o uso da infografia interativa, seguiram-se muitas polêmicas que alimentaram as contradições observadas no processo de difusão dessa nova forma de representar arquitetura. No que se refere ao processo de criação do projeto, significou no início, para alguns, uma ameaça; para outros, simplesmente uma lapiseira mais equipada, que em nada modificaria a concepção do projeto. Quanto ao seu desenvolvimento, um passo além da criação, inúmeras são as considerações que vão sendo formuladas pelos arquitetos durante o processo de difusão dessa tecnologia que, em tão curto espaço de tempo – 40 anos - está assimilada pelos pequenos, médios e grandes escritórios de arquitetura.

[110] **BRUEGMANN**, Robert. In – Catálogo da Exposição- *L'architecture et son image* - Centre Canadian d'Architecture , Montreal, 1989 –pag.140

## Os primórdios do uso de uma técnica

O clima de euforia seria a tônica no momento em que Sutherland demonstrou como era possível criar linhas finas e brancas interligadas através do uso do teclado de um computador, um pouco como o lápis sobre o papel. [111] Na realização do primeiro encontro de arquitetura que sucede essa demonstração, em dezembro de 1964, - Boston Architecture Center - [112], tinha-se a impressão que, desde que fosse colocado à disposição um sistema adequado e a custos razoáveis, o arquiteto poderia trabalhar diretamente no computador, a partir do rascunho de um croquis até a elaboração dos desenhos de execução. *"A máquina poderá executar em seguida todo o trabalho atribuído normalmente ao arquiteto: transformar o croquis em desenho com bases geométricas; os comparar e adaptar às necessidades do programa e às exigências da construção; estabelecer prognósticos e finalmente, produzir uma série completa de desenhos de execução.*"[113] Para tanto, considerava-se naquele momento, que seriam necessários somente programas e máquinas menos dispendiosas, acessíveis aos arquitetos usuários.

[111] Id. Ibid. loc.cit

[112] **BRUEGMANN**, Robert in – Catálogo da Exposição- *L'architecture et son image* - Centre Canadian d'Architecture , Montreal, 1989 –pág.140

[113] Id. Ibid., pág.141. (tradução do autor)

Ivan Sutherland operando sua máquina[114]

No final dos anos 60 e início dos anos 70, começam a aparecer registros indicando o uso do computador nos grandes e médios escritórios de arquitetura. "*Os arquitetos da SOM ( Skidmore, Owings & Merrill) afirmam, desde o fim dos anos 60, que o computador teria condições de produzir desenhos desde que os dados fossem colocados*" [115]; tal afirmação se dá a partir das experiências elaboradas por esse escritório na elaboração do programa – BOP / Building Optimization

[114] Id. Ibid., pág. 140.

[115] Id. Ibid., pág. 145 (tradução do autor)

Program – que tinha por base o fato de que "*os grandes edifícios de escritório são submetidos a severas restrições em função do programa, dos orçamentos, da legislação de zoneamento e do código de obras e que, uma vez levantados esses dados e colocados no computador, a máquina produz todas as configurações possíveis para o edifício desejado, além de uma listagem de custos, assim como o rendimentos do capital empregado*". [116]

No Brasil, a partir de meados dos anos 80, os computadores passam a fazer parte do trabalho de alguns arquitetos; equipamentos caros e pouco eficientes dificultaram a difusão rápida dessa nova tecnologia. O computador começa ser utilizado nos escritórios de arquitetura nos serviços administrativos e na produção dos insumos necessários a produção do projeto arquitetônico, como bem sintetizam Tito Livio Fraschino e Vasco de Mello quando informam que "*...a Central de Projetos pretende agilizar sua produção através do computador AT, com estação completa, para atende, as necessidades tanto administrativas quanto de arquitetura como montagem de programas ou memoriais descritivos*."[117]

Nas escolas de arquitetura o processo é semelhante, a computação e a informática são introduzidas por disciplinas complementares tais como Cálculo, Instalações, etc. Na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos - USP, a "*computação e informática aplicada*

[116] Id. Ibid., pág. 144 (tradução do autor)

[117] **FRASCINO**, Tito Livio & **MELLO**, Vasco de – *Central de projeto- Traço livre* - AU, ano5, abr-mai.89, nº 23, pág. 102.

*a Arquitetura é , por exemplo, uma disciplina que vai sendo introduzida junto com a matemática, hidráulica, cálculo, sem que se constituam massacre ou assunto maçante"*[118]

Na FAUUSP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, as novas tecnologias aplicadas ao projeto são discutidas, inicialmente, nos cursos de extensão universitária, a partir de 1985, dirigidos a arquitetos já formados Esses cursos foram criados com o objetivo de "*formar especialistas capacitados a desenvolver programas e sistemas gráficos para arquitetos*"[119] e foram, desenvolvidos por Paulo Caparica sob a coordenação do Prof. Dr. Ualfido Del Carlo.

A implantação desses cursos gerou polêmicas sobre o papel e as necessidades do arquiteto diante desse novo instrumento de trabalho, pois tinham como objetivo a formação de especialistas em desenvolvimento de programas. Não seria o arquiteto, como qualquer outro profissional, tão somente um usuário dessas inovações tecnológicas? Quais seriam as vantagens em transformá-lo em um criador de programas e sistemas?

O arquiteto Jaime Cupertino sintetiza as críticas formuladas aos primeiros cursos de extensão da FAUUSP dizendo que "*o arquiteto não necessita saber computação mas apenas aprender a operar o programa - `como dirigir um carro ou manipular uma televisão´*".[120] Foi na

[118] **MARINHO**, Gabriela – *Momento da razão* - AU, ano 2, abr. 86, nº 5, pag. 36.

[119] **SABBAG**, Haifa Y. - "*Uma corda sobre o abismo*" - AU, ano 3, abr-maio 87, nº 11, pág. 45.

[120] Id. Ibid.

qualidade de usuário que o arquiteto passou a aprender a "*trabalhar com os complicados mecanismos do Autocad*", como descreve o escritor Loyola Brandão, referindo-se a arquiteta Márcia, na introdução desse capítulo.

## Anos 90: difusão tecnológica e competição no mercado

Nos depoimentos levantados no percurso destes 15 anos percebe-se claramente que o uso do computador no trabalho do arquiteto vai perdendo o caráter polêmico dos primeiros momentos; esse profissional é cada vez mais um usuário das inovações tecnológicas que se difundem. "O *arquiteto não costuma ser especializado em informática, mas não pode desprezar o que acontece no mercado, avalia Pires"* [121] . O projeto desenhado com o novo instrumento deixa de ser novidade e passa a ser realidade, relacionada freqüentemente à racionalização do desenvolvimento do projeto e às exigências de mercado, ou melhor, de maior possibilidade de competição no mercado.

No final dos anos noventa, os depoimentos levantam novas questões, diferentes das formuladas nos anos 80; partindo da compreensão que essa tecnologia está incorporada à produção do projeto, as discussões centram-se sobre quais equipamentos ou programas serão utilizados, sobre suas potencialidades e adequações.

[121] **MENDES**, Adriana – *Informática para arquitetos* – (Depoimento de José Pires Alvim Neto) AU, ano 15, nº. 82, fev-mar 99, pág.94/95/96.

"*Um software de CAD produzido na Alemanha promete agilizar radicalmente o trabalho de arquitetos em computadores. Traduzido para o português, o Arcon é um programa super amigável, que permite ao operador desenhar projetos de arquitetura em todos os detalhes com extrema facilidade.*" [122]

O domínio do programa e sua potencialidade na racionalização do projeto passam a ser as questões centrais nos depoimentos dos arquitetos no final da década de 90; no entanto, sua aceitação e reconhecimento explícito foram precedidos por discussões, dúvidas e inseguranças que, pouco a pouco, perderam relevância diante do uso intenso do computador, permitindo desmistificá-lo ou recolocá-lo em outra perspectiva. Entre elas, a interferência do computador no processo criativo do projeto arquitetônico.

## O processo criativo é limitado pelo computador?

Alguns depoimentos indicam a existência de dificuldades na aceitação do computador como instrumento de trabalho, em função da presumível interferência no processo criativo.

A arquiteta Elisabetta Romano afirma que o uso retardatário da informática aplicada ao projeto no Brasil, deve-se a "(...) *uma certa desconfiança característica do nosso meio, que durante muito tempo marginalizou seu uso por causa de uma suposta incompatibilidade entre*

[122] **ALMEIDA**, Rubens – CAD Fácil – AU, ano 12, abr/mai 97, nº71, pag.27.

*a liberdade criativa e a conotação tecnicista a ele associada, é a principal responsável por este atraso*" [123].

Henrique Cambiaghi , confirmando a existência desse temor por parte de muitos profissionais, não acredita nessa possibilidade prevenindo que "(...) *ao contrário do que temem alguns, o computador não substitui o processo de criação, apenas agiliza."*[124]. Na mesma linha de raciocínio completa João Filgueiras *"... a criatividade jamais será esquecida. Pelo contrário, acho que a tecnologia é um instrumento que a enriquecerá. Se não utilizarmos o computador, que é um instrumento maravilhoso, porque certas pessoas vão ficar bitoladas por ele, o problema é da pessoa não do computador*." [125].

Apesar de referências às presumíveis limitações para o processo criativo, a análise das falas dos arquitetos a cerca desse debate permite observar que as vantagens comparativas no uso da computação foram apontadas com maior freqüência, destacando seus aspectos positivos; como bem sintetiza Ruy Gama, arquiteto historiador da técnica e da tecnologia: "(...*) não vejo nenhuma dificuldade de substituir certos trabalhos pelo computador. Não vejo nenhuma resistência a esses meios mecânicos, eletrônicos, são até fascinantes, mas que exigem longo aprendizado. (...) Mário de Andrade comprou uma máquina de escrever*

[123] **ROMANO**, Elisabetta - *O arquiteto- entre a prancheta e o computador* - AU, ano 3, abr-maio 87, nº 11, pág. 51.

[124] **WOLF,** José – *Projeto com metodologia* – AU, ano 7, fev-mar.91, nº 34,.(CFA-Cambiaghi Arquitetura)

[125] **FILGUEIRAS**, João - *A serviço do bem e do mal* - AU, ano 3, abr-maio.87, nº 11, pág. 18.

*e até encontrou um nome para ela: Manuela. O importante, enfim, é que o instrumento pode mudar, mas a essência do desenho continua a mesma. Ou seja, desenho, do latim desidium, designium, desejo, vontade, projeto... "*[126] .

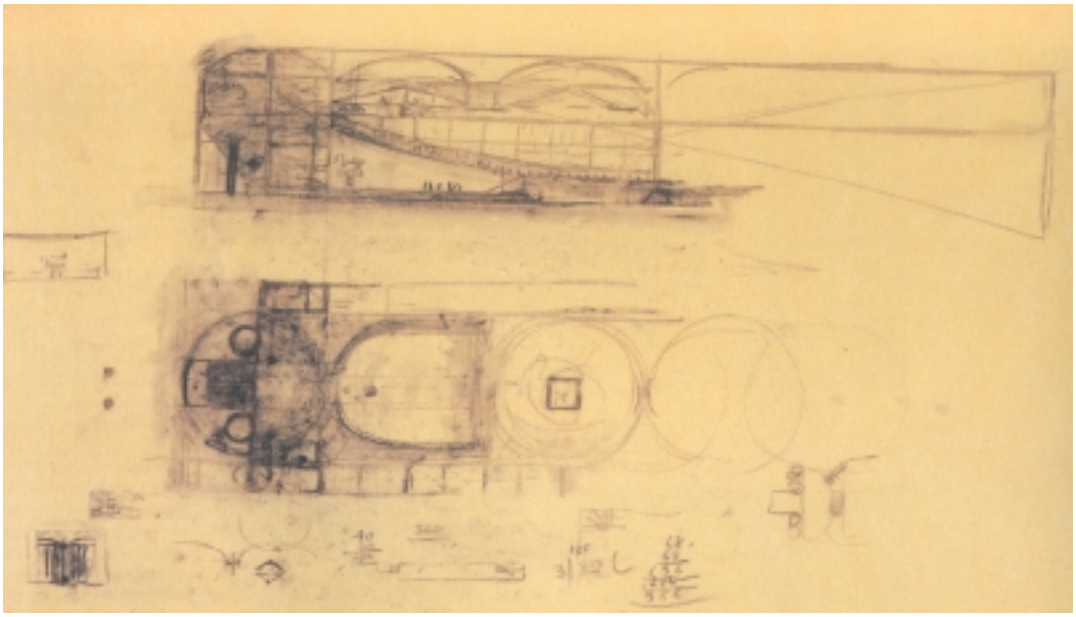
Desejo, vontade, croquis, projeto. Essa discussão traz elementos passíveis de serem submetidos à lógica binária do computador como o desenho em projeção ortogonal, base do desenvolvimento do projeto e refere-se também àqueles que não o são, como os utilizados na elaboração dos croquis - base da criação do projeto.

A utilização do croqui como recurso para o processo criativo, é mais freqüentemente observada a partir do século XX, com a arquitetura moderna.[127] *"Os croquis representam um fenômeno particular. É impossível dizer que eles tratam de uma projeção ou não(...) Na medida que são desenho em escala, eles são projetivos, mas como se prestam a outras interpretações, se transformam no que se deseja, e ao mostrar e multiplicar ambigüidades e incoerências, eles provocam diferentes resultados. Não seria correto os definir como aproximações de projeções. Suas relações com o objeto são infinitamente mais vagas do que as observadas nos desenhos em projeção (...) pois os croquis evidenciam mais a sugestão do que a intenção. É por essa razão que sua importância fundamental é significativa. Os croquis se tornam uma maneira de resguardar, de manter em suspensão, de recusar*

[126] **GAMA**, Ruy – *No chão coberto de goiabas* - AU, ano 3, abr/maio. 87, n§ 11, pag.12.

[127] **EVANS**, ROBIN – *La projection* – IN: Centre Canadian d´Architecture, Catálogo da Exposição – *L'architecture et son image* – Quatre Siècle de Représentation Architectural, Montreal:1989, pág.33

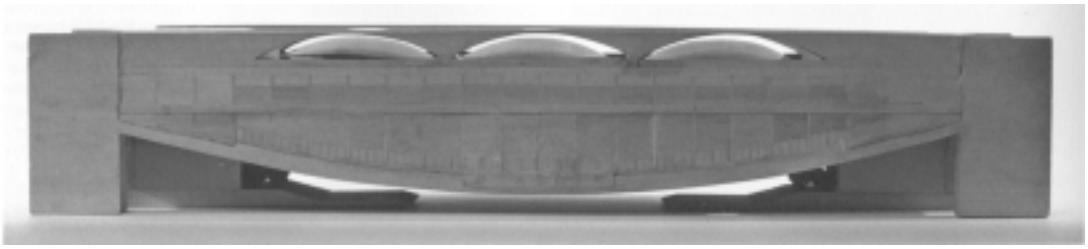
*rapidamente a opção por um partido, de organizar a determinação das figuras ou das formas. As imagens metafóricas às quais o ligamos freqüentemente são as de concepção, gestação e nascimento. Seu caráter amorfo, informal, embrionário é o que o distingue. Os croquis realizados por Louis Kahn para um palácio de congresso (onde alguns têm mais rabiscos que desenhos), mostram a qual ponto podemos colocar assim, em suspensão, a linha e a figura.*"[128]



**Croquis Louis Kahn** – O caráter amorfo do croqui já revela sem definir com clareza aspectos que serão trabalhados e desenvolvidos no projeto definitivo conforme percebe-se na ilustração a seguir.[129]

[128] **EVANS**, ROBIN – *La projection* – IN: Centre Canadian d´Architecture, Catálogo da Exposição – *L'architecture et son image* – Quatre Siècle de Représentation Archuitectural, Montreal:1989, pág.33

[129] Id. Ibid., pág. 334



**Maquete do projeto a que se refere o croquis anterior –** a volumetria final pode ser claramente percebida no croquis.[130]

Evans permite a discordância em relação a uma afirmação do arquiteto Índio da Costa, quando, em entrevista no início de 1996, afirma que o "*traço, esse lado romântico da profissão, praticamente se perdeu*"[131]. A difusão do uso da computação na representação gráfica do projeto não substituiu o traço, reservado ao experimento, às tentativas, que vão sendo elaboradas e expressas no esboço (croquis), espaço da criação; no entanto, significativas são as mudanças observadas após a definição dessa etapa, quando o croqui informa o desenho em projeção ortogonal.

Os croquis preliminares continuam a ser elaborados a partir do desenho produzido pela mão humana; sabe-se que, com raras exceções, os arquitetos continuam trabalhando como sempre o fizeram, desenvolvendo idéias por meu dos croquis[132]. São os desenhos destinados à produção da obra construída, os elaborados com a utilização do computador.

[130] Id. Ibid. loc. cit.

[131] **COSTA**, Índio da – *Escritório* – AU, ano 11, dez 95-jan 96, nº 63. pág. 79, 80, 81.

[132] **BRUEGMANN**, Robert in – Catálogo da Exposição- *L'architecture et son image* - Centre Canadian d'Architecture , Montreal: 1989 –pág. 140

O arquiteto Luiz Fiuza afirma que o"*computador pode ser uma ferramenta eficaz, mas não concebe*"[133] e da mesma maneira o arquiteto Cambiaghi declara que a " *minha forma de expressão ainda é a lapiseira, mas grande parte de nosso trabalho hoje é informatizado através do pessoal mais jovem que colabora com a gente*" e complementa "*Ao contrário do que temem alguns, o computador não substitui o processo de criação, apenas agiliza*"[134].

O arquiteto Sami Bussab, pessoalmente, prefere o tradicional, o risco a mão "*no papel e com lápis"*. A idéia inicial surge do risco, que sugere o encaminhamento do projeto. *"Afinal, atrás de todo risco existe uma ideologia. E é através dele que o arquiteto imprime sua marca, traduz seu desejo e intenção"...*"[135].

Os programas disponíveis não atingiram, ainda, a capacidade de ler os croquis (representação visual de uma decisão abstrata) elaborados pelos arquitetos, ou mesmo, não permitem que esses croquis sejam feitos na tela da máquina. Por enquanto, os programas disponíveis para o desenho, assistidos pelo computador, são incapazes de acompanhar os mecanismos de concepção desenvolvidos, que não se colocam, na maioria das vezes, de maneira explícita, posto que "*são tão numerosos os parâmetros necessários para dar coerência ao projeto, que os arquitetos nem sempre controlam as soluções encontradas e com demasiada*

[133] **FIUZA**, Luiz – *Não basta a parte* - AU, ano 4, out-nov. 88, nº 20, pág. 66.

[134] **WOLF,** José – *Projeto com metodologia* - AU, ano 7, fev-mar.91, nº 34 (CFA-Cambiaghi Arquitetura)

[135] **WOLF,** José – *Escritório* – AU, ano 10, out-nov 94, nº 56, pág. 108.

*assiduidade respondem que uma idéia lhes ocorreu por pura "intuição". Têm consciência de algumas regras e ignoram muitas outras.*"[136]

Ao se imaginar que o computador poderia transformar as habilidades humanas em operações mecânicas, esqueceu-se que o processo de criação depende de variáveis sociais, econômicas, culturais, que constituem a formação do arquiteto.

## Racionalização do desenvolvimento do projeto

A racionalização dos procedimentos na elaboração do projeto é consensual nos depoimentos analisados; as implicações decorrentes são significativas.

Em um primeiro momento, observa-se grande entusiasmo sobre a possibilidade de utilização desse instrumento de trabalho para garantir uma aproximação racional na concepção do projeto. Diz Roberto Colaço que ao "*projetar com o auxílio do computador, o arquiteto muda a natureza de seu comportamento e se disciplina frente ao fluxo do trabalho. (...) A concepção deixa de ser algo que vai acontecendo sobre a prancheta, ao sabor da inspiração, para se tornar também um procedimento mais racional..... Ao inserir os dados no computador, a planta tipo tem que estar definida em seus detalhes. A concepção perde o*

[136] **PELLEGRINO**, Pierre; **JEANNERET**, Emmanuelle; **LEONE**, Anthony- *Arquitectura e Informática*- Barcelona: Edit.Gustavo Gili, 1999. pág.28

*caracter artesanal para ganhar uma dimensão nova, racional e planejada*"[137]

A procura de parâmetros controláveis pela racionalidade dos processos desenvolvidos na criação do projeto significa, para Bruegmann, um trabalho iniciado desde o século XVIII, no bojo do Racionalismo Iluminista.

"*Parece que, há dois séculos os arquitetos se preparavam para acolher um instrumento de trabalho como o computador. De fato, desde meados do sec. XVIII , uma das preocupações dos teóricos da arquitetura era eliminar o irracional e o subjetivo em favor de um sistema de princípios e regras universalmente aplicáveis, baseadas em certezas absolutas*"[138], afirma Bruegmann ao analisar experiências metodológicas de ensino desenvolvidas por Jean Nicolas Louis Durand na Escola Politécnica de Paris, no início do século XIX. Tratava-se de tentativas de enfocar a arquitetura cientificamente, concebida por meio de padronizações programáticas, tecnológicas, estéticas, que respondesse a necessidades universais.

Os programas desenvolvidos pelos arquitetos da SOM - Skidmore, Owings & Merrill, já citados, parecem estar estreitamente ligados a essa procura da racionalidade, assim como, as idéias que nortearam os primeiros adeptos do então novo instrumento. Tratava-se da credibilidade

[137] **MARINHO**, Gabriela - *CAD, a informática no cotidiano* - AU, ano 4, abr-maio 88, nº 17, pág. 95.

[138] **BRUEGMANN**, Robert in – Catálogo da Exposição- *L'architecture et son image* - Montreal : Centre Canadian d'Architecture , 1989 –pag.140

que o computador pudesse transformar habilidades humanas em operações mecânicas e, assim, potencializa-las.

Efetivamente, a máquina e seus programas tem sido de grande utilidade no desenvolvimento de idéias já concebidas e os arquitetos encontraram no computador possibilidades de racionalização da produção do projeto. Já em 1986, Elisabetta Romano declarava:"*A computação gráfica está destinada a substituir com vantagens a prancheta de desenho e a modificar profundamente a própria sistemática de trabalho do arquiteto por ampliar sua capacidade criativa e lhe permitir efetuar interações durante todas as fases de desenvolvimento do projeto.*" [139], afirmação corroborada por Joaquim Guedes, no início de 1987, quando em entrevista a revista AU - "*faz questão de afirmar que como auxiliar do desenho ele é de grande valor porque ajuda a pensar, apreender novas dimensões da reflexão arquitetônica, permitindo criar modelos de desenvolvimento com maior liberdade. O arquiteto lembra também que firmas equipadas com esses novos recursos fazem transformações muito velozes dos projetos. ´O fato de se poder desenhar mais rapidamente reduz ainda o custo de um projeto a terça parte` conclui ele*."[140]

Durand compreende que a introdução de técnicas de informática na elaboração do projeto significa uma nova fonte de racionalização de base científica do trabalho arquitetônico; para embasar sua afirmação cita o

[139] **ROMANO**, Elisabetta - *O arquiteto- entre a prancheta e o computador* - AU, ano 3, abr-maio.87, nº 11, pág. 51.

[140] **SABBAG**, Haifa Y. – *Uma corda sobre o abismo* - AU, ano 3, abr-maio 87, nº 11, pág. 45.

arquiteto Marcelo Fragelli que no final da década de 80, coordenava uma grande equipe que projetava o Metro de São Paulo. "*Agora entramos na era do plotter, que é uma prancheta dotada de penas comandadas por computador a partir de dados armazenados ou processados em fita, segundo o caso demande. Detalhes-padrão podem assim ser repetidos ou adaptados a modificações de programa com enorme economia de tempo. Perspectivas podem ser estudadas com variações imediatas de ângulo e quebra-sóis podem ser projetados com base na evolução do raio solar. Não tenho dúvidas que este recurso será o próximo passo dentro da evolução da metodologia de projetos*"[141].

Agilizar produção, racionalizar trabalho, otimizar tempos, reduzir tarefas manuais, são algumas possibilidades que os arquitetos irão detectando e reafirmando em seus depoimentos e entrevistas no final dos anos 80. Ao mesmo tempo, esses profissionais vão se equipando e afirmando que o fazem a para "*racionalizar toda essa produção,*"[142] . No final de 1989 alguns arquitetos registram a possibilidade de perda de espaço no mercado de trabalho se não se atualizarem tecnologicamente. "*O "up to date" ilumina a própria sobrevivência profissional. Junto a informatização urgente do escritório "a fim de agilizar os trabalhos*","[143].

[141] **DURAND**, José Carlos – *Arte, privilégio e distinção* – São Paulo: Editora Perspectiva, 1989, pg. 275

[142]**FIUZA**, Luiz – *Não basta a parte* - AU,ano 4, out-nov 88, nº 20, pág. 66.

[143] **JERÔNIMO & PONTUAL** Arquitetos - *A estrutura como expressão essencial* - AU, ano 5, out-nov. 89, nº 26, pág. 112.

No Brasil, no início de 1996, somente dez anos após as primeiras experiências em direção à informatização dos escritórios de arquitetura, Índio da Costa afirma: "*Ao fazer o balanço desse período, enfatiza que a atividade profissional evoluiu, adquirindo cada vez mais, uma dimensão tecnológica. "Do tira-linhas artesanal (desenho à base de tinta nanquim) ao computador houve um salto qualitativo fantástico. A elaboração projetual melhorou, em termos de velocidade e qualidade. Em questão de segundos, pode-se detectar com antecedência problemas que antes só era possível descobrir na obra`".* [144]

Assim como neste texto, os arquitetos irão, muitas vezes falar em "*qualidade projetual*". A palavra qualidade aparece em outras ocasiões, como na fala de Henrique Cambiaghi ao afirmar que "*O computador é um elemento a mais para otimizar o tempo e qualidade dos projetos, diminuindo a margem erros. Ele possibilita, principalmente, maior integração com outros aspectos de um projeto, como as instalações e estrutura*" [145]. A palavra qualidade, em todos os casos anotados refere-se à qualidade do projeto enquanto instrumento necessário para a execução de espaços projetados, o "*aspecto qualidade implica sentido de verificação das interferências nas fases de projetos e se dirige a um andamento de obra sem retrabalhos, repercutindo nos fatores de custo e prazos*.".[146] Não foi encontrada, no entanto, nenhuma referência em relação ao uso do computador na melhoria de qualidade de espaço

[144] **COSTA,** Índio da – *Escritório* – AU, ano 11, dez 95-jan 96, nº 63. pág 79, 80, 81.

[145] **WOLF,** José – *Projeto como metodologia* - AU, ano 7, fev-mar.91, nº 34 .(CFA-Cambiaghi Arquitetura)

[146] **MOSSA**, Guilherme - *CAD – Prancheta eletrônica* - AU, ano 6, fev-mar. 90, nº 28, pág 112.

projetado. João Filgueiras, em 1987, afirma que o simples fato de ter sido utilizada essa nova ferramenta não significa "*dizer que o computador proporcionou qualidade arquitetônica a Estação da Lapa*"[147].

O sentido de qualidade, atribuído pelos arquitetos em entrevistas e depoimentos encontrados na AU, está ligado ao significado de eficiência, posto que se refere a diminuição de custos , de prazos , assim como estará falando também de competitividade e busca de mercado de trabalho. "*Agora, mais do que nunca os escritórios de arquitetura vão ter que buscar mercado na iniciativa privada e não no estado, fazendo investimento na qualidade de seus serviços, na informática, treinamento de pessoal, RH, prospecção de novos clientes e enfim, em sua própria condição de competitividade porque a concorrência nas crises aumenta significativamente e nessa hora a competência fala mais alto*".[148] *Isso* também caracteriza o depoimento de Alexandre Feu Rosa quando diz que está "*investindo na informatização para oferecer serviços diferençados, de qualidade*".[149]

Outros aspectos relevantes vinculados à eficiência na elaboração do projeto, assim como a perspectiva de oferecer serviços diferençados, conforme os depoimentos, referem-se a competitividade e sobrevivência dos escritórios de arquitetura. A preocupação de Carlos Eduardo Bianchini, com a sobrevivência de seu escritório, está perfeitamente

[147] **FILGUEIRAS**, João - *A serviço do bem e do mal* - AU, ano 3, abr-maio.87, nº 11, pág. 18.

[148] **REZENDE**, Ronaldo - *Cenário* - AU, ano 6, fev-mar.90, nº 30, pág. 20.

[149] **WOLF**, José – *Arquitetura ainda é construção* - AU,ano 8, dez 91-jan 92, nº 39, pág 82. (Atelier de arquitetura Alexandre Feu Rosa)

delineada quando diz que "*manter-se sincronizado com as evoluções da global village mcluhaniana constitui um dos fatores essenciais da sobrevivência profissional para não ser surpreendido pelo futuro. Consciente disso, a equipe procura não perder o bonde da história, atenta aos circuitos e estímulos de fora, aos avanços da tecnologia. "Com a introdução do computador, estamos passando por uma revolução idêntica, em termos de velocidade e mutação, a era industrial, quando surgiu o automóvel*"...".[150]. Além das possíveis racionalizaçõesão do projeto arquitetônico, contribuíram para o informatização dos escritórios de arquitetura, as maquetes eletrônicas e as novas possibilidades de apresentação dos trabalhos através dos recursos da informática.

Os últimos depoimentos encontrados revelam uma discussão sobre "softwares" indicando total aceitação da informática na produção do projeto arquitetônico. Os arquitetos passam a ver a utilização do computador com tranqüilidade e independência e "*...apesar de anos de experimentação e de reflexão, o computador nunca exerceu maiores influências sobre a profissão.*" e "(...) *com raras exceções, os arquitetos continuam a trabalhar como sempre o fizeram*".[151] O depoimento dos arquitetos Barroso e Duarte , em 1998, atesta que "*toda nossa produção se utiliza da informática, mas o desenvolvimento do projeto não segue*

[150] **WOLF**, José - *ITAPETI – Triângulo quase perfeito* - (Escritório arquitetos Fausto Torneri, José Tabith Jr. e Carlos Eduardo Bianchini), AU, ano 4, out-nov 88, nº 20, pág. 96

[151] **BRUEGMANN**, Robert in – Catálogo da Exposição- *L'architecture et son image* – Montreal: Centre Canadian d'Architecture , 1989 –pag.139

*nenhum método rígido; cada projeto, cada cliente determina um procedimento diferenciado. Também não fugimos do lápis e do papel numa mesa do bar ou em uma casa"*[152].

É possível que o computador altere a prática profissional do arquiteto quando estiver disponível: *"o uso de mesas digitadoras, com entrada de informações gráficas através de "canetas", o que parece, para alguns, uma solução adequada. O desenho "livre" inicial pode ser assegurado com a adoção de "sketch", com vetorização automática pelo CAD. Enfim, há possíveis soluções para cada usuário*".[153] Ou quando se abandona o vocabulário euclidiano sobre o qual baseia-se a atual representação gráfica dos projetos, desenvolvidos pelos arquitetos, vocabulário este apropriado pelos "softwares" dirigidos ao desenho (CAD). Nesta direção, Dantas aponta novas perspectivas por meio do emprego e das potencialidades da Geometria de Fractais[154].

Embora, até o momento, o computador não tenha alterado os processos de criação do espaço e tenha se transformado simplesmente em um instrumento a mais na prestação dos serviços de arquitetura, sabe-se que novas perspectivas são colocadas para os processos criativos na medida em que novos programas são desenvolvidos.

O projeto para o Museu Guggenheim, em Bilbao, elaborado pelo arquiteto Frank O. Gehry, já demonstra a introdução de novos programas

[152] **BARROSO,** Paulo Hermano Mota e **DUARTE**, Robledo Valente – *Sem esquecer o lápis e a folha de papel* – AU, ano 13, fev-mar 98, nº76, pág. 75.

[153] **DANTAS**, Jorge de R. – in Anais do Seminário Internacional – Computação-Arquitetura e Urbanismo- *CAD, Arquiteura e uma Nova Geometria* – São Paulo: FAUUSP, 1992

[154] Id. Ibid.

na produção do projeto arquitetônico. A realização do complexo projeto só foi possível com a utilização do programa "CATIA", programa de modelagem computadorizada em 3 dimensões, originalmente desenvolvido pela industria aeroespacial francesa (que é complementado pelos mais tradicionais programas CAD / 2 dimensões). "*Com o uso desse novo programa o processo do traçado do edifício foi agilizado na medida em que se tinha condições de controlar as superfícies através do computador. Além, disso permitiu que se desenvolvesse o traçado dessas superfícies adaptando-as a melhores condições de execução e conseqüentemente de custos.*[155]**"**

Um dos sócios de Gehry , Glimph, escreve em "*El Croquis*" em 1995: "*Muitas da formas que ele ( Gehry) está desenvolvendo agora só é possível graças ao computador. Bilbao é um exemplo perfeito. Antes de se desenvolver as aplicações do computador no estúdio , chegou-se a considerar que essas formas deveriam ser descartadas. Poderiam ser formas que representassem uma idéia num desenho, mas não haveria condições de construí-las. Bilbao poderia ter sido desenhado com lápis e régua, mas para tanto teria sido necessário décadas para fazê-lo"*[156].

Se, por enquanto, os programas disponíveis se limitaram a tentar substituir as habilidades humanas transformando-as em operações mecânicas, o computador é responsável por profundas mudanças na maneira com que o arquiteto produz seu trabalho e, com certeza, em

[155] **VAN BRUGGEN**, Coosje- *Frank O. Gehry.Museu Guggenheim Bilbao*.- , N.York: Publicações do Museu Guggenheim,1997

[156] Id. Ibid.

futuro não muito distante, a mesa eletrônica de desenho substituirá a lapiseira e o papel e os impulsos eletrônicos terminarão por substituir o desenho como principal meio de representação arquitetural[157].

"*Para Gehry, a percepção dessa potencialidade o conduziu a uma mudança irrefutável na sua maneira de praticar arquitetura*".[158] Em razão das possibilidades do programa CATIA, já que seus projetos mais recentes são iniciados de maneira convencional – croquis – em que as idéias geradoras do espaço construído vão tomando corpo para se transformarem, em seguida, em maquetes cujas superfícies tornam-se passíveis de digitalização por meio do "CATIA".

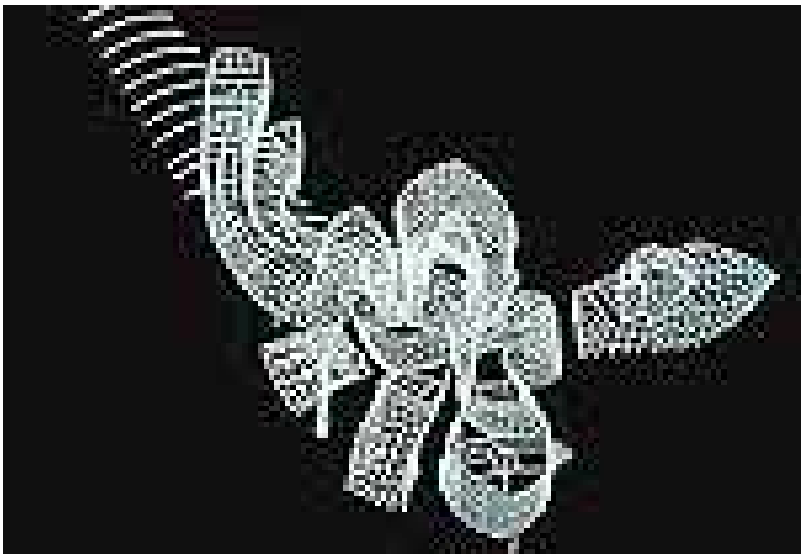
Para melhor ilustrar o acima exposto, segue abaixo demonstração passo a passo dos procedimentos utilizados no processo de representação gráfica dos volumes gerados pelas maquetes (Guggenheim Museum Bilbao).[159]

[157] **BRUEGMANN**, Robert in – Catálogo da Exposição- *L'architecture et son image* - Centre Canadian d'Architecture , Montreal: 1989

[158] **VAN BRUGGEN**, Coosje- *Frank O. Gehry.Museu Guggenheim Bilbao*.- Publicações do Museu Guggenheim, N.York: 1997

[159] **GEHRY**, Frank O. – *The architects studio*- (August18-November12,2000)- Henry Art Gallery , Seatle, Washington-2000 (CATIA – Computer Program / Projeto Guggenheim Bilbao)

## A- Resultado final da digitalização



O resultado final da digitalização dos volumes que constituem a edificação

Para chegar a esse resultado o escritório de Frank O. Gehry, a partir de croquis elaborados pelo arquiteto, constrói as maquetes que serão a base para digitalização dos volumes edificados. O percurso do trabalho desenvolvido com o objetivo de se chegar aos desenhos executivos necessários para o desenvolvimento dos trabalhos de construção das obras será mostrado a seguir,por meio das ilustrações.

Após a elaboração das maquetes, o primeiro ato será a digitalização do modelo físico.

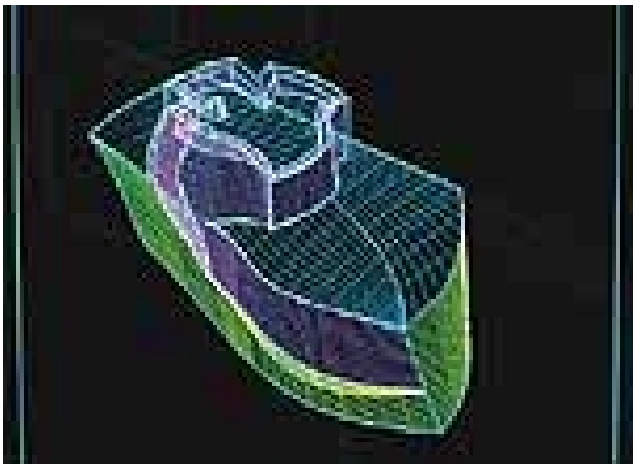
**Passo 1:**

Digitalização do modelo físico

Esta etapa produz uma série de pontos na tela do computador que, justapostos criam um contorno lembrando grosseiramente o contorno do modelo físico. Esses pontos são então manipulados por uma limpeza e uniformalização das informações obtidas anteriormente.

Após essa fase, obtêm-se as linhas externas que formarão o volume arquitetônico e que correspondem ao segundo passo dos trabalhos.

**Passo 2:**



**Modelo da superfície**

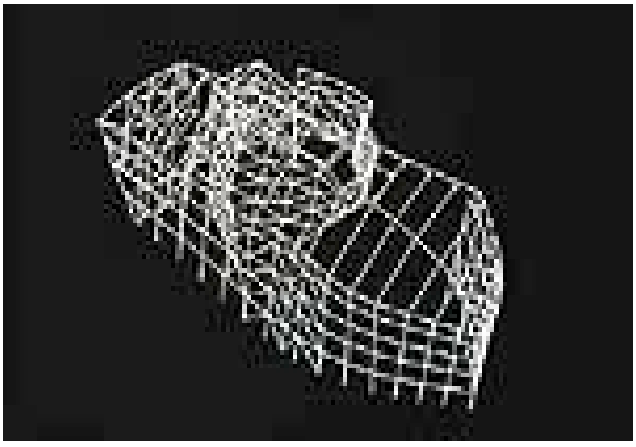
O modelo construído será transformado no terceiro passo em superfícies opacas (no caso, essas superfícies representam a forma das chapas de titânio) e representará a superfície externa do modelo físico.

**Passo 3:**

Modelo da superfície transformada em superfície opaca

Após a definição das superfícies externas, o quarto momento das atividades será a procura de um esqueleto estrutural (estrutura primária) que suporte a superfície definida anteriormente. Para Bilbao, esta etapa representou uma espécie de mapa do esqueleto metálico da edificação.

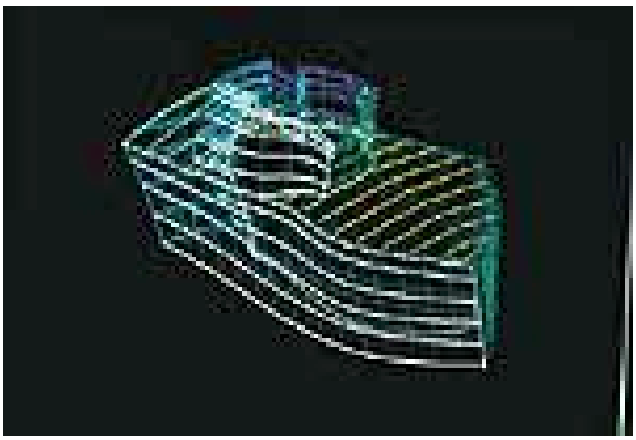
**Passo 4:**



Definição da estrutura primária

O próximo procedimento será a definição de uma estrutura secundária

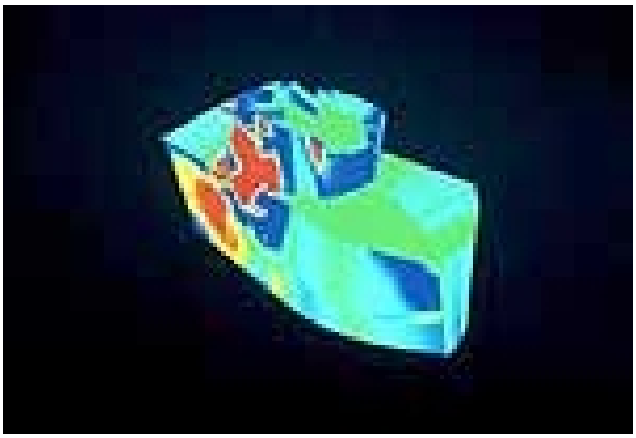
**Passo 5:**



Definição da estrutura secundária

No caso de Bilbao, a estrutura secundária é parte da estrutura que suporta a superfície de aço galvanizado, que significa a camada suporte do sistema de revestimento. A definição dessa superfície e de suas respectivas estruturas permite analisar as curvaturas resultantes, atividade inserida nesta etapa dos trabalhos, ou seja passo 5.1.

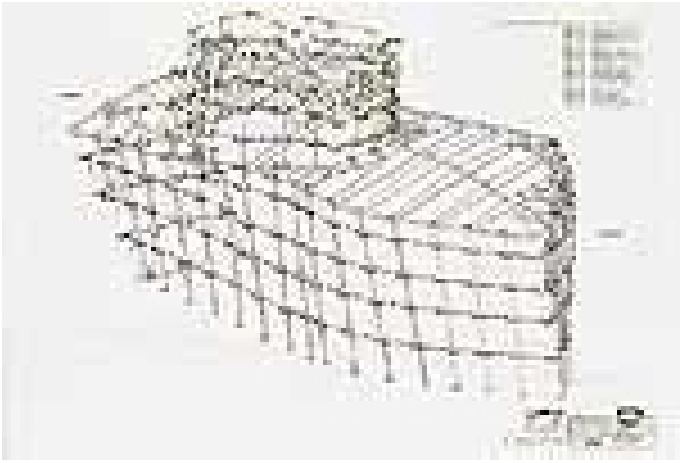
**Passo 5.1.**



Análise da curvatura

A análise da curvatura refere-se ao orçamento da edificação. Desenvolve-se esta etapa no sentido de se determinar de que maneira os painéis de metal aderem-se a essa superfície, sendo que essa aderência se dá de maneira natural ou então o metal precisa ser prensado para que se adapte a uma determinada curvatura. Sabe-se que o material prensado é mais caro. O estudo permite opções a respeito desses aspectos. Após as análises, na etapa seguinte serão gerados os desenhos executivos.

**Passo 6:**



Desenhos de produção

Nesta etapa, o modelo computadorizado pelo CATIA, auxiliado pelos programas convencionais CAD, é empregado para gerar os desenhos de produção da edificação, chegando-se à última etapa dos trabalhos - a obra construída.

**Passo 7:**

Edificação acabada

As possibilidades introduzidas pela micro-eletrônica se configuram enormes e, possivelmente, esse seja somente o começo de uma grande transformação.

Nos últimos 15 anos, a produção do projeto arquitetônico transformou-se completamente; o que parecia uma ficção se tornou realidade. Desapareceram os desenhos à nanquim e as cópias heliográficas se assemelham a peças de museu. Entretanto, mesmo nos espaços de trabalho que têm acesso às tecnologias mais desenvolvidas o croqui continua parte fundamental nessa produção, como se pode observar no exemplo acima citado. Frank Gehry exemplifica bem essa constatação ao iniciar seus estudos a partir do croqui, fundamental no diálogo criação/espaço arquitetônico.

Coqui de Frank Gehry para o Museu Guggenheim - Bilbao

Coqui de Frank Gehry para o Museu Guggenheim - Bilbao[160]

[160] Id. Ibid.

# CAPÍTULO III

# PRODUÇÃO DO PROJETO ARQUITETÔNICO E MERCADO DE TRABALHO

Wright é um mágico, ele detém a chave dos mistérios mais secretos da natureza. M. Kauffmann não é um mágico, mas ele possui muitos dólares e imaginação para se permitir o privilégio de viver experiências excepcionais. O mágico conduz M. Kauffmann ao coração da floresta, próximo de uma cascata, num lugar solitário onde não se escuta nada além do borburinho da água e do balançar das árvores.

Giulio Carlo Argan[161]

[161] **ARGAN**, Giulio Carlo – *L´Art Moderne* – Paris: Bordas, 1992, pág. 380

O reconhecimento da existência do mercado de trabalho no qual é desenvolvido o trabalho do arquiteto, implica também no reconhecimento de uma das dimensões presentes na produção do projeto arquitetônico: trata-se de uma mercadoria e enquanto tal é portador das contradições inerentes ao mundo das mercadorias.

A análise das entrevistas e depoimentos dos arquitetos na Revista AU, no período enfocado nesse projeto – 1985 a 2000 - , permite maior compreensão das contradições presentes no processo de produção dessa singular mercadoria, entre as quais destaca-se a competitividade, cada vez mais acirrada, intensa, no contexto da globalização; as formas que assumem o *marketing*[162] no trabalho do arquiteto; a compreensão por parte do profissional arquiteto de sua produção enquanto negócio, geradora de lucro e da apropriação do trabalho de outros profissionais e trabalhadores. A relação com o cliente está presente em todas essas dimensões e nas falas analisadas ele aparece também de diversas formas, complementares, contraditórias, ora como mecenas, ora como usuário que o arquiteto tem a missão de educar, ora como usuário a ser atendido, respeitado, interpretado pelo profissional arquiteto, ora como consumidor necessário à realização do projeto. Historicamente, é a partir da relação com o cliente que se encontra a origem do processo, a possibilidade do arquiteto criar e desenvolver novas soluções expressas no projeto arquitetônico.

[162] **FERREIRA**, Aurélio Buarque de Holanda – *Novo Aurélio século XXI – o dicionário da língua portuguesa- 3ª edição*- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999 , pág. 1289– Neste trabalho o signifcado da palavra marketing adotado é: "*Conjunto de estratégias e ações que provêem o desenvolvimento, o lançamento e a sustentação de um produto ou serviço no mercado consumidor*"

Apresentação do projeto de recuperação e acabamentos para o Louvre por Luis Visconti ao Imperador Napoleão III e a Imperatriz Eugênia, 1865[163]

A análise das representações elaboradas por arquitetos em depoimentos e entrevistas, na Revista AU - Arquitetura e Urbanismo revela a compreensão que esses profissionais expressam sobre arquitetura, bem como sobre as relações sociais e mercantis que são estabelecidas na sua produção; informa também, uma forma de ação no

[163] **JACQUES**, Annie – *La Carrière de L´architecte au XIX siécle* -Édicions de Réunion des Musées Nationaux, Paris, 1986 , pág. 4

contexto da prática profissional, freqüentemente marcada pela noção de *métier* e sua antítese, a noção de mercado.[164] *Métier*, sugere a idéia de saber, saber-fazer, de competência e portanto de possibilidades de organização social da transmissão do saber, de cooperação e de hierarquias no trabalho. Mercado sugere a confrontação entre oferta e procura, regulado por múltiplas racionalidades individuais que expressam o preço.[165] Assim concebidas, essas duas noções definem dois universos estranhos um ao outro, apontados por Catherine Paradeise ao analisar o exercício profissional do ator, profissão que mescla e tensiona arte, técnica e mercado, assim como o fazer arquitetura.

## Globalização, mercado e arquitetura

As entrevistas e depoimentos selecionados nos artigos da revista AU – Arquitetura e Urbanismo, permitem a análise da relação entre a produção do projeto arquitetônico e o mercado de trabalho do arquiteto, no período entre 1985 e 2000, no qual é observada a intensificação da

**164** **DURAND**, José Carlos Garcia - *A Profissão do arquiteto (estudo sociológico).* Tese de mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia da 5ª. Região (Guanabara), novembro de 1972; **DURAND**, José Carlos Garcia. ARTE, PRIVILÉGIO E DISTINÇÃO. *Artes Plásticas, Arquitetura e Classe Dirigente no Brasil, 1855/ 1985.* São Paulo: Editora Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1989. As análises pioneiras realizadas por Durand a respeito da profissão do arquiteto como objeto de análise sociológica contribuem para a compreensão dos objetivos desse trabalho, mesmo considerando que a singularidade do mesmo está na sua abordagem construída a partir da representação que os arquitetos elaboram sobre a prática profissional que desenvolvem. Nesse sentido, o referencial teórico que possibilita a análise desse objeto é construído, sobretudo, a partir da própria arquitetura, enquanto campo de trabalho, reflexão e desenvolvimento científico.

165 **PARADEISE**, Catherine- *Lês Comédiens. Profesion et marches de travail* – Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

globalização, fenômeno econômico com relevantes implicações sociais. As análises das contradições no processo de expansão da globalização e do ideário neoliberal têm se multiplicado, da mesma forma que os movimentos sociais que procuram denunciá-las propondo alternativas.

Bourdieu, sociólogo francês, define *globalization*, opondo-a de forma radical à tradição de internacionalismo. "*Palavra que, funcional como uma senha e uma palavra de ordem, é, com efeito, a máscara justificadora de uma política que visa universalizar os interesses e a tradição particulares das potências econômicas e politicamente dominantes, sobretudo os Estados Unidos, e estender ao conjunto do mundo o modelo econômico e cultural mais favorável a essas potências apresentado-o ao mesmo tempo como norma, um tem que ser e um fatalismo, destino universal, de modo a obter adesão ou, pelo menos, resignação universais*"[166]

O autor não explicita a participação dos países europeus, inclusive da França, nesse processo; no entanto, sua análise é relevante para os objetivos desse trabalho ao destacar a dimensão puramente comercial, mercadológica presente no processo de globalização e a ameaça que esta representa para a arte e para a cultura, que encontram na arquitetura uma das suas expressões. Explica melhor Bourdieu seus argumentos, inserindo-os nas análises por ele realizadas em outros trabalhos sobre a teoria de campos. "*Descrevi e analisei (sobretudo em meu livro intitulado As regras da arte) o longo processo de autonomização ao cabo*

[166] **BOURDIEU**, Pierre. *Contrafogos 2: por um movimento social europeu*; tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p.90

*do qual se constituíram, em um certo número de países ocidentais, esses microcosmos sociais que chamo de campos, campo literário, campo científico, ou campo artístico: mostrei que esses universos obedecem as leis que lhes são próprias (é o sentido etimológico da palavra autonomia) e que são diferentes daquelas do mundo social ambiente, sobretudo no plano econômico – o mundo literário ou artístico, por exemplo sendo amplamente independente, ao menos em seu setor mais autônomo, da lei do dinheiro e do lucro. Também insisti no fato de que esse processo nada tinha de uma espécie de desenvolvimento linear hegeliano e que os avanços rumos à autonomia podiam ser interrompidos subitamente, como podemos ver todas às vezes em que se instauraram regimes ditatoriais capazes de confiscar as conquistas passadas do mundo artístico*."

A arquitetura sempre teve seu campo fortemente marcado pelo desejo de quem solicita o projeto, seja um cliente particular, como descreve Argan ao se referir a relação entre Wright ( arquiteto mágico) e Kauffmann (cliente que possui muitos dólares e imaginação para se permitir o privilégio de viver experiências excepcionais) ou o Estado, como reconta José Wolf, a propósito da relação entre Niemeyer e Juscelino, na elaboração dos primeiros croquis do Palácio da Alvorada, em Brasília.[167] *"Ao ser convidado por JK para construí-la (Brasília), o jovem Oscar Niemeyer, por sua vez, aceitou o convite. E sorriu quando o presidente lhe disse, em tom de brincadeira, que lhe daria a mesma*

[167] **WOLF**, José – *Ano Zero* - AU, ano 1, abr. 85, n. 2, pág. 7

*oportunidade que JULIO II havia proporcionado a Miguelangelo, o arquiteto, pintor e escultor do Renascimento. `O que eu quero, Niemeyer, é um palácio que, daqui a 100 anos, ainda seja admirado!' disse-lhe JK, ao recusar o projeto original do Palácio do Planalto, o Alvorada.*

*O próprio JK conta o episódio em seu livro`Por que construí Brasília', onde confessa que, embora fosse uma obra-prima de concepção artística, o edifício não refletia no seu conjunto o que, de fato, desejava'.*

*Depois de uma noite em claro, Niemeyer volta com um rolo de papel vegetal debaixo do braço. Quando estendeu a planta sobre a mesa, Juscelino não se conteve. `Ali estava - escreve ele - um edifício que era uma revelação - leveza, grandiosidade, lirismo e imponência, as qualidades mais antagônicas se mesclavam, interpenetravam-se, para realizar o milagre da harmonia do conjunto' "*[168]

Assim, cabe indagar qual a autonomia da arquitetura na singularidade de seu campo para, em seguida, questionar o que há de novo no contexto da globalização que ameaça a arquitetura enquanto expressão cultural.

Bourdieu auxilia na construção da resposta à segunda pergunta e possibilita reflexão a respeito da primeira. "*Mas, o que acontece hoje, no conjunto do mundo desenvolvido, nos universos de produção artística, é algo verdadeiramente novo e sem precedente: com efeito, a*

[168] Ib. Ibid loc. cit.

*interdependência, conquistada com dificuldade, da produção e da circulação cultural em relação às necessidades da economia se vê ameaçada, em seu próprio princípio, pela intrusão da lógica comercial em todos os estágios da produção e da circulação dos bens culturais"*[169]

O paroxismo do mercado ameaça as possibilidades de autonomia na arquitetura enquanto expressão cultural. Desenha-se assim uma caricatura com fortes traços das contradições presentes, desde os primórdios, no fazer arquitetura, entre arte, técnica e mercado. Ou seja, contradições que sempre marcaram o *métier* do arquiteto, hoje, se intensificam. Fayet, em depoimento à revista AU, reitera essa problemática alertando para "(...) *o crescente risco que se corre nesse inevitável processo de globalização, por meio de acordos de comércio e serviços, em âmbito internacional; de ver a arquitetura como simples prestação de serviços, numa visão puramente mercadológica, não levando em conta sua componente cultural*"[170]. Corroborando com a preocupação de Fayet e constatando que são poucos os textos críticos sobre a produção atual da arquitetura, Décio Pignatari entende que a ênfase do projeto arquitetônico como mercadoria tem prejudicado o próprio desenvolvimento da arquitetura: *"...os arquitetos, a pretexto de salvaguardar o mercado, mesmo em oposição ideológica, evitam a crítica*"[171].

[169] **BOURDIEU**, Pierre. op. cit. pág. 81

[170] **FAYET**, Carlos Maximiliano – *Em nome do consenso* – AU, ano 14, ago-set 98, n. 79, pág.30

[171] **WOLF**, José – *Entrevista Décio Pignatari* - AU, ano 5, out-nov89, nº 26, pág. 66.

## Arquitetura, Competitividade e Marketing

A intrusão da "lógica comercial" a que se refere Bourdieu, antecede qualquer estágio da produção; constitui mesmo pré-condição do processo de produção do projeto arquitetônico.Diferentes estratégias elaboradas na procura (e, ou disputa) pela oportunidade de trabalho são apontadas pelos arquitetos nas revistas analisadas; assim, projetar todos os trabalhos considerando-os de forma singular, "obra única", participar de concursos, criar e desenvolver projetos atentos a qualidade de todas as etapas, são ações concretas consideradas necessárias na busca de novos trabalhos.

Os arquitetos da equipe de Hermano Freitas afirmam: "*o grupo encara cada projeto como oportunidade para realização de uma obra única, ao mesmo tempo que reconhece nessa postura um dos fatores fundamentais de sobrevivência profissional frente a um mercado oscilante como o nosso*"[172]. Diante dessa questão, o arquiteto representante do escritório Itapeti informa que "*´não dá para ficar sentado a espera de trabalho, temos que fazer"* e justifica essa colocação por compreender que *" (...) o próprio projeto representa o elemento gerador, o eixo central da produção da equipe e da carteira de clientes. Como círculos concêntricos, o trabalho tende a multiplicar-se a partir da obra construída. (...) ´sempre existe alguém a observar uma casa, uma*

[172] **NOBRE**, Ana Luiza – *Fábrica arquitetura*- AU, ano 6, ag-set 90, nº 6, pág. 64.Reportagem sobre escritório dos arquitetos: Hermano Freitas, João Calafate, Pablo C. Benetti e equipe

*construção, depois vai perguntar ao mestre-de-obras - quem fez? E, finalmente, acaba batendo na porta do escritório para pedir outro projeto´"*[173].

Não se trata de fazer por estar fazendo arquitetura, postura considerada perigosa, um risco a ser vivido no mercado. É importante, destacam alguns depoimentos, estar atento aos "diferenciais de trabalho" (ou a qualidade do trabalho) quer seja para expandir as atividades ou sobreviver em épocas de crise. Nesse sentido Rezende propõe um trabalho diferençado: " (...), *nós, profissionais, devemos manter uma postura autocrítica em relação as nossas condições de competitividade tentando buscar diferenciais de trabalho que possibilitem um crescimento em épocas de mercado normalizado, ou mesmo de "sobrevivência" em épocas de crise como a atual*.[174]

As estratégias acima elencadas são entendidas hoje como estratégias e ações de marketing, cujo uso é recente historicamente , pois, como afirma Teperman, em meados dos anos noventa, "*era muito feio profissionais liberais propagandearem seus serviços. Os códigos de ética consideravam isso uma grande ofensa. O mundo mudou e a competição tornou-se agressiva. Todos passaram a falar em marketing de serviços.*"[175].

O arquiteto integrante do Escritório Piratininga reitera a posição

[173] **WOLF**, José – *Itapeti- Triângulo quase perfeito - (Escritório arquitetos Fausto Torneri, José Tabith Jr. e Carlos Eduardo Bianchini)* - AU, ano 4, out-nov 88, nº 20, pág. 96.

[174] **REZENDE**, Ronaldo - *Cenário* - AU, ano 6, jun-jul 90, nº 30, pág.20

[175] **TEPERMAN**, Sérgio – *Doces caseiros & Projetos de arquitetura* – AU, ano 11, out-nov 96, pag. 96.

de Teperman, resgatando especificidades. "*Oficialmente, não se trata de marketing, mas tecnicamente sim, a semelhança do que ocorre com uma agência de publicidade, saimos a procura de uma conta para gerenciar. Ou seja, procuramos abordar o mercado no momento oportuno, apresentando nossos projetos aos clientes potenciais*"[176].

No entanto, se alguns depoimentos expressam o reconhecimento da preocupação dos profissionais com estratégias mercadológicas, outros (ou ao mesmo tempo) revelam também preocupação com a ênfase atribuída ao marketing em detrimento da qualidade do projeto. Nesse sentido, Repsold e Peixoto falam de seus trabalhos, salientando: "(...) *O marketing vem através da boa obra e deve divulgar o exercício profissional. O arquiteto que faz marketing pessoal está condenado ao ostracismo*",afirma Repsold..

A arquitetura de traços marcantes também pode ser um ótimo "*out-door*" para o arquiteto. Fernando Peixoto destaca que seus trabalhos são realizados com linhas e cores significativas, funcionam como peças publicitárias. "*Minha obra é facilmente identificada pelo consumidor final, pelo público e não apenas pelo construtor, o que é uma conquista. Diria que sou" pop"*[177].

O arquiteto Tito Livio Fraschino salienta o papel regulador do mercado, ao afirmar que existe uma "*lógica ligada ao mercado, à pesquisa, a localização da obra e ao próprio perfil do comprador (...) O arquiteto que desconhece o outro lado do balcão não consegue fazer a*

[176] **WOLF**, José – *Gestão aberta (Piratininga Arquitetos Associados)* - AU,ano 8, fev-mar 92, nº 40 pág. 84

*obra, (...) existem resistências e também estímulos que vem do setor imobiliário, que o profissional precisa saber aproveitar. Em suma, não se faz o que se quer mas o que se pode*".[178] Relativiza assim a possibilidade de autonomia na elaboração do projeto, circunscrevendo-a ao que "pode ser feito", num contexto de mercado.

Teperman reafirma a aceitação dessa lógica reguladora quando se refere a AsBEA- Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura: "*são todos macacos velhos e entendem que a vida profissional se diferencia muito dos róseos tempos da faculdade e que interferências políticas, sociais, comerciais no mercado de trabalho são parte do jogo. Os arquitetos têm por hábito imaginar 'quem é o melhor arquiteto', mas esse dado na batalha do dia-a-dia constitui apenas mais um, é muito subjetivo e relativo. É necessário também ser o melhor profissional, o mais confiável, o mais bem relacionado, etc. Profissionais com muita tarimba entendem esse fato e o aceitam como normal, evitando maiores discussões dentro da Associação*".[179]

No final da década de noventa, discutindo mercado de trabalho, a competição entre profissionais e a rentabilidade na produção do projeto arquitetônico, Maffei, em artigo publicado na edição da revista AU de abril-maio de 2000, afirma que alguns "*culpam a globalização. O vale-tudo profissional teria achatado, para menos, a componente*

[177] **BENVENGO**, Luciana – *Você é bom de marketing?* – AU, ano 15, ago-set 99, nº 85, pág. 98.

[178] **WOLF**, José – Arquitetura – 2 momentos - A respeito de Vasco de Mello/Tito Lívio Frascino e de Marco Antonio Gil Borso – AU, ano 7, jun-jul 91, nº 36

[179] **TEPERMAN**, Sérgio - *Sangue, suor e cerveja* - AU, ano 8,jun-jul 92, nº 42, pág. 81.

*mercadológica que envolve o contrato de prestação de serviços na área da arquitetura...Os escritórios não dominam o mercado por produzirem mais arquitetura do que os outros. Ou porque tenham mais talento do que os outros. Dominam porque sabem como compor os custos de maneira correta e se apóiam numa estratégia de marketing baseada numa metodologia apropriada. Numa palavra, sabem formular propostas objetivas que correspondem àquilo que o cliente deseja e quer..."*[180].Assim, reitera a dimensão mercadoria, presente no produto do trabalho do arquiteto - projeto arquitetônico - e, enquanto tal, divulgado por meio de ações e estratégias de marketing. Para tanto, não mais importa a qualidade cultural do trabalho ou talento de seu autor e sim a sua perfeita adequação ao consumidor, sua condição de gerar lucro e dessa maneira garantir uma fatia do mercado. Continuando, no mesmo artigo, Maffei afirma que o primeiro passo é "*definir o produto que vai-se vender ao cliente. Exemplo: O projeto de um edifício de quatro pavimentos. O arquiteto pode fazer dez, vinte ou trinta desenhos; vai depender do grau de detalhamento que se pretende ou que se exige. Mas não basta desenhar se não souber especificar, com clareza, o produto. Então, o mesmo edifício de quatro pavimentos pode ter um preço ou outro. Isso vai depender do que o profissional vai oferecer ao cliente*".[181]

Os escritórios de arquitetura têm sido reorganizados administrativamente para atender às exigências de competição acirrada. Alguns depoimentos demonstram com clareza essa preocupação. Assim,

[180] **MAFFEI**, Walter (consultoria) – *Digno metal* – AU, ano 16, abril-maio 2000, n.89, pág. 64/65

[181] Id.Ibid.loc.cit.

Luiz Cutait e Manoel Rodrigues Alves, preocupados com a fragilidade do isolamento que a concorrência individual pode significar, propõem fusões de interesses: "*Os escritórios, enfim, têm que estar mais bem preparados para se relacionarem com esse mercado, sendo necessário que se organizem e definam uma forma de aglutinação e representatividade*.[182]

Ronaldo Rezende, salienta também que para enfrentar a competição no mercado de trabalho, é necessário pensar reformas administrativas que privilegiem fusões. ".(..), *estamos viabilizando a associação de nossa empresa a outra do mesmo porte onde a tônica é o fortalecimento de posições comuns a estas e o crescimento nas faixas de atuação específicas.*[183]

Sergio Teperman, ao ser indagado como alguns escritórios americanos conseguem tanto espaço no mercado e tantos projetos, afirma que "a *resposta a essa pergunta é, simplesmente "marketing" e é dada magistralmente, com toda honestidade, por Philip Johnson: eu sou uma prostituta e me pagam bem*"[184].

No universo da competição, o arquiteto revela-se, algumas vezes, sem perspectivas, como bem ilustra o depoimento de Borsoi: "No quadro do mercado privado, constata-se um quase vale tudo para todas as necessidades e gostos, com os arquitetos numa desesperada busca de espaço de atuação, para isso valendo-se dos mais variados argumentos e

[182] **CUTAIT**, Luiz; **RODRIGUES ALVES**, Manoel - *Cenário* - AU, ano 6, jun-jul 90, nº 30 pág. 19

[183] **REZENDE**, Ronaldo - *Cenário* - AU, ano 6, jun-jul 90, nº30, pág. 20

[184] **TEPERMAN,** Sergio – *Pré-obsoleto* - AU, ano 2, out-nov.86, nº 8, pág. 44

imagens ditadas pelas modas arquitetônicas,...".[185]

Nessa disputa pelo mercado, o arquiteto torna-se também um aliado do empresário, caminha "*ombro a ombro*" com ele e, muitas vezes, o resultado de seu trabalho é utilizado como marketing para a venda de áreas construídas pela especulação imobiliária. [186] Fiúza também destaca esse aspecto: (...) "*Assim, não me assustei com o mercado. Pelo contrário, trazia o entusiasmo de alguém que começava e isso facilitou... O 'boom' trouxe isso de bom: ampliou esse espaço (participação na obra). O arquiteto hoje, é um profissional que vende (não vamos ter medo de dizer isso,...) e o empresário sabe disso*".[187] Da mesma opinião, enfatizando a necessidade do profissional ser "realista", Jerônimo & Pontual Arquitetos afirmam que "*...é imprescindível essa visão em determinados projetos*".[188]

Em oposição a essa atitude, acreditando não ser possível manter a qualidade do trabalho, alguns arquitetos preferem se afastar do mercado imobiliário e enfatizar a qualidade como forma de marketing. Os arquitetos Luiz Humberto e Neílton Doria afirmam que o escritório deles "*conquistou junto ao mercado a imagem de uma 'empresa de arquitetura' preocupada com a qualidade de seus projetos, grande parte deles dirigida ao setor privado (...). Essa atitude de privilegiar a*

[185] **BORSOI**, Marco Antonio - *Cenário*- AU, ano 6, jun-jul 90, nº 30, pág. 19

[186] **HISSA**, José N.; **HISSA**, Francisco - *A nível da realidade* - AU, ano 4, out-nov 88, nº 20, pág.60 Publicação de projetos

[187] **FIUZA**, Luiz – *Não basta a parte* - AU, ano 4, out-nov 88, nº 20, pág.66

[188] **JERÔNIMO & PONTUAL** Arquitetos – *A estrutura como expressão essencial* - AU, ano 5, out-nov 89, nº 26, pág. 112.

*qualidade e não o lucro imediato motivou o afastamento do escritório do mercado essencialmente imobiliário, cuja dinâmica limita o tempo de "se pensar" melhor o projeto"*[189].

## O arquiteto, a arquitetura e o cliente

O projeto e a obra arquitetônica são frutos da relação cliente-arquiteto. Como afirma Cuff, na "*criação de qualquer trabalho arquitetônico, não existem atores mais importantes que o arquiteto e o cliente*"[190]. O arquiteto, como profissional, depende da encomenda (cliente e ou usuário) para que possa exercer suas atividades e o cliente depende do arquiteto para realizar seus empreendimentos, sejam eles necessidades de abrigo, sonhos ou instrumentos comerciais visando lucros. "*Projetar implica a existência de um dono da obra, de uma encomenda. O arquiteto que não tem encomenda o que vai fazer?*.[191]

Cuff, analisando a relação arquiteto-cliente nos Estados Unidos, salienta que, apesar de sua inegável importância, o tema ainda não foi suficientemente estudado: "*será necessário que sejam feitas muitas pesquisas para que essa relação seja compreendida*"[192]. Efetivamente,

[189] **SIMÕES**, Bené – *Além da régua e compasso/Escritório de Luiz Humberto e Neílton Dórea* - AU, ano 5, ago/set 89, nº 25, pág. 98.

[190] **CUFF**, Dana – *Architecture: The story of practice* – Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1991 pag. 171 ( tradução do autor)

[191] **SIZA**, Alvaro - *Entrevista* - AU, ano 5, dez-jan 89, nº21, pág.58

[192] Id. Ibid. loc. ct.

poucas são as referências ao tema, tanto na história como nos textos atuais que analisam arquitetura.

O cliente tem tido um papel significativo na produção da arquitetura contemporânea, seja interferindo de forma a prejudicar o resultado do trabalho, ou contribuindo para a realização das melhores obras arquitetônicas. Para Gasperini: *"O cliente é o espelho de uma sociedade (...) .Atrás de cada cliente existe um espelho do que ele representa.Então, não adianta dar ao cliente o que ele não pediu. Se lhe pede uma casa burguesa, não adianta vir com a idéia de uma residência de caráter social. Acho isso um abuso antiprofissional, antiético, embora você possa criticar a visão de seu cliente"*[193].

A relação cliente arquiteto é multifacetada; se, por um lado é a partir do cliente (e ou usuário) que a arquitetura adquire condições de realização, por outro lado, a relação entre ambos é potencialmente marcada por tensões. Considerando a responsabilidade social e cultural do arquiteto quanto ao desenvolvimento da sociedade, muitas vezes a relação mostra-se conflituosa, principalmente quando o arquiteto passa a ser ou a se compreender como uma peça a mais na engrenagem da produção do espaço para consumo. Nesse sentido, Maitrejean salienta que *"..., a partir da segunda Guerra houve terríveis transformações sociais, um exagerado consumismo e nós, como arquitetos, não percebemos o que estava acontecendo. O cliente passa a ter razão como*

[193] **WOLF**, José - *A América, terra distante* (entrevista com Gian Carlo Gasperini) - AU, ano 3, ag-set 87, nº13, pág. 12

*em qualquer loja. A arquitetura perdeu o cunho ideológico para se tornar arquitetura de "griffe", destinada a certas pessoas*"[194]

A partir de então, cada vez mais a competitividade no mercado se intensifica; nele os clientes são também cada vez mais disputados.

Os depoimentos dos arquitetos na revista AU referem-se a essa complexa relação resgatando dimensões consideradas *sine qua non* para o seu desenvolvimento. Por essa razão é compreendido que "o cliente precisa se identificar com o arquiteto"; o cliente, para que permaneça cliente, "precisa ser atendido na sua demanda"; "o cliente precisa participar, exigir e emitir opiniões"; o cliente interfere no trabalho "tanto contribuindo com o resultado do trabalho como o prejudicando"; o cliente "é necessário, mas quando o profissional é competente ele tem condições de desenvolver um bom trabalho qualquer que seja o tipo de encomenda"; o cliente "rejeita o arquiteto quando suas intenções não são aceitas", ou mesmo, se "colocam de maneira antagônica aos princípios culturais do arquiteto" ou ainda, o cliente pode ser considerado "*generoso*" ao fazer a encomenda.

Guedes reconhece que o papel do cliente é fundamental para a produção da arquitetura: "*não há grande arquitetura sem um grande cliente e sem um perfeito intérprete da sociedade*"[195]. O arquiteto é, portanto, considerado intérprete dos desejos do cliente, "espelho da sociedade", o que é corroborado por Niemeyer quando se refere a

[194] **MAITREJEAN**, Jean - *Sem (essa) estética* - AU, ano 2, ag. 86, nº 7, pág. 44.

[195] **GUEDES**, Joaquim – *Por uma nova cidade* - AU, ano 1, abr. 85, n. 2, pág. 67

importância de Kubitschek em sua obra: " *Trabalhei toda a vida com JK. Primeiro, em Pampulha, quando ele era prefeito; depois quando governador de Minas Gerais e por fim em Brasília que foi a continuação natural desse longo período de boa compreensão e amizade. Pampulha foi o meu primeiro projeto*"[196].

Cuff reitera a importância da participação do cliente no processo de produção do projeto arquitetônico, afirmando que "*há evidências que os melhores edifícios tiveram a participação de clientes ativos e com intenções claras*"[197]

O cliente precisa ser atendido em suas necessidades, informa Lucio Costa, regatando outra dimensão na relação cliente-arquiteto: "*Cabe, pois, ao arquiteto ordenar o espaço construído visando ao bem estar do usuário e seu conforto psíquico*"[198]. No mesmo sentido, Fayet acrescenta ainda o compromisso cultural do profissional arquiteto: *"...cliente do arquiteto tem o direito de receber do arquiteto uma obra que lhe seja adequada. Adequada do ponto de vista do atendimento do seu programa de necessidades, adequada do ponto de vista da observância de suas possibilidades financeiras, adequada do ponto de vista da sua manutenção e durabilidade, adequada do ponto de vista da sua contribuição cultural*"[199].

[196] **NIEMEYER**, Oscar - *Depoimento* - AU, ano 1, abr. 85, nº 2, pág. 42.

[197] **CUFF**, Dana – *Architecture: The story of practice* – Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1991 pag. 171 ( tradução do autor)

[198] **SABBAG**, Hayfa Y. - *A beleza de um trabalho precursor, síntese da tradição e da modernidade* - AU, ano 1, jan. 85, nº 1, pág. 15

[199] **FAYET**, Carlos – *Profissão arquiteto – em busca de uma definição legal - (entrevista a José WOLF*).- AU, ano 2, fev.86, nº 4, pág. 42.

Eolo Maia referenda essa posição em relação ao cliente e suas necessidades e exigências, ao destacar que: "*Cabe ao arquiteto colocar frente ao morador espaços familiares as suas aspirações, cheios de surpresa e tranqüilidade para se possuir maior consciência e amor ao espaço habitável*"[200]; da mesma forma, Zanine Caldas acrescenta que cada obra tem "*um projeto específico, que corresponde aos desejos dos clientes...*"[201]. Para Hermano Freitas e seus sócios, "*O fazer arquitetura é uma tarefa muito intuitiva, que passa antes de tudo pela satisfação do cliente e do usuário*"[202].

O respeito à vontade, aos desejos, à história de vida dos clientes vão sendo destacados nos depoimentos analisados. Venturi, citado por Décio Pignatari afirma que o arquiteto precisa fazer a " *casa que o cliente quer e não aquela que o arquiteto impõe*"[203], opinião compartilhada pelo grupo de Mario Biselli: "*O profissional deve ter humildade para ouvir a experiência do cliente, deixar de ser estrela e, em alguns momentos, se comportar como um aluno"*. No mesmo sentido, os arquitetos Piva e Sophia entendem que o trabalho que realizam "*não tem a intenção de se prender a modelos pré-concebidos, idealizados fora da realidade do cliente ou da nossa própria realidade...*".[204]

[200] **PEDREIRA**, Livia A. – *Das Minas das cores e da liberdade (entrevista com arq. Éolo Maia)* - AU, ano 2, fev.86, nº 4, pág. 49.

[201] **NOBRE**, Ana Luiza – *Da tradição à alta tecnologia - (a respeito de José Zanine Caldas)*

[202] **NOBRE**, Ana Luiza – *Fábrica arquitetura* – AU, ano 6, ag-set 90, nº 6, pág. 64.

[203] **SABBAG**, Haifa Y. – *"Kitsch é ser Mies" - (Entrevista com Decio Pignatari, Dinah Guimaraens e Lauro Cavalcanti)* - AU, ano 2, out-nov.86, nº 8, pág. 48.

[204] **PIVA**, Ricardo & **SOPHIA**, Paulo – *Uma escola sem muros* - AU, ano 5, dez-jan 89, nº21, pág. 48

O cliente interfere na produção do projeto como observa Wolf, em análise já citada anteriormente neste capítulo, sobre o trabalho de Niemeyer: *"O que eu quero, Niemeyer, é um palácio que, daqui a 100 anos, ainda seja admirado!" disse-lhe JK, ao recusar o projeto original do Palácio do Planalto, o Alvorada. O próprio JK conta o episódio em seu livro "Por que construí Brasília", onde confessa que, embora "fosse uma obra-prima de concepção artística, o edifício não refletia no seu conjunto o que, de fato, desejava".Depois de uma noite em claro, Niemeyer volta com um rolo de papel vegetal debaixo do braço. Quando estendeu a planta sobre a mesa, Juscelino não se conteve. "Ali estava - escreve ele - um edifício que era uma revelação - leveza, grandiosidade, lirismo e imponência, as qualidades mais antagônicas se mesclavam, interpenetravam-se, para realizar o milagre da harmonia do conjunto".*[205]

Não só os desejos e a visão de mundo dos clientes interferem na elaboração do projeto; o orçamento disponível, pré-estabelecido, é fundamental também. Reiner, arquiteto, destaca essa questão ao afirmar que "*não existe uma liberdade total pois outras injunções sempre interferem, como interesses do cliente, orçamentos etc*"[206].

A interferência do cliente no processo de produção da arquitetura é também considerada positiva, não como limite, mas como possibilidade de interações que podem significar gratificação e satisfação. Luis Paulo Conde, compreende que a participação do cliente é fundamental, além de

[205] **WOLF**, José – *Ano zero* - AU, ano 1, abr. 85, nº 2, pág. 7.

[206] **SABBAG**, Haifa Y. – *Lélio Machado Reiner* - AU, ano 2, fev.86, nº 4, pág. 32

possibilitar resultados "satisfatórios e gratificantes"[207]; da mesma forma, Victor Lotufo, em entrevista à Hayfa Sabbag, salienta que "*procura fazer do cliente um participante ativo*"[208]. Alvaro Siza, complementa a necessidade já referida dessa prática: "*Quando me refiro a cliente, penso naquele que participa, exige e emite suas opiniões*"[209].

O arquiteto se sente prestigiado quando o cliente o apóia chegando mesmo a interpretar tal atitude como "generosidade", como Niemeyer , referindo-se ao cliente que possibilitou ao jovem arquiteto projetar Pampulha. "*..., fiz o que foi possível fazer, com o maior desvelo e honestidade. Uma grande experiência que meu amigo JK generosamente me ofereceu*"[210]

Reiterando e enfatizando a importância do apoio do cliente para o bom desempenho do projeto, Oswaldo Bratke destaca que "*nesse ponto, fui muito feliz, porque eles não queriam um acampamento e, como bom brasileiro eu queria uma cidade exemplar*"[211]. Refere-se ao projeto ICOMI, realizado no Amapá, na década de 60. Bratke afirma também a necessidade de harmonia entre as crenças e anseios na relação arquiteto e cliente. "*Os anseios do cliente são os mais díspares. Frank Lloyd Wright disse que nenhum homem pode construir para outro homem que não crê*

[207] **SABBAG**, Hayfa – *Quando o espaço é personagem - (a respeito de trabalho do arq. Luis Paulo Conde)* - AU, ano 4, ab-maio 88, nº 17, pág. 25.

[208] **SABBAG**, Haifa Y. – *Parceiros no fazer (arquitetos: Vitor Lotufo, J. Marcos Almeida Lopes e Wagner Germano)* - AU, ano 4, ag-set.88, nº 19, pág. 90.

[209] **SIZA**, Alvaro - *Entrevista* - AU, ano 5, dez-jan 89, nº 21, pág. 58.

[210] **NIEMEYER**, Oscar - *Depoimento* - AU, ano 1, abr. 85, nº 2, pág. 42.

[211] **BRATKE**, Oswaldo – Nada se destroi - AU, ano 3, fev-mar.87, nº 10, pág. 41

*nele, pois o arquiteto é o intérprete daquele que quer exprimir algo que deseja, mas não o sabe fazer*"[212].

Sant'Anna reafirma a necessidade de participação do cliente enquanto possibilidade de relações significativas. "*Em contraposição à postura heróica e centralizadora se colocam opções mais abertas e generosas, que convidam o usuário a participar do processo decisório. Não existe uma solução pronta e acabada trazida de fora. Charles Moore coloca que é o usuário é quem define. O arquiteto só refina*"[213].

Os arquitetos Tito Livio Fraschino e Vasco de Mello entendem que a "*relação cliente/escritório se dá através da participação ativa de ambas as partes na formulação do programa, projeto e obra. Atitude que gera grande confiabilidade no cliente e usuário*"[214].

Filgueiras Lima acredita que o diálogo com o cliente deve se dar em qualquer circunstância, salientando que o arquiteto competente consegue realizar um bom trabalho em qualquer condição. Chega mesmo a afirmar que, por ser profissional pode dialogar com governos democráticos e autoritários. "*Sou um profissional e como tal tenho que atuar para a comunidade. Evidente que existem parâmetros em que mesmo nos governos a gente pode encontrar uma brecha para atuar. No tempo da revolução de 64 é claro que fui discriminado, até mesmo pelas minhas ligações com a Universidade de Brasília e com o governo João*

[212] **BRATKE**, Oswaldo – *Sobre uma possível aula* - AU, ano 5, fev-mar 89, nº 22, pág. 108.

[213] **SANT`ANNA**, Antonio Carlos, Jr. – *Entre dois amores (o afeto que se amplia)* - AU, ano 3, ag-set. 87, nº13, pág. 46

[214] **FRASCINO**, Tito Livio & **MELLO**, Vasco de – *Central de projetos –traço livre*- AU, ano 8, abr-mai 89, nº23, pág. 102

*Goulart. Essa situação permaneceu durante uns 5 anos, depois a minha participação passou a ser aceita pelos militares. Não que eu tivesse feito alguma concessão, simplesmente mantive meu trabalho profissional com o mesmo nível e nesses termos, é claro, que se consegue trabalhar com qualquer governo*"[215].

Wolf, jornalista da AU, ao pesquisar o mercado de trabalho do arquiteto salienta a existência de quatro componentes vitais interdependentes que norteiam a produção do projeto, sintetizando aspectos já apontados referentes a relação do projeto com o mercado. Em primeiro lugar, "..., *a solicitação de mercado. Se não existir a demanda, certamente não haverá obra arquitetônica*"[216]; Em segundo, destaca " *a massa crítica que envolve o trabalho, quando interage a experiência profissional de cada um e também dos agentes que colaboram com ele, através do pool de empresas. Qualquer experiência ou tema novo impõe um tipo de reflexão, em termos de know-how*"[217] Aponta, em terceiro, para a "*capacidade técnica que conseguimos mobilizar, dar soluções imediatas. Não podemos atender ao cliente de forma lenta*"[218] . Ao final, em quarto lugar, define que "*é a rentabilidade. O lucro. Quando se decide montar uma empresa, o lucro necessariamente está presente. Não se trata de um estúdio ou ateliê de artes, mas de uma empresa de*

[215] **FILGUEIRAS**, João – *A serviço do bem e do mal* - AU, ano 3, abr-maio.87, nº 11, pág. 18.

[216] **WOLF**, José – *Projeto de reconversão - (metodologia e mercado)* – AU, ano 10, abr-mar 94, nº 53, pág.96

[217] Id. Ibid. loc. cit.

[218] Id. Ibid. loc. cit.

*arquitetura que investiu capital*"[219]. Assim, Wolf salienta que a demanda do cliente (mercado), capacidade técnica e experiência profissional, rentabilidade e lucro, constituem a síntese da arquitetura enquanto negócio.

As entrevistas e depoimentos analisados neste capítulo possibilitaram a atualização da discussão sobre a relação entre mercado e produção do projeto arquitetônico, mostrando novas contradições, dificuldades e desafios para essa antiga polêmica, observadas no contexto da globalização, que caracteriza o presente momento histórico.

[219] Id. Ibid. loc. cit.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

# Considerações Finais

> "O primeiro ato de arquitetura não é pôr pedra sobre pedra, e sim pedra sobre um lugar, portanto transformar uma condição de natureza numa condição de cultura"
>
> Mario Botta[220]

> "(...), a partir da segunda Guerra houve terríveis transformações sociais, um exagerado consumismo e nós, como arquitetos, não percebemos o que estava acontecendo. O cliente passa a ter razão como em qualquer loja. A arquitetura perdeu o cunho ideológico para se tornar arquitetura de"griffe", destinada a certas pessoas"
>
> Jean Maitrejean [221]

A análise de depoimentos e entrevistas de 206 arquitetos selecionados em 91 exemplares da Revista AU – Arquitetura e Urbanismo, no período de 1985 a 2000, referenda a hipótese norteadora desta pesquisa. Assim, compreende-se que a tensão entre arte, técnica e mercado, presente no exercício da profissão do arquiteto desde o Renascimento, se intensifica no contexto da difusão da informática e do conjunto de relações econômicas e sociais denominado globalização.

[220] **BOTTA**, Mario – *Ética do construir* – Roma – Bari: Edições 70, 1996

[221] **MAITREJEAN**, Jean – *Sem (essa) estética* - AU, ano 2, ag. 86, n. 7, pág. 44.

Nesse contexto, a concorrência se intensifica e o mercado torna-se cada vez mais centralizador na organização das políticas públicas, econômicas e sociais.

Atualizar essa discussão significou incorporar novas temáticas que caracterizam o presente momento histórico, como informática e globalização; ao mesmo tempo outras foram re-elaboradas, como mercado e utopia, enquanto outras tantas permanecem candentes, como tensão entre arte e técnica. Dessa forma, este trabalho procurou contribuir para melhor compreensão do significado do exercício da profissão do arquiteto, não mais denominado "sábio" (Alberti), pelos conhecimentos técnicos e humanísticos requeridos. Estes, no entanto, permanecem fundamentais na elaboração do projeto; o desenho é ainda sua expressão mesmo sendo elaborado por lapiseiras ou por meio de softwares específicos, como o CAD ou CATIA.

A primeira observação a ser registrada é que a pesquisa constatou, como era de se esperar, a não existência de um ideário comum que caracterize o conjunto dos arquitetos entrevistados ou referidos na revista mas a presença, face aos mesmos temas, de posturas diversas engendradas por diferentes experiências vividas que ficaram plasmadas no imaginário, em representações e visões sociais de mundo. As singularidades das experiências dificultam a construção de generalizações conclusivas; no entanto, alguns aspectos podem ser destacados, contribuindo para a melhor compreensão da profissão do arquiteto na atualidade, sobretudo no Brasil. Assim, nessas

considerações finais serão recuperadas as principais reflexões que foram possíveis de serem apreendidas no decorrer do trabalho analítico.

A elaboração do projeto enuncia, sem dúvida, processos de normalização e regulamentação da profissão; mas exprime, sobretudo, o desenvolvimento das ciências exatas e humanas, a *expertise* do profissional para incorporá-las, sensibilidade para interpretar a relação entre o momento histórico e o programa previamente estabelecido com o cliente. Por todos esses fatos, a realização do projeto arquitetônico implica, até o presente momento, na dupla dimensão já apontada por Alberti, no século XV – arte e técnica.

A arquitetura é arte, observa-se de forma unânime nos depoimentos analisados. Apesar de concordantes com essa dimensão, os arquitetos questionam, a partir de três interferências decisivas, se é possível considerá-la enquanto tal. Nesse sentido, foi observado que esses profissionais indagam, em primeiro lugar, quais as relações possíveis entre arte e qualidade do projeto; em segundo lugar, questionam a relação entre arte, arquitetura e mercado para, finalmente, indagarem pelas relações de produção que concretizam o projeto arquitetônico. Assim, conclui-se que, se é possível considerar arquitetura como uma expressão artística; não o é incondicionalmente - faz-se necessário polemizar esta questão.

Considerando arquitetura como expressão cultural de um determinado povo, em um determinado local e, num determinado momento, pode-se afirmar que toda expressão espacial assim produzida é

arquitetura. Desta forma, tanto a edificação espontaneamente produzida (arquitetura sem projeto, aquela que o homem executa para seu próprio abrigo), como a edificação resultado de projetos, qualquer que seja seu autor, deve ter o *status* de arquitetura. O palácio do governo, a fábrica, o edifício comercial, a casa, o barraco da favela, são todos elementos de um mesmo espaço urbano ou rural e, da mesma forma, representam uma sociedade com suas contradições, idiossincrasias, qualidades, defeitos, etc. Um verdadeiro retrato cultural de um momento, um produto social, ou, como afirma Pini, "*a revelação de um povo*".

O reconhecimento que arquitetura é cultura e que expressa uma sociedade "*imperfeita e instável*" levou vários arquitetos a manifestarem as angústias e sonhos por se reconhecerem intérpretes utópicos dessa mesma sociedade.

Os depoimentos que analisam arquitetura na sua dimensão utópica, ou melhor, de "idéias força", no sentido de expressar o desejo de mudança, ou o simulacro de uma sociedade possível, referem-se aos anseios dos arquitetos por uma sociedade mais justa na qual ele fosse o responsável pela criação e produção desses espaços. As condições que propiciaram as teses defendidas pelos modernos continuam presentes na sociedade atual; grande parte da população continua sem acesso à habitação e os espaços são produzidos, freqüentemente em função do capital, em detrimento das necessidades reais da sociedade. Os depoimentos refletem, também, essa angústia e expressam o anseio por mudanças estruturais da sociedade, mudanças que não foram possíveis,

no início do século XX, por meio da arquitetura como agente reformador e que se agravaram no presente momento, no qual o mercado e sua lógica racionalizadora assumem importância cada vez maior, submetendo as relações sociais às relações econômicas, aprofundando desigualdades em dimensões jamais observadas anteriormente.

A história mostrou que a arquitetura moderna não conseguiu implementar sua causa e transformou-se em estilo (como afirma Kopp) e, dessa forma, distanciou-se do seu papel transformador, submetendo-se, com freqüência às imposições técnicas e mercadológicas. Assim, foi possível verificar, nos depoimentos analisados, que os arquitetos compreendem arquitetura como arte concretizada na construção, que pode revelar utopias. No entanto, o fazem polemizando, argumentando, relativizando as condições nas quais esse trinômio se estabelece, informando diferentes dimensões dessa problemática. Talvez, por essa razão, reconhecem que arquitetura é arte, mas, dificilmente, se colocam na condição de artistas, como seria presumível.

A questão técnica na elaboração do projeto arquitetônico também foi objeto de análise nos depoimentos enfocados. O processo de produção do projeto de arquitetura modifica-se nestes últimos anos com a introdução das tecnologias derivadas da micro-eletrônica e desenvolvimento de softwares específicos que provocaram mudanças na elaboração da representação gráfica do projeto – o desenho; na relação entre os profissionais envolvidos na realização do projeto; na relação

com o cliente. Pode ainda significar o rompimento dos atuais limites do projeto e da própria arquitetura.

No que se refere ao processo de criação do projeto, o uso da informática aplicada significou no início, para alguns, uma ameaça; para outros, tão simplesmente uma lapiseira mais equipada, que em nada modificaria a concepção do projeto. Quanto ao desenvolvimento do projeto - um passo além da criação - inúmeras considerações vão sendo formuladas pelos arquitetos durante o processo de difusão dessa tecnologia que, em tão curto espaço de tempo – 40 anos- está assimilada pelos pequenos, médios e grandes escritórios de arquitetura.

No Brasil, a partir de meados dos anos 80, os computadores passam a fazer parte do trabalho de alguns arquitetos; equipamentos caros e pouco eficientes dificultaram a difusão rápida da nova tecnologia. O computador começa ser utilizado nos escritórios de arquitetura nos serviços administrativos e na produção dos insumos necessários à produção do projeto arquitetônico.

Nos depoimentos levantados no percurso dos 15 anos enfocados nessa pesquisa, percebe-se que o uso do computador no trabalho do arquiteto vai perdendo o caráter polêmico dos primeiros momentos; esse profissional é, cada vez mais, um usuário das inovações tecnológicas que se difundem. No final dos anos noventa, os depoimentos levantam novas questões, diferentes das formuladas nos anos 80: partindo da compreensão que essa tecnologia está incorporada à produção do projeto,

as discussões centram-se sobre que equipamentos ou programas deverão ser utilizados, suas potencialidades e adequações.

O domínio do programa e a possibilidade de racionalização do projeto passam a ser as questões centrais nos depoimentos dos arquitetos já a partir do final da década de 80; no entanto, a aceitação e o reconhecimento explícito dessa técnica foram precedidos por discussões, dúvidas, inseguranças que , pouco a pouco, vão perdendo relevância em razão do uso intenso do computador, possibilitando desmistificá-lo ou recolocá-lo em outra perspectiva; especialmente sua interferência no processo criativo do projeto arquitetônico.

Desejo, vontade, croquis, projeto. Essa discussão traz elementos passíveis de serem submetidos à lógica binária do computador, como o desenho em projeção ortogonal, base do desenvolvimento do projeto e refere-se também àqueles que não o são, como os utilizados na elaboração de croquis - base da criação do projeto.

A difusão do uso da computação na representação gráfica do projeto não substituiu o traço, reservado ao experimento, às tentativas, que vão sendo elaboradas e expressas nos croquis, espaço da criação. No entanto, são significativas as mudanças observadas após a definição dessa etapa, quando o croqui informa o desenho em projeção ortogonal.

Os croquis preliminares continuam a ser elaborados a partir do desenho produzido pela mão humana e sabe-se que, com raras exceções, os arquitetos continuam a trabalhar como sempre o fizeram,

desenvolvendo idéias por meio dos croquis. Apenas desenhos destinados à produção da obra construída são feitos com a utilização do computador.

Os programas disponíveis não atingiram, ainda, a capacidade de ler os croquis (representação visual de uma decisão abstrata) elaborados pelos arquitetos, ou mesmo, não permitem que esses croquis sejam feitos na tela da máquina. Ao se imaginar que o computador poderia transformar habilidades humanas em operações mecânicas, esqueceu-se que o processo de criação depende de variáveis sociais, econômicas, culturais presentes na formação do arquiteto.

No entanto, agilizar produção, racionalizar trabalho, otimizar tempos, reduzir tarefas manuais, são possibilidades que os arquitetos irão detectando e reafirmando em seus depoimentos e entrevistas já a partir do final dos anos 80. Ao mesmo tempo, esses profissionais vão se equipando e afirmando que o fazem para não perderem espaço no mercado de trabalho, imprimindo qualidade. Esse sentido de qualidade do projeto, atribuído pelos arquitetos ao se referirem ao uso do computador, significa eficiência, posto que estão se referindo a diminuição de custos, de prazos, assim como estão falando também de competitividade e busca de mercado de trabalho, sobrevivência dos escritórios de arquitetura. Não foi encontrada, entre as entrevistas e depoimentos analisados, nenhuma referência quanto à relação entre o uso do computador e a melhoria de qualidade de espaço projetado, como faz, posteriormente, Frank Gehry.

Embora, até o momento, o computador não tenha alterado os processos de criação do espaço e signifique um instrumento a mais a ser

utilizado na prestação dos serviços de arquitetura, sabe-se que novas perspectivas são colocadas para os processos criativos, na medida em que novos programas são desenvolvidos. O projeto para o Museu Guggenheim, em Bilbao, elaborado pelo arquiteto Frank O. Gehry, é um exemplo de como a introdução de novos programas (CATIA) na produção do projeto arquitetônico, pode contribuir para superar os limites do próprio projeto, conforme exposto no capítulo II.

Nos últimos 15 anos a produção do projeto arquitetônico transformou-se completamente e o que parecia ficção transformou-se em realidade, desapareceram os desenhos à nanquim e as cópias heliográficas lembram peças de museu. Entretanto, mesmo nos espaços de trabalho com acesso às tecnologias mais desenvolvidas, o croqui continua parte fundamental nessa produção, concretiza a intenção, a criação.

O reconhecimento da existência do mercado de trabalho do arquiteto, implica também no reconhecimento de uma das dimensões presentes na produção do projeto arquitetônico: trata-se de mercadoria e, enquanto tal, é portadora das contradições inerentes ao mundo das mercadorias.

A análise das entrevistas e depoimentos dos arquitetos, objeto da pesquisa, torna possível maior compreensão das contradições presentes no processo de produção dessa singular mercadoria, entre as quais destacam-se a competitividade, cada vez mais acirrada e intensa no contexto da globalização; as formas e importância que o marketing

assume no trabalho do arquiteto; a compreensão por parte do profissional arquiteto de sua produção enquanto negócio, geradora de lucro e da apropriação do trabalho de outros profissionais e trabalhadores. A relação com o cliente está presente em todas essas dimensões; nas falas ele (cliente) aparece também de diversas formas, complementares, contraditórias, ora como mecenas, ora como usuário que o arquiteto tem a missão de educar, ora como usuário a ser atendido, respeitado, interpretado pelo profissional arquiteto, ora como consumidor necessário à realização do projeto. Historicamente, é a partir da relação com o cliente que se encontra a origem do processo, a possibilidade do arquiteto criar e desenvolver novas soluções expressas no projeto arquitetônico.

Os arquitetos informam, em seus depoimentos, as relações sociais e mercantis que são estabelecidas quando da elaboração do projeto; expressam também uma forma de ação no contexto da prática profissional, freqüentemente marcada pela noção de *métier* e sua antítese, a noção de mercado. *Métier* sugere a idéia de saber, saber-fazer, de competência e, portanto, de possibilidades de organização social da transmissão do saber, de cooperação e de hierarquias no trabalho. Mercado sugere a confrontação entre oferta e procura, regulado por múltiplas racionalidades individuais que expressam o preço. Assim concebidas, essas duas noções definem dois universos estranhos um ao outro, sobretudo em profissões que mesclam e tensionam arte, técnica e mercado, assim como o fazer arquitetura.

A arquitetura, sempre teve seu campo fortemente marcado pelo desejo de quem solicita o projeto, seja um cliente particular, como descreve Argan ao se referir à relação entre Wright (arquiteto mágico) e Kauffmann (cliente que possui muitos dólares e imaginação para se permitir o privilégio de viver experiências excepcionais) ou o Estado, como reconta José Wolf, a propósito da relação entre Niemeyer e Juscelino na elaboração dos primeiros croquis do Palácio da Alvorada, em Brasília. No entanto, no presente momento histórico, observa-se, com intensidade e freqüência jamais registrada anteriormente, a primazia do mercado e dos critérios econômicos, em detrimento das questões sociais e culturais.

O paroxismo do mercado ameaça as possibilidades de autonomia na arquitetura enquanto expressão cultural; é elaborada assim, uma caricatura com fortes traços das contradições presentes, desde os primórdios, no fazer arquitetura, entre arte, técnica e mercado. Ou seja, contradições que sempre marcaram o *métier* do arquiteto, hoje, se intensificam.

A intrusão da "lógica comercial" (a que se refere Bourdieu, ao definir globalização) antecede qualquer estágio da produção; constitui mesmo pré-condição do processo de produção do projeto arquitetônico. Diferentes estratégias elaboradas na procura (e, ou disputa) pela oportunidade de trabalho são apontadas pelos arquitetos nas edições pesquisadas da revista, como, criar uma arquitetura com traços marcantes, distintos, realizados com linhas e cores significativas,

"*também pode ser um ótimo out-door*", "*verdadeiras peças publicitárias*". Nessa disputa pelo mercado, o arquiteto torna-se também um aliado do empresário, caminha "*ombro a ombro*" com ele e, muitas vezes, o resultado do seu trabalho é utilizado como marketing para a venda de áreas construídas pela especulação imobiliária.

As formas de divulgação do trabalho do arquiteto, cada vez mais se apóiam em diferentes mídias – cartazes, placas, jornais e revistas especializadas ou de grande circulação, internet - rompendo com as determinações que construíram o Código Guadet, no século passado, "formulador de regras de conduta e honra dos arquitetos verdadeiramente dignos desse nome", quando era afirmado, entre outros itens, que: "*O arquiteto, não sendo nem um comerciante e nem um agente de negócios, se proíbe todas as operações que possam dar lugar a vantagens ou comissões. **Ele se abstém de fazer, visando vantagens pessoais, anúncios, reclames ou ofertas de serviços através de jornais, cartazes, prospectos ou outros meios de publicidade em uso nas profissões comerciais** (...).* (grifo nosso)

Guarujá, janeiro de 2002. Foto Francisco Segnini Jr.

Hoje, a dimensão mercadoria, presente no produto do trabalho do arquiteto - projeto arquitetônico - é reiterada e, enquanto tal, divulgada por meio de ações e estratégias de marketing. Para tanto, é minimizada a qualidade cultural do trabalho ou a dimensão arte e maximizada sua

perfeita adequação ao consumidor, sua condição de gerar lucro para, dessa maneira, garantir uma fatia do mercado.

Nesse sentido, é relativizada a possibilidade de autonomia na elaboração do projeto, circunscrevendo-a ao que "pode ser feito", num contexto de mercado.

No entanto, se alguns depoimentos expressam o reconhecimento da preocupação dos profissionais com estratégias mercadológicas, outros (ou ao mesmo tempo) revelam também preocupação com a ênfase atribuída ao marketing em detrimento da qualidade do projeto. Em oposição a essa atitude, por acreditar não ser possível manter a qualidade do trabalho, alguns arquitetos preferem se afastar de determinados segmentos de mercado, como o imobiliário, e enfatizar a qualidade como maneira de se distinguir, ou seja, como marketing. Outros ressaltam que procuram projetar todos os trabalhos considerando-os de forma singular "*obra única*", procuram participar de concursos, criar e desenvolver projetos atento à qualidade de todas as etapas - ações concretas e consideradas necessárias na busca de novos trabalhos.

A competição acirrada tem induzido os escritórios de arquitetura a uma reorganização administrativa. Alguns depoimentos informam essa preocupação, registrando a necessidade de fusões de escritórios no país e com estrangeiros para sua sobrevivência no mercado.

A relação cliente arquiteto é multifacetada; se, por um lado é a partir do cliente (e ou usuário) que a arquitetura adquire condições de

realização, por outro lado, a relação entre ambos é potencialmente marcada por tensões. Considerando a responsabilidade social e cultural do arquiteto diante do desenvolvimento da sociedade, muitas vezes, a relação é conflituosa, principalmente quando ele passa a ser ou a se compreender como uma peça a mais na engrenagem da produção do espaço para consumo. Não só os desejos e a visão de mundo dos clientes interferem na elaboração do projeto; o orçamento disponível, pré-estabelecido, é fundamental também.

No entanto, a interferência do cliente no processo de produção da arquitetura é também considerada de forma positiva, não só como limite, mas como possibilidade de interações que podem significar gratificação e satisfação para o arquiteto.

Finalizando, é relevante salientar que os arquitetos constituem uma categoria social que, assim como outras, é definida pela sua formação e pelo caráter do seu trabalho. Fazem parte dessa categoria social arquitetos vinculados a diferentes classes sociais, com diferentes possibilidades de inserção profissional como o arquiteto empresário de grandes escritórios, empresário de pequenos empresários, autônomos ou empregados. Nesse sentido, é compreendido que tanto os depoimentos e entrevistas selecionados, como a análise realizada nesse trabalho, expressam uma visão de mundo elaborada considerando, por um lado, as experiências dos arquitetos que possibilitaram a construção desse objeto; por outro lado, a experiência do sujeito da pesquisa, que analisa o objeto, o autor. Por essa razão, é reconhecida a impossibilidade da construção de

verdades absolutas, é necessário relativizar o recorte analítico e a própria análise, circunscrevê-las, para que possam ter legitimidade científica, a contextos sociais e históricos a partir dos quais a pesquisa foi realizada. Por essa razão, é inserido, como anexo, todo o material selecionado; espera-se que instigando outros pesquisadores, esse material possa vir a ser utilizado para informar outras leituras, outras análises, outras possibilidades teóricas, a partir de outras visões de mundo.

# BIBLIOGRAFIA

# Bibliografia

**ARENDT**, Hannah - *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária; Rio de Janeiro: Salamandra; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1981.

**ARGAN**, Giulio Carlo – *História da arte como história da cidade* – São Paulo: Martins Fontes, 1998

_____ - *L'art moderne* – Paris: Bordas, 1992

_____- *Projeto e destino*- São Paulo: Editora Ática,2000

_____ - *Walter Gropius e a Bauhaus* – Lisboa: Ed. Presença, 1984

**ARQUITETO** – *Sindicato dos arquitetos no estado de São Paulo*, 1991

**ARTIGAS,** Vilanova – *Caminhos da arquitetura* – São Paulo: Cosac&Naify Ed., 1999

**AsBEA** – Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura. *Manual de Contratação dos Serviços de Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo: Pini, 2000

**BANHAM**, Reyner – *Teoria e projeto na primeira era da máquina* – São Paulo: Editora Perspectiva, 1979

**BATTISTI**, Emilio- *Arquitectura ideoloia y ciencia* – Madrid: H. Blume Ediciones, 1980

**BAUDRILLARD**, Jean ; **NOUVEL**, Jean – *Les objects singuliers* – Paris:Calmann – Lévy, 2000

**BENEVOLO**, Leonardo – *História da arquitetura moderna* – São Paulo: Editora Perspectiva, 1976

_____ – *O último capítulo da arquitetura moderna* – São Paulo: Edições 70, 1985

_____ - *A cidade e o arquiteto* – São Paulo: Ed. Perspectiva,1991

**BERMAN**, Marshall – *Tudo que é sólido desmancha no ar* – São Paulo: Companhia das Letras, 1986

**BICCA,** Paulo – *Arquiteto a máscara e a face* –São Paulo: Projeto Editores Associados, 1984

**BONNIER**, Louis – *La fondation de la SADG*- In **EPRON**, Jean Pierre – *Architecture une anthologuie* – Liège: Pierre Mardaga Éditeur, 1992

**BOURDIEU,** Pierre – *Contrafogos 2- Por um movimento social europeu* – Rio de Janeiro: Zahar, 2001

**BOTTA**, Mario – *Ética do construir* – Roma – Bari: Edições 70, 1996

**BRANDÃO**, Ignácio de Loyola – *A veia bailarina* – São Paulo: Global, 1997.

**BRUEGMANN**, Robert. In – Catálogo da Exposição- *L'architecture et son image* - Montreal: Centre Canadian d'Architecture , 1989

**CASTORIADIS**, Cornelius – *A instituição imaginária da sociedade* – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, 2ª edição

**CENTRE GEORGES POMPIDOU** – *Conception des lieux de travail* – Paris: CCI/ Service pour l´innovation sociale, 1984

**CONDE**, Luiz Paulo ; **KATINSKY**, Julio ; **PEREIRA**, Miguel Alves – *Arquitetura brasileira após Brasília* – Rio de Janeiro: Edição IAB, 1978

**CONFEA**- Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia – Leis -Decretos e Resoluções –Engenheiros- Arquitetos- Engenheiros Agrônomos- Geólogos- Geógrafos- Metereologistas – Técnico de 2º grau. Brasília: CONFEA, Pax Ed. Gráfica e Fotolito Ltda,1987 Pág. B-21

**CUFF**, Dana – *Architecture: The story of practice* – Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1991

**DANTAS**, Jorge de R. – in Anais do Seminário Internacional – Computação-Arquitetura e Urbanismo - *CAD, Arquitetura e uma nova geometria* – São Paulo: FAUUSP, 1992

**DUARTE**, Fabio. *Arquitetura e tecnologia da informação/ da revolução industrial à revolução digital* – São Paulo: FAPESP, Editora da UNICAMP, 1999

**DUBAR**, Claude; **TRIPIER,** Pierre. *Sociologie des professions.* Paris: Armand COLIN, 1998 p. 13.

**DURAND**, José Carlos Garcia. *A profissão do arquiteto (estudo sociológico).* Tese de mestrado apresentada ao Departamento de

Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia da 5ª. Região (Guanabara), novembro de 1972.

_____. *Arte, privilégio e distinção Artes Plásticas, Arquitetura e Classe Dirigente no Brasil, 1855/ 1985.* São Paulo: Editora Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

**EPRON**, Jean Pierre – *Architecture une anthologuie* – Liège: Pierre Mardaga Éditeur, 1992

**EVANS**, Robin – *La projection* – IN: Centre Canadian D´Achitecture, Catálogo da Exposição – *L'architecture et son image* – Montreal: Quatre Siècle de Représentation Architectural, 1989

**FATHY**, Hassan – *Construindo com o povo* – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982

**FERRAZ**, Marcelo Carvalho , coordenador editorial - *Lina Bo Bardi* — São Paulo: Instituto Lina Bo Bardi e P.M. Bardi, 2ª edição,1996, pág.317

**FERREIRA**, Aurélio Buarque de Holanda – *Novo Aurélio século XXI – o dicionário da língua portuguesa* – 3ª edição – Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1999

**FRAMPTON**, Kenneth – *História crítica da arquitetura moderna* – São Paulo: Martins Fontes,1997

**FRY**, Maxwell – *A arte na era da máquina* – São Paulo: Editora Perspectiva, 1976

**GEHRY**, Frank O. – *The architects studio*- (August18-November12,2000)- Henry Art Gallery , Seatle, Washington-2000

**GIEDION**, Sigfrido – *Espacio tiempo y arquitectura* – Madrid: Editorial Dossat, 1978

**GLUSBERG**, Jorge – *Para uma crítica da arquitetura* – São Paulo: Projeto, 1986

**GOROVITZ**, Matheus - *Os riscos do projeto*- São Paulo: Studio Nobel, 1993

**GUADET**, Julien – *Le Code Guadet* In : **EPRON**, Jean Pierre – *Architecture une anthologuie* – Liège: Pierre Mardaga Éditeur, 1992

**GRAEFF**, Edgar A. – *Arte e técnica na formação do arquiteto* – São Paulo: Editora Nobel, 1995

_____ – *Edifício* – São Paulo: Cadernos Brasileiros de Arquitetura, 1976

**GRAEFF**, Edgar; **RÊGO**, Flavio Marinho; **GUEDES**, Joaquim; **LIMA**, João Filgueiras – *Arquitetura brasileira após Brasília* – Rio de Janeiro: Edição IAB, 1978

**GREGOTTI**, Vittorio – *Território da arquitetura* – São Paulo: Editora Perspectiva, 1975

**HERTZBERGER**, Herman – *Lições de arquitetura* – São Paulo: Martins Fontes, 1996

**IANNI,** Octavio – *A sociedade global* – Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1992

**JACQUES**, Annie –*La carrière de l'architecte au XIX siècle* – Paris, Editions e la Reunión des Musées Nationaux, 1986 pag.36

**_____-** *Les dessins d'architecture du XIXº siècle* – Paris: Bibliotheque de L'image, 1995

**KOPP**, Anatole – *L`architecture de le période stalinienne* – Paris: Union Générale d` Édition, 1985

_____ – *Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa*- São Paulo: Nobel, 1990

**LEACH**, Neil - La *an-estética de la arquitectura*-Barcelona: Gustavo Gili, 2001

**LÖWY**, Michael – *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen – marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento* – São Paulo: Cortez Editora, 2000. – Pág. 13

**MARX**, Karl. *O Capital-Crítica da Economia Política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, , 6ª. edição, 1980, p. 46

**MASCARÓ**, Lucia (coord.) - *Tecnologia & arquitetura* - São Paulo: Nobel, 1989

**MONTANER**, Josep Maria- *Después del movimento moderno* , *Arquitetura de la segunda mitad del siglo XX* , Barcelona: Editorial Gustavo Gili , 1993

**_____-** *Arquitectura y critica***-** Barcelona: Gustavo Gili, 1999

**NIEMEYER**, Oscar- *Minha arquitetura* – Rio de Janeiro, Revan, 2000

**_____-** *As curvas do tempo – Memórias* **–** Rio de Janeiro: Revan, 1998

**PARADEISE,** Catherine – *Lês Comèdiens. Profesion et marchés de travail* – Paris: Presses Universitaires de France, 1998

**PELLEGRINO,** Pierre **–CORAY,** Daniel et al**. –***Arquitectura e informática* – Barcelona: Gustavo Gili, 1999

**PEVSNER**, Nikolaus- *Os pioneiros do desenho moderno*- Lisboa: Editora Ulisseia, 1930

**PICARELLI**, Marlene (coord.) – *Desenho industrial na edificação ensino e pesquisa* – São Paulo: FAPESP Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo,1983

**QUARONI**, Ludovico – *Proyetar un edificio ocho lecciones de arquitectura* –Bilbao: Xarait Ediciones, 1987

**RAGON**, Michel – *Histoire de l`architecture et de l`urbanisme modernes*- Paris: Essais, 1991

**ROWE**, Colin- *Manierismo y arquitectura moderna y otros ensayos*- Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1999

**SAINZ**, Jorge ; **VALDERRAMA**, Fernando – *Infografia y arquitectura* – Madrid: Editorial Nerea, 1992

**SCRUTON**, Roger- *Estética da arquitetura*- Lisboa : Edições 70, 1979

**SEGRE**, Roberto – *História de la arquitectura y Del urbanismo* – Madrid: Instituto de Estúdios de Administracion Local, 1985

**SITE** -www.abea-arq.org.br/cursos.htm

**STROETER**, João Rodolfo – *Arquitetura & teorias* – São Paulo: Nobel, 1986

**TENDÊNCIAS ATUAIS DA ARQUITETURA BRASILEIRA** – *Vilanova Artigas, 1915/1985* – São Paulo: Projeto, 1990

**Tese brasileira**. *IAB traça um retrato do país*. Revista AU – Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, ano1, no. 1, janeiro 1985, p. 9

**THOMPSON**, E.P. – *Tradición, Revuelta y Conciencia de Clase* – Barcelona: Critica,1979. pág. 10

**VAN BRUGGEN**, Coosje- *Frank O. Gehry / Museu Guggenheim / Bilbao*- N.York: Publicações do Museu Guggenheim, 1997

**VITRUVIO**, Marco - *Da arquitetura* - São Paulo:Editora Hucitec, 1999

**WARCHAVCHIK**, Gregori; **ANDRADE**, Mario de et al. – *Arquitetura nova* – São Paulo: Kairós Livraria e Editora, 1980

**ZANETTINI**, Siegbert – *O ensino de projeto na área de edificação* – São Paulo: Fauusp, 1980

# ANEXO 1

## Fonte da Pesquisa:

## *Revista AU – Arquitetura e Urbanismo - São Paulo: Editora Pini, 1985 a 2000, nºs 01 a 91*

## Pesquisa: O arquiteto e a prática profissional

## 1. O arquiteto e o cliente

| **Levantamento / Revista AU** |
|---|
| SABBAG, Hayfa Y. - A BELEZA DE UM TRABALHO PRECURSSOR, SÍNTESE DA TRADIÇÃO E DA MODERNIDADE - AU, ano 1, jan. 85, n. 1, pag. 15.ARQUITETO/CLIENTE: Cabe, pois, ao arquiteto ordenar o espaço construído visando ao bem estar do usuário e seu conforto psíquico.(L.Costa) |
| GUEDES, Joaquim - POR UMA NOVA CIDADE - AU, ano 1, abr. 85, n. 2, pag. 67.ARQUITETURA/CLIENTE: Penso que não há grande arquitetura sem um grande cliente e sem um perfeito intérprete da sociedade. |
| NIEMEYER, Oscar - DEPOIMENTO - AU, ano 1, abr. 85, n. 2, pag. 42.<br>ARQUITETO/CLIENTE: Trabalhei toda a vida com JK. Primeiro, em Pampulha, quando ele era prefeito; depois quando governador de Minas Gerais e por fim em Brasília que foi a continuação natural desse longo período de boa compreensão e amizade. Pampulha foi o meu primeiro projeto.<br>PRODUÇÃO/CLIENTE: Sobre o meu trabalho, fiz o que foi possível fazer, com o maior desvelo e honestidade. Uma grande experiência que meu amigo JK generosamente me ofereceu. |
| WOLF, José - ANO ZERO - AU, ano 1, abr. 85, n. 2, pag. 7.<br>CLIENTE: Ao ser convidado por JK para construí-la (Brasília), o jovem Oscar Niemeyer, por sua vez, aceitou o convite. E sorriu quando o presidente lhe disse, em tom de brincadeira, que lhe daria a mesma oportunidade que JULIO II havia proporcionado a Miguelângelo, o arquiteto, pintor e escultor do Renascimento.<br>“O que eu quero, Niemeyer, é um palácio que, que daqui a 100 anos, ainda seja admirado!” disse-lhe JK, ao recusar o projeto original do Palácio do Planalto, o Alvorada.<br>O próprio JK conta o episódio em seu livro “Por que construí Brasília”, onde confessa que, embora “fosse uma obra-prima de concepção artística, o edifício não refletia no seu conjunto o que, de fato, desejava”. |

Depois de uma noite em claro, Niemeyer volta com um rolo de papel vegetal debaixo do braço. Quando estendeu a planta sobre a mesa, Juscelino não se conteve. "Ali estava - escreve ele - um edifício que era uma revelação - leveza, grandiosidade, lirismo e imponência, as qualidades mais antagônicas se mesclavam, interpenetravam-se, para realizar o milagre da harmonia do conjunto".

ARANA, Mariano - UMA LIÇÃO DE ARQUITETURA - (entrevista a José Wolf) - AU, ano 2, fev. 86, n. 4, pag. 52.
CLIENTE: O arquiteto de esquerda, como qualquer outro arquiteto, o que deve procurar fazer é a melhor arquitetura possível. Tecnológica e funcionalmente mais adequada e respeitosa aos hábitos e condições de vida da população para conseguir espaços adequados às pessoas e grupos sociais. Isto é, evitar realizações arquitetônicas geradoras de espaços coercitivos e autoritários - gerar uma arquitetura formal e espacialmente o mais estimulante possível, aquela que implica uma resposta cultural que contribua para a elevação da condição de vida das pessoas.

FAYET, Carlos – PROFISSÃO ARQUITETO - EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO LEGAL - (entrevista a José WOLF).- AU, ano 2, fev.86, n. 4, pag. 42.CLIENTE: O problema é o seguinte: o cliente do arquiteto tem o direito de receber do arquiteto uma obra que lhe seja adequada. Adequada do ponto de vista do atendimento do seu programa de necessidades, adequada do ponto de vista da observância de suas possibilidades financeiras, adequada do ponto de vista da sua manutenção e durabilidade, adequada do ponto de vista da sua contribuição cultural. A gente tem de responder por essas adequações. Não só por uma delas ou algumas, mas por todas. Mesmo quando o usuário não é uma determinada pessoa, sempre será uma pessoa, outra pessoa que não o arquiteto.
Gostaria de falar sobre o mercado de trabalho. Acho que hoje no Brasil, o grande cliente, o grande tomador de serviço do arquiteto é o governo. O governo através da administração direta ou indireta, do planejamento e das obras públicas. E o trabalho do arquiteto, especialmente, a parte relativa ao projeto, por um decreto-lei, está protegido da concorrência de preços , ou seja, é vedada a concorrência de preços para a escolha de um profissional para fazer projetos. O decreto manda realizar concursos ou escolher um por notória especialização. Não há nenhuma regulamentação maior, não há detalhamento disso.

PEDREIRA, Livia A. - DAS MINAS DAS CORES E DA LIBERDADE (entrevista com arq. Éolo Maia) - AU, ano 2, fev.86, n. 4, pag. 49.
CLIENTE: Mas ilustrando a idéia de que cada projeto é único, residências projetadas pelos arquitetos apontam para a necessidade de personalizar esse tipo de obra. O Pós-Brasília, por exemplo, contrapartida da arquitetura moderna, .....
"Cabe ao arquiteto colocar frente ao morador espaços familiares as suas

| |
|---|
| aspirações, cheios de surpresa e tranqüilidade para se possuir maior consciência e amor ao espaço habitável. É necessário que a casa fale com seus habitantes" Levando o trabalho até a exaustão, esmiuçando detalhes da intimidade de cada cliente, procuram inovar sobretudo o interior - coração da casa. Cada residência conta sua história. |
| SABBAG, Haifa Y. - LELIO MACHADO REINER - AU, ano 2, fev.86, n. 4, pag. 32.CLIENTE: Sobre o trabalho criativo, o arquiteto faz questão de observar que não existe uma liberdade total pois outras injunções sempre interferem, como interesses do cliente, orçamentos etc. |
| NOBRE, Ana Luiza - DA TRADIÇÃO · ALTA TECNOLOGIA - (a respeito de José Zanine Caldas) CLIENTE: Embora cada casa tenha um projeto específico, que corresponde aos desejos dos clientes...A implantação é definida em conjunto com os proprietários,... |
| MELLO, Eduardo Kneese de - COM ENTUSIASMO. E PAIXãO - (entrevista a Haifa Y. Sabbag) - AU, ano 2, abr.86, n. 5, pag. 28.<br>CLIENTE: Formado numa escola tradicional, "onde era proibido falar de arquitetura", explica, sem constrangimentos, que "saiu um arquiteto eclético. Fazia arquitetura ao gosto do freguês. Perguntava qual o estilo que agradava e eu fazia fosse o que fosse". Confessa "afinal tive sorte e construí muita coisa". |
| NOBRE, Ana Luiza - FÁBRICA ARQUITETURA - AU - Arquitetura e Urbanismo, Edit.Pini, S.Paulo, ano 6, ag/set 90, n. 6, pag. 64.<br>Reportagem sobre escritório dos arquitetos: Hermano Freitas, João Calafate, Pablo C. Benetti e equipe.<br>CLIENTE: No curriculum do escritório convivem projetos tão diversos como uma indústria, um parque urbano de 69 mil metros quadrados e a reforma de uma sala.... O fazer arquitetura é uma tarefa muito intuitiva, que passa antes de tudo pela satisfação do cliente e do usuário, aliando preocupações estéticas e funcionais aos aspectos práticos da execução da obra. |
| WOLF, José - POR UMA NOVA MENTALIDADE, AU - Arquitetura e Urbanismo, Edit.Pini, ano 6, São Paulo, ag/set 90, n. 6, pag. 16.<br>CLIENTE (público): O quadro se agrava pela ausência de qualquer avaliação crítica da própria produção arquitetônica e, principalmente, pela falta de condições adequadas de trabalho.<br>O arquiteto ainda não conseguiu receber um tratamento profissional a altura e nem se impor....nos projetos de habitação popular, particularmente sua atuação se limita, as vezes, a implantação.<br>CLIENTE (privado): no projeto Caraíba, por exemplo, percebe-se que Joaquim Guedes teve todo o apoio da iniciativa privada para fazer um estudo completo da área onde foi implantado o projeto , ele pode detalhar as casas como uma resposta adequada àquela realidade. |

PEREIRA, Miguel - RECUPERAR AS UTOPIAS - AU, ano 2, jun. 86, n. 6, pag. 42.ARQUITETURA/ARQUITETO/CLIENTE: O que importa é saber qual o perfil brasileiro desse debate, qual o desenho brasileiro dessa arquitetura, para que Ferreira Gullar não acicate novamente o nosso arquiteto: "Fala meu papagaio". Isto valerá uma penosa revisão relacional entre ARQUITETO, ARQUITETURA e USUÁRIO. Isto é, vir à baila a necessária explicitação dos processos decisórios no processo de projetação e no processo de produção da arquitetura. Trata-se do provável questionamento da obra de AUTOR. Trata-se do que se tem convencionado chamar de PARTICIPAÇÃO.

MAITREJEAN, Jean - SEM (ESSA) ESTÉTICA - AU, ano 2, ag. 86, n. 7, pag. 44.PRODUÇÃO/CLIENTE: Mas não acho que a arquitetura que se fez tenha influência direta da política, mas sim do cliente...."Por que a arquitetura não teve esse caráter contestatório, já que ela vinha seguindo uma postura humanística e de repente se volta para a burguesia?"

Porque ela deixou de ser feita para o homem anônimo para se tornar uma arquitetura destinada a alguém. Um crítico americano afirmou que nas décadas de 30 e 40, quem tinha razão era o arquiteto. Não se discutia com ele porque não havia um cliente específico. Assim ele estabelecia suas teorias com intenção humanística. Mas, a partir da segunda Guerra houve terríveis transformações sociais, um exagerado consumismo e nós, como arquitetos, não percebemos o que estava acontecendo. O cliente passa a ter razão como em qualquer loja. A arquitetura perdeu o cunho ideológico para se tornar arquitetura de "griffe", destinada a certas pessoas. Não se podia fazer, em termos culturais, uma arquitetura que representasse uma agressão contra o "status quo". Não é tão fácil assim.

MAIA, Éolo - DE OLHO NA RUA - (ENTREVISTA A LIVIA A. PEDREIRA) - ano 2, out/nov.86, n. 8, pag. 34.

ARQUITETURA/USUÁRIO: Para o arquiteto, apenas a arquitetura popular consegue manter uma identidade porque é espontânea. "É mais real, autêntica e objetiva. Mas quando a arquitetura é feita pela elite assume ares de Las Vegas misturado com Cubatão".

ROCHA, Paulo M. - EXERCÍCIO DA MODERNIDADE - (DEPOIMENTO A JOSE WOLF) - AU, ano 2, out/nov.86, n. 8, pag. 26.

ARQUITETURA/USUÁRIO: A poética da casa atemporal, uma casa irresistível como lugar, construção e paisagem e cenário a um só tempo. Lúcida e sensual como um castelo. Madura e infantil, masculina e feminina. ....Não para pessoa determinada, mas que exija personagens.

SABBAG, Haifa Y. – "KITSCH É SER MIES" - (ENTREVISTA COM DECIO PIGNATARI, DINAH GUIMARAENS E LAURO CAVALCANTI) - AU, ano 2, out/nov.86, n. 8, pag. 48.

CLIENTE: O objetivo de Venturi era o de criar ambientes onde as pessoas se sentissem bem. “Uma casa que o cliente quer e não aquela que o arquiteto impõe”, lembra Décio Pignatari, que sintetiza “hoje, kitsch é ser Mies”.

BRATKE, Oswaldo - NADA SE DESTROI - AU, ano 3, fev/mar.87, n. 10, pag. 41.CLIENTE: Ao lembrar que os clientes deram inteira liberdade de planejamento, Bratke diz “nesse ponto, fui muito feliz, porque eles não queriam um acampamento e, como bom brasileiro queria uma cidade exemplar”.

FILGUEIRAS, João - A SERVIÇO DO BEM E DO MAL - AU, ano 3, abr/maio.87, n. 11, pag. 18.
ARQUITETO/CLIENTE: A profissão do arquiteto é uma das mais antigas e sempre esteve ligada aos grandes projetos, as grandes obras, catedrais, ou seja, a arquitetura em favor da classe dominante. De alguma forma isso ainda predomina e acho que é uma situação, inclusive, que o arquiteto tem que preservar porque a situação social assim o exige. Sou um profissional e como tal tenho que atuar para a comunidade. Evidente que existem parâmetros em que mesmo nos governos a gente pode encontrar uma brecha para atuar. No tempo da revolução de 64 é claro que fui discriminado, até mesmo pelas minhas ligações com a Universidade de Brasília e com o governo João Goulart. Essa situação permaneceu durante uns 5 anos, depois a minha participação passou a ser aceita pelos militares. Não que eu tivesse feito alguma concessão, simplesmente mantive meu trabalho profissional com o mesmo nível e nesses termos, é claro, que se consegue trabalhar com qualquer governo.

CAMARGO, Sergio; PIETRARÓIA, Valério - TODO O PODER DA EMOÇãO - (entrevista a Livia A. Pedreira) AU, ano 3, jun/jul.87, n. 12, pag. 26.PRODUÇÃO/CLIENTE: Depois de 3 anos de formados, com passagem pelo esvaziado movimento estudantil, Sergio e Valério, entram no mercado com uma visão maleável a cerca da relação profissional-cliente. Mais atentos aos desejos dos usuários e aos efeitos da obra no contexto em que se insere, garantem ser estes os ingredientes determinantes do projeto.
Ao incorporarem a visão do cliente e as obras anônimas em seus trabalháos, para tentar novas formas, espaços e brincadeiras, buscam recuperar a capacidade da arquitetura de emocionar as pessoas. “Não se trata de sair reproduzindo o que a cidade produz”, previne Valério.

PEDREIRA, Livia A. - EM OUTRA LINGUAGEM/ENTREVISTA COM MARIO BISELLI, ALFIERI CHIAMOLERA, E ARTUR KATCHBORIAN - AU, ano 3, jun/jul.87, n. 12, pag. 30.
CLIENTE: ...fazendo projetos ornamentalistas, a exemplo de uma residência rejeitada pelo cliente, por “não entender a proposta”.
Com muita paciência, os arquitetos, através de muitos desenhos, ganharam a confiança do cliente para seu projeto...

| |
|---|
| "O profissional deve ter humildade para ouvir a experiência do cliente, deixar de ser estrela e, em alguns momentos, se comportar como um aluno". |
| SABBAG, Haifa Y. - EXERCÍCIOS DISSIDENTES - AU, ano 3, jun/jul.87, n. 12, pag. 38.PRODUÇãO /CLIENTE: Como arquiteto, o trajeto de Flavio de Carvalho sempre esbarrou em recusas. O projeto para a Embaixada da Argentina no Rio de Janeiro é eliminado sem mais explicações. Isso não o impede de participar, no mesmo ano (1928), do concurso internacional para a construção do Farol de Colombo, na República Dominicana...<br>CLIENTE: Nos projetos de reforma, quase todos recusados, admite ele (Eduardo Longo), sem mágoas, propunha livrar o chão e diminuir os espaços. |
| PEDREIRA, Livia Alves - NOS RESÍDUOS DA MEMÓRIA - (entrevista com Éolo Maia) - AU, n. 13, pag.25.<br>CLIENTE: Não sabe projetar para um cliente imaginário. Aprendeu também que o ofício do arquiteto é "um sacerdócio de muito respeito às pessoas, locais e materiais".<br>CLIENTE: Mesmo assim, defende a necessidade de o arquiteto atentar para a nova e contraditória realidade em que vive e para a política dos espaços que o usuário espera encontrar. "O cliente é a âncora do projeto, ele nos dá a segurança e a insegurança para ir em frente". ...E como vida é garimpagem, incoerência, contradição mas sobretudo sonho e brincadeira, o arquiteto se permite sonhar. |
| SANT`ANNA, Antonio Carlos, Jr. - ENTRE DOIS AMORES (O AFETO QUE SE AMPLIA) - AU, n. 13, pag. 46.<br>CLIENTE: Em contraposição à postura heróica e centralizadora se colocam opções mais abertas e generosas, que convidam o usuário a participar do processo decisório. Não existe uma solução pronta e acabada trazida de fora. Charles Moore coloca que é o usuário é quem define. O arquiteto só refina. |
| WOLF, José - A AMÉRICA, TERRA DISTANTE (entrevista com Gian Carlo Gasperini) - AU, ano 3, ag/set 87, n. 13, pag. 12.<br>CLIENTE: O cliente é o espelho de uma sociedade. Veja, na Idade Média, eram os monges, as Ordens Religiosas, os reis, depois vieram os imperadores, os príncipes, a sociedade civil, os absolutistas, os utilitários. Atrás de cada cliente existe um espelho do que ele representa.<br>Então, não adianta dar ao cliente o que ele não pediu. Se lhe pede uma casa burguesa, não adianta vir com a idéia de uma residência de caráter social. Acho isso um abuso antiprofissional, antiético, embora você possa criticar a visão de seu cliente. |
| ABREU, Silvio – "A VIDA TEM SEMPRE RAZÃO. O ARQUITETO NÃO - AU, ano 3, out/nov.87, n. 14, pag. 59.<br>ARQUITETO/USUÁRIO: Confrontando com as modificações que os usuários |

haviam efetuado sobre seu rigoroso projeto para Pessac, “conspurcando” os desígnios do arquiteto, ele nos indica com resignação e grandeza que “A vida tem sempre razão. O arquiteto, não”.

COSTA, Lucio – “ELE NOS DEIXOU UM PRESENTE...” - AU, ano 3, out/nov.87, n. 14, pag. 18.
PRODUÇÃO/CLIENTE: Assim, de 31, quando deixei a escola, a 36 - período que chamo de “chomage” porque não tinha trabalho, não me propunha fazer mais o que fazia antes e o que propunha os clientes não aceitavam - estudei a fundo as propostas teóricas e práticas de Le Corbusier e dos demais participantes desse movimento.

GUEDES, Joaquim - LIÇÃO QUE NÃO SE ESGOTOU - AU, ano 3, out/nov.87, n. 14, pag. 54.
ARQUITETURA/CLIENTE: “E o homem não estava no centro da arquitetura brasileira?” Não, a arquitetura estava mais voltada para o brilho de cada profissional, preocupada com a beleza abstrata e não sabia ao certo para que servia, quais os materiais adequados ou as dimensões que deveria ter. Perdia então a referência homem que sentimos em Aalto. (mov. moderno)
“A propósito, parece que no urbanismo o autoritarismo de Le Corbusier se explicita com maior clareza...” O urbanismo o explicita de forma mais aguda mesmo porque na arquitetura a interação arquiteto/cliente coíbe a radicalidade da proposta estética e ambiental do profissional.

KUROKAWA, Kisho - DEPOIMENTO - AU, ano 3, out/nov.87, n. 14, pag. 73.ARQUITETO/USUÁRIO: Aos poucos, os arquitetos foram podando as necessidades básicas do ser humano, seu instinto, a emoção. Com isso, resultou uma arquitetura fria, não aconchegante. Afinal as pessoas, quando caminham pela rua, devem sentir o que vêm.

MASSUH, Laila Y. - FÁBRICA FATE, UM PAVILHÃO SUBTERRÂNEO - AU, , ano 4, jan/fev 88,n. 16. pag. 50. Projeto dos arquitetos Solsona, Santos, Manteola, Sanches Gomes e Salaberry
CLIENTE: No projeto de ampliação da fábrica Fate, os arquitetos consideraram o desejo dos proprietários de preservar a fachada da antiga fábrica e seus extensos jardins.

PADOVANO, Bruno Roberto - UM PAÇO EM VOTORANTIM - AU, ano 4, jan/fev 88, n. 16, pag. 86.
CLIENTE: Parto da premissa de que o objetivo principal de qualquer concurso é premiar o trabalho que melhor interpreta o programa que compõe o edital do concurso. Seja consistente com o programa e, no caso de colocar em questionamento um ou outro parâmetro deste, o faz de forma clara e objetiva, de modo que o júri possa considerar qualquer “fuga” ao edital como uma contribuição à temática em julgamento.

Morales atende aos requisitos funcionalistas, mas não se deixa encabular pelos funcionais - compõe uma praça aberta e indefinida, que invade e surge, como num passe de mágica, das entranhas de seu brinquedo.
ARQUITETURA/CLIENTE: ...para quem, por que, quando e como são questões também da arquitetura; suas respostas precisam atender às necessidades humanas de âmbito social. (Adolpháo Rubio Morales).
O projeto não impressiona nem pela beleza, pela sensibilidade, nem pelo zelo especial na sua apresentação - seus méritos são uma impecável pertinência ao programa, fruto de uma atitude projetual atenta às limitações programáticas, o que explica porque Zamoner e Oba (juntos com Joel Ramalháo Filho) têm se distinguido em vários concursos recentes, sempre disputando as primeiras colocações com projetos simples e objetivos, que atendem aos requisitos dos programas com inteligência, evitando retóricas desnecessárias ou desvinculadas da temática em questão.

PEDREIRA, Livia Alves - REIDY, O DESENHO DA RAZÃO - AU, ano 4, jan/fev 88, n. 16, pag. 76.
CLIENTE: “A obra de Reidy não se curvou ao jogo da especulação imobiliária. Ela é, antes de tudo, uma obra social”, lembra, com uma ponta de saudade no olhar, sua mais fiel colaboradora, a companheira Carmen Portinho.
O polêmico projeto em que Reidy busca uma solução viária integrando a Central do Brasil, o aterro do Flamengo e a praia de Botafogo, foi abandonado pelo governo. Negando-se a realizar o jogo da especulação imobiliária numa área em que pretendia proporcionar condições adequadas ao natural desenvolvimento das 4 funções da cidade - habitar, trabalhar, cultivar o corpo e o espírito, circular -, demite-se do cargo.

GUEDES, Joaquim - DEPOIMENTO - AU, ano 4, abr/maio 88, n. 17, pag. 59.PRODUÇÃO/CLIENTE: Com essa obra, adquiri maior rigor técnico e aprendi uma lição: era preciso fazer uma arquitetura para gente concreta, gente gente, uma envoltória para pessoas sensíveis.

PINI, Mario Sergio - A EXPLICAÇÃO EM ARQUITETURA - AU, ano 4, abr/maio 88, n. 17, pag. 3.
PRODUÇÃO/CLIENTE: O trabalho em equipe, o respeito às solicitações do cliente e de outros profissionais resultam numa arquitetura de construção contida, que tenta rejeitar o formalismo. Cada atividade de um programa complexo é tratada, do ponto de vista espacial, individualmente. Uma linguagem comum imprime unidade ao conjunto. Outra característica da proposta é que ela não parte de uma opção tecnológica definida previamente. Tudo isso promove um sentido de autonomia que não está sendo alcançado somente por Conde.(Arq. Luis Paulo Conde)

SABBAG, Hayfa - QUANDO O ESPAÇO É PERSONAGEM - (a respeito de

trabalho do arq. Luis Paulo Conde) - AU, ano 4, ab/maio 88, n. 17, pag. 25.
PRODUÇÃO/CLIENTE: O trabalho de equipe e a participação efetiva do cliente no processo geral são procedimentos que Conde adota com resultados "satisfatórios e gratificantes". ..Cada etapa é estudada em conjunto e o projeto detalhado durante a construção. Apenas definidas parte das estruturas e as fundações, a obra tem início. ...Naturalmente, as diferentes equipes que pertencem ou pertenceram ao escritório se identificam com sua orientação: trabalhar em conjunto, não adotar "a priori" uma definição tecnológica, respeitar as solicitações dos clientes e de outros profissionais envolvidos, sentir as limitações como fatores de estímulo à criatividade, rejeitar o formalismo.

SANOVICZ, Abrahão - DEPOIMEMTO - AU, ano 4, abr/maio-88, n. 17, pag. 55. CLIENTE: (1960) - O processo que havia acontecido no RIO ocorre, anos depois, em São Paulo. O Estado fica mais ágil: em vez de você correr, com sua pastinha, capinando um projeto, era chamado para trabalhar.

ROCHA, Angela M. - NO HORIZONTE DO POSSÍVEL - AU, ano 4, jun/jul.88, n. 18, pag. 82. PRODUÇÃO/CLIENTE: Na revista Acrópole (jul.65) em número dedicado à Sergio Ferro, Rodrigo Lefèvre e Flavio Império, a residência Marietta Vampré é comentada por eles: "A exigência de máxima economia levou à absoluta racionalização da construção. A dureza do espaço resultante deixa claro o significado da exigência".

ARRUDA, Expedito de - ENTREVISTA A JOSE WOLF - AU, ano 4, ag/set.88, n. 19, pag. 72.CLIENTE: Faltam, realmente, recursos, falta tecnologia e o maior patrão ou cliente continua o governo

ROCHA, Ari A. - GAUDI X NIEMEYER - AU, ano 4, Ag/set.88, n. 19, pag. 75. CLIENTE: Outra coincidência interessante: ambos tiveram apoio de homens como o nobre Don Eusebi Güell, ou o político Juscelino Kubitscháek, que com seu mecenato, decisão e capacidade de realização, tornaram possível que suas obras fossem dadas à luz. Evidentemente, esse apoio tem caráter circunstancial, mas permitiu que, nos dois casos, o talento e genialidade desses arquitetos se manifestassem e, assim, pudessem ser prestigiados e reconhecidos. Estes mecenas tem, portanto, uma enorme importância e, entre eles, alguns pontos em comum, como a sensibilidade, a abertura à inovação e à antecipação do futuro e, além disso, a percepção de que desse modo inscreveriam seus nomes na história, de forma indissolúvel associada aos trabalhos que souberam promover.

SABBAG, Haifa Y. - PARCEIROS NO FAZER (ARQUITETOS: VITOR LOTUFO, JOÇO MARCOS ALMEIDA LOPES E WAGNER GERMANO) - AU, ano 4, ag/set.88, n. 19, pag. 90.
PRODUÇÃO/CLIENTE: Da mesma maneira que contam com a colaboração dos operários, procuram fazer do cliente um participante ativo. Para captar suas necessidades e expectativas, lançam mão de uma estratégia muito simples:

| |
|---|
| partindo do pressuposto que 90% dos projetos são resolvidos no guardanapo do boteco, “trazem o bar para o escritório”. Entre uma cerveja e outra, a descontração do cliente, o desenho vai surgindo. |
| HISSA, José N.; HISSA, Francisco - A NÍVEL DA REALIDADE - AU n. 20, pag. 60. Publicação de projetos.(FORTALEZA)<br>CLIENTE: Somos uma espécie de veículo, no sentido de levar o mercado para um caminho talvez mais adequado (intervém Hissa). Nota-se mesmo, ao longo destes anos, uma mudança de pensamento junto aos empresários. O relacionamento deles com o arquiteto é mais confiável. Antigamente, o empresário encarava o profissional como elemento encarecedor do custo final da obra, hoje não (seria difícil entender isso em São Paulo, observa). |
| PEDREIRA, Lívia Alves - FÁBRICA DE CIDADES/ESTÉTICA DA REPETIÇÃO - AU. n. 20, pag. 30 (A respeito de João Filgueiras Lima).<br>CLIENTE: Depois de colaborar com governos de distintos matizes políticos, confessa: “simplesmente mantive meu trabalho com o mesmo nível. Nesses termos se consegue trabalhar com qualquer governo”. |
| ROQUE, Mario G. - ARQUITETURA PLURAL - AU, n. 20, pag. 72.<br>CLIENTE/TECNOLOGIA: Aprendi, enfim, que a discussão teórica é tão importante como o enfoque tecnológico ou social do projeto. Assim, cada projeto para mim (explica) impõe uma solução diferente, pois tenho que fazer uma arquitetura para o cliente daqui (Fortaleza), com os materiais que a indústria local pode me oferecer. O contexto define o projeto e não o contrário. Não adianta, portanto, chegar com soluções pré-concebidas. |
| WOLF, José - ITAPETI- TRIÂNGULO QUASE PERFEITO - (Escritório arquitetos Fausto Torneri, José Tabith Jr. e Carlos Eduardo Bianchini) - AU, n. 20, pag. 96. CLIENTE: A relação cliente-arquiteto não foge dessa conduta sustentada na simplicidade e transparência. Nada de fórmulas técnicas complicadas, propõe a equipe disposta a discutir todo o projeto a luz das aspirações de cada cliente, como inspiração inicial para produzir uma arquitetura coerente e adequada … proposta do escritório. É preciso tocar no desejo para chegar àquilo que se almeja de fato. Afinal, todo mundo acalenta seu espaço particular na tentativa de concretizar um dia seu sonho, seja a casa, seja outro projeto qualquer, argumentam. “Aqui está o lado poético que não pode ser desprezado” ressalta José Luis... |
| BORSOI, Acácio Gil - REFLEXÕES - AU, n. 21, pag. 84.<br>CLIENTE: “A falta de respeito pelo trabalho profissional do arquiteto começa quando ele submete seu trabalho a uma análise medíocre dos órgãos de aprovação - depois surgem as interferências da clientela, dos autores dos projetos complementares e finalmente do construtor”. |
| PIVA, Ricardo & SOPHIA, Paulo - UMA ESCOLA SEM MUROS - AU, n. 21, |

pag. 48. CLIENTE: Nunca estudei numa escola como essa - o desabafo de Ricardo Piva revela a identificação do arquiteto com a proposta do cliente: construir uma escola com novos conceitos psicopedagógicos...
Nosso trabalho não tem a intenção de se prender a modelos pré-concebidos, idealizados fora da realidade do cliente ou da nossa própria realidade de profissionais preocupados com a estética, com a forma e com as soluções que os espaços vão abraçar. Acima de tudo prevalece o desejo de resolver um projeto que tenháa personalidade em si e respeite as exigências do cliente... De fato o "cliente deseja, acima de tudo, uma imagem que distinga seu projeto dos demais", reforça Paulo Sophia a colocação de Ciriani. Se a questão estética prevalece, a racionalização da construção - a pertinência - se coloca como um dado fundamental para o sucesso de um empreendimento, acrescenta, observando que hoje é o orçamento do proprietário que está em jogo.

SIZA, Alvaro - ENTREVISTA - AU, n. 21, pag. 58.
CLIENTE: Projetar implica a existência de um dono da obra, de uma encomenda. O arquiteto que não tem encomenda o que vai fazer? Quando me refiro a cliente, penso naquele que participa, exige e emite suas opiniões.

BRATKE, Oswaldo - SOBRE UMA POSSÍVEL AULA - AU, fev/mar 89, ano 5, n. 22, pag. 108.
CLIENTE: A importância de um arquiteto não está na sua marca ou estilo e sim na montagem perfeita de uma obra, de acordo com os dados que lhe são fornecidos pelos clientes ou que ele, tarimbado, deles o conseguiu.
E. Saarinen é um exemplo do que falamos. Cada caso era resolvido de modo a atender eficazmente aos objetivos sem se assemelharem na forma, convergindo porém à meta: perfeição. A arquitetura desejada não é arrojada, de impacto, diferente, porém estéril, infecunda, mas sim aquela menos aparatosa, bem proporcionada, bem resolvida em suas plantas, legítima em seus pormenores e que atenda eficazmente aos requisitos necessários para a segurança e o conforto do homem em todas as suas manifestações,...
Os anseios do cliente são os mais díspares. Frank Lloyd Wright disse que nenhum homem poder construir para outro homem, que não crê nele, pois o arquiteto é o intérprete daquele que quer exprimir algo que deseja, mas não o sabe fazer. O cliente é seu, e somente procura outro profissional por desavenças havidas. Os clientes do falecido Craig Ellwood diziam que o projeto que lhe era solicitado era o melhor que ele tinha feito. Sente-se aí a confirmação do que acabamos de dizer. Compreensão mútua e o esforço de Ellwood de resolver bem o problema

CHEMETOV, Paul - TEMPO DA DURAÇÃO - Entrevista concedida a AU - AU, fev/mar 89, ano 5, n. 22, pag. 56.
CLIENTE: Afora isso, gostaria de lembrar que preferimos sempre o cliente

público ao privado, a edificação de cunho social … luxuosa. São enfim, pontos importantes de minha produção como arquiteto.

CIRIANI, Henri - ASSUMIR A DIMENSÃO SOCIAL - Entrevista concedida a AU - AU, fev/mar 89, ano 5, n. 22, pag. 71.

CLIENTE: Neste sentido, os arquitetos sempre trabalharam para o governo e quase nunca para a iniciativa privada. O Café Beaubourg de Portzamparc é um dos poucos projetos realizados para um cliente particular e para nós foi uma grande surpresa. Assim acabamos assumindo o papel de fazermos uma arquitetura social. Veja, Portzamparc, Gaudin e eu estivemos num colóquio no Japão e durante as discussões, nos demos conta que enquanto os arquitetos japoneses eram conhecidos por suas residências, nós o éramos pelos conjuntos habitacionais. Aí está a diferença de orientação nos dois países. E eu acredito muito nesta diretriz.

GAUDIN, Henri - NOS INTERSTÍCIOS DA CIDADE - (Entrevista concedida a revista AU) - fev/mar 89, ano 5, n. 22, pag. 66.

CLIENTE (USUÁRIO): Perguntei então o que é hospitalidade, como um espaço se torna hospitaleiro? Afinal, pensar hospitalidade é pensar que a arquitetura é habitada , e não apenas organização inteligível da experiência, uma construção, como uma igreja universal.

NOUVEL, Jean - CADA PROJETO É SNGULAR - Entrevista concedida a AU - AU, fev/mar 89, ano 5, n. 22, pag. 50.

CLIENTE (usuário): Interessa explorar o contexto humano, não construindo a mesma coisa para pessoas diferentes. O contato com o cliente, com o empreendedor, é importante pois cada um tem perspectivas e desejos legítimos a formular. Na França construímos de maneiras distintas na costa do Mediterrâneo ou na Bretagne e para isso há uma série de razões que não são meramente climáticas. São mais profundas, ligadas à mentalidade e ao comportamento.

PORTZAMPARC, Christian de - COMO SE FOSSE UMA ÓPERA - (Entrevista concedida a AU) AU, fev/mar 89, ano 5, n. 22, pag. 60.CLIENTE: Não separo a arquitetura, acho que há uma continuidade entre as artes, de modo geral. Apenas temos de entender que arquitetura é uma arte muito particular pelo seu aspecto funcional e por ser uma arte pública.

Quanto aos clientes, mantive várias conversações com Pierre Boulez sobre o projeto no que diz respeito à relação entre arquiteto e músico. Sensíveis, se interessam pelo trabalho do arquiteto, reconhecendo nele um artista, mas estão muito voltados a especificidade de sua área. Assim, pretendiam que a sala de concertos, por exemplo, fosse retangular, mas contrapus com uma composição de retângulos e elipses, dentro de uma intenção formal. Até hoje não compreendem, apesar de respeitarem a proposta. Mas acabarão entendendo a

| |
|---|
| intenção do arquiteto. Tentei explicar, em suma, que a forma na arquitetura faz parte de uma estrutura mais vasta, de uma cultura espacial que pode ser compreendida por pessoas que não têm nenhuma formação nesse sentido. Podemos fazer uma comparação, dizendo que arquitetura é como a ópera, uma conjugação entre erudito e popular. |
| SABBAG, Haifa Y. - PROJETAR, NA FRONTEIRA DA REALIDADE - (a respeito do trabalho de Juan Villá na UNICAMP) - AU, fev/mar 89, ano 5, n. 22, pag. 26.CLIENTE (usuário): "A maior parte de nosso trabalho, esclarece, é dar assessoria a nível de grupo, de associações, de coletivo e não a nível individual". Tal procedimento induz a participação coletiva no projeto como um todo, a definição da natureza do empreendimento, tanto do ponto de vista físico quanto cultural e ainda seu significado como qualidade de vida, custo, tempo, esforço. |
| BOZZO, Claudia - AMBIENTES PARA BRINCAR E APRENDER - AU, n. 23, pag. 53. creches-arq. Ruy Ohtake CLIENTE: No escritório do arq. Ruy Ohtake foram traçadas as primeiras linhas desse projeto, cujo objetivo era atender às necessidades básicas dos usuários - crianças e educadores - e uma rotina que pode ser facilitada, com uma configuração física preservando as áreas para as atividades pedagógicas, de recreação e lazer, além da administração, lavanderia e banheiros. |
| CAMPELLO, Glauco - AU - n. 23, pag. 90.CLIENTE: No projeto arquitetônico os condicionamentos básicos são extrínsecos. Respeitadas as aspirações dos usuários, prevalece a imaginação do arquiteto. |
| FRASCINO, Tito Livio & MELLO, Vasco de - CENTRAL DE PROJETOS TRAÇO LIVRE - AU, n. 23, pag. 102. ARQUITETURA/CLIENTE: Um trabalho eclético afinado com dinâmica das transformações culturais e com o usuário. CLIENTE: A relação cliente/escritório se dá através da participação ativa de ambas as partes na formulação do programa, projeto e obra. Atitude que gera grande confiabilidade no cliente e usuário. ...vem investindo exclusivamente para o setor privado. Gostamos muito de projetar obras públicas, mas o setor não tem correspondido aos nossos investimentos. A COHAB, por exemplo, nos solicitou há algum tempo, um projeto habitacional. Montamos equipe, nos assessoramos e no final nada aconteceu. Ficamos de calças curtas, lembra Tito Livio. |
| SIMÕES, Bené - ALÉM DA RÉGUA E COMPASSO/Escritório de Luiz Humberto e Neílton Dórea - AU, n. 25, ano 5, ago/set 89, pag. 98.<br>USUÁRIO: Além disso, dizem, o consumidor ou cliente desconhece praticamente seus direitos, deixando-se seduzir pela estética fácil dos lançamentos em prejuízo da qualidade dos materiais.(falando do setor imobiliário) |

Enquanto outros setores, como a indústria automobilística, procuram utilizar cada vez mais materiais de alta resistência e maleabilidade, vive-se ainda o tijolo por tijolo num desenho mágico.
..., atribuem essa situação a um problema cultural do próprio usuário.
Assim não causa surpresa aos arquitetos quando chega alguém pedindo um projeto com fachadas ou elementos - arcos, por exemplo- típicos da arquitetura colonial do Pelourinho. A vida moderna, argumentam, coloca uma ampla gama de produtos tecnologicamente sofisticados à disposição das pessoas, mas ao se realizar o desenho para construir uma residência própria, a maioria prefere reproduzir um ambiente feudal, cheio de arcadas, grandes vãos e vergas de madeira.

RIBEIRO, Alessandro Castroviejo - ESCOLA - INSTANTÂNEO DE UMA TRAJETÓRIA - AU, out/nov 1989, ano 5, n. 26, pag. 54. entrevista com Abrahão Sanovicz CLIENTE: O arquiteto diz não ter a preocupação de fazer uma nova arquitetura a cada momento. Ai volta a questão da reelaboração constante, acrescida da especificidade de cada caso: ou o terreno é que muda, ou são as condições climáticas, o dinheiro ou a psicologia do cliente. E se acaba descobrindo dentro de cada projeto as soluções. Ou seja, o projeto como personagem, encontrando sua própria identidade.

SABBAG, Haifa Y. - UMA PREFEITURA A VISTA DE TODOS - AU, out/nov de 1989, ano 5, n. 26, pag. 48. Um comentário sobre projeto de Araken Martinho CLIENTE: Dificilmente um arquiteto do interior tem oportunidade de ser solicitado para obras desse porte, admite A.M., deixando antever o universo de relações entre arquitetos e clientes fora dos grandes centros. Natural de Jundiaí, para onde voltou dois anos após se formar pela FAUUSP, traz à reflexão a dinâmica do trabalho do arquiteto requisitado como pessoa, participante da vida da cidade, do cotidiano do cliente. Ligações que resulta numa arquitetura mais comprometida com os signos locais, com a fato cultural.

WOLF, José - ENTREVISTA DECIO PIGNATARI - AU, out/nov 89, ano 5, n. 26, pag. 66. CLIENTE: Na verdade, critica-se Mies van der Rohe. Em lugar do “less is more”, Venturi dizia “less is a bore”, que “o menos é uma chatice”. A meu ver, é a primeira grande crítica à arquitetura moderna, em que ele (Venturi) volta a um certo regionalismo, a uma arquitetura idiomática, que agradece ao cliente, de acordo com seus padrões culturais e não como imposição de fora, obrigando o cliente viver dentro de um objeto que ele não entende.

FERRO, Sergio - ENTREVISTA - AU, dez89/jan90, ano 6, n. 27, pag. 46.
CLIENTE/ARQUITETURA: O projeto é fundamental. O projeto no sentido Sartreano, no sentido maior, fundamental em qualquer atividade humana, decidir para onde vai, o que se quer atingir. O que não se admite é que a decisão da direção da caminhada seja tomada por um ou por alguns. Ou a decisão do

destino é coletiva ou se chama dominação, tirania, ditadura. O projeto pode e deveria ser feito de maneira global, coletiva. Fizemos experiências em canteiros de obras, com universitários, em que todos participavam, todos decidiam, desde o mais humilde dos operários ao arquiteto-chefe. É possível, e é possível em grande escala também. O único problema é que não interessa a ninguém, pois a arquitetura não é feita para que o homem se exprima ou se maravilhe através dela - é feita para o dinheiro... O dia em que a arquitetura voltar a ser, voltar , ela ser , como foi em outros períodos, a manifestação fundamental do trabalho humano. É o nosso segundo corpo, nosso ninho.

IGLESIA, Rafael - EM BUSCA DA COERÊNCIA CULTURAL - AU, dez89/jan90, ano 6, n. 27, pag. 95. CLIENTE: ...não há dúvida de que a poética de Fátima e das Casas Brancas está cheia de individualismos, tanto dos arquitetos como dos clientes, os quais pertenciam à classe média, fortemente formados na civilização ocidental.

REPSOLD, Gregório e Olímpia - PONTUANDO A CIDADE - AU, Dez89/jan90, ano 6, n. 27, pag. 102.
CLIENTE: "O grande cliente é a cidade. Os nossos projetos são feitos de fora para dentro... O mais importante é a questão da paisagem, circulação, trânsito, do patrimônio paisagístico e do local onde a obra ser implantada" diz Gregório, ressaltando que se deve projetar imaginando a rua inteira, o quarteirão, onde o novo projeto ser implantado, considerando as pessoas que vão utilizá-lo. CLIENTE: "A arquitetura é espiritual. Tem que estar inserida no espírito do local onde será implantada e na cultura das pessoas que vai servir.... "Depois de consultar os futuros moradores, as inovações na implantação de áreas verdes mais generosas e de edifícios com aproveitamento mais racional da insolação tornaram-se obrigatórias para futuros projetos do órgão. "Dar forma ao pensamento da comunidade local. Isso é o que o arquiteto deve sempre fazer, interpretando o pensamento dos usuários, analisando sua cultura e dando forma a isso".

ARTIGAS, Rosa C. e SILVA, Dalva T. - O PRODUTO E A EMBALAGEM - AU, n. 28, pag. 103. CLIENTE: Se partirmos do princípio de que a arquitetura é uma arte cara, que o arquiteto pode propor mas que alguém tem que pagar sua realização enquanto obra, o raciocínio pode fluir mais simplesmente. Numa sociedade democrática, se o parceiro do arquiteto nesse jogo é o estado (como seu legítimo representante), o compromisso do arquiteto será com toda a sociedade que, em última instância, está pagando, e, portanto, pode exigir seus direitos. Se, no entanto, o parceiro for predominantemente a iniciativa privada, o que acontece? Nesse caso, o compromisso do arquiteto estará individualizado numa relação que exclui toda a parcela da população que não tem acesso ao mercado consumidor de arquitetura. Com isso, o arquiteto e, conseqüentemente,

a arquitetura como conjunto, tendem a ficar subjugados aos valores e padrões determinados pelo mercado.

ESPIRITO SANTO, José Marcelo - VAINER E PAOLIELLO ARQUITETOS - MÚLTIPLOS CAMINHOS - AU, n. 28, pag. 106.
CLIENTE: Devido a uma clientela muito específica e particular, formada por pessoas da mesma geração e de poucos recursos, projetar residências - a principal produção do estúdio atualmente - tornou-se a atividade mais gratificante. Assim, pode-se "meditar melhor sobre como aquela pessoa ou sua família vai utilizar seu espaço ou como a luz vai penetrar em determinado ambiente. Enfim, temos a oportunidade de imaginar cada projeto como se fosse nossa própria casa".

JAGUARIBE, Hélio - ENTREVISTA - AU, n. 28, pag. 42.
CLIENTE: Bem, ela (arquitetura) reflete a mentalidade conjugada do arquiteto e de seu cliente. É uma relação permanente: o arquiteto tem uma certa liberdade de movimento em sua proposta e, por outro lado, se move dentro de um âmbito restrito pelas demandas e condições financeiras do cliente.

PENNA, Gustavo - CENÁRIO - AU, n. 30, pag. 21.
CLIENTE (PÚBLICO): Reconheço, também, o poder público tradicionalmente responsável pela edição dos exemplos de porte mais significativo (Masp, Brasília, Memorial da América Latina, BDMG, Suframa, etc.) e é exatamente aí que os arquitetos encontram mais liberdade de criação.

WOLF, José - PROJETO COM METODOLOGIA - AU - Arquitetura e Urbanismo, ano 7, fev/mar.91, n. 34, Edit. Pini, S. Paulo, 1991.
(CFA-Cambiaghi Arquitetura) Arq, Henrique Cambiaghi
CLIENTE: Acho fundamental, o arquiteto saber o que o cliente realmente deseja, saber extrair todos os dados que se pretende, para conseguir maior clareza do que se vai projetar. CLIENTE: Não podemos, como arquitetos, projetar apenas aquilo que nos interessa, é preciso construir toda a cidade e não só as obras que dão "prestígio" entre arquitetos. Só assim voltaremos a nos impor como categoria profissional.

BLOCH, Luis - UNICAMP, DUPLA COBERTURA - AU, n. 35, pag. 92.
CLIENTE: Sem preocupação com inedetismo ou monumentalidade, a Bloch Só tem sempre procurado uma solução correta, em respeito ao cliente e ao usuário.

WOLF, José - NA CONTRAMÃO (escrit. Arq. Fernando Peixoto) - AU, n. 35, ano 7, abril/maio 91.
CLIENTE: "A arquitetura - argumenta Fernando - não é tátil, não se pega, e sim algo para ser visto pelo transeunte. Só o usuário pode senti-la, mas o transeunte anônimo também tem direito a ela. A fachada assim, constitui mais uma expressão social, comunitária, que o próprio interior do edifício. Em síntese, você tem um compromisso com o morador e com o transeunte também".

Orgulhoso, evoca o exemplo de um cidadão que, ao comentar um de seus projetos, reagiu: “veja, parece camisa do flamengo”.

EISENMAM, Peter e TROTT, Richard - CENTRO WEXNER DE ARTES VISUAIS - AU, jun/jul 91, ano 7, n. 36, pag. 58.
CLIENTE: Sua elaboração foi feita em conjunto com os estudantes professores, funcionários e amigos da universidade, durante encontro realizado no escritório de Eisenmam, em Nova York, com o objetivo de que “o edifício não se tornasse apenas um monumento a mais na arquitetura. Na realidade, foi um processo em evolução, para que, uma vez terminado, todos pudessem se dizer participantes da criação”.

MASSUH, Laila Y. - CLORINDO TESTA EM PINAMAR E OSTENDE - AU, jun/jul 91, ano 7, n. 36, pag. 38.
CLIENTE: Apontadas como “anticontextuais, escultóricas e teatrais’ pelo crítico Alberto Bellucci ou “peças de arquitetura naval, farol” pelo arquiteto Julio Cacciatore (revista Summa), elas traduzem, na verdade, o lugar e a maneira de viver de seus proprietários.
“Capotesta é assim porque é minha casa- afirma Testa. Se fosse para outro cliente, certamente seria diferente”.

WOLF, José - ARQUITETURA – 2 MOMENTOS - A repeito de projeto de Vasco de Mello/Tito Lívio Frascino e de Marco Antonio Gil Borsoi –AU jun/jul 91, ano 7, n. 36. Tito Lívio Frascino/ Vasco de Mello
CLIENTE (público/privado): Ele observa que quando se fala em residência coletiva, trata-se necessariamente de um empreendimento comercial. “Não estamos falando de obra pública, mas de setor privado. E esse componente, a meu ver, é muito importante. Assim, fica difícil uma análise exclusivamente arquitetônica de algo produzido para mercado. Implica, portanto, uma discussão que deve ser associada a outras questões que envolvem um tipo de edifício como este. Ele deve ter um retorno diferente do de uma obra pública, de uma escola ou uma praça. Então não se pode discutir arquitetura como se fosse geração espontânea, algo que surge do nada”.

MEDEIROS, Heloisa - ENCONTRO DE GERAÇÕES - AU - Arquitetura e Urbanismo, Edit Pini, ano 7, dez/91-jan/92, n. 39, S.Paulo, pag ?
CLIENTE: (Lina Bo) A beleza tem que existir, mas antes deve servir à comunidade.(a respeito de arquitetura)

MEDEIROS, Heloisa - O SOPRO DO ARQUITETO (Joaquim Guedes) - AU, n. 39, pag. 34. CLIENTE: ...e o casal de clientes fez esta complementação com inteligência e sensibilidade. São eles que vão viver na casa e quanto mais o arquiteto impõe particularidades muito pessoais e subjetivas mais constrange os moradores.
CLIENTE: É um pouco o que Deus fez com o boneco de barro. Eu acho que o

| |
|---|
| sopro não é de Deus, não é do arquiteto, mas do cliente que vai pôr sua vida naquele espaço. O arquiteto procura compreender e interpretar o que o cliente necessita e quer. |
| WOLF, José -GESTÃO ABERTA (Piratininga Arquitetos Associados) - AU, n. 40, pag. 84. CLIENTE: Produzimos arquitetura dentro do mercado, e agora estamos nos estruturando no sentido do aprimoramento da qualidade dos projetos. |
| BARDA, Marisa - RENZO PIANO. UM AEROPORTO SOBRE O MAR - AU, abr/mai 92, ano 8, n. 41. pag. 62. CLIENTE (USUÁRIO): Ainda segundo Piano, o arquiteto deve ser em primeiro lugar um profissional, um artesão com percepção aguda, que saiba oferecer resultados úteis e simples, através do caminho mais claro. |
| WOLF, José - LUIS FERNANDO ROCCO - PRODUÇÃO PLURALISTA - AU, abr/mai 92, ano 8, n. 41, pag. 86. CLIENTE (OBRA): Segundo o arquiteto, é necessário ainda que a obra seja viável, barata, econômica e adaptada ao orçamento do cliente. CLIENTE: “Atualmente o perfil do cliente esta mudando, ele prefere projetos compactos, limpos, simplificados, de fácil manutenção e cabe ao profissional fazer um objeto arquitetônico bem resolvido”. |
| NOBRE, Ana L. - SESC NOVA IGUAÇU/MATRIZ POPULAR - ARQTs BRUNO PADOVANO E HECTOR VIGLIECCA - AU, n. 42, pag. 24.<br>CLIENTE: Nesse caso, a obra é de uso coletivo mas de caráter privado. O aspecto simbólico, de espaço - convivência, dirige-se a funcionários de empresas comerciais, familiarizados a ambientes festivos característicos dos centros de lazer do SESC.<br>A solução destaca o objeto arquitetônico não de forma autoritária, mas uma conversa com os elementos locais.<br>A procura de uma imagem facilmente absorvida e bem recebida pelo usuário levou à opção pela tecnologia da madeira... |
| SANDER, Marília A&M ARQUITETURA - NO CENÁRIO MINEIRO Arquitetos Alvaro Hardy (Veveco) e Marisa M. Coelho - AU n. 42, pag. 86.<br>CLIENTE: O escritório A&M-Arquitetura, Urbanismo, Interiores e Consultoria se impôs no cenário mineiro por sua arquitetura harmoniosa, bem dimensionada, respeito pelo entorno e pelo cliente.<br>Observam ainda, que a arquitetura de edifícios particulares também têm se acelerado e que atrás de um bom projeto existe sempre um bom cliente. Ultimamente, construtoras e investidoras vêm percebendo a exigência por melhor qualidade e maior conforto por parte dos compradores como a Engeservice, a Ponta Engenharia, a Seitec ou a Mendes Júnior Edificações, por exemplo, que estão solicitando projetos arrojados e diferençados. |

BOZZO, Claudia - FECHANDO O ANO COM OTIMISMO - AU, dez 92/jan 93, ano 8, n. 45, pag. 24. Depoimento de Edson Musa.
CLIENTE: "O arquiteto vive de projetos. E nesses dias de crise esta é uma meta difícil". O desabafo do arquiteto Edson Musa, presidente da Asbea-Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura, resume um sentimento que dominou quase todo ano de 92, abalado por crises institucionais, ao lado de persistente recessão econômica que desafia otimismos. Mas mesmo ante esse panorama que afetou o mercado de trabalho dos arquitetos em geral, não é o pessimismo que está vencendo. Edsom Musa ressalta como positivo o fato de a associação ter se consolidado em 92, com a adesão do Paraná, junto com São Paulo, Rio, Minas, Bahia, Ceará, Mato Grosso e Rio Grande do Sul. "Tivemos um aumento de 10%, ampliando nosso campo de atuação e, a curto prazo, vamos consolidar o papel da Asbea como fórum natural de discussão dos problemas dos associados e da categoria em geral", diz Musa.

THOMAS, Dalva – AS RAZÕES DE ONTEM, HOJE E SEMPRE – AU, dez 92/jan.93, ano 8, No 45, pag. 80/81.
CLIENTE: "*A arquitetura deve ser o retrato de seu tempo"(Le Corbusier).*
Incansável em sua tarefa de divulgar a arquitetura brasileira, aqui e no exterior, Kneese de Mello pode ser considerado um de seus mais dignos representantes....Como outros engenheiros - arquitetos de sua geração, a quantidade marcou a primeira etapa de sua vida profissional: a era das construções ecléticas, das "residências de catálogo" que a classe média abastada gostava de reproduzir. Mais do que uma moradia, o cliente buscava a representação de um "estilo" de vida que reencontrasse "em algum lugar do passado" origens aristocráticas. Nessa busca o arquiteto era um auxiliar competente, detentor de um conhecimento histórico-artístico que permitia a reprodução do cenário sem grandes entrechoques com as condições de produção do momento..... O provincianismo de São Paulo retratado na paisagem urbana onde predominavam fazendeiros e industriais, como se a cidade ainda tivesse caráter intermitente e, a casa, o valor social por excelência para ser exibido nos dias de festa. Requinte que se coloca em franco contraste com a outra cidade, a dos operários fabris que se aglomeravam numa paisagem muito diferente e sob as condições altamente discutíveis que a história nos aponta.

ADAMS, William e PROCTOR, George – NA ROTA DOS PIONEIROS – AU, n. 56, out/nov 94, pag. 84/86.
ARQUITETURA/ARQUITETO: "Nas primeiras décadas desse século, templos egípcios, mesquitas mouriscas, fóruns romanos, mansões vitorianas e "pallazzos" florentinos emprestavam seus atributos mais evidentes à arquitetura urbana de Los Angeles. Entretanto, graças à receptividade gerada pela ausência de tradições e preconceitos, é natural que também a arquitetura moderna tenha

encontrado, nesse ambiente, terra fértil para se promover.
....A massa construída final é ditada quase que diretamente pelas rígidas normas de controle de edificações que prevalecem em Santa Mônica. O alto custo da terra na área determina que o arquiteto busque a ocupação máxima permitida. Porém, a exigência de 2,5 vagas de automóvel por unidade residencial certamente adiciona uma complicação extra. Isso faz com que, para as quatro unidades, haja um total de dez vagas na garagem. Se não estivéssemos em Los Angeles, seria difícil justificar a exigência municipal de um número de vagas maior do que o de quartos em uma mesma residência.

GREGORI, Vittorio – ENTREVISTA – AU, n. 59, Abr/Mar/95, ano 10, pag.72/73. ARQUITETURA/CLIENTE: "Antes de tudo, quem ameaça a arquitetura atualmente são os próprios arquitetos. Em geral, sua maior preocupação é com sua fama pessoal, com as publicações, com a imagem.....Como ocorre em muitas expressões artísticas, o artista, para sobreviver, torna-se mais importante que a própria obra...Desprezando o caráter comunitário, abandona-se a própria essência da profissão. Por esse motivo, a arquitetura é hoje uma disciplina em grave crise moral, não interessando a ninguém....
Quando iniciamos um projeto nos encontramos sempre dentro de uma situação histórica, com uma determinada cultura, uma economia, um cliente, uma técnica construtiva e regra coletivas prefixadas, que são as condições com as quais se estabelece um diálogo. Isso cria uma relação de necessidade com a forma, ou seja, o projeto não só deve responder funcionalmente a todos esses problemas, mas deve também tentar traduzi-los. Daqui a 30 ou 50 anos pode ser que o contexto seja modificado, que as condições sejam diversas; mesmo que as funções sejam outras.

SABBAG, Haifa Y. e NOBRE, Ana Luiza – ARQUITETURA, CULTURA OU ESPETÁCULO (UIA BARCELONA 96) – AU, Ano 11, n. 67, ago/set 96, pag.27. ARQUITETURA/ARQUITETO: O consumismo desenfreado atingiu também a arquitetura, e a mídia tornou-se a maior vitrine arquitetônica da virada do século. A expressão "Sillytecture", criada por Dennis Sharp (Inglaterra) ao lamentar a qualidade da arquitetura das cidades contemporâneas, inteiramente construídas pelo lucro e pelo mercado, mostra a importância da ética profissional no momento em que se questiona o paradigma do arquiteto contemporâneo. "Estejamos ou não de acordo, a especulação tornou-se o principal motor do desenvolvimento urbano", lembrou o italiano Vittorio Lampugnani.

SUMNER, Anne Marie – ESPAÇOS FLUTUANTES – (Clinica PROMOV, São Paulo – SP) – AU, n.67, ano 11, ago/set 96, pag. 47.
ARQUITETURA/CLIENTE: Anne Marie ressalta dois fatores favoráveis para o

bom resultado do projeto: um relacionamento franco com a cliente e a execução da obra pelo próprio escritório, que contou com a arquiteta Luciana Flores Martins na sua direção. “Esse fato fez com que o trabalho fosse executado exatamente conforme o projeto”, acrescenta a arquiteta.

MAIA, Éolo; PONTUAL, Davino; HISSA, José Nasser – 3X4 – AU, N.67, ANO 11, AGO/SET 96, pag. 62, 63. ARQUITETURA/CLIENTE: MAIA: “Teremos que assumir nossa realidade – a exemplo das décadas de 40 e 50 -, e trabalhar como brasileiros, trabalhar muito, com criatividade e garra. E rezar para que os empresários e o poder voltem prestigiar as verdadeiras arquiteturas desses brasis.”
PONTUAL: “O profissional precisa se acostumar a entregar ao cliente o projeto definitivo, com todos seus detalhamentos, e não o anteprojeto, como é freqüente. Além disso, deve dar maior atenção às especificações e conhecer bem os materiais escolhidos. A prática de receber comissões pelos materiais especificados faz com que o arquiteto não se detenha no estudos deles e acabe passando ao fornecedor o ônus da especificação.”
HISSA: “O que sempre fizemos para enfrentar a concorrência dos escritórios do Sul do país: aperfeiçoamento de desenvolvimento dos projetos, com suporte cada vez mais intenso da comutação gráfica e maior capacitação da equipe.”

MELO, Mário Aloísio – CASAS DO BRASIL (Residência em Maceió) – AU, n.68, ano 11, out/nov 96, pag. 62. ARQUITETURA/CLIENTE: Mário Aloísio tem realizado uma série de casa nas quais predomina a madeira como estrutura a sustentar grandes panos de telha de barro e, ocasionalmente, coberturas em sapé. Nesta residência, num condomínio fechado em Maceió envereda, a pedido do cliente, por uma linguagem mais urbana, plástica e formal. O terreno amplo e irregular permitiu uma implantação que privilegiasse num primeiro momento as melhores condições de ventilação, abrindo caminho para os ventos predominantes. Fator importante para garanti um conforto adequado, uma vez adotada a solução de laje plana e telha de fibrocimento (colchão de ar) para a cobertura.

PEREIRA, Margareth S. –RAZÃO E SENSIBILIDADE – AU, n. 68, ano 11, 0ut/nov 96, pag. 66. ARQUITETURA/CLIENTE: “...Razão e sensibilidade feitas matéria, a arquitetura vem sendo confundida com um problema de desenho, de expressão individual ou de resposta às exigências “de mercado”. Essa visão não apenas reduz o entendimento do gesto arquitetônico mas também ignora a própria humanidade enquanto idéia e possibilidade. A arquitetura não é forma, é ação de dar a forma. Não é trazer respostas eficientes às exigências de um momento histórico, é estranhá-lo, repensá-lo, construí-lo. Talvez seja simplesmente isso que importa não esquecer.”

TOPELSON, Sara (Idem): SINTONIA COM A SOCIEDADE : "...A formação do ARQUITETO NO ANO 2000 deve contemplar os seguintes elementos: uma profunda consciência social, que o leve a situar-se em sua realidade; forte sensibilidade em relação aos problemas urbanos, para que as soluções de conjunto sejam coerentes com a cidade e com o meio construído; compreensão clara da proteção ecológica do nosso universo; um sólido conhecimento do valor do patrimônio arquitetônico histórico capaz de convertê-lo em seu defensor; grande intimidade com a cultura local e regional, para que adapte corretamente suas propostas aos significativos marcos culturais; uma constante preocupação com a capacitação técnica e o domínio de materiais, sistemas construtivos e tecnologia de vanguarda; abertura às diversas modalidades de trabalho na atual fase, para responder adequadamente às suas demandas.

PURINI, Franco – CAMINHOS POSSÍVEIS – AU, ano 14, n. 80 out/nov 98, pag. 26. ARQUITETURA/ARQUITETO: "A condição da arquitetura é hoje substancialmente supérflua...a arquitetura não é mais autenticamente ela, é sua representação. Na atual cultura mediática, o edifício se separou de sua imagem... Como objeto físico perdeu boa parte do seu significado." Esses são alguns aforismos do ilustre arquiteto e pensador italiano Franco Purini, que aponta atitudes possíveis diante da "degeneração informativa" resultante da globalização. Define a primeira delas como "exasperação das funções de um edifício", a fim de devolver à arquitetura a capacidade perdida de resolver problemas primários e, ao mesmo tempo, resguardar o poder do arquiteto.

PORTO, Sidonio BOND, Davis Brody – O LADO CIVILIZADO DA GLOBALIZAÇÃO – AU, ano 15, n. 85, ago/set 99 pag. 90. ARQUITETURA/CLIENTE: ...Ainda, para atender à demanda do cliente, de máxima comunicação entre os departamentos, apenas uma parede de vidro separa as salas de escritório da área de produção. Nas duas unidades, praticamente inexiste diferenciação entre os funcionários, "peões/engravatados", como na indústria tradicional. Na verdade, não há peões – os operários são todos técnicos de nível médio -, nem executivos de terno e gravata. Todos vestem o mesmo conjunto de camisa branca e calça preta e trabalham em ambientes climatizados, bem iluminados e limpos. Assim, não há diferenças a esconder e, por isso a transparência. O mesmo conceito justifica as amplas aberturas envidraçadas para a paisagem local em todas as dependências da unidade.

BAUDRILLARD, Jean – VERDADE OU RADICALIDADE NA ARQUITETURA – AU, ano 15, n.84 jun/jul 99, pag. 49, 50.

ARQUITETURA/ARQUITETO/ CLIENTE : ...Pode-se dizer que a arquitetura não está na realidade, mas na ficção de uma sociedade, na ilusão de ser antecipadora. É nesse sentido que coloco a questão: há uma verdade da arquitetura – no sentido de uma destinação supra-sensível de arquitetura e de espaço?

A aventura do arquiteto se situa em um mundo bem real. Ele deve produzir um objeto que talvez não tenha sido definido antes, em um tempo precioso, com um orçamento previsto e para pessoas certas.....A partir disso, onde está o espaço da liberdade, a maneira de superar as restrições? O problema é articular cada projeto a um conceito, a uma idéia prévia que irá definir um lugar que não se conhece. Estamos no caminho da invenção, no domínio do saber, no domínio do risco e esse lugar pode se converter em um lugar de um certo segredo, de coisas que não se dominam, da ordem do fatal ou do involuntariamente incontrolável. Aí começa a ilusão aberta, aquela de um espaço que não é somente visível, mas que será o prolongamento mental do que se vê. Esta forma de ilusão não é gratuita; ela permite, pela desestabilização da percepção, criar um espaço mental e instaurar um cenário, sem o qual os edifícios não seriam mais que construções e a própria cidade, uma aglomeração. É a perda desse cenário e, portanto, de toda uma dramaturgia da ilusão e da sedução, que sofrem nossas cidades, consagradas à saturação do espaço por uma arquitetura de funções (úteis ou inúteis).

LARA, Fernando – ARQUITETURAS GLOCALIZADAS – AU, ano 16, n. 89, abril/maio 2000, pag. 62/63.

ARQUITETURA/USUÁRIO/ CLIENTE: Uma recente tendência parece entrar em uso corrente para explicar algumas transformações na relação entre o homem, os espaços e o tempo. Chamam essa tendência de *glocalização,* espécie de globalização localizada ou *locus* da globalização que, ao contrário do que diz o discurso, atua, cada vez menos, na busca da integração das diferentes camadas sociais mas escolhe com cuidado quem, onde e como se inserir. Dá para perceber que boa parte dos projetos que se fazem em vários pontos do mundo tem como alvo um público bem definido, próximo entre si e a anos-luz de distância daqueles que vivem ali, do outro lado do muro. Essa estratificação, que isola indivíduos e comunidades de um mesmo espaço, enquanto os aproxima de grupos semelhantes em pontos diferentes do globo, força transformações na prática e no ensino de arquitetura que ainda apenas começando a ser entendidos.

.....Essa navegação entre locais e estratos sociais diferentes passa a ser fundamental para a grande maioria dos arquitetos. Isso ainda não se cristalizou em uma assinatura pessoal como uma arquitetura que imponha menos a visão

pessoal de mundo e seja mais coerente com o lugar e a ocasião.

PERRONE, Rafael e PETRÓLEO, Aster – DIFERENÇA NOS PADRÕES – AU, ano 14, n. 79, ago/set 98, pag. 53.

PRODUÇÃO/PROJETO/ CLIENTE: Além do total entendimento com o cliente, a concepção de um projeto de interiores requer do arquiteto-designer uma sensibilidade para "humanizar" o ambiente. Se o projeto for de escritório, a tarefa torna-se um pouco mais difícil, já que o pedido vem da diretoria ou da presidência da companhia, mas deve atender a todos os funcionários.

Com esse pensamento, o arquiteto Rafael Perrone e sua equipe, da Perrone e Associados Arquitetura, desenvolveram o projeto para a distribuidora Aster Petróleo. "Uma das exigências do cliente referia-se às cores a serem usadas. Pediram tons marcantes, para demonstrar força, poder e energia, referencias da empresa", lembra Perrone. Foram escolhidas então cores contrastantes, como azul, vermelha e amarela, embora também apareça a neutralidade dos tons cinza e branco. "Deixamos grande parte do escritório com as paredes brancas, que já existiam, mas as coloridas ressaltaram o padrão de qualidade, seguindo padronagens da empresa", completa ele. Apesar do contraste nas cores, a textura dos painéis de gesso acartonados com revestimento terra-cor foi utilizada em todos os ambientes, mantendo a unidade. Segundo Perrone, o gesso acartonado é pouco explorado. "Trata-se de uma textura que permite variações no desenho e que não necessita de previsão. Dá a idéia de continuidade no espaço."

MUNIFABUSSAMRA, Jorge – NOS LIMITES DO MERCADO – AU, ano 14, n. 80, out/nov 98, pag.83.

PRODUÇÃO/ORGANIZAÇÃO/CLIENTE: Projetar nas condições vigentes do mercado imobiliário implica desafiar dificuldades orçamentárias e, em Segunda instância, as limitações dadas pela padronização dos conceitos de forma, materiais ideais e técnicas construtivas apropriadas. Como uma das contradições das regras para a realização da obra de arquitetura, a maior parte das justificativas para essas padronizações prima por favorecer ofertas de mercado, enquanto deveria ser determinada principalmente pelas condições de localidade, clima e função.

Atualmente, enfraquecendo ainda mais os princípios da arquitetura residencial brasileira, é clara a consolidação de uma cultura arquitetônica de contemplação da imagem do objeto construído. Formada sobre bases de valores efêmeros de qualidade, beleza e progresso. Dando forma a esse desenfreado e quase descontrolado crescimento urbano vertical, o arquiteto cumpre seu papel de gerenciar projetos, conectando e equacionando estética, tecnologia, função e custos. Dessa maneira, a arquitetura das torres residenciais de hoje nasce no limite entre o desejável e o possível.

CAPOZZI, Simone – O QUE É UM PROJETO DE QUALIDADE? – AU,ano

15, n. 81, dez/jan 99, pag. 46, 47.
PRODUÇÃO/ORGANIZAÇÃO/ CLIENTE: Chega, enfim, aos escritórios de Arquitetura a discussão que já há algum tempo habita construtoras e a indústria em geral. Trata-se dos programas de qualidade e processos de certificação, em geral com base na série de normas da ISO (International Organization for Standardization), que visam pôr um pouco de ordem na atividade projetual realizada no Brasil. Segundo Henrique Cambiaghi, vice presidente da Asbea, esses programas contribuem com metodologias de trabalho, induzem os escritórios de Arquitetura a se submeterem a uma auto avaliação de procedimentos operacionais e administrativos, além de auxiliarem na definição de políticas de qualidade. O processo deve resultar em escritórios menos improvisados e mais empresariais, dotados de melhores ferramentas de controle e manutenção.....
(REPROJETAR) Há ainda um terceiro ponto a se destacar: "Por questões conjunturais, temos menos gente fazendo mais coisas; por isso, não se pode desperdiçar tempo com retrabalho". Henrique Cambiaghi concorda... "Se há grande desperdício na construção, há maior na área de projetos: não gostou faz de novo", ironiza. O arquiteto diz ainda que nem sempre o retrabalho é exigido por falha no projeto, mas porque o cliente "achou melhor" mudar a planta ou a construtora quuis trocar o sistema construtivo.

GRUBER, Andy; RODRIGUES, Humberto; DRIGO, Marcela – ROTA DAS INOVAÇÕES/TORRE NORTE. –AU, ano 15, n. 86, out/nov 99, pag. 92, 94.
PRODUÇÃO/PROJETO/ CLIENTE: (CONCEITO) Receptividade às necessidades inerentes, explícitas e implícitas, do processo de globalização. Que significa atender a uma série de empresas internacionais hoje presentes no país. No conceito tecnológico, o que muda? Fora do Brasil, existe uma evolução tecnológica que vai além do domínio da tecnologia do concreto, na qual o Brasil atingiu um grau de excelência. Enfim, trata-se de uma tecnologia voltada para as necessidades explícitas ou implícitas de um novo cliente ou usuário final.

# 2. O arquiteto e o mercado

| **Levantamento / Revista AU** |
|---|
| NOBRE, Ana Luiza - FÁBRICA ARQUITETURA, AU - Arquitetura e Urbanismo, Edit.Pini, S.Paulo, ano 6, ag/set 90, n. 6, pag. 64.Reportagem sobre escritório dos arquitetos: Hermano Freitas, João Calafate, Pablo C. Benetti e equipe<br>MARKETING: ..., que o grupo encara cada projeto como oportunidade para realização de uma obra única, ao mesmo tempo que reconhece nessa postura um dos fatores fundamentais de sobrevivência profissional frente a um mercado oscilante como o nosso.<br>MARKETING: (João Calafate) ...um trabalho feito com carinho, um bom trabalho e o marketing que a FÁBRICA tem, contribuem para isso (a respeito de prêmios).<br>Os arquitetos defendem a participação em concursos e premiações como forma de veicular a produção do escritório e, no caso de projetos particulares, também como valorização do projeto junto ao cliente. |
| TEPERMAN, Sergio - PRÉ-OBSOLETO - AU, ano 2, out/nov.86, n. 8, pag. 44.MARKETING: Os grandes escritórios americanos de arquitetura, que não são bobos, adaptaram-se rapidamente a essa realidade porque mercado de trabalho é mercado de trabalho, senão, como justificar, por exemplo, os projetos atuais do escritório Skidmore, Owings and Merrill, o maior e tecnicista do mundo, que em alguns anos consegue produzir alguns dos melhores edifícios obsoletos dos Estados Unidos? (pós-moderno) A resposta a essa pergunta , simplesmente "marketing" e , dada magistralmente, com toda honestidade, por Philip Johnson: eu sou uma prostituta e me pagam bem. |
| MARINHO, Gabriela - JOEL CAMPOLINA, OBRA E CONCEITO EM SINTONIA - AU, ano 4, abr/maio 88, n. 17, pag. 83.<br>MARKETING: "Hoje o escritório , conhecido, há solicitações que nos chegam como resultado da própria dinâmica adquirida nestes anos todos. Assim o "marketing" torna-se mais discreto e informal. È dado muito mais pela presença nos locais adequados e em momentos oportunos, do que por uma estratégia elaborada com essa finalidade", afirma. |
| WOLF, José - GESTÃO ABERTA (Piratininga Arquitetos Associados) - AU, n.40, pag. 84.<br>MARKETING: Assim, a edificação pode acontecer em função de projetos |

anteriores ou do relacionamento pessoal. No "planejamento espacial", busca-se o mercado. Oficialmente, não se trata de marketing, mas tecnicamente sim, a semelhança do que ocorre com uma agência de publicidade, "saimos a procura de uma conta para gerenciar. Ou seja, procuramos abordar o mercado no momento oportuno, apresentando nossos projetos aos clientes potenciais

LIMA, Evelyn Furquim Werneck - · MARGEM, OS IRMÃOS ROBERTO - AU, n. 6, pag. 60.
MERCADO: "No momento em que a perspectiva é de um futuro indeciso, não há projeto", admite Maurício, lembrando que "os arquitetos são os primeiros a pressentir a crise e os primeiros a sair dela".

PEDREIRA, Lívia Alves - REIDY, O DESENHO DA RAZÃO - AU, n. 16, pag.76
MERCADO: Uma arquitetura exemplar, elegante e sóbria. Uma obra vasta, dedicada aos edifícios públicos, com raras incursões pelas residências unifamiliares. Atuação marcante no urbanismo a redesenhar o traçado do Rio, são pinceladas que esboçam o perfil de Affonso Eduardo Reidy. Esse brasileiro nascido em Paris em 1909, durante 30 anos

FIUZA, Luiz - NÃO BASTA A PARTE - AU, n. 20, pag. 66.
MERCADO: Assim, não me assustei com o mercado. Pelo contrário, trazia o entusiasmo de alguém que começava e isso facilitou.
MERCADO: O "boom" trouxe isso de bom: ampliou esse espaço (participação na obra). O arquiteto hoje, é um profissional que vende (não vamos ter medo de dizer isso, por quê) e o empresário sabe disso.

HISSA, José N.; HISSA, Francisco - A NÍVEL DA REALIDADE - AU, n. 20, pag.60. Publicação de projetos (FORTALEZA).
MERCADO: ...E somos nós, de forma ampla, arquitetos mais empresários, que estamos fazendo o desenho da cidade. Certamente aqui existe um aspecto ideológico questionável (ressalta Hissa), mas o incorporador para nós não é um agente do mal. A gente consegue caminhar ombro a ombro com ele.

WOLF, José - ITAPETI- TRIÂNGULO QUASE PERFEITO - (Escritório arquitetos Fausto Torneri, José Tabith Jr. e Carlos Eduardo Bianchini) - AU, n. 20, pag. 96.
MERCADO: "Não dá para ficar sentado a espera de trabalho, temos que fazer", resume Eduardo ao se referir a batalha do dia-a-dia. O próprio projeto representa o elemento gerador, o eixo central da produção da equipe e da carteira de clientes. Como círculos concêntricos, o trabalho tende a multiplicar-se a partir da obra construida, acreditam. "Sempre existe alguém a observar uma casa, uma construção, depois vai perguntar ao mestre-de-obras - quem fez? E, finalmente, acaba batendo na porta do escritório para pedir outro projeto".

SIMÕES, Bené - ALÉM DA RÉGUA E COMPASSO/Escritório de Luiz

Humberto e Neílton Dórea - AU, n. 25, ano 5, ago/set 89, pag. 98.
MERCADO: Apesar de nunca se ter ligado a grupos ou tendências, destacam influências comuns reveladas na produção atual do escritório, que conquistou junto ao mercado a imagem de uma "empresa de arquitetura" preocupada com a qualidade de seus projetos, grande parte deles dirigida ao setor privado.
Essa atitude de privilegiar a qualidade e não o lucro imediato motivou o afastamento do escritório do mercado essencialmente imobiliário, cuja dinâmica limita o tempo de "se pensar" melhor o projeto.
MERCADO: A constatação abriu um novo filão para o escritório no mercado local: o da arquitetura de interiores. Sem nenhum pudor em relação a esse segmento de trabalho, considerado geralmente "menor", começaram a desenvolver uma série de projetos nessa área. A iniciativa se justifica ainda pelo fato de, segundo os arquitetos, se tratar de trabalho sem concessões, sendo possível manter a mesma integridade profissional junto ao mercado.

JERÔNIMO & PONTUAL Arquitetos - A ESTRUTURA COMO EXPRESSÃO ESSENCIAL - AU, out/nov 1989, ano 5, n. 26, pag. 112.
MERCADO: ...A experiência lhes possibilitou o contato com o mercado e mão de obra especializada e, ao mesmo tempo, reforçou o enfoque empresarial do projeto. "É imprescindível essa visão em determinados projetos" -defendem realistas. O objetivo, no entanto, não significa tornar-se um empresário, mas um profissional capacitado para responder a todas as especificações de cada programa arquitetônico".

WOLF, José - ENTREVISTA DECIO PIGNATARI - AU, out/nov89, ano 5, n. 26, pag. 66.
MERCADO: ...Os arquitetos, a pretexto de salvaguardar o mercado, mesmo em oposição ideológica, evitam a crítica.

BORSOI, Marco Antonio - CENÁRIO- AU, n. 30, pag. 19.
MERCADO: No quadro do mercado privado, constata-se um quase vale tudo para todas as necessidades e gostos, com os arquitetos numa desesperada busca de espaço de atuação, para isso valendo-se dos mais variados argumentos e imagens ditadas pelas modas arquitetônicas, o que de resto reflete a voracidade consumista da população que utiliza o arquiteto.

CUTAIT, Luiz; RODRIGUES ALVES, Manoel - CENÁRIO - AU, n. 30, pag. 19.
MERCADO: Os escritórios, enfim, têm que estar mais bem preparados para se relacionarem com esse mercado, sendo necessário que se organizem e definam uma forma de aglutinação e representatividade.

REZENDE, Ronaldo - CENÁRIO - AU, n. 30, pag. 20.
MERCADO: Para tanto, como estratégia, estamos viabilizando a associação de nossa empresa a outra do mesmo porte onde a tônica é o fortalecimento de

posições comuns a estas e o crescimento nas faixas de atuação específicas.
Na realidade, nós, profissionais, devemos manter uma postura autocrítica em relação as nossas condições de competitividade tentando buscar diferenciais de trabalho que possibilitem um crescimento em épocas de mercado normalizado, ou mesmo de "sobrevivência" em épocas de crise como a atual.

PROTASONI, Sara - "EXPLORANDO O POTENCIAL DA MODERNIDADE" -AU, jun/jul 91, ano 7, n. 36, pag. 64.
MERCADO: É preciso sublinhar que a aproximação ao mercado, quando ocorreu, (a respeito do deconstrutivismo) comportou inevitavelmente uma certa redução do estilo, em simples jogo linguístico dos resultados das pesquisas anteriormente encaminhadas. A esse propósito é, sem dúvida, inevitável citar o "fenômeno" Arquitectonica: Laurinda Spear e Bernardo Fort-Brescia conseguiram inegavelmente operar a transposição da aproximação de Koolhaas com uma fórmula comercial de indiscutível sucesso, facilitados também pela circunstância de operar em um contexto, a Flórida, onde as loucuras contrapostas em outros lugares ao deconstrutivismo parecem estar ali em continuidade com a tradição vernacular local. E todavia os motivos que inspiram este trabalho parecem ser mais de natureza comercial do que artística.
Muito mais significativo parece-nos o notável sucesso que OMA-Koolhaas estão alcançando na França....
Parece que, enfim, uma maneira de trabalhar assim chamada deconstrutivista (mas Koolhaas não teria poucas coisas para mostrar) tenha saído da esfera dos concursos destinados a não realização (the Peak em Tóquio), da esfera dos projetos de pouca importância porque destinados ao puro divertimento e, portanto, não necessariamente produtivos (Parque La Villette), para enfrentar o grande desafio da definição de um nó funcional fundamental no interior do sistema de trocas europeu.
Acreditamos que, nesse caso, seja legítimo ir além do argumento corriqueiro pelo qual a proposta de Koolhaas se insere no processo generalizado de traduzir em objetos comerciais os princípios do deconstrutivismo; é preciso admitir que a sua capacidade de utilizar, na definição de dispositivos tipológicos novos e funcionantes, uma multiplicidade de sugestões formais e culturais, possui todo o fascínio da eficácia. De nosso ponto de vista, é legítimo afirmar que a estratégia estabelecida por Koolhaas implica aceitação da desordem existente, a renúncia ao papel do arquiteto como criador de harmonias mais ou menos locais. Mas talvez essa seja a nova maneira de construir.

WOLF, José - ARQUITETURA - 2 MOMENTOS - A repeito de projeto de Vasco de Mello/Tito Lívio Frascino e de Marco Antonio Gil Borsoi-AUjun/jul 91, ano 7, n. 36. Tito Lívio Frascino/ Vasco de Mello
MERCADO: "O que comanda é o contexto" diz Tito Lívio para completar "não

há , portanto, nenhum demérito em adaptar uma obra à sua finalidade, a seu momento, e a seu orçamento também.
O arquiteto aponta uma série de elementos que vem da "questão do gerenciamento da construção civil", por exemplo, de "toda uma lógica ligada ao mercado, à pesquisa, á localização da obra e ao próprio perfil do comprador", de todo um universo que está atrás de um projeto. "O arquiteto que desconhece o outro lado do balcão não consegue fazer a obra", argumenta, lembrando que "existem resistências e também estímulos que vem do setor imobilário, que o profissional precisa saber aproveitar. Em suma, não se faz o que se quer mas o que se pode".

TEPERMAN, Sérgio - SANGUE, SUOR E CERVEJA - AU, n. 42, pag. 81.
MERCADO: ...são todos macacos velhos e entendem que a vida profissional se diferencia muito dos róseos tempos da faculdade e que interferências políticas, sociais, comerciais no mercado de trabalho são parte do jogo. Os arquitetos têm por hábito imaginar "quem é o melhor arquiteto", mas esse dado na batalha do dia-a-dia constitui apenas mais um, e muito subjetivo e relativo. É necessário também ser o melhor profissional, o mais confiável, o mais bem relacionado, etc. Profissionais com muita tarimba entendem esse fato e o aceitam como normal, evitando maiores discussões dentro da Associação.

WOLF, José – PROJETO DE RECONVERSÃO – (METODOLOGIA E MERCADO) – AU, ano 10, abr/mar 94, n. 53, Pag. 96.
MARKETING/MERCADO: A análise das variáveis e movimentos de mercado vai apontar as áreas de atuação e produção, num processo constante e permanente de reflexão crítica e atualização. A metodologia e a sistematização dessa produção se movem, basicamente, em torno de quatro componentes vitais enterdependentes. Ou seja, a solicitação de mercado. Se não existir a demanda, certamente não haverá obra arquitetônica. Outra é a massa crítica que envolve o trabalho, quando interage a experiência profissional de cada um e também dos agentes que colaboram com eles, através do *pool* de empresas. Qualquer experiência ou tema novo impõe um tipo de reflexão, em termos de know-how.....A terceira componente se traduz pelas respostas rápidas. “A capacidade técnica que conseguimos mobilizar deve dar soluções imediatas. Não podemos atender ao cliente de forma lenta.....A quarta componente, enfim, é a rentabilidade. O lucro. Quando se decide montar uma empresa, o lucro necessariamente está presente. Não se trata de um estúdio ou ateliê de artes, mas de uma empresa de arquitetura que investiu capital.
Arquitetura, portanto, é o próprio trabalho desenvolvido, o produto final. Cabe ao profissional achar o seu caminho.

PAINEL DE MERCADO – NEGÓCIO DE ARQUITETO: AU, Ano 11 – out/nov 96, pag.92.MARKETING/NEGÓCIOS: Uma enquete realizada meses

atrás pelo Depto. De Análise e Pesquisa de Mercado da Pini Sistemas revelou algumas imagens sobre o exercício profissional de arquitetura no Brasil. OS dados referem-se ao período 94/95 e baseiam-se nas opiniões e expectativas de 303 arquitetos e engenheiros, leitores da revista, que ocupam os mais diferentes cargos e funções em escritórios, Órgãos públicos e companhias privadas.
Os resultados apontam uma maioria de profissionais atuando como autônomos (26,4%) ou trabalhando em escritórios especializados em arquitetura (24,75%) e urbanismo (14,52%). Outra fatia significativa atua diretamente em construtoras (12,54%) e um grupo extenso (8%) distribui-se entre segmentos variados, como artes plásticas, desing, assessoria náutica, incorporação, informática e trabalho acadêmico. A pesquisa também evidenciou uma prevalência da tipologia "casas" entre os trabalhos desenvolvidos, seguida das categorias "prédios públicos" e "edifícios residenciais".

TEPERMAN, Sérgio – DOCES CASEIROS & PROJETOS DE ARQUITETURA – AU, ano 11, out/nov 96, pag. 96.
MARKETING/DIVERSOS: Houve um tempo em que era muito feio profissionais liberais propagandearem seus serviços. Os códigos de ética consideravam isso uma grande ofensa. O mundo mudou e a competição tornou-se agressiva. Todos passaram a falar em marketing de serviços.
Mas o que é isso? Não sabemos, porque, na verdade, ainda não desenvolvemos essa cultura.
O que alguns escritórios fazem no Brasil, de maneira individual, são certas fotos, portfólios, uma ou outra divulgação de obra, quando de uma inauguração. Em geral em letras bem pequenas, ao lado de anúncios enormes da construtora, dos corretores, dos incorporadores e da firmas de impermeabilização, cerâmica ou vigilância. Nada que represente, realmente, uma atitude organizada de divulgação.

GLUSBERG, Jorge – REVISTAS – AU, ano 12, dez/jan 97, pag.58.
MARKETING/NEGÓCIOS: Nunca é demais recordar que o arquiteto não é, e não deve ser, um criador isolado, que desenha na solidão, guiado por inspirações extraterrenas. Ele é um agente social, que exerce uma prática estimulada e valorizada pelas instituições culturais correspondentes ao seu ofício: universidades e demais centros de ensino; teoria e crítica de arquitetura; exposições, congressos, concursos bienais, seminários, conferências, livros, catálogos de exposições, resenhas, programas de rádio e televisão e publicidade, além de revistas especializadas.....

FAYET, Carlos Maximiliano – EM NOME DO CONSENSO – AU, ano 14, n. 79, ago/set 98, pág. 30.
MARKETING/MERCADO: Antes de tudo, o acesso ao trabalho, que tem sido cada vez mais dificultado, e o exercício da profissão, cada vez mais aviltado.

Confunde-se fazer arquitetura com desenhar plantas para conseguir apenas a aprovação de algum órgão municipal. Ou confunde-se arquitetura com a mera façanha construtiva, pela utilização às vezes irracional de tecnologias sofisticadas que nada têm a ver com o nosso contexto cultural. Ao mesmo tempo preocupa-me o crescente risco que se corre nesse inevitável processo de globalização, por meio de acordos de comércio e serviços, em âmbito internacional; de ver a arquitetura como simples prestação de serviços, numa visão puramente mercadológica, não levando em conta sua componente cultural.

BENVENGO, Luciana – VOCÊ É BOM DE MARKETING? – AU, ano 15, n. 85, ago/set 99, pag. 98.

MARKETING/NEGÓCIOS: Sempre procuro fazer uma arquitetura diferente e isso chama a atenção das pessoas", afirma o arquiteto Gregório Repsold, de Vitória, que acaba de voltar ao mercado, após uma gestão à frente do IAB Nacional. Até mesmo seu nome, por ser diferente, também ajuda na afirmação do trabalho, acredita Repsold, embora atribua importância fundamental à qualidade da arquitetura: "O marketing vem através da boa obra e deve divulgar o exercício profissional. O arquiteto que faz marketing pessoal está condenado ao ostracismo", sentencia Repsold.

Uma arquitetura com traços marcantes também pode ser um ótimo "out-door" para o arquiteto. É o caso de Fernando Peixoto, um ícone da arquitetura soteropolitana. Seus trabalhos, com linhas e cores significativas, funcionam como verdadeiras peças publicitárias. "...Minha obra é facilmente identificada pelo consumidor final, pelo público e não apenas pelo construtor, o que é uma conquista. Diria que sou "pop", enfatiza Peixoto.

MAFFEI, Walter (consultoria) – DIGNO METAL – AU, ano 16 n.89, abril/maio 2000, pag. 64/65.

MARKETING/NEGÓCIOS: Objeto de estudos, desavenças e, muitas vezes, de concorrências não tão transparentes, "leilões" e de suposto "quebra braço", entre micros, médios e macro-escritórios, o tema se mantém em pauta. Polêmico. Um bicho papão? Um quebra cabeça? Para muitos, um caldeirão temperado com episódios e estórias nem sempre exemplares, que costumam alimentar confidências e bate papos informais de bar e *happy hours.*

As causas? Alguns culpam a globalização. O vale-tudo profissional teria achatado, para menos, a componente mercadológica que envolve o contrato de prestação de serviços na área da arquitetura.....

Os escritórios não dominam o mercado por produzirem mais arquitetura do que os outros. Ou porque tenham mais talento do que os outros. Dominam porque sabem como compor os custos de maneira correta e se apóiam numa estratégia de marketing baseada numa metodologia apropriada. Numa palavra, sabem formular propostas objetivas que correspondem àquilo que o cliente deseja e

quer.....
A primeira coisa a fazer: definir o produto que vai-se vender ao cliente. Exemplo: O projeto de um edifício de quatro pavimentos. O arquiteto pode fazer dez, vinte ou trinta desenhos; vai depender do grau de detalhamento que se pretende ou que se exige. Mas não basta desenhar se não souber especificar, com clareza, o produto. Então, o mesmo edifício de quatro pavimentos pode ter um preço ou outro. Isso vai depender do que o profissional vai oferecer ao cliente.

MARTINHO, Araken -CENÁRIO - AU, n. 30, pag. 21.
NEGÓCIO: Nossos pequenos e grandes escritórios têm mostrado sua competência, nos últimos anos, independente de seu tamanho e dependente de seu talento sempre renovado. Com rapidez e eficiência e a partir do sujeito-projeto, temos montado equipes de trabalho com especialistas, inflando o pulmão da criatividade na proporção da oxigenação necessária.
Nossa capacidade de organização se faz necessária para discutirmos com nossas representações institucionais novas formas de atuação, cadastramentos, concursos de idéias, etc; numa relação adulta com o estado

REZENDE, Ronaldo - CENÁRIO - AU, n. 30, pag. 20.
INFORMÁTICA-NEGÓCIO: Agora, mais do que nunca os escritórios de arquitetura vão ter que buscar mercado na iniciativa privada e não no estado, fazendo investimento na qualidade de seus serviços - informática, treinamento de pessoal, RH, prospecção de novos clientes - enfim, em sua própria condição de competitividade porque a concorrência nas crises aumenta significativamente e nessa hora a competência fala mais alto.

FOSTER, Norman - UM VÃO HIGH TECH - AU, n. 37, ano 7, ago/set 91, pag. 64.NEGÓCIO: Realmente não vemos por que a "arte" e os "negócios" não possam andar juntos. Se se rompe o conflito entre o privado e o público, o indivíduo e a comunidade, entre necessidades a curto e a longo prazo, aumenta-se a possibilidade de obter edifícios de uso múltiplos e flexíveis...

# 3. O arquiteto e a arquitetura

**Levantamento / Revista AU**

CORONA, Eduardo - UM PEDAÇO DA CIVILIZAÇÃO DO SÉCULO XX - AU, ano 1, jan. 85, n§ 1, pag. 34.
ARQUITETURA: Ainda mais: "quando uma forma cria beleza ela assume uma função das mais importantes na arquitetura". (Niemeyer) Se olharmos com atenção toda a arquitetura feita na história da humanidade, isso é verdadeiro.

PINI, Mario Sergio - UIA HOMENAGEIA ARQUITETURA BRASILEIRA - AU, ano 1, jan.85, n§ 1, pag. 13.
ARQUITETURA: O que podemos concluir , que a arquitetura, como produto social, revela um povo. Mas ela contém o desejo individual de projetar esse povo numa situação estética, ética e politicamente melhor.

SABBAG, Hayfa Y. - A BELEZA DE UM TRABALHO PRECURSSOR, SÍNTESE DA TRADIÇÃO E DA MODERNIDADE - AU, ano 1, jan.85, n§ 1, pag. 15.
ARQUITETURA: "Se arquitetura é fundamentalmente arte, não o é, menos fundamentalmente, construção".Diz Lucio Costa em um de seus textos que a arquitetura, é antes de mais nada , construção, mas construção concebida com o propósito de ordenar o espaço para determinada finalidade. é quando então ela se revela arte plástica.
Quando jovem, em 26, já formado em arquitetura, estava em Florença, num hotel a beira do Arno, quando uma senhora inglesa se aproximou e disse: "Soube que o senhor é arquiteto; eu também sou muito sensível a altura e largura dos cômodos, das janelas e portas". A essência da arquitetura está nessa sensibilidade as proporções de um ambiente, ao espaço, a relação dos vãos com as paredes. Ela intuiu tudo isso com aquela simplicidade. Nunca mais esqueci essa aula de poucos minutos, que nenhum professor em cinco anos havia lembrado de dar.(L.Costa).
Desde o início, o arquiteto precisa estar imbuído da intenção plástica, que deve estar presente em toda obra arquitetônica, consciente ou inconscientemente. Isso é o que a distingue da simples construção. A beleza é uma função e deve aparecer como resultado final da obra. O objetivo , que ela funcione, que se adapte ao programa e que seja bela. Ser bela apenas é cenografia.(L.Costa).

GRAEF, Edgard - UM BOSQUE - AU, ano 1, abr.85, n§ 2, pag. 69.
ARQUITETURA: Foi no convívio de Brasília que vim a compreender melhor a lição magistral de Armando Holanda em seu "ROTEIRO PARA CONSTRUIR

NO NORDESTE". O querido e saudoso companheiro abre seu grande livro com a "FÁBULA DO ARQUITETO", o poema- programa de João Cabral de Melo Neto:
"Arquitetura como construir portas, de abrir: ou como construir o aberto; construir, não como ilhar e prender, nem construir como fechar secretos; construir portas abertas, em portas; casas exclusivamente portas e tetos."

SAWAYA, Sylvio - "AOS VENTOS QUE ÇO DE VIR" - (entrevista a Jos, Wolf) - AU, ano 1, abr.85, n§ 2, pag. 20.
ARQUITETURA: Arquitetura fala, ao mesmo tempo, de duas coisas: o tema "arque" se refere a autoridade presente, ao que está presente e "arque" também quer dizer arcaico, princípio, origem - então, de repente, "arque" significa fazer-se presente, refazer e isto acontece espacialmente ...

FERRO, Sergio - A GERAÇÃO DA RUPTURA - AU, ano 1, nov.85, n§ 3, pag. 56.
ARQUITETURA: Não há condições de se falar em arte na arquitetura se não houver uma modificação das condições de produção nas obras. Arte , aquele momento do trabalho em que o júbilo, a alegria acontecem e é, portanto, uma dimensão do trabalho. Eu gostaria de saber qual , o prazer que sente o operário da construção civil. Talvez, só na hora da pinga, no bar ou quando ouve aquela música do Chico Buarque.

PEDREIRA, Livia A. - ARQUITETANDO A ESPERANçA - DEPOIMENTOS - AU, ano 2, fev.86, n§ 4, pag. 38.
ARQUITETURA: "Arquitetura é antes de tudo síntese. Ela tem um objetivo, um desígnio, uma proposta que, necessariamente, tem que ter qualidade". E evoca o velho mestre, que emprestou seu nome ao congresso, Vilanova Artigas: "construção , quantidade, arquitetura , qualidade".(Paulo Bastos).

RIBEIRO, Demétrio - DENSO OLHAR DE UM SÁBIO - DEPOIMENTO (a José Wolf) - AU, ano 2, fev.86, n§ 4, pag. 16.
ARQUITETURA: Arquitetura no sentido mais amplo da palavra, uma aspiração latente de todos os homens. Ou seja, da organização de melhoria das condições de vida em termos de espaço físico, da melhoria das condições de relacionamento do homem com o espaço em que vive, e ele vive em termos de significação.

SABBAG, Haifa Y. - CARLOS BRATKE - AU, ano 2, fev.86, n§ 4, pag. 26.
ARQUITETURA: "A arquitetura não pode ser encarada apenas como um exercício estrutural e funcional mas, também, humanístico, filosófico e plástico, em consonância com o momento em que está "inventando". Mies Van Der Rohe sintetizou a arquitetura moderna com uma frase: "o menos é mais", indicando um carácter austero e asséptico para essa estética. Mas o "menos" tem limites enquanto o "mais" não tem.

GAMA, Ruy - O ENSINO E O DEBATE DA ARQUITETURA - AU, ano 2, abr.86, n§ 5, pag. 57.
ARQUITETURA: No "TRATADO TEÓRICO E PRÁTICO DA ARTE DE CONSTRUIR" (1802) deixa claro que "o objetivo essencial era, antes de mais nada, a construção de edifícios sólidos empregando, em quantidades justas, materiais selecionados com arte e economia "A boa e eficiente construção constituía, segundo Rondelet, o valor mais importante em qualquer obra de arquitetura. A idéia de eficiência é, já uma relação funcional: conseguir o máximo de resultados com esforços mínimos e com a máxima economia.

MELLO, Eduardo Kneese de - COM ENTUSIASMO. E PAIXÃO - (entrevista a HaifaY. Sabbag) - AU, ano 2, abr.86, n§ 5, pag. 28.
ARQUITETURA: ..., de repente, comecei a perceber que a arquitetura tem que ser o retrato de seu tempo, como diz Le Corbusier, e eu estava fazendo retratos de outros tempos. Estava mentindo arquitetônicamente.

PINI, Sandra M.A. - KISHO KUROKAWA/O TOQUE DO ORIENTE - AU, ano 2, jun.86, n§ 6, pag. 90.
ARQUITETURA: Em síntese, para Kurokawa a arquitetura deve expressar espiritualidade e sentimento humano e não estar em confronto com a natureza mas em harmonia com ela. Ele rejeita o funcionalismo racionalista por não estar de acordo com a essência do ser humano que é contraditória e complexa. Ao lado disso busca traduzir sua identidade cultural. Ele vê a arquitetura como a literatura e as artes plásticas e espera que as sensações que ela provoca nas pessoas sejam tão excitantes quanto a ansiedade por virar a página de um livro. A arquitetura tem que ter uma estrutura narrativa, essencialmente teatral, tem que ter magia, cenário, mistério, drama, tem que emocionar, tem que ser sentida. A forma deve ser entendida não apenas como função mas como símbolo.

REIS, Assis - MANIFESTO DE UM BAIANO - AU, ano 2, jun.86, n§ 6, pag. 32.
ARQUITETURA: Em meus trabalhos tento responder aquilo que considero a essência da arquitetura: a relação harmônica entre o homem, a natureza e a sociedade. Sendo a arquitetura a geratriz de todos os espaços construidos para o vivencial do ser humano, ela cont,m primariamente a responsabilidade de atender, dentro de escalas e soluçäes compatíveis, ao conforto e ao bem-estar do homem contemporâneo; real e ainda terreno.

VAIDERGORN, Izaak - COMEÇO DE TUDO - AU, ano 2, jun.86, n§ 6, pag. 40.
ARQUITETURA: é Goethe declamando: "A arquitetura , música petrificada." é Spengler afirmando: "é a matemática petrificada."

ROCHA, Paulo M. - EXERCÍCIO DA MODERNIDADE - (DEPOIMENTO A JOSE WOLF) - AU, ano 2, out/nov.86, n§ 8, pag. 26.

ARQUITETURA: Afinal o que é uma escultura, porque o homem faz esculturas, pergunta. "Ora, são linguagens. Você pode falar, ou escrever ou pode registrar, como fez Henry Moore, projetos numa forma. A arquitetura não é mais do que isso, você ultrapassar as necessidades de abrigo, de transpor um rio com uma ponte, e faze-las, essas obras, com formas tais que você conte a sua história. Não é a atoa que se descobre uma cidade jamais conhecida, como acontece na arqueologia, e você acaba lendo a história daquele povo pelas formas que lá encontra, que registram a vida. é uma condição nossa."
A idéia de arquitetura, como escultura, não é certa: uma construção que "'pareça" uma escultura. Mas o ímpeto do escultor, sua lógica, alguma sobreposição na urgência do mítido e essencial na forma como linguagem, as vezes se impõe, de maneira inexorável, entre arquitetura e escultura.

SABBAG, Haifa Y. - "KITSCH é SER MIES" - (ENTREVISTA COM DECIO PIGNATARI, DINAH GUIMARAENS E LAURO CAVALCANTI) - AU, ano 2, out/nov.86, n§ 8, pag. 48.
ARQUITETURA: Seguro em suas afirmações, Pignatari não hesita em dizer que foi-se o tempo em que arquitetura era organização do espaço. " Hoje, arquitetura é organização do tempo no espaço". Usa então, como exemplo, o edifício da FAU onde estava sendo realizada a entrevista. "Imagine esse prédio do Artigas transparente. Tudo teria que mudar: comportamentos, a noção de tempo e espaço... porque tudo aconteceria simultaneamente. Os espaços estéticos passariam a ser dinâmicos e concomitantes".

SACRISTE, Eduardo - IDENTIDADE E MODERNIDADE - AU, ano 2, out/nov.86, n§ 8, pag. 77.
ARQUITETURA: Sacriste conclui que a arquitetura deveria preocupar-se com a cidade e com a sua população. Os projetos feitos em função da população e não em função da especulação e de interesses individuais.

GUEDES, Joaquim - ADEUS AS ILUSÕES - AU, ano 3, fev/mar.87, n§ 10, pag. 48.
ARQUITETURA: A arquitetura é, fundamentalmente, a observação dos comportamentos humanos reais. A partir desse aprendizado, o arquiteto deve desenhar cidades para indivíduos em transformação.

ROSSI , Aldo - ENTREVISTA A MARISA BARDA - AU, ano 3, fev/mar.87, n§ 10, pag. 90.
ARQUITETURA: Se diz ciência arquitetônica para tirar a idéia de quem pensa que a arquitetura possua somente elementos pessoais ou individuais. Eu a considero um conjunto de noções que se desenvolvem desde Vitruvio até nossos dias e que constituem o aspecto científico, o transmissível, é importante principalmente no caso das faculdades de arquitetura ter princípios a serem transmitidos independentemente da personalidade, isto é, não se pode ensinar a

ser poeta ensinando apenas uma determinada língua.
A arquitetura, como a pintura, se exprime através das formas e naturalmente tenho um mundo de formas muito forte e que é f ácil captar. O termo copiar , errado.
Portanto eu não faria uma distinção nítida entre arquitetura do campo e da cidade. Quando falo de arquitetura de cidade falo também da do território.

SALMONA, Rogelio - · LUZ DE BOGOTÁ - AU, ano 3, fev/mar.87, n§ 10, pag. 86.
ARQUITETURA: ...penso que a arquitetura pertence a um contexto determinado e não pode servir a outro lugar nem sequer dentro do mesmo país.

BONSIEPE, Gui - AS RAZÕES DO FUTURO- AU, ano 3, abr/maio.87, n§ 11, pag. 64.
ARQUITETURA: O sonho da hegemonia da arquitetura foi alimentado pelas experiências bauhausianas. Quando Gropius fala da força unificadora do edifício e integradora das artes... Sou, completamente contra essa megalomania de pretender uma condição unificadora de todas as manifestações do design sob a grande cúpula da arquitetura. Os arquitetos deixaram-se seduzir por esta visão totalizadora que tem efeitos horríveis. Hoje, a arquitetura passa por uma crise de autodefinição que diz respeito aos avanços tecnológicos frente a engenharia civil. Vive uma série de indefinições e a crise não será resolvida com desenho industrial.

BARDI, Lina Bo - A ESCADA - AU, abr/maio.87, n§ 11, pag. 25.
ARQUITETURA/PROJETO: Aí, projetamos uma escada. Bom, para mim, como arquiteta, arquitetura é estrutura. Quer dizer, a estrutura de um edifício , elevada ao nível da poesia, como parte da estética. Não há nenhuma diferença. Um arquiteto deve projetar a estrutura como projeta a arquitetura, no sentido doméstico da palavra.

GAMA, Ruy - NO CHÃO COBERTO DE GOIABAS - AU, ano 3, abr/maio.87, n§ 11, pag. 12.
ARQUITETURA: Utilizando uma imagem bem simples, direta, eu acho metaforicamente que arquitetura se faz com pedra sobre pedra, pode ser pedra e concreto, pedra e cal. Agora, arquitetura que ficou só no papel pode ser um conjunto de idéias, de hipóteses, de suposições, mas a arquitetura tem que se materializar, ela vale depois de construída.

COELHO, Teixeira - NA CONTINUIDADE...- AU, ano 3, jun/jul.87, n§ 12, pag. 53.
ARQUITETURA: A arquitetura , o espelho da sociedade (Otavio Paz).

SABBAG, Haifa Y. - EXERCÍCIOS DISSIDENTES - AU, ano 3, jun/jul.87, n§ 12, pag. 38.
ARQUITETURA: Para ele (Eduardo Longo), não existem fórmulas fixas. A

arquitetura não deve se originar de um ato teórico, impositivo. Sua meta: a construção de um projeto poético, partindo sempre do ato criativo "pois só este pode dar dimensão a habitação para que ele possa conter o Homem, suas idéias, seus sentimentos".

COMAS, Eduardo - OFÍCIO E PAIXÃO - AU - n§ 13, pag. 47.
ARQUITETURA: Toda arquitetura pretende formalizar o amorfo e imprimir ordem, fundada em uma lógica e uma racionalidade bem pensadas. Arquitetura se faz a partir de uma tensão equilibrada entre pensamento e sentimento. Ausente um do outro, a arquitetura degenera em formalismo gratuito ou funcionalismo estéril.

PEDREIRA, Lívia Alves - NOS RESÍDUOS DA MEMÓRIA - (entrevista com Éolo Maia ) AU - n§ 13, pag. 25.
ARQUITETURA: E como "renovar , rever dogmas", o arquiteto, garantindo que a arquitetura , um ato político, amplia sua concepção e procura unificar discurso e prática. Na defasagem entre ambos, centra suas críticas ao movimento moderno no país, sobretudo a Oscar Niemeyer, cuja "qualidade da obra , indiscutível, mas construída em contraste com a violenta miséria existente no país".

WOLF, José - A AMÉRICA, TERRA DISTANTE (entrevista com Gian Carlo Gasperini) - AU - ano 3, ag/set 87, n§ 13, pag. 12.
ARQUITETURA: Arquitetura , minha vida e minha paixão (Gasperini).

LIMA, Evelyn F. W. - SEMEANDO A BOA SEMENTE - AU, ano 3, out/nov.87, n§ 14, pag. 30.
ARQUITETURA: Para estes arquitetos a arquitetura deveria corresponder ao desenvolvimento tecnológico da época, sendo desnecessário "vestir" as edificações com as roupagens ecléticas usuais (Gropius, Mies e Le Corbusier).
"L`architecture est un fait d`art, un fenoméne d`emotion en dehors des questions de construction, au dela. La construction c`est pour faire tenir; L`architecture est pour émouvoir" - Le Corbusier.
"A arquitetura , um jogo sábio, correto e magnífico de volumes reunidos sob a luz" - Le Corbusier.
"A arquitetura deve ir além das necessidades utilitárias" - Le Corbusier.
"O instinto primordial de todo o ser humano , de assegurar-se de um abrigo. As diversas classes ativas da sociedade não possuem um teto conveniente, nem o operário nem o intelectual. Para restabelecer o equilíbrio atualmente abalado a saída é uma questão de construção: Arquitetura ou revolução" Le Corbusier.
Apesar de não querer envolver-se com a política, acabou criticado pelos marxistas, que achavam impossível resolver-se um problema social através da arquitetura e não de uma luta de classes.
"a nossa arquitetura deve ser apenas racional, basear-se apenas na lógica e esta

lógica devemos opô-la aos que estão procurando por força imitar na construção algum estilo" Warchavchik.

PIRONDI, Ciro - (LE CORBUSIER) UM HOMEM VISUAL - AU, ano 3, out/nov.87, n§ 14, pag. 102.
ARQUITETURA: Em seu livro "La arquitectura, fenomeno de transición" Sigfried Giedion apresenta a tese da existência de 3 tipos de espaços arquitetônicos criados até aqui pelo homem. De forma sintética, poderíamos dizer que a primeira concepção seria aquela da "Arquitetura como volumes" de espaços radicais, que envolveria a história da arquitetura até a Grécia. A segunda etapa começaria com o Pantheon em Roma, e iria até o séc. XIX, caracterizando-se por um "Espaço interior" vazio e aberto por meio de janelas. A arquitetura como volume e espaço interior seria a última concepção e estaria na arquitetura realizada no séc. XX.
"é impossível criar, no pensamento ou na imaginação, edifícios de formas perfeitassem preocupar-se com o material" Leon Battista Alberti.

GULLAR, Ferreira - "AMANHÃ SERÁ PLENO" - (depoimento a Jose Wolf) - AU, ano 3, dez/jan.88, n§ 15, pag. 31.
ARQUITETURA: Se a beleza é fundamental em alguma expressãoo estética, o é justamente na arquitetura. Se ela é cenário da vida cotidiana, você pode imaginar o mal que faz uma arquitetura feia, horrível, como algumas intervenções que ocorrem aqui, no Rio, e em S. Paulo também.
Como bem o disse o Oscar, uma vez, a função é uma coisa muito precária em arquitetura. Assim, há arquitetos que se submetem de tal maneira a essa preocupação com a funcionalidade, que acabam não conseguindo nem a eficácia da funcionalidade nem a beleza arquitetônica.

NIEMEYER, Oscar - VÃOS E ...(ENTREVISTA A JOSE WOLF) - AU, ano 3, dez/jan.88, n§ 15, pag. 15.
ARQUITETURA: Acho que arquitetura é toda feita de imaginação. Quando ela não representa uma novidade, não chega a seu estágio superior. O Corbusier mesmo disse que arquitetura é invenção, e é isso mesmo. Acho que o bom é quando o arquiteto tem um tema que permite pensar uma coisa completamente diferente. Uma idéia nova, que surpreenda, que traga essa surpresa arquitetural que a boa arquitetura deve conter.

SABBAG, Haifa Y. - ...E FEZ A OBRA. DE CONCRETO E DE EMOÇÃO - AU, ano 3, dez/jan.88, n§ 15, pag. 43.
ARQUITETURA: A arquitetura não se justifica apenas pelo aspecto utilitário mas, essencialmente, pela sensação de liberdade, de prazer, que ela, enquanto espaço organizado, é capaz de oferecer ao usuário. "é impossível se dimensionar o valor da emoção, do espaço que se vai fruir, se sentir dignificado. Um edifício como o do ministério, por exemplo, não deve ser reflexo de uma realidade, mas

o repositório de expectativas, de um desejo coletivo, algo como uma utopia social".(Alberto Xavier).

LIMA, Evelyn Furquim Werneck - À MARGEM, OS IRMÃOS ROBERTO - AU, n§ 16, pag. 60.
ARQUITETURA: Quando Marcelo Roberto definiu, nos anos 60, a arquitetura como a própria dignificação do ambiente físico do homem, resumiu, na verdade, o espírito que norteou a produção arquitetônica dos irmãos Roberto.
De acordo com o parecer do júri, os Roberto venceram o concurso pela "habilidade em demonstrar que o atendimento perfeito às funçäes utilitárias pode se aliar ao alto grau de emotividade artística"
O profundo distanciamento estético entre o prédio da ABI e a Academia Brasileira de Letras , confirmado pelo depoimento de Maurício Roberto de que "a arquitetura tem que mudar através dos tempos, alterar seu aspecto, evoluir e estar sempre satisfazendo aos anseios da sociedade para a qual , feita".

PEDREIRA, Lívia Alves - REIDY, O DESENHO DA RAZÃO - AU, n§ 16, pag. 76.
ARQUITETURA: Influências nãoo perceptíveis na obra desse arquiteto, um racionalista intransigente que creditava a riqueza da flora, a dramaticidade da paisagem e a força do sol a responsabilidade pela "tendência, bastante frequente entre os arquitetos brasileiros, para uma certa exuberância formal".

SABBAG, Haifa Y. - AÇO ROMPE LINGUAGEM TRADICIONAL - AU, n§ 16. pag. 30. Artigo sobre estação do largo 13 - Arq. Toscano
ARQUITETURA: "O projeto arquitetônico não nasce simplesmente de uma decisão estrutural. A tecnologia não é argumento suficiente para justificar uma solução arquitetônica", observa Toscano. Para ele, o fato estético precede o fato técnico, destacando que elementos simbólicos são essenciais na concepção do desenho...."o objetivo da nossa atividade não é obrigatoriamente a verdade científica mas um progressivo enriquecimento de possibilidades criadoras".

OHTAKE, Ruy - DEPOIMENTO - AU, ano 4, abr/maio 88, n§ 17, pag. 55.
ARQUITETURA: Através do canteiro? Claro está que arquitetura não se restringe ao projeto. Arquitetura é obra construída. E a familiaridade com o canteiro é questão básica. Nossa geração, nos primeiros tempos, trabalhou muito em canteiro.

PINI, Mario Sergio - A EXPLICAçÇO EM ARQUITETURA - AU, ano 4, abr/maio 88, n§ 17, pag. 3.
ARQUITETURA: A arquitetura deveria "falar" por si só, mas se admite que, apesar de sua importância e significação como produto utilitário e bem cultural, o gesto de honestidade e dedicação para pensar e propor o desenho tem densidade fundamental.

SABBAG, Hayfa - QUANDO O ESPAÇO é PERSONAGEM - (a respeito de

trabalho do arq. Luis Paulo Conde) - AU, ano 4, abr/maio 88, n§ 17, pag. 25.ARQUITETURA: Luis Paulo Conde não acredita que a arquitetura possa se resumir a formas e fórmulas, comparando os efeitos dessa atitude em certos arquitetos paulistas e paranaenses. "Reduziram a expressão da arquitetura a uma superestrutura fechada, de concreto, nas quais incorporam alguns elementos de Reidy e Niemeyer, projetando do mesmo modo, da casa ao clube, da escola ao hospital, do posto telefônico à rodoviária, reduzindo o exercício profissional a uma atitude simplista e carente de significado"

SABBAG, Hayfa Y. - MILLAN, A SENSATEZ PREVALECE - AU, ano 4, abr/maio 88, n§ 17, pag. 72.
ARQUITETURA: A arquitetura de Millan teria uma personalidade reconhecível? Guedes responde afirmativamente, mas confessa nÇÃo saber identificar. "Na verdade, o que marca a arquitetura não é o produto em si, mas a maneira de pensar a planta, como construir o espaço.

SANOVICZ, Abrahão - DEPOIMEMTO - AU, ano 4, abr/maio-88, n§ 17, pag. 55.
ARQUITETURA: Nunca a arquitetura se reduz a um fato estético, sempre traduz uma intenção anterior, uma postura ética.

WOLF, Jose - O "ÚLTIMO IMPERADOR" - AU, ano 4, jun/jul.88, n§ 18, pag. 73. ARQUITETURA: Apesar de tudo, ensina Sergio Ferro, restam sempre as marcas do trabalho, da conquista humana, sobre a terra. Marcas que, segundo Sylvio Sawaya, são registro não de uma saudade, mas de uma proposta. Afinal, a arquitetura, como disse Paulo M. da Rocha durante o ciclo sobre Carlos Millan, manifesta, através de sua expressão formal, modelos de nossos desejos, do que gostaríamos de ser. Inclusive, eternos e humanos.

WOLF, Jose - PAULO MENDES DA ROCHA - DEPOIMENTO - AU, ano 4, jun/jul 88, n§ 18, pag. 79.
ARQUITETURA: "A arquitetura e o trabalho humano são modernos quando trazem essa visão de realização daquilo que se imagina como projeto da humanidade. Assim, podemos atribuir modernidade a quem fez as pirâmides do Egito, a Galileu... Agora, quem procura muletas nos estilos, pode dizer que o modernismo é um momento fugaz que já teria passado.

ARRUDA, Expedito de - ENTREVISTA A JOSE WOLF - AU, ano 4, ag/set.88, n§ 19, pag. 72.
ARQUITETURA/ARQUITETO: Você, então, como arquiteto tem obrigação de lutar contra as distorções da cidade. A nível de arquitetura, de edificação, procura desenvolver uma arquitetura que volte a emocionar as pessoas. A cidade está muito apagada, sem brilho.

CAVALCANTI, Régis - ENTREVISTA A JOSE WOLF - AU, ano 4, ag/set 88, n§ 19, pag. 70.

ARQUITETURA: ..., porque para mim arquitetura , arte, mais arte que tecnologia. A tecnologia, sem dúvida, vem ajudar a confecção do projeto.

DI LASCIO, Mario G. - ENTREVISTA A JOSE WOLF - AU, ano 4, ag/set.88, n§ 19, pag. 66.
ARQUITETURA/ARQUITETO: Antes de tudo, vejo o arquiteto como um propositor, um arauto daquilo que representa uma produção humana na área das Belas Artes. Arquitetura, para mim, é antes de tudo criatividade. Criatividade ligada a tecnologia. a maneira de um pianista, que é um artista, mas se utiliza da técnica para otimizar sua proposta, sua mensagem, o arquiteto recorre a tecnologia, aos materiais, concepções comportamentais da época e harmoniza todo esse acervo em seus projetos e suas propostas. Ele também (para concluir) deve ser um maestro, um artista. Alguém que propõe e a sociedade dispõe.

ROCHA, Ari A. - GAUDI X NIEMEYER - AU, ano 4, ag/set.88, n§ 19, pag. 75.
ARQUITETURA: Nesse sentido, é muito esclarecedora a referência de Ramón Gutiérrez a arquitetura, como "uma fonte inesgotável de associações e expressões que evidenciam as formas de pensamento e as atitudes culturais da comunidade".

BOFFIL, Ricardo - ENTREVISTA - AU, n§ 21, pag. 54.
ARQUITETURA: A arquitetura é uma arte atemporal que responder a necessidade permanente do homem de construir o espaço. Defino arquitetura como a arte de construir espaços. Essa prioridade a distingue frente a construção. Há uma história, com origem nos países do norte, que diz que arquitetura é construção, que o homem necessita de um teto... essa é a história da construção. A arquitetura aparece quando o homem cria monumentos, transforma a construção em signos e símbolos arquitetônicos, quando o homem passa da casa ao templo. O templo é arquitetura, na casa está a construção. Quando se domina a tecnologia para construir espaços (signos e símbolos) começa a arquitetura.

CAMILLO, Rubens Gil de - ESCULPINDO O VAZIO - AU, n§ 21, pag. 100.ARQUITETURA: Criar ambientes , esculpir o vazio, formas, moldar o espaço de um jeito que o torne interessante, onde as pessoas se sintam bem.

SARAIVA, Pedro Paulo de M. - RECICLADO O VELHO MERCADO - AU n§ 21, pag. 34.
ARQUITETURA: Se não houver ousadia, a arquitetura certamente não poder avançar.

BRATKE, Oswaldo - SOBRE UMA POSSíVEL AULA - AU, fev/mar 89, ano 5, n§ 22, pag. 108.
ARQUITETURA: ... como Eero Saarinen: "a arquitetura é a natureza feita pelo homem, e o objetivo é proteger e encorajar a vida do homem na terra, dar uma

resposta a sua fé na nobreza da existência" Arquitetura é o domínio do espaço. E ser arquiteto é saber concretizar esse espaço com inteligência e arte. Para tanto, o arquiteto, na lida profissional, precisa conhecer também intimamente a vida do ser humano e sua sociedade, o que é tão importante como os materiais e a técnica de seu uso, pois é baseado na somatória desses conhecimentos que exercerá sua profissão.

CHEMETOV, Paul - TEMPO DA DURAÇÃO - Entrevista concedida a AU - AU - fev/mar 89, ano 5, n§ 22, pag. 56.
ARQUITETURA: ...houve na França a presença de um homem chamado Le Corbusier, que acabou prejudicando o mundo inteiro, além de encobrir o resto da produção francesa que, sem dúvida alguma, continha algum significado. Em outras palavras, com o postulado "no tempo da duração", pretendo dizer o tempo e a duração do edifício. Ou seja, um interesse relacionado a construção, não a construção de um empreendedor ou de um engenheiro, mas a construção sob o ponto de vista filosófico. A construção, enfim, constitui o lugar da expressão do edifício. A gente pode até fazer uma analogia com o pensamento de arquitetos como Wagner, Alvar Aalto, Toni Garnier e mesmo Mies van der Rohe. Para eles, em suma, a construção significa muito mais que a estabilidade do edifício. Wagner, por exemplo, dizia no início do século, em suas aulas, em Viena, que até aquele momento a grande questão da arquitetura prendia-se a questão do estilo. Sob nosso ponto de vista, ela se prende, na realidade, a maneira de construir. A maneira de construir é um pouco a moral da própria arquitetura. ..."é evidente que o projeto do Ministério deve satisfazer as necessidades de representação tanto quanto de funcionamento. Era preciso, portanto, fabricar um símbolo".

GAUDIN, Henri - NOS INTERSTÍCIOS DA CIDADE - (Entrevista concedida a revista AU, fev/mar 89, ano 5, n§ 22, pag. 66.
ARQUITETURA: Acho que a arquitetura moderna na Europa foi apavorante. Ao menos na França, ela destruiu muita coisa, esqueceu a cultura, as pessoas, não viu as árvores, a luz, não viu nada - enfim, não tenho muito apego a ela. Arquitetura , muitas vezes metafórica, ontologicamente estrutura, arché. Bem, a filosofia sempre a viu assim. Ela é alguma coisa que se habita, e se a habitamos devemos nos colocar o problema da descontinuidade, do dentro e do fora. Não há essa oposição. A filosofia contemporânea diz que o fora é parte do dentro e, portanto, um e outro não se opõem, caso contrário estaríamos num sistema onde não há espaço. Se pensarmos arquitetura não apenas como arché, intelegibilidade ou como estrutura, mas como alguma coisa que habitamos, evidentemente a arquitetura, nesse momento, passa a ter a ver com o branco da página, não é algo fechado em si, mas alguma que se abre para o espaço. Assim, não é possível pensar uma casa como uma máquina de morar. Para o espírito,

máquina é algo que funciona, que anda o tempo todo, só assim poderá ser eficaz... Diz-se sempre que a arquitetura "fala". Evidentemente, se ela é uma má quina, claro que falar é mas não podemos habitar uma coisa que fala o tempo todo. Se fosse assim, não poderíamos dizer nada. Portanto, não diria que arquitetura fala, mas faz emergir palavra, permite que a palavra exista. Pelo fato de ela acolher, abre, abraça.

NOUVEL, Jean - CADA PROJETO É SINGULAR - Entrevista concedida a AU - AU, Fev/mar 89, ano 5, n§ 22, pag. 50.
ARQUITETURA: A arquitetura não é uma disciplina autônoma... A arquitetura é, ao contrário, uma disciplina muito influenciada por todos os níveis culturais, seja no nível técnico ou no plano da produção de imagens. Tento estabelecer um nível cultural de imagens para reconectar tudo isso, procurando definir a arquitetura não como um jogo no espaço, mas muito mais como a introdução de valores de cultura e de civilização no construído. (construção): Toda construção é uma provação. Há arquitetos que fazem arquitetura sem saber. Há engenheiros que têm uma sublime sensibilidade. Eu não faria uma distinção "a priori" entre arquitetura e construção. "A priori" tudo é arquitetura. Tudo tem uma potencialidade para ser arquitetura.

PORTZAMPARC, Christian de - COMO SE FOSSE UMA ÓPERA - (Entrevista concedida a AU) AU, fev/mar 89, ano 5, n§ 22, pag. 60.
ARQUITETURA: Creio que a arquitetura francesa se desenvolveu muito a partir da personalidade de Le Corbusier, que era um gênio e influenciou toda uma geração de arquitetos. O espaço externo tem a mesma importância que o interno. Vivemos também num espaço externo, montanhoso, com luz, paisagem e circulação. Foi a partir dessas considerações, que comecei a discutir a problemática do lugar, e a simbólica existência do lugar, o espaço domestico - privado ou público - a explorar todas as categorias de valores presentes na maneira usual de fazer urbanismo. Depois disso, é claro que temos que ser funcionais, simples e práticos.

SABBAG, Haifa Y. - PROJETAR, NA FRONTEIRA DA REALIDADE - (a respeitp do trabalho de Juan Villá na UNICAMP) - AU, fev/mar 89, ano 5, n§ 22, pag. 26.
ARQUITETURA: Juan Villá define seu trabalho como "nascido da ação solidária dos técnicos com os movimentos sociais, rompendo com os limites da prancheta, integrando a pesquisa e a prática arquitetônica as necessidades e desejo da população. PROJETO (ARQUITETURA): Aliás a questão do desenho está sempre presente. A partir do momento em que "propõe resgatar a dignidade do trabalhador" ou quando acentua que "a questão permanece enquanto existir a expectativa de beleza como qualidade, tão intensa como o aspecto utilitário".

ASBUN, Pepe - AU, n§ 23, pag. 124.
ARQUITETURA: Uma solução criativa em arquitetura define-se não só pela qualidade visual que a obra apresenta mas, também, pela relação entre solicitações originais - terreno e programa - e a adoção de um determinado sistema construtivo. Quando o resultado atende a critérios de funcionalidade e desempenho, aliados a beleza do conjunto, a obra certamente adquire um valor intrínseco.

BOTTA - AU, n§ 23, pag. 60.
ARQUITETURA: "A arquitetura não pode mudar a cidade mas pode mudar a própria arquitetura" e parafraseando Walter Benjamim - "o valor político de uma obra arquitetônica é o seu próprio valor arquitetônico".

SABBAG, Haifa - DESENHANDO UM LUGAR - AU, ano 5, jun/jul 89, n§ 24, pag. 100. Escritório Glauco Campello
ARQUITETURA: Glauco Campello define a boa arquitetura como a criação de um determinado contexto - "um lugar no lugar". O objeto arquitetônico deve despontar, portanto, com naturalidade não só em relação a paisagem mas "as aspirações culturais sugeridas pelo ambiente".

BOTTA, Mario - Entrevista concedida a Paulo Faccio e Laila Y. Massuh - AU, n§ 25, ano 5, ago/set 89, pag. 50.
ARQUITETURA: Creio que arquitetura nasce para durar, é uma atividade que dura até o final da vida do homem, que resiste ao tempo e, portanto, deve utilizar-se de valores que não são os valores do consumo, valores da moda, do efêmero. A arquitetura pela sua natureza se liga a terra, permanece através de uma geração e, portanto, acho lógico procurar esses valores de profundidade, de história, de memória, esses valores arquétipos da arquitetura mesmo. A arquitetura deve falar ao homem de hoje com a sensibilidade de hoje, dos valores primários do "habitat", dos valores mais profundos. De falar do direito ao "habitat", do direito a moradia. Eu disse que arquitetura é sempre uma atividade de transformação, não existe arquitetura se não existir transformação. O primeiro ato de arquitetura não é por pedra sobre pedra, e sim pedra sobre um lugar, portanto transformar uma condição de natureza numa condição de cultura.

FRAMPTON, Kenneth - HOMENAGEM A NIEMEYER - AU, ano 3, dez/jan 88, n§ 25, pag. 58.
ARQUITETURA: "A arquitetura deve expressar o espírito das forças técnicas e sociais que predominam em determinado período; mas quando tais forças não se encontram em equilíbrio, o conflito daí resultante é prejudicial ao conteúdo da obra e à obra como um todo". (Papadaki)

JERÔNIMO & PONTUAL Arquitetos - A ESTRUTURA COMO EXPRESSÃO ESSENCIAL - AU, out/nov 89, ano 5, n§ 26, pag. 112.
ARQUITETURA: "A arquitetura existe, sem dúvida, como espaço criado, onde

as pessoas possam viver felizes. Apesar de nossos edifícios cumprirem essa função, estamos conscientes da ausência de maior comunicação e harmonia com a cidade, mesmo em relação a outros edifícios- somente através desse diálogo a arquitetura será plena.

MEYER, Hannes - CONSTRUIR - transcrito em AU, out/nov 1989, ano 5, n§ 26, pag. 106.
ARQUITETURA: Construir , a organização deliberada dos processos vitais. Construir, visto somente como procedimentos técnicos, é portanto um processo parcial. O diagrama funcional e o programa econômico são diretrizes que determinam o esquema do projeto da construção. Construir não é tarefa individual, na qual se realizam as ambições arquitetônicas. Construir é um trabalho conjunto de trabalhadores e inventores. Somente quem sabe dominar os processos vitais trabalhando em colaboração com os outros pode se considerar um bom construtor (arquiteto). Construir, se anteriormente representava uma ocupação individual (favorecida pelo desemprego e pela escassez de casas), agora é uma empresa coletiva de uma nação. Construir é só organização: organização social, técnica, econômica, psicológica.

SABBAG, Haifa Y. - YBACANGA- O TOM DA MODERNIDADE, AU, out/nov 1989, ano 5, n§ 26, pag. 60. arquiteto Paulo Casé,
ARQUITETURA/PRODUÇÃO: Nesse processo de reflexão, Casé se refere a crítica, a abordagem da arquitetura moderna no país, não apenas como uma questão de ruptura de linguagem mas da própria praxis. Pois, segundo ele, arquitetura não significa fazer mas, sobretudo, como fazer.

FERRO, Sergio - ENTREVISTA AU, dez89/jan90, ano 6, n§ 27, pag. 46.ARQUITETURA: O projeto é fundamental. O projeto no sentido Sartreano, no sentido maior, fundamental em qualquer atividade humana, decidir para onde vai, o que se quer atingir. O que não se admite , que a decisão da direção da caminhada seja tomada por um ou por alguns. Ou a decisão do destino é coletiva ou se chama dominação, tirania, ditadura. O projeto pode e deveria ser feito de maneira global, coletiva. Fizemos experiências em canteiros de obras, com universitário, em que todos participavam, todos decidiam, desde o mais humilde dos operários ao arquiteto-chefe. é possível, e é possível em grande escala também. O único problema é que não interessa a ninguém, pois a arquitetura não é feita para que o homem se exprima ou se maravilhe através dela - é feita para o dinheiro... O dia em que a arquitetura voltar a ser, voltar , ela ser , como foi em outros períodos, a manifestação fundamental do trabalho humano. é o nosso segundo corpo, nosso ninho.

IGLESIA, Rafael - EM BUSCA DA COERÊNCIA CULTURAL - AU dez89/jan90, ano 6, n§ 27, pag. 95.
ARQUITETURA/ARQUITETO: (Caveri) "Talvez, se abandonarmos nossa

posição de elite a serviço consciente ou inconsciente da cultura dominante, possamos contribuir, inseridos nas bases populares e suas organizações, e formar uma arquitetura verdadeiramente nossa que cubra nossas necessidades, mesmo que imperfeita e até bárbara, porém poética, simbólica e criadora, porque integra com seu esforço nossa raiz popular da qual surgirá a árvore que expressará nossa própria palavra".

COMAS, Eduardo - ARQUITETURA BRASILEIRA, ANOS 8O - UM FIO DE ESPERANÇA - AU, n§ 28, pag. 91.

ARQUITETURA: Para ser habitável, o jogo sóbrio, correto e magnífico de volumes sob a luz não pode carecer de firmeza e comodidade. A arquitetura , é por princípio, e ao mesmo tempo, representação plástica e bem durável para a transformação pragmática do mundo. Contudo, o compromisso com eficiência e utilidade é uma coisa, a idealização ou fetichização de um processo produtivo é outra. Critérios estritamente pragmáticos podem justificar ora a singularidade, ora a repetição de elementos arquitetônicos, o sob medida e o feito em série. Tampouco são a mesma coisa o compromisso com a firmeza e a idealização ou fetichização de material e solução técnico-construtiva particular. A arquitetura não se esgota numa questão técnico-construtiva, como a questão técnico-construtiva não se reduz a um problema de material e de estrutura. A arquitetura subsiste na ausência de planejamento, mas o planejamento não pode ser concebido sem o seu concurso enquanto uma disciplina da qual o urbanismo constitui ramo ou especialização há muito tempo.

MAHFUZ, Edson - "CARTAS" - AU, fev/mar90, n§ 28, pag. 8.

ARQUITETURA: ...é claro que o baixíssimo nível da arquitetura brasileira contemporânea está ligado à degradação geral por que passamos em todos os setores: econômico, cultural, social e moral. Não seria possível ter uma arquitetura de qualidade em meio a tal situação. A realização de uma arquitetura de qualidade, como média geral, não como fato esporádico, está diretamente ligada a períodos de prosperidade.

PURINI, Franco - ENTREVISTA - AU, n§ 29, pag. 32.

ARQUITETURA: Tenho um pensamento fortemente conceitual da arquitetura que ,é a meu ver, um ato através do qual, em qualquer obra, o arquiteto deve recomeçar sempre do começo. Creio que a linguagem arquitetônica, e aqui voltamos à primeira pergunta, é algo que não aceita a evolução do tempo e tende a se apresentar sem profundidade. Quando faço um projeto procuro usar elementos que não têm história, tomados no momento de sua definição.

SABBAG, Haifa - TÉCNICA E ARTE - AU, n§ 32, ano 6, out/nov 90, pag. 68 (escritório de Marília Sant`Anna de Almeida)

ARQUITETURA: "Espaço construído é cultura", observa ela, lembrando que a arquitetura deve conter um significado maior do que a simples construção. ...,

reforça a idéia "de que se pode fazer uma boa arquitetura, independente do material que se emprega". "Cabe ao arquiteto dar forma e espaço às informações técnicas. Uma mesma solução técnica pode gerar resultados espaciais diferentes" lembra.

ACAYABA, Marcos - AU, jun/jul 91, ano 7, n§ 36, pag. 27.
ARQUITETURA: "Creio na beleza. Na manisfestação visível do espírito elevado de um artefato qualquer: objeto ou edifício onde toda a matéria incorporada tem existência espiritual plena porque trabalha, onde nada sobra, nada falta."

MASSUH, Laila Y. - CLORINDO TESTA EM PINAMAR E OSTENDE - AU jun/jul 91, ano 7, n§ 36, pag. 38.
ARQUITETURA: O crítico Bruno Zevi define a arquitetura como uma grande escultura escavada onde o homem pode entrar e caminhar.

COMAS, Carlos Eduardo - DA ATUALIDADE DE SEU PENSAMENTO - AU, n§ 38, ano 7, out/nov 91, pag. 38.
ARQUITETURA: Arquitetura, diz Lucio, é a construção utilitária, mas a satisfação de exigências técnicas e funcionais não converte a construção em arquitetura. Para tanto, a construção precisa conceber-se com intenção plástica, de relacionamento expressivo de seus elementos formais. A construção se torna arquitetura quando seus elementos apresentam ordenação formal com valor estético substantivo, distinto do atrativo superficial da decoração aplicada.

MEDEIROS, Heloisa - O SOPRO DO ARQUITETO (Joaquim Guedes) - AU, n§ 39, pag. 34.
arquitetura: Para Guedes a arquitetura precisa ter certa neutralidade.

WOLF, José - PROJETO COM METODOLOGIA - AU - ano 7, fev/mar.91, n§ 34, Edit. Pini, S. Paulo, 1991. (CFA-Cambiaghi Arquitetura) Arq, Henrique Cambiaghi
ARQUITETURA: A arquitetura é antes de mais nada construçãoo, como dizia o mestre Lucio Costa.

WOLF, José - NA CONTRAMÃO (escrit. Arq. Fernando Peixoto) - AU, n§ 35, ano 7, abril/maio 91.
ARQUITETURA: A arquitetura, enfim - propõe Fernando Peixoto -, deve ser reflexo do momento, pois "funcionalmente é muito passageira". Afinal, o conforto em arquitetura está relacionado ao custo, não existe arquitetura abstrata. Ou seja, a cama precisa ser bonita e confortável também.

WOLF, José - LUIS FERNANDO ROCCO - PRODUÇÃO PLURALISTA - AU - abr/mai 92, ano 8, n§ 41, pag. 86.
ARQUITETURA: "O que busco hoje?" - indaga. "Uma obra que esteticamente me agrade, mas exequível, que sua execução seja realmente arquitetura. Uma planta inteligente, um desenho bonito, com volume e partido coerente".

NOBRE, Ana L. - ENTRE A ARQUITETURA E O DESIGN (ARQUITETO AURELIO FLORES) - AU, ano 8, out/nov.92, n§ 44, pag. 36.
ARQUITETURA/ARQUITETO: Flores encara a arquitetura como um cenário para as pessoas - "um fundo para o teatro da vida", conforme dizia seu conterrâneo Barragan. A função do arquiteto, então, é realçá -las, torná-las mais bonitas.
Nesse sentido, a cor - ou, no caso, sua ausência completa - é fundamental. "O branco é a cor que melhor combina com a roupagem das pessoas", diz. Essa idéia, que pode parecer radicalismo, num espaço cultural é justificada pela liberdade de introdução de variações.

SABBAG, Haifa Y. - ALAIN SARFATI - "UMA OBRA ABERTA" - AU, ano 8, ag/set.92, n§ 43, pag. 54.
ARQUITETURA: "A uma arquitetura - objeto autônomo - Sarfati opõe uma arquitetura-paisagem, um lugar de diversidade, de percurso, próprio a reencontros, a acontecimentos culturais; lugar de interrogações, também, de invenções, de múltiplas descobertas, de surpresas, enfim", observa ele (Martin Meade).
Em busca da diversidade, Sarfati explica que: "uma composição se faz não a partir de uma idéia, por mais bela que seja, mas pela acumulação, a superposição de ações, intenções e acontecimentos, onde o acaso terá também participação".

WOLF, José - ARQUITETURA PASSADA A LIMPO - AU, ano 8, ag/set.92, n§ 43, pag. 26.
ARQUITETURA: Para concluir pode-se recorrer a Ignacio Diaz Moráles ao definir arquitetura como uma obra de arte, no sentido de artifício ou artesanato, feita pelas mãos do homem, a criação de espaços expressivos delimitados por elementos construtivos, com o objetivo de se promover o ato humano perfeito. O ato do amor. Só através dele, possivelmente, se conseguirá a proximidade da perfeição e a permanência que se deseja. A permanência que não se esgota na fragilidade da temporaneidade, mas que ultrapassa seus limites, ao tocar a dimensão da cultura e da história, como registro ou testemunho de nossa passagem pela terra.

BOZZO, Claudia - FECHANDO O ANO COM OTIMISMO - AU, dez 92/jan 93, ano 8, n. 45, pag. 24. Depoimento de Edsom Musa.
ARQUITETURA/ARQUITETO: “O arquiteto vive de projetos E nesses dias de crise esta é uma meta difícil”. O desabafo do arquiteto Edson Musa, presidente da Asbea-Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura, resume um sentimento que dominou quase todo ano de 92, abalado por crises institucionais, ao lado de persistente recessão econômica que desafia otimismos. Mas mesmo ante esse panorama que afetou o mercado de trabalho dos arquitetos em geral, não é o pessimismo que está vencendo. Edsom Musa ressalta como positivo o

fato de a associação ter se consolidado em 92, com a adesão do Paraná, junto com São Paulo, Rio, Minas, Bahia, Ceará, Mato Grosso e Rio Grande do Sul. "Tivemos um aumento de 10%, ampliando nosso campo de atuação e, a curto prazo, vamos consolidar o papel da Asbea como fórum natural de discussão dos problemas dos associados e da categoria em geral", diz Musa.

THOMAS, Dalva – AS RAZÕES DE ONTEM, HOJE E SEMPRE – AU, dez 92/jan.93, ano 8, No 45, pag. 80/81. ARQUITETURA/CLIENTE: *"A arquitetura deve ser o retrato de seu tempo"(Le Corbusier).*Incansável em sua tarefa de divulgar a arquitetura brasileira, aqui e no exterior, Kneese de Mello pode ser considerado um de seus mais dignos representantes....Como outros engenheiros-arquitetos de sua geração, a quantidade marcou a primeira etapa de sua vida profissional: a era das construções ecléticas, das "residências de catálogo" que a classe média abastada gostava de reproduzir. Mais do que uma moradia, o cliente buscava a representação de um "estilo" de vida que reencontrasse "em algum lugar do passado" origens aristocráticas. Nessa busca o arquiteto era um auxiliar competente, detentor de um conhecimento histórico-artístico que permitia a reprodução do cenário sem grandes entrechoques com as condições de produção do momento.....

O provincianismo de São Paulo retratado na paisagem urbana onde predominavam fazendeiros e industriais, como se a cidade ainda tivesse caráter intermitente e, a casa, o valor social por excelência para ser exibido nos dias de festa. Requinte que se coloca em franco contraste com a outra cidade, a dos operários fabris que se aglomeravam numa paisagem muito diferente e sob as condições altamente discutíveis que a história nos aponta.

TEPERMAN, Sérgio – ESCOLAS PARA ONTEM – AU, fev/mar 94 ano 10, n. 52, pag. 96.

ARQUITETURA ..."Acredito que os edifícios escolares ao longo do tempo, pela maneira extremamente funcional com que os arquitetos têm encarado o seu projeto, perderam algumas características que os tornavam inconfundíveis nas cidades. Note-se que não se trata pura e simplesmente de um comentário sobre as escolas públicas. Mesmo as melhores escolas particulares, ainda que bem projetadas, não possuem a personalidade das velhas escolas. Não se trata aqui de um saudosismo de tipo formal, mas de aspecto simbólico. As escolas de antigamente tinham cara de escola que a nova arquitetura vem perdendo e fica evidente que não é com brincadeiras formais, tipo mistura de forma atual com post-mortem (o estilo da fórmica, o post-forming) que se conseguirá de novo a imagem da escola.

O caráter digno, monumental, ou mesmo íntimo que o edifício da escola antiga possuía está ligado a uma época em que o ensino não era massificado e não se necessitava construir milhões de metros quadrados de escola nova todo ano, para

os muito milhões de crianças novas que teimam em nascer, porque não há controle demográfico digno desse nome, e "Deus quis". Como evidentemente é necessária a escola grátis para todo o mundo até o 2º grau e isso é realmente democracia, a massificação torna-se inevitável; mais um problema a ser enfrentado.

JÁUREGUI, Jorge Mário – A ALTERNATIVA PÓS-CONTRADITÓRIA – AU, n. 53, abr/mai 94, pag. 93.

ARQUITETURA: ...É importante ter presente, por sua vez, a excelente leitura crítica que fez Alan Colquhoun dos postulados de Corbusier (demonstrando sua relação e derivação por oposição à arquitetura clássica) no texto "Déplacement des Concepts Chez Le Corbusier" para compreender os nexos das atuais elaborações com a revolução pelo Movimento Moderno no início do século.

A mudança de rumos consiste no fato de que, enquanto Le Corbusier buscava um extenso espaço democrático através da homogeneidade, o objetivo de Unger é obter um extenso espaço democrático através da heterogeneidade, abolindo simultaneamente as diferenças hierárquicas.

Se o modernismo arquitetônico já tinha procurado, por todos os meios, abolir as antigas hierarquias espaciais, na busca do novo, a lógica instrumental, no entanto, era da substituição e da eliminação (tábula rasa). Mais recentemente, o pós-modernismo fez uma crítica dessas proposições, abrindo caminho para a heterogeneidade, exaltando as diferenças que o modernismo procurava ocultar. O novo, então, passou a ser procurado através de reiterações e recombinações, o que implica técnica de colagem em que a história fornece o material.

FAGGIN, Carlos – O TRAÇO QUE PERMANECE – AU, ano 10, Jun/jul 94, pag. 99/100/101.

ARQUITETURA: "...Mais tarde, na década de 30, as contestações ao estudo acadêmico da arquitetura em São Paulo se intensificaram. Tanto na USP quanto no Mackenzie os arquitetos se formavam em cursos de aperfeiçoamento da Engenharia Civil. O resultado desse movimento contestatório não tardou a chegar. Cursos especializados na formação acadêmica de arquitetos e urbanistas passaram a funcionar no Mackenzie, em 1945, e na USP, em 1948. A luta pela implantação desses cursos das idéias modernas teve início no final da década de 30 e culminou com a reforma didática de 1962, empreendida na FAU-USP. Em pouco tempo foi absorvida por todos os currículos das escolas de arquitetura do país.

Resumidamente, duas correntes de pensamento se formaram em São Paulo. De um lado, a corrente "wrightiana", predominante no Mackenzie e, de outro, a "corbusiana", predominante na USP.

....Esse grupo de mackenzistas conseguiu sintetizar doutrinas de arquitetura moderna, incorporando a Wright e Mies algumas tendências da arquitetura de

interiores alemã e norte americana. O resultado prático desse trabalho foi a criação, em 1952, da loja Branco e Preto, que existiu por 20 anos, contando, na fase final, com Aflalo, Forte e Millan. Ali se projetavam e se produziam móveis e objetos que compunham o espaço moderno brasileiro e se combatia a intensa influência estrangeira nessa área. O virtuosismo aparece claro nas obras que se seguiram, apoiadas nessa experiência prática, desenvolvida na Branco e Preto. É notável uma atitude racionalista de origem corbusiana, dentro de um formalismo organicista, de nascimento wrightiano.

COMAS, Carlos Eduardo Dias – A LEGITIMIDADE DA DIFERENÇA –AU, n. 55, ano 10, ago/set 94, pag. 51/52.

ARQUITETURA: "Julien Guadet escrevera em 1905 que o programa é a fonte legítima de diversidade em arquitetura e Oscar (Niemeyer) ecoa o catedrático da Beaux-Arts quando condena a repetição que faz com que "os edifícios percam o caráter indispensável que suas finalidades e suas conveniências programáticas deviam exigir. E assim, edifícios públicos, escolas, teatros, museus, casas, etc. passam a apresentar aspectos idênticos, a despeito de seus programas".

.....Ironicamente, parte da debilidade do Niemeyer de Brasília se pode creditar à adoção, como partido típico, de caixas de vidro veladas por peristilos exóticos. Oscar não se despreocupa com a caracterização de programa, mas só reconhece situação enquanto espaço abstrato. Talvez por isso sua obra se introverta, insinuando a impossibilidade da humanização arquitetônica do espaço aberto; cai na armadilha megalômana da cidade ideal da arquitetura moderna. Contudo, já havia demonstrado que a arquitetura moderna nada devia à sua aberrante cidade ideal, que podia existir múltipla e legitimamente diferente. Porque assim foi, nos edificou e, tontos seríamos se não o reconhecêssemos.

ADAMS William e PROCTOR George – NA ROTA DOS PIONEIROS – AU, n. 56, out/nov 94, pag. 84/86.ARQUITETURA: "Nas primeiras décadas desse século, templos egípcios, mesquitas mouriscas, fóruns romanos, mansões vitorianas e "pallazzos" florentinos emprestavam seus atributos mais evidentes à arquitetura urbana de Los Angeles. Entretanto, graças à receptividade gerada pela ausência de tradições e preconceitos, é natural que também a arquitetura moderna tenha encontrado, nesse ambiente, terra fértil para se promover.

....A massa construída final é ditada quase que diretamente pelas rígidas normas de controle de edificações que prevalecem em Santa Mônica. O alto custo da terra na área determina que o arquiteto busque a ocupação máxima permitida. Porém, a exigência de 2,5 vagas de automóvel por unidade residencial certamente adiciona uma complicação extra. Isso faz com que, para as quatro unidades, haja um total de dez vagas na garagem. Se não estivéssemos em Los Angeles, seria difícil justificar a exigência municipal de um número de vagas maior do que o de quartos em uma mesma residência.

BAUDRILLARD, Jean – A VIOLÊNCIA DO OBJETO – AU, n. 64, ano 11, fev/mar 96, pag.69. ARQUITETURA: .... "Antigamente, as coisas eram ameaçadas por seu "duplo", hoje o são, de certa forma, por sua "casa de veraneio". O museu é a casa de veraneio da obra de arte, as galerias e shopings, da mercadoria e do poder de troca; os zoológicos, a dos animais; os espaços de liberdade, a da espontaneidade; os telefones eróticos, a da sexualidade. Todas as telas de cinema e TV, em geral, são "a casa de veraneio" da imaginação. A própria arquitetura não se tornou "casa de veraneio" do espaço? Em lugar de se tentar salvar um espaço simbólico que está se perdendo, tentar organizar interstícios no espaço urbano operacional. Mas o risco seria a arquitetura perder-se como forma e tornar-se simples terapêutica do espaço. Agora, em suas formas mais recentes, a arquitetura se faz transparente, móvel, flexível, interativa. Parece até se esforçar em desaparecer para deixar transparecer uma hipotética criatividade de massa. Introduz o imaterial, regras de jogo flutuantes, tramas de deconstrução que deixam inteira liberdade aos indivíduos de inventar suas próprias regras.

SABBAG, Haifa Y. e NOBRE, Ana Luiza – ARQUITETURA, CULTURA OU ESPETÁCULO (UIA BARCELONA 96) – AU, Ano 11, n. 67, ago/set 96, pag.27.

ARQUITETURA: O consumismo desenfreado atingiu também a arquitetura, e a mídia tornou-se a maior vitrine arquitetônica da virada do século. A expressão "Sillytecture", criada por Dennis Sharp (Inglaterra) ao lamentar a qualidade da arquitetura das cidades contemporâneas, inteiramente construídas pelo lucro e pelo mercado, mostra a importância da ética profissional no momento em que se questiona o paradigma do arquiteto contemporâneo. "Estejamos ou não de acordo, a especulação tornou-se o principal motor do desenvolvimento urbano", lembrou o italiano Vittorio Lampugnani.

SUMNER, Anne Marie – ESPAÇOS FLUTUANTES – (Clinica PROMOV, São Paulo – SP) – AU, n.67, ano 11, ago/set 96, pag. 47.

ARQUITETURA: Anne Marie ressalta dois fatores favoráveis para o bom resultado do projeto: um relacionamento franco com a cliente e a execução da obra pelo próprio escritório, que contou com a arquiteta Luciana Flores Martins na sua direção. "Esse fato fez com que o trabalho fosse executado exatamente conforme o projeto", acrescenta a arquiteta.

SILVA, Geraldo Gomes da – INTERVENÇÕES EM SÍTIOS HISTÓRICOS – AU, n.67, ano 11, ago/set 96, pag. 80.

ARQUITETURA/ARQUITETO:.... A proposta de Le Corbusier e de seus colegas brasileiros resultou isolada no contexto urbano do Rio de Janeiro no que diz respeito à implantação do edifício. Na mesma época, até mesmo os modernistas brasileiros, que implicavam mais com as arquiteturas eclética e

neoclássica, já reconheciam os valores artísticos e históricos de algumas cidades no Brasil.
.....A postura do arquiteto modernista diante do ambiente construído tradicional tem sido de ruptura e antagonismo. Mas quando se trata de sítio histórico preservado, o arquiteto não tem outra alternativa além da tentativa de integração

ESPALLARGAS, Luis – CONCURSO PARA A AVENIDA PAULISTA – AU, N.68, ANO 11, OUT/NOV, PAG. 38.
ARQUITETURA: Nos últimos anos, nossos concursos de arquitetura acabam sempre associados a alguma confusão e a certa dispersão. Em parte porque não há discursos hegemônicos com que convencer e alcançar consenso, em parte pelo culto individualista e vaidoso da profissão que pulveriza qualquer ação cultural e corporativa.
....Tudo indica que voluntariosos arquitetos, animados com a rara oportunidade de participar do debate urbano, vão ficar sem saber ao certo se concorreram ou se embarcaram num concurso. Um certame sem edital, que recrutou idéias como se estas tivessem um valor absoluto e intrínseco. Independente do tempo, das circunstâncias ou das pessoas.

PEREIRA, Margareth S. –RAZÃO E SENSIBILIDADE – AU, n. 68, ano 11, 0ut/nov 96, pag. 66.
ARQUITETURA: "...Razão e sensibilidade feitas matéria, a arquitetura vem sendo confundida com um problema de desenho, de expressão individual ou de resposta às exigências "de mercado". Essa visão não apenas reduz o entendimento do gesto arquitetônico mas também ignora a própria humanidade enquanto idéia e possibilidade. A arquitetura não é forma, é ação de dar a forma. Não é trazer respostas eficientes às exigências de um momento histórico, é estranhá-lo, repensá-lo, construí-lo. Talvez seja simplesmente isso que importa não esquecer."

MARQUES, Sérgio Moacir – ARQUITETURA MÉDIA NA MEIA IDADE (ao redor dos 90) –AU, n.76, ano 13, fev/mar 98, pag.77.
ARQUITETURA – Os anos 90 têm sido para a arquitetura um período de intermediação entre o conflituoso momento de crise e revisão da arquitetura moderna e aquilo que deverá ser a maturidade do pensamento arquitetônico nascido dessa crise. O debate, semelhante a uma adolescência – em que novas visões, lutando por estruturar sua própria identidade e auto-afirmação que Charles Jencks batizou de pós-modernismo, buscavam colocar-se mais além de sua paternidade -, desloca-se de uma auto reflexão e tentativa de explicar a si própria para uma auto-avaliação, por meio de uma visão mais experiente e crítica dos rumos adotados. As incertezas do momento são as dúvidas acerca de quais caminhos prosseguir. É a fase do prefixo *"re"*- reavalição, revisão,

reengenharia, redirecionamento, ou reacomodação, resignação ou reviravolta da trajetória traçada.

PURINI, Franco – CAMINHOS POSSÍVEIS – AU, ano 14, n. 80 out/nov 98, pag. 26.

ARQUITETURA: "A condição da arquitetura é hoje substancialmente supérflua...a arquitetura não é mais autenticamente ela, é sua representação. Na atual cultura mediática, o edifício se separou de sua imagem... Como objeto físico perdeu boa parte do seu significado." Esses são alguns aforismos do ilustre arquiteto e pensador italiano Franco Purini, que aponta atitudes possíveis diante da "degeneração informativa" resultante da globalização. Define a primeira delas como "exasperação das funções de um edifício", a fim de devolver à arquitetura a capacidade perdida de resolver problemas primários e, ao mesmo tempo, resguardar o poder do arquiteto.

BAUDRILLARD, Jean – VERDADE OU RADICALIDADE NA ARQUITETURA – AU, ano 15, n.84 jun/jul 99, pag. 49, 50.

ARQUITETURA : ...Pode-se dizer que a arquitetura não está na realidade, mas na ficção de uma sociedade, na ilusão de ser antecipadora. É nesse sentido que coloco a questão: há uma verdade da arquitetura – no sentido de uma destinação supra-sensível de arquitetura e de espaço?

A aventura do arquiteto se situa em um mundo bem real. Ele deve produzir um objeto que talvez não tenha sido definido antes, em um tempo precioso, com um orçamento previsto e para pessoas certas.....A partir disso, onde está o espaço da liberdade, a maneira de superar as restrições? O problema é articular cada projeto a um conceito, a uma idéia prévia que irá definir um lugar que não se conhece. Estamos no caminho da invenção, no domínio do saber, no domínio do risco e esse lugar pode se converter em um lugar de um certo segredo, de coisas que não se dominam, da ordem do fatal ou do involuntariamente incontrolável. Aí começa a ilusão aberta, aquela de um espaço que não é somente visível, mas que será o prolongamento mental do que se vê. Esta forma de ilusão não é gratuita; ela permite, pela desestabilização da percepção, criar um espaço mental e instaurar um cenário, sem o qual os edifícios não seriam mais que construções e a própria cidade, uma aglomeração. É a perda desse cenário e, portanto, de toda uma dramaturgia da ilusão e da sedução, que sofrem nossas cidades, consagradas à saturação do espaço por uma arquitetura de funções (úteis ou inúteis).

JÁUREGUI, Jorge Mário – A PORTA DO SÉCULO VINTE E UM – AU, ano 16, n.88, fev/mar 2000, pag. 74.

ARQUITETURA: A seqüência de questões, tanto arquitetônicas quanto urbanísticas ao longo do século vinte, chega ao topo, realizando uma volta completa na espiral da história da modernidade. O que começou nas primeiras

décadas do século como uma luta para se livrar do passado em relação à arquitetura e ao urbanismo herdados, completa uma evolução no sentido de desdobramentos cujas conseqüências e diferentes efeitos a partir da perda de validade dos princípios da modernidade, venho abordando em diversos artigos para a AU.

Hoje, a crescente conexão entre os meios de comunicação, a pluralidade de culturas e uma multiplicidade de concepções do mundo criam condições para uma revisão da modernidade. Ao percurso – período heróico, chegada ao poder, crise, rejeição, crítica ontológica – acrescente-se a releitura e a reapropriação que definem uma nova relação, menos fóbica, com a herança da modernidade. Essa nova relação passa pelas reavaliações do conceito de objeto arquitetônico e do pensamento urbano referente à questão da linguagem formal e espacial, à conceituação da idéia de ordem e à interpretação do corpo arquitetônico.

LARA, Fernando – ARQUITETURAS GLOCALIZADAS – AU, ano 16, n. 89, abril/maio 2000, pag. 62/63.

ARQUITETURA: Uma recente tendência parece entrar em uso corrente para explicar algumas transformações na relação entre o homem, os espaços e o tempo. Chamam essa tendência de *glocalização*, espécie de globalização localizada ou *locus* da globalização que, ao contrário do que diz o discurso, atua, cada vez menos, na busca da integração das diferentes camadas sociais mas escolhe com cuidado quem, onde e como se inserir. Dá para perceber que boa parte dos projetos que se fazem em vários pontos do mundo tem como alvo um público bem definido, próximo entre si e a anos-luz de distância daqueles que vivem ali, do outro lado do muro. Essa estratificação, que isola indivíduos e comunidades de um mesmo espaço, enquanto os aproxima de grupos semelhantes em pontos diferentes do globo, força transformações na prática e no ensino de arquitetura que ainda apenas começando a ser entendidos.

.....Essa navegação entre locais e estratos sociais diferentes passa a ser fundamental para a grande maioria dos arquitetos. Isso ainda não se cristalizou em uma assinatura pessoal como uma arquitetura que imponha menos a visão pessoal de mundo e seja mais coerente com o lugar e a ocasião.

KOURY, Ana Paula – ARQUITETURA NOVA – AU, ano 16, abril/maio, 2000, pag.69.

ARQUITETURA As posições estéticas e políticas de Sérgio Ferro, Rodrigo Lefèvre e Flávio Império compõem o que se poderia chamar de base do programa da Arquitetura Nova. As atuações no ensino, na crítica e na prática da arquitetura, assim como as produções artísticas desses profissionais definiram uma aspiração de ultrapassar os limites estritos dessas práticas e da opinião individual de cada um, estabelecendo um pensamento coletivo formado pela ação multidisciplinar, fomentando o debate que os destacaria como propositores

de novas bases para a arquitetura brasileira contemporânea.

COLQUHOUN, Alan – REGIONALISMO E PÓS MODERNIDADE – AU, n. 45, ANO 8, DEZ 92/JAN 93, pag. 51/52.

ARQUITETURA: Britanicamente comedido, o crítico inglês foi evasivo em relação às questões mais polêmicas da arquitetura contemporânea. Apoiado na leitura de dois livros consagrados – "A Condição Pós-Moderna", de Jean François Lyotard e "O Fim da Modernidade", de Gianni Vattimo, Colquhoun começou traçando um paralelo entre os dois autores, em relação à radicalidade da situação atual. "No nível econômico-social, devido ao desenvolvimento do capitalismo, das redes de comunicação e das sociedades multinacionais. No nível ontológico-filosófico, pela falta de certezas e incoerência da nossa visão de mundo." Recuperando a idéia de Lyotard sobre a noção de conhecimento nas sociedades industriais avançadas, falou da oposição entre conhecimento positivista e crítico, que equivalem a modelos de sociedade orgânica e marxista, respectivamente, e negou a proposta de construção de um terceiro modelo síntese, autocrítico e unitário, baseado nos sistemas de linguagem e informação. "A definição completa de um sistema corresponde a um consumo de energia igual ao dele próprio", lembrou, alertando para a possibilidade de o esquema proposto por Lyotard tornar-se "arma de tiranos"....Em relação às cidades contemporâneas, Colquhoun localiza um avançado processo de fragmentação, determinado principalmente pelas forças de mercado, e portanto fora do alcance dos arquitetos. "O que mantém esses fragmentos unidos não é mais a presença simbólica dos edifícios públicos, como no passado. Cada vez mais os grandes empreendimentos, como os shoppings e complexos comerciais, tendem a reproduzir uma imagem reduzida da cidade global e tornam-se referências para a totalidade". Somando a isso o papel da televisão como principal fórum de comunicação pública no mundo pós moderno, só resta admitir a perda da importância simbólica da arquitetura e do espaço público – para Colquhoun, um fato irremediável.

# 4. O arquiteto e o arquiteto

| **Levantamento / Revista AU** |
|---|
| ALMEIDA, Rubens - 25 ANOS/UMA CIDADE EM FORMAÇÃO - AU, ano 1, abr.85, n§ 2, pag. 58.<br>ARQUITETURA/ARQUITETO: "..., o sonho do arquiteto não conseguiu mudar a sociedade, simplesmente porque um traçado sozinho não é capaz de redefinir os parâmetros de uma nova convivência social." (Nair Bicalho). |
| SABBAG, Haifa Y. - ...E FEZ A OBRA. DE CONCRETO E DE EMOÇÃO - AU, ano 3, dez/jan.88, n§ 15, pag. 43.<br>ARQUITETURA/PROJETO: Tirou do concreto armado todas as possibilidades que o sistema permitia e transformou a própria estrutura em elemento plástico (Niemeyer), mantendo no projeto uma proposta eminentemente estética, em estreita relação com a escultura e a poesia. "O arquiteto , um criador de formas", argumenta sempre. |
| ARRUDA, Expedito de - ENTREVISTA A JOSE WOLF - AU, ano 4, ag/set.88, n§ 19, pag. 72.<br>ARQUITETURA/ARQUITETO: Você, então, como arquiteto tem obrigação de lutar contra as distorções da cidade. A nível de arquitetura, de edificação, procura desenvolver uma arquitetura que volte a emocionar as pessoas. A cidade está muito apagada, sem brilho. |
| DI LASCIO, Mario G. - ENTREVISTA A JOSE WOLF - AU, ano 4, ag/set.88, n§ 19, pag. 66.<br>ARQUITETO: Antes de tudo, vejo o arquiteto como um propositor, um arauto daquilo que representa uma produção humana na área das Belas Artes. Arquitetura, para mim, é antes de tudo criatividade. Criatividade ligada a tecnologia. a maneira de um pianista, que é um artista, mas se utiliza da técnica para otimizar sua proposta, sua mensagem, o arquiteto recorre a tecnologia, aos materiais, concepções comportamentais da época e harmoniza todo esse acervo em seus projetos e suas propostas. Ele também (para concluir) deve ser um maestro, um artista. Alguém que propõe e a sociedade dispõe. |
| BRATKE, Oswaldo - SOBRE UMA POSSíVEL AULA - AU, fev/mar 89, ano 5, n§ 22, pag. 108.<br>ARQUITETURA: ... como Eero Saarinen: "a arquitetura é a natureza feita pelo homem, e o objetivo é proteger e encorajar a vida do homem na terra, dar uma resposta a sua fé na nobreza da existência" Arquitetura é o domínio do espaço. E ser arquiteto é saber concretizar esse espaço com inteligência e arte. Para tanto, |

o arquiteto, na lida profissional, precisa conhecer também intimamente a vida do ser humano e sua sociedade, o que é tão importante como os materiais e a técnica de seu uso, pois é baseado na somatória desses conhecimentos que exercerá sua profissão.

NOBRE, Ana L. - ENTRE A ARQUITETURA E O DESIGN (ARQUITETO AURELIO FLORES) - AU, ano 8, out/nov.92, n§ 44, pag. 36.
ARQUITETO: Flores encara a arquitetura como um cenário para as pessoas - "um fundo para o teatro da vida", conforme dizia seu conterrâneo Barragan. A função do arquiteto, então, é realçá -las, torná-las mais bonitas.
Nesse sentido, a cor - ou, no caso, sua ausência completa - é fundamental. "O branco é a cor que melhor combina com a roupagem das pessoas", diz. Essa idéia, que pode parecer radicalismo, num espaço cultural é justificada pela liberdade de introdução de variações.

ARTIGAS, João B.V.- ARQUITETURA, POLÍTICA E PAIXÃO, A OBRA DE UM HUMANISTA - ENTREVISTA (texto de Livia Alvares Pedreira) AU, ano 1, jan.85, n§ 1, pag. 23.ARQUITETO: "Obrigado a encontrar formas que informem sistemas de exigências sob as quais não tem poder, o arquiteto está condenado pela natureza de seu trabalho, a ser a única e última figura de humanista da sociedade contemporânea. Obrigado a pensar a totalidade justamente na medida em que se torna técnico setorial, especializado, interessado em operações específicas e não em declarações metafísicas"...( Umberto Eco)
Os arquitetos, por outro lado, querem que a obra seja a expressão da época que ele viveu. Se transportam para a cidade e passam a ter responsabilidades sobre as formas que ela vai assumir, bem como o papel que cada edificação irá representar no ambiente urbano...
O arquiteto não é um profissional da indústria da construção, um apêndice de uma máquina constrangedora e terrível. Ao contrario, cabe-nos ajudar, a dominar, a submeter a estrutura impositiva que transforma o homem em coisa, em vítima de sua própria criatura...
O arquiteto é antes de tudo um artista.

PEDREIRA, Livia A. - LIBERDADE, ARROJO, CRIAÇÃO, GENIALIDADE. NIEMEYER - AU, ano 1, jan.85, n§ 1, pag. 33.
ARQUITETO: A tudo isso, Niemeyer reage de forma inesperada: "Não dou importância demasiada ao meu trabalho. Vejo a arquitetura como uma coisa secundária diante deste mundo injusto em que vivemos".

SABBAG, Hayfa Y. - A BELEZA DE UM TRABALHO PRECURSSOR, SÍNTESE DA TRADIÇÃO E DA MODERNIDADE - AU, ano 1, jan.85, n§ 1, pag. 15.
ARQUITETO: De sensibilidade invulgar, nunca desvinculou a arquitetura da

arte, mas humanista que é, situa o arquiteto como um técnico, um sociólogo e um artista. (L. Costa)
O único arquiteto que abordou o problema sob os três aspectos fundamentais: social, técnico e plástico, foi Corbusier. (L. Costa)
Se me sinto mais urbanista que arquiteto? Não, sou apenas arquiteto, assim mesmo pouco atuante; urbanista apenas acidentalmente. Mas me felicito porque, quando leio o memorial descritivo que acompanhou o plano de Brasília, sinto essa lenda que envolve o projeto de uma cidade imaginária, inventada. (L.Costa)
Desde o início, o arquiteto precisa estar imbuído da intenção plástica, que deve estar presente em toda obra arquitetônica, consciente ou inconscientemente. Isso é, o que a distingue da simples construção. A beleza é uma função e deve aparecer como resultado final da obra. O objetivo é que ela funcione, que se adapte ao programa e que seja bela. Ser bela apenas é cenografia. (L.Costa)

XAVIER, Alberto - A TRAJETÓRIA DE UM "MAQUIS" - AU, ano 1, jan. 85, n§ 1, pag. 21.
ARQUITETO: A grande maioria dos arquitetos não extravasa os limites de projetar e construir edifícios. Poucos são os que, ao contrário, fazem da especulação teórica seu campo de ação, as vezes mais útil que as realizações práticas. Lucio Costa é dos poucos - senão o único - que foi capaz de aliar uma exemplar produção arquitetônica a uma contribuição crítico-intelectual de inexcedível valor.

NIEMEYER, Oscar - DEPOIMENTO- AU,ano 1,abr.85, n§ 2, pag. 42.
ARQUITETO: O Plano Piloto é com o Lucio e sobre ele nunca fiz críticas. Mesmo quando os espaços eram exíguos para os programas governamentais Primeiro porque o Plano é correto. Um exemplo inteligente da Carta de Atenas. Segundo, porque não critico trabalho de colega. É fácil, muito fácil, criticar obra realizada e a crítica gratuita sugere sempre complexos e pouca generosidade.

ARANA, Mariano - UMA LIÇÃO DE ARQUITETURA - (entrevista a José Wolf) - AU, ano 2, fev.86, n§ 4, pag. 52.
ARQUITETO: ..., muito importante o arquiteto estar permanentemente sensível tanto a tecnologia apropriada quanto ao respeito para resolver as obras de forma eficaz, do ponto de vista funcional, fundamentalmente a habitação, procurando dar à família a melhor possibilidade de responder às suas necessidades, seus anseios.
Ele deve ser sensível também a forma arquitetônica, porque eu creio realmente que o arquiteto tem uma grande responsabilidade cultural, através das formas que projeta e do respeito ao lugar onde a obra se realiza. Assim, deve ser uma pessoa que contribua com o desenvolvimento cultural coletivo de seu próprio país, de sua cidade. O arquiteto, portanto, tem o dever de ser um bom teórico, de ser um bom pensador, um homem racional, o que não significa ser racionalista.

Racional para ser capaz de gerar a melhor arquitetura, utilizando menos energia possível em matéria de equipamentos sofisticados e de materiais. E, ao mesmo tempo, tentar validar uma arquitetura mais barata do ponto de vista da conservação, da manutenção.

FAYET, Carlos - PROFISSÃO ARQUITETO - EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO LEGAL- (Entrevista a José Wolf). - AU, ano 2, fev.86, n§ 4, pag. 42.

ARQUITETO: Assumir a profissão em toda sua plenitude. Significa o arquiteto sujar as mãos, estar preparado para algumas tarefas, das quais hoje uns poucos cogitam- a construção, a empresa imobili ria (por que não?), o loteamento, a gerência de negócios, a função pública e política. Assumir plenamente tudo aquilo que envolve ou decorre da produção da arquitetura, mesmo que isso sejam distorções de uma situação social, política e econômica pela qual passa o país no momento e com a qual não concordo.

Acho que houve uma tendência, e felizmente isso está terminando, uma época em que se dizia ser o arquiteto o homem da prancheta. Sendo homem da prancheta, vivia num ambiente quase imune a sujeira da obra, a sujeira dos problemas econômicos. Ele fazia dois discursos. Um discurso, o discurso teórico, nas escolas e associações, denunciando tudo isso, mas na posição de homem da prancheta, de criação, não tinha contacto com essa realidade. Acredito que nem tivesse sido preparado adequadamente para isso nas escolas. Enfatizava-se o projeto como sendo o objetivo final do arquiteto e se descuidava de sua formação técnica, de seu conhecimento tecnológico, do conhecimento dos materiais, dos processos construtivos, porque isso se reservava a outro tipo de profissional. Ele tem que assumi-la em sua plenitude. O projeto, uma etapa necessária, mas não suficiente do procedimento do exercício profissional... Evidentemente ele deve assumir o canteiro de obras. Ele deve ser diretor da obra. Isso não significa necessariamente ser um empresário, um construtor, mas a direção da obra, sem dúvida, deve ser exercida pelo arquiteto. Ela faz parte, é contrapartida de sua concepção...

RIBEIRO, Demétrio - DENSO OLHAR DE UM SÁBIO - DEPOIMENTO (a José Wolf) - AU, ano 2, fev.86, n§ 4, pag. 16.

ARQUITETO: A figura do arquiteto, dominando o quadro do começo ao fim, é uma figura quase imaginária, agora. Ele existe, você tem arquitetos fazendo casas etc. No contacto direto, com o cliente individual, você tem isso. Mas você vê, são milhares de arquitetos. E a maioria não está nessa situação. A maioria está localizada em pequenos descaminhos da profissão.

BAYEUX, Gloria M.; ARTIGAS, Rosa C.; SILVA, Dalva E. T.- "QUE CATEDRAIS TENDES NO PENSAMENTO" - AU, ano 2, abr.86, n§ 5, pag. 12. ARQUITETO: ..., sua proposta (Artigas) de formar arquitetos capazes de

fazer uma arquitetura que interprete criticamente a realidade, que seja sempre contemporânea no plano do conhecimento e prospectiva no plano da história,...

BURMEISTER, Fernando L.- POR QUE, PARA QUE E COMO FORMAR ARQUITETOS? - AU, ano 2, abr.86, n§ 5, pag. 56. ARQUITETO: Arquitetura é, fundamentalmente, espaço construído e habitado. Formar um arquiteto é, portanto, preparar um profissional capacitado a criar esse espaço e/ou agenciar espaços existentes, em trabalhos de preservação, restauração, reforma, construção etc.

GOLDMAN, Fabio - OCUPAR TODO O ESPAÇO - AU, ano 2, abr.86, n§ 5, pag. 9.
ARQUITETO: Outra questão que nos colocam: o arquiteto deve se voltar para a prancheta ou para o canteiro? Não existem dois momentos. Prancheta e canteiros são intimamente ligados. O preconceito existente entre muitos profissionais e mesmo em escolas de arquitetura quanto a execução da obra precisa ser superado. Arquitetura, obra realizada; o projeto, a idéia que não for executada, morre. Conforme define Lucio Costa "Arquitetura , construção, concebida com intenção de organizar plasticamente o espaço..." O ensino, portanto, deveria valorizar esse lado prático da profissão, o que não ocorre, atualmente, na maioria das faculdades, predominando o preconceito ao fazer, a obra.
O arquiteto, por definição, é construtor, deve ser o homem da obra, até porque esse mercado de trabalho é extenso e nós ainda não o ocupamos totalmente. Em quase todos os países, o arquiteto é o responsável pela construção mas a legislação brasileira dá margem a várias interpretações, confundindo os profissionais.

SAWAYA, Sylvio - O EXERCÍCIO DE ANTEVER - AU, ano 2, abr.86, n§ 5, pag. 25.
ARQUITETO: Arquitetura só se aprende trabalhando e o arquiteto vai amadurecendo com o tempo. Só depois dos 50 anos ele consegue ter um conhecimento de vida e de profissão para realizar seu trabalho com liberdade e segurança.

PEREIRA, Miguel - RECUPERAR AS UTOPIAS - AU, ano 2, jun.86, n§ 6, pag. 42.
ARQUITETO: O que importa , saber qual o perfil brasileiro desse debate, qual o desenho brasileiro dessa arquitetura, para que Ferreira Gullar não acicate novamente o nosso arquiteto: "Fala meu papagaio".

SABBAG, Haifa Y. - "KITSCH É SER MIES" - (Entrevista com Décio Pignatari, Dinah Guimaraens e Lauro Cavalcanti.) - AU, ano 2, out/nov.86, n§ 8, pag. 48.
ARQUITETO: ..."A gente fica com um discurso progressista e uma prática conservadora. Impondo moldes nossos, da classe média ou da arquitetura erudita

para uma camada popular e isso está provado que não deu certo. A crise do BNH , uma crise econômica mas também passa pela arquitetura porque nós não tivemos uma atuação eficaz." (Dinah Guimaraens e Lauro Cavalcanti)

MAIA, Éolo - DE OLHO NA RUA - (Entrevista a Lívia Pedreira) - ano 2, out/nov.86, n§ 8, pag. 34.

ARQUITETO: O lugar do arquiteto é na rua, adverte. Observar e aprender a traduzir os desejos das pessoas em relação aos espaços em que irão transitar ou mesmo habitar. Depois, combater a postura tecnocrática que vem moldando o perfil dos profissionais de arquitetura. E mais, desmacarar a atitude política autoritária que persiste na arquitetura brasileira...., continúa o arquiteto, para quem o profissional deve sentir pulsar do seu povo na rua, nos bares, nas esquinas...E alerta: "chega de criar sonhos nos escritórios, distante da realidade, do cotidiano do homem simples".

Defendendo o encontro do arquiteto com a população, Éolo Maia se dedica aos pequenos projetos interioranos e se esquiva das discussões formais para combater "a atitude clássica" assumida pelos profissionais de arquitetura. "Parece que estamos na Grécia, dependendo de um mecenas e, sem consultar ninguém, impomos o nosso desenho". E conclui dessa forma: "tanto faz enveredar pelo moderno ou pós-moderno"

ROCHA, Paulo M. - EXERCÍCIO DA MODERNIDADE - (Depoimento a José Wolf) - AU, ano 2, out/nov.86, n§ 8, pag. 26.

ARQUITETO: Não sei porque o arquiteto deva ter uma função. Quem tem uma função nesse processo, o homem político, o homem da "polis", enquanto tal. O arquiteto é um deles. A questão da arquitetura é outra coisa. Nesse quadro, fica uma idéia de desafio. Deveremos saber que formas daremos a esse mundo que se inicia agora. Mudar simplesmente a forma não basta. "é uma idéia puramente mercantilista da profissão, uma idéia medieval do profissional que é competente para agradar a classe dominante, se você quer mudar o tipo de paletó, quer fazer agora com dois ou três botões, o cara faz, mas é sempre o mesmo paletó. Nós estamos querendo mudar de roupa.

GUEDES, Joaquim - ADEUS ÀS ILUSÕES - AU, ano 3, fev/mar.87, n§ 10, pag. 48.

ARQUITETO: Quanto mais competente o arquiteto, menos especialista. Os arquitetos se comportavam como se tivessem a solução dos deuses. Temos que encarar com a maior modéstia a transformação da sociedade.

VAIDERGORN, Izaak - A DANÇA DO SOL - AU, ano.3, fev/mar.87, n§ 10, pag. 25.

ARQUITETO: O arquiteto é um poeta da ação e, como poeta, , um herói da contemplação.

FILGUEIRAS, João - A SERVIçO DO BEM E DO MAL - AU, ano 3,

abr/maio.87, n§ 11, pag.18.
ARQUITETO: A profissão do arquiteto é uma das mais antigas e sempre esteve ligada aos grandes projetos, as grandes obras, catedrais, ou seja, a arquitetura em favor da classe dominante. De alguma forma isso ainda predomina e acho que é uma situação, inclusive, que o arquiteto tem que preservar porque a situação social assim o exige. Sou um profissional e como tal, tenho que atuar para a comunidade. Evidente que existem parâmetros em que mesmo nos governos a gente pode encontrar uma brecha para atuar. No tempo da revolução de 64 , clara que fui discriminado, até mesmo pelas minhas ligações com a Universidade de Brasília e com o governo João Goulart. Essa situação permaneceu durante uns 5 anos, depois a minha participação passou a ser aceita pelos militares. Não que eu tivesse feito alguma concessão, simplesmente mantive meu trabalho profissional com o mesmo nível e nesses termos, é claro, que se consegue trabalhar com qualquer governo.
Uma das funções básicas do arquiteto é preservar sua arte usando a tecnologia e não acusá -la de estar impedindo que ele seja um artista.

SANT`ANNA, Antonio Carlos Jr. - ENTRE DOIS AMORES (O AFETO QUE SE AMPLIA) AU, n§ 13, pag 46.
ARQUITETO: No entanto, o forte espírito corporativista dos arquitetos sempre impediu, ou no mínimo não estimulou, o surgimento de uma crítica autônoma, não subordinada a visão hegemônica.

ABREU, Silvio - "A VIDA TEM SEMPRE RAZÃO. O ARQUITETO NÃO - AU, ano 3, out/nov.87, n§ 14, pag. 59.
ARQUITETO: Le Corbusier propõe-se a oferecer nada menos que uma solução completa e acabada para todos os problemas urbanos modernos. Assim agindo, coloca o arquiteto (e o Urbanista) numa posição de poder autocrático, encorajando-o a propor soluções numa escala megalomaníaca. Se pode eventualmente fazer bem para o ego de arquitetos em crise de identidade, não acontece da mesma forma com a cidade e a sociedade. Confrontando com as modificações que os usuários haviam efetuado sobre seu rigoroso projeto para Pessac, "conspurcando" os desígnios do arquiteto, ele nos indica com resignação e grandeza que "A vida tem sempre razão. O arquiteto, não".

GUEDES, Joaquim - LIÇÃO QUE NÃO SE ESGOTOU- AU, ano 3, out/nov.87, n§ 14, pag.54.
ARQUITETO: ... a verdade , que nós arquitetos somos levados, muitas vezes, a enxergar através da beleza que nos comove perspectivas de felicidade universal. Via (Le Corbusier) os arquitetos como homens que, por escolha ou vocação, adotaram um ofício que os obriga a trabalhar como pastores, guiando a humanidade na solução de seus problemas de espaço, respondendo às novas atividades e formas de vida social, fruto da profunda revolução social que

identificava..

KUROKAWA, Kisho - DEPOIMENTO - AU, ano 3, out/nov.87, n§ 14, pag.73.
ARQUITETO: Aos poucos, os arquitetos foram podando as necessidades básicas do ser humano, seu instinto, a emoção. Com isso, resultou uma arquitetura fria, não aconchegante. Afinal as pessoas, quando caminham pela rua, devem sentir o que vêem

NIEMEYER, Oscar - VÃOS E VÃOS (Entrevista a José Wolf) - AU, ano 3, dez/jan. 88, n§ 15, pag.15.
ARQUITETO: Agora, sempre digo aos arquitetos: se a miséria os comove, não é na prancheta que vão resolver, fazendo casinhas populares, isso é paternalismo; é sair pra rua e lutar.

TEPERMAN, Sergio - DA IMPORTÂNCIA DE SER OSCAR- AU, ano 3, dez/jan.88, n§ 15, pag.56.
ARQUITETO: é um ponto bastante delicado a tocar, inicialmente porque , baseado em impressões e não de um conhecimento aprofundado do trabalho dentro do escritório de Niemeyer; em segundo lugar porque, em um país de tão poucas personalidades reconhecidas internacionalmente, não parece política inteligente criticar uma delas. E, mais que tudo, a famosa frase "quem é você para criticar nosso maior arquiteto, e que você mesmo reconhece como tal?".

SABBAG, Hayfa - QUANDO O ESPAçO é PERSONAGEM - (a respeito de trabalho do arq. Luis Paulo Conde) - AU, ano 4, abr/maio 88, n§ 17, pag. 25.
ARQUITETO: ..., e o leva a afirmar que a formação do arquiteto deve ser lenta, acumulativa, sem obrigatoriedade de invenção permanente, de genialidade. "Porque como dizia Oscar Wilde, se não fossem os clássicos teríamos que viver a mercê dos gênios"

TEPERMAN, Sergio - MESTRES EM ARQUITETURA, PHDS EM SOBREVIVÊNCIA - AU, ano 4, abr/maio 88, n§ 17, pag. 79.
ARQUITETO: Na verdade toda a atividade e criatividade existentes na profissão de arquiteto, e que não são usadas tão-somente para fazer projetos, mas também (ou principalmente) para consegui-los e ainda administrá-los, acabam por tornar um trabalho que por si só nunca é rotineiro, em algo tenso e agitado, algo como uma partida de xadrez ou pôquer jogada em uma quadra de basquete onde os vai e vens e os altos e baixos acontecem em instantes.

CAVALCANTI, Lauro - CENAS DE ARQUITETO - AU, n§ 23, pag. 100
ARQUITETO: O arquiteto como herói-(filme) - The fountainhead, King Vidor (EUA- 1949). Estrelado por Gary Cooper, o filme, uma entusiasmada celebração do arquiteto como herói e gênio, em permanente batalha contra o sistema e os homens de seu tempo. A visão heróica da profissão de arquiteto aludia aos mestres pioneiros da arquitetura moderna- Frank Lloyd Wright, a quem a autora conhecia, é citado como fonte de inspiração para o personagem

principal-... Howard Roark (Gary Cooper) , o paradigma do idealista... A recusa em aceitar os cânones acadêmicos então vigentes provoca sua expulsão da escola. Seu colega Peter Keating, retratado como o oposto de Roark, é cumulado de todas as honras na faculdade. Keating recusa uma bolsa em Paris, empregando-se com astuto e ganancioso arquiteto nova- yorquino. Através de ações pouco recomendáveis, torna-se sócio igualitário do poderoso escritório especializado em arranha-céus esteriotipados. Roark, por seu turno trabalha com o amargo e desiludido Henry Cameron - alusão provável a Louis Sullivan - arquiteto de talento, cuja carreira, após sucesso inicial, havia naufragado por conta da incompreensão do público e crítica. Afirma que o direito mais supremo na terra , aquele do indivíduo e do ego. Aponta o coletivismo como raiz de todos os males e adverte que tal veneno, engendrado na Europa sob a forma de nazismo ou comunismo, ameaça invadir a América, terra dourada do individualismo.

O final feliz encontra Roark construindo importantes prédios em Nova York, além de projetar o que vir ser o arranha-céu mais alto do mundo. Seu triunfo profissional é a vitória do individualismo messiânico arquitetônico.

O arquiteto - empresário em crise - A TEMPESTADE- Paul Mazursky (EUA 1983) ....O personagem principal se transforma no arquiteto Phillip Dmitrios (John Cassevetes), sem grande brilhantismo mas com enorme sucesso no ramo imobiliário nova-yorquino. O bem sucedido profissional de meia idade resolve levar sua crise existencial às últimas conseqüências: abandona a profissão, o alto nível de vida, um casamento insatisfatório e leis sociais regidas pela hipocrisia para tentar um encontro consigo mesmo longe da civilização.

A busca da estudante - PASSAGEIRO: PROFISSÃO REPORTER - Michelangelo Antonioni (Italia-1976)

Para Antonioni uma profissão, uma pele, uma aparência impositiva, algo que adere a personagem e a constrange dentro de certos limites. Uma profissão, um modo de se relacionar com as pessoas e ser definido por elas.

O mergulho nostálgico do arquiteto - THE BELLY OF AN ARCHITECT - Peter Greenway (Inglaterra-1987)

A metáfora crítica de Greenway a respeito dos arquitetos que têm na profissão seu único interesse , óbvia demais...

WOLF, José -CASA NO RIO - COM RIGOR E PLENITUDE/ AU n§ 25, ano 5, ago/set 89/ pag. 68 - sobre projeto de Acácio Gil Borsoi

ARQUITETO: Ser bom arquiteto, portanto, pressupõe o conhecimento da composição e da construção. Aquilo que Lucio Costa dizia, construção com intenção estética. Sem ela temos simplesmente construção - este é o lado erudito, a estética, o lado cultural, que permanece.O produto do arquiteto não é o projeto, mas a obra.

SABBAG, Haifa Y. - YBACANGA- O TOM DA MODERNIDADE, AU out/nov 1989, ano 5, n§ 26, pag. 60 arquiteto Paulo Casé
ARQUITETO: O arquiteto, na sua opinião, é o profissional que tem um tijolo (realidade da qual não pode ainda se desvincular) numa das mÇÃos e o computador na outra. "A busca de uma síntese que represente esses dois valores constitui o mais complexo paradigma para o arquiteto. Esse projeto busca promover essa simbiose".

IGLESIA, Rafael - EM BUSCA DA COERÊNCIA CULTURAL AU dez89/jan90, ano 6, n§ 27, pag.95
ARQUITETO: (Caveri) "Talvez, se abandonarmos nossa posição de elite a serviço consciente ou inconsciente da cultura dominante, possamos contribuir, inseridos nas bases populares e suas organizações, e formar uma arquitetura verdadeiramente nossa que cubra nossas necessidades, mesmo que imperfeita e até bárbara, porém poética, simbólica e criadora, porque integra com seu esforço nossa raiz popular da qual surgiár a árvore que expressará nossa própria palavra"

PERRAULT, Dominique - ENTREVISTA - AU - dez89/jan90, ano 6, n§ 27, pag.56
ARQUITETO: Ele não se parece nada com o que seria de se esperar de um arquiteto encarregado de realizar, durante vá rios anos, um dos edifícios culturais mais importante da França moderna. Dominique Perrault apresenta uma imagem comportada. Seu modo de vestir é o de um jovem executivo bem sucedido. Seu itinerário arquitetônico é igualmente rigoroso, marcado pelo estudo obsessivo de sua profissão. Em suma, um verdadeiro profissional com toda a ambigüidade que essa idéia esconde.

ROCHA, Cristiane - CARTAS AU - Arquitetura e Urbanismo, ano 6, jun/jul 90, n§ 30, Edit. Pini, S.Paulo, 1990, pag.13
ARQUITETO: é incrível como todos, com raríssimas excessões (embora louváveis), tornam o fazer (ou discutir) arquitetura obra de mestres. Melhor: só pode exercitar o "saber" arquitetônico aquele que o possui na sua forma mais pura (e abstrata, consequentemente), dando a arquitetura não só a posição de "arte pura" como também a possibilidade "esplendorosa" da união entre conceito - enquanto história - e prática - enquanto construção. Assim, o projeto arquitetônico torna-se, claro, "obra dos deuses". E a arquitetura, matéria (somente) de arquitetos.
Portanto, cabe ao arquiteto, mais do que nunca - a partir do que escrevem os citados acima - repensar a sua atitude "vaidosa" em demasia... Pois a condicional sapiência que separa a todos é a mais célebre denotação da ignorância que nos une.

WOLF, José - PROJETO COM METODOLOGIA - AU - Arquitetura e

Urbanismo, ano 7, fev/mar.91, n§ 34, Edit. Pini, S. Paulo, 1991. (CFA-Cambiaghi Arquitetura) Arq. Henrique Cambiaghi
ARQUITETO: O arquiteto é visto como aquela figura que não consegue entregar o trabalho no prazo, que chamam de poeta. Venho, ao contrário, procurando o lado mais tecnicista da arquitetura, do projeto bem elaborado, dentro de um sistema ou método construtivo, com espírito empresarial mesmo. O arquiteto, em suma, tem sido mal visto, mal pago e muitas vezes mal amado, porque não sabe se impor como profissional.

DESCHAMPS, Yves - NEWS FROM NOWHERE - AU, n§ 42, pag. 82
ARQUITETO: Além disso, o arquiteto sul-americano está muito mais próximo da situação tradicional sobre a qual se baseia a noção de arquitetura: a de uma continuidade entre a forma e a técnica. Portanto, em princípio, ele é mais mestre de obras que seu colega norte-americano, cujo controle sobre o canteiro diminui rapidamente na proporção da dimensão mesma da empresa.

NOBRE, Ana Luiza - SESC NOVA IGUAÇU/MATRIZ POPULAR- ARQTs BRUNO PADOVANO E HECTOR VIGLIECCA, AU n§ 42, pag. 24.
ARQUITETO: Padovano e Viglieca apontam o italiano Vittorio Gregotti como referência, ao definir o arquiteto como "o indivíduo que constroi a cidade".

NOBRE, Ana L. - ENTRE A ARQUITETURA E O DESIGN (ARQUITETO AURELIO FLORES) - AU, ano 8, out/nov.92, n§ 44, pag. 36. ARQUITETO: Flores encara a arquitetura como um cenário para as pessoas - "um fundo para o teatro da vida", conforme dizia seu conterrâneo Barragan. A função do arquiteto, então, é realçá-las, torná-las mais bonitas. Nesse sentido, a cor - ou, no caso, sua ausência completa - é fundamental. "O branco é a cor que melhor combina com a roupagem das pessoas", diz. Essa idéia, que pode parecer radicalismo, num espaço cultural , justificada pela liberdade de introdução de variações.

WOLF, José - UM PROJETO DE ESPERANçA - AU, ano 8, out/nov.92, n§ 44, pag. 32.
ARQUITETO: A proposta, enfim, procura mostrar que o arquiteto não projeta com hora marcada mas deve ser um profissional dentro de um processo, "O objetivo de qualquer proposta de ensino, afirma Pirondi, deveria ser a construção de um país melhor. Acredito que este seja um projeto de esperança, pois só projeta quem tem esperança, quem acredita em mudanças, quem imagina um desenho melhor para o nosso país.

FAGGIN, Carlos – O TRAÇO QUE PERMANECE – AU, ano 10, Jun/jul 94, pag. 99/100/101.
ARQUITETO: "...Mais tarde, na década de 30, as contestações ao estudo acadêmico da arquitetura em São Paulo se intensificaram. Tanto na USP quanto no Mackenzie os arquitetos se formavam em cursos de aperfeiçoamento da Engenharia Civil. O resultado desse movimento contestatório não tardou a

chegar. Cursos especializados na formação acadêmica de arquitetos e urbanistas passaram a funcionar no Mackenzie, em 1945, e na USP, em 1948. A luta pela implantação desses cursos das idéias modernas teve início no final da década de 30 e culminou com a reforma didática de 1962, empreendida na FAU-USP. Em pouco tempo foi absorvida por todos os currículos das escolas de arquitetura do país.

Resumidamente, duas correntes de pensamento se formaram em São Paulo. De um lado, a corrente "wrightiana", predominante no Mackenzie e, de outro, a "corbusiana", predominante na USP.

....Esse grupo de mackenzistas conseguiu sintetizar doutrinas de arquitetura moderna, incorporando a Wright e Mies algumas tendências da arquitetura de interiores alemã e norte americana. O resultado prático desse trabalho foi a criação, em 1952, da loja Branco e Preto, que existiu por 20 anos, contando, na fase final, com Aflalo, Forte e Millan. Ali se projetavam e se produziam móveis e objetos que compunham o espaço moderno brasileiro e se combatia a intensa influência estrangeira nessa área.

O virtuosismo aparece claro nas obras que se seguiram, apoiadas nessa experiência prática, desenvolvida na Branco e Preto. É notável uma atitude racionalista de origem corbusiana, dentro de um formalismo organicista, de nascimento wrightiano.

VATTIMO, Gianni –ENTREVISTA – AU, n. 57, ano 10, dez/jan 95, pag. 81.

ARQUITETO: "A retórica da palavra é importante também para os arquitetos; a filosofia pode funcionar como referência de um discurso muito rigoroso, pois ela pode ser considerada como uma descrição da realidade social, como uma ideologia muito rigorosa de organização da sociedade. A filosofia enquanto atividade inventiva é uma forma de diálogo e a superação da metafísica significa encontrar um meio de não esquecer o ser, de se perguntar sem cessar o que significa a palavra ser, buscando uma reconstituição possível de uma continuidade do discurso social, domesticando a linguagem cientifica".

GREGORI, Vittorio – ENTREVISTA – AU, n. 59, Abr/Mar/95, ano 10, pag.72/73.

ARQUITETO: "Antes de tudo, quem ameaça a arquitetura atualmente são os próprios arquitetos. Em geral, sua maior preocupação é com sua fama pessoal, com as publicações, com a imagem.....Como ocorre em muitas expressões artísticas, o artista, para sobreviver, torna-se mais importante que a própria obra...Desprezando o caráter comunitário, abandona-se a própria essência da profissão. Por esse motivo, a arquitetura é hoje uma disciplina em grave crise moral, não interessando a ninguém....

Quando iniciamos um projeto nos encontramos sempre dentro de uma situação histórica, com uma determinada cultura, uma economia, um cliente, uma técnica

construtiva e regra coletivas prefixadas, que são as condições com as quais se estabelece um diálogo. Isso cria uma relação de necessidade com a forma, ou seja, o projeto não só deve responder funcionalmente a todos esses problemas, mas deve também tentar traduzi-los. Daqui a 30 ou 50 anos pode ser que o contexto seja modificado, que as condições sejam diversas; mesmo que as funções sejam outras.

GLUSBERG, Jorge – ABSTRAÇÕES ARQUITETÔNICAS – AU, n.66, ano 11, jun/jul 96, pag.67.

ARQUITETURA/ARQUITETO: Embora tenha expressado, algum dia, que procura diferenciar suas obras plásticas de seus edifícios, em Clorindo Testa, o artista e o arquiteto são indissociáveis. A diferença se reduz, portanto, à mera particularidade de cada uma dessas disciplinas, já que no caso de Testa elas são de fato disciplinas na acepção latina de “aprendizagem” e “ensino”.

Humanista, no mais amplo sentido da palavra, para ele arte e arquitetura são duas concordantes de entendimento e conhecimento, de expressão e comunicação. Grande criador, inventa espaços estéticos no interior de uma galeria, de um museu ou sobre um terreno, de tal forma que a arte possa viver no homem e este viver na arquitetura. Não é um jogo de palavras, é um jogo de conceitos que se apóiam em base ética: seus espaços estéticos – pictóricos ou construídos – são éticos.

SABBAG, Haifa Y. e NOBRE, Ana Luiza – ARQUITETURA, CULTURA OU ESPETÁCULO (UIA BARCELONA 96) – AU, Ano 11, n. 67, ago/set 96, pag.27.

ARQUITETO: O consumismo desenfreado atingiu também a arquitetura, e a mídia tornou-se a maior vitrine arquitetônica da virada do século. A expressão “Sillytecture”, criada por Dennis Sharp (Inglaterra) ao lamentar a qualidade da arquitetura das cidades contemporâneas, inteiramente construídas pelo lucro e pelo mercado, mostra a importância da ética profissional no momento em que se questiona o paradigma do arquiteto contemporâneo. “Estejamos ou não de acordo, a especulação tornou-se o principal motor do desenvolvimento urbano”, lembrou o italiano Vittorio Lampugnani.

CENÁRIO – FÓRUM DE ARQUITETURA E URBANISMO – CONTEXTUALMENTE CORRETO - AU, N.68, ANO 11, OUT/NOV 96, PAG. 36.

ARQUITETO: “O respeito ao entorno, que se materializa na extrema habilidade em colocar núcleos harmoniosos em sítios acidentados, fez com que os mestres da “Escola do Porto” – Fernando Távora, Álvaro Siza Vieira e António Menéres – merecessem hoje o respeito e a admiração de toda a comunidade internacional de arquitetos”, afirmou o professor Nestor Goulart, da FAU-USP, ao apresentá-los ao público.....Trata-se da recuperação de uma ruína descoberta em escavações no centro histórico da cidade e que deverá abrigar todos os documentos sobre a resistência civil às invasões estrangeiras e sobre a luta contra o domínio religioso. ....Fred Clarke, sócio do escritório de Cesar Pelli, abordou a questão do contextualismo, lembrando ao arquitetos que eles tem responsabilidade não só com os clientes mas também com a cidade.

ESPALLARGAS, Luis – CONCURSO PARA A AVENIDA PAULISTA – AU, N.68, ANO 11, OUT/NOV, PAG. 38.

ARQUITETO: Nos últimos anos, nossos concursos de arquitetura acabam sempre associados a alguma confusão e a certa dispersão. Em parte porque não há discursos hegemônicos com que convencer e alcançar consenso, em parte pelo culto individualista e vaidoso da profissão que pulveriza qualquer ação cultural e corporativa.

....Tudo indica que voluntariosos arquitetos, animados com a rara oportunidade de participar do debate urbano, vão ficar sem saber ao certo se concorreram ou se embarcaram num concurso. Um certame sem edital, que recrutou idéias como se estas tivessem um valor absoluto e intrínseco. Independente do tempo, das circunstâncias ou das pessoas.

KALIL, Itamar : - QUALIFICAÇÃO ABRANGENTE - AU, n. 68, ano 11, 0ut/nov 96, pag. 66.

“....Diante desses desafios e preocupados com a adequada formação dos futuros arquitetos, os cursos de Arquitetura e Urbanismo implantaram no ano de 1966 um novo currículo, que exige da formação um esforço capaz de qualificar nossos profissionais na abrangência de suas competências legais, com o aprofundamento indispensável para que possam assumir as responsabilidades nelas contidas.”

TOPELSON, Sara - SINTONIA COM A SOCIEDADE- AU, n. 68, ano 11, 0ut/nov 96, pag. 66.

: “...A formação do ARQUITETO NO ANO 2000 deve contemplar os seguintes elementos: uma profunda consciência social, que o leve a situar-se em sua realidade; forte sensibilidade em relação aos problemas urbanos, para que as soluções de conjunto sejam coerentes com a cidade e com o meio construído;

| |
|---|
| compreensão clara da proteção ecológica do nosso universo; um sólido conhecimento do valor do patrimônio arquitetônico histórico capaz de convertê-lo em seu defensor; grande intimidade com a cultura local e regional, para que adapte corretamente suas propostas aos significativos marcos culturais; uma constante preocupação com a capacitação técnica e o domínio de materiais, sistemas construtivos e tecnologia de vanguarda; abertura às diversas modalidades de trabalho na atual fase, para responder adequadamente às suas demandas. |
| BAUDRILLARD, Jean – VERDADE OU RADICALIDADE NA ARQUITETURA – AU, ano 15, n.84 jun/jul 99, pag. 49, 50.<br>ARQUITETURA/ARQUITETO : ...Pode-se dizer que a arquitetura não está na realidade, mas na ficção de uma sociedade, na ilusão de ser antecipadora. É nesse sentido que coloco a questão: há uma verdade da arquitetura – no sentido de uma destinação supra-sensível de arquitetura e de espaço?<br>A aventura do arquiteto se situa em um mundo bem real. Ele deve produzir um objeto que talvez não tenha sido definido antes, em um tempo precioso, com um orçamento previsto e para pessoas certas.....A partir disso, onde está o espaço da liberdade, a maneira de superar as restrições? O problema é articular cada projeto a um conceito, a uma idéia prévia que irá definir um lugar que não se conhece. Estamos no caminho da invenção, no domínio do saber, no domínio do risco e esse lugar pode se converter em um lugar de um certo segredo, de coisas que não se dominam, da ordem do fatal ou do involuntariamente incontrolável. Aí começa a ilusão aberta, aquela de um espaço que não é somente visível, mas que será o prolongamento mental do que se vê. Esta forma de ilusão não é gratuita; ela permite, pela desestabilização da percepção, criar um espaço mental e instaurar um cenário, sem o qual os edifícios não seriam mais que construções e a própria cidade, uma aglomeração. É a perda desse cenário e, portanto, de toda uma dramaturgia da ilusão e da sedução, que sofrem nossas cidades, consagradas à saturação do espaço por uma arquitetura de funções (úteis ou inúteis). |

# 5. O arquiteto e a produção do projeto de Arquitetura

| **Levantamento / Revista AU** |
|---|
| SABBAG, Haifa Y. - LUCIO COSTA "O SONHO FOI MELHOR" - AU, ano 1, abr.85, n§ 2, pag. 36.<br>PRODUÇÃO/ARQUITETURA: O mestre é de opinião que os estudantes não deveriam ser estimulados a uma excessiva criatividade: "Nos projetos normais, se a solução arquitetônica é válida, não há motivo para estar recriando, fazendo sempre coisas novas, Acho isso um perigo como ensino. Deve-se incutir no aluno uma autodisciplina para que ele saiba realizar um trabalho bem feito, com qualidade plástica. Mas nunca com a preocupação de fazer um discurso que só se justifica em casos excepcionais, quando o arquiteto tem um programa que permite uma criação livre. A arquitetura , como se fosse uma conversa cotidiana. De quando em quando surge um momento de debate, de empolgação e esse discurso ocorre então. Mas não é só feito de retórica. |
| SABBAG, Haifa Y. - REVISÃO E AUTOCRÍTICA - AU, ano 2, fev.86, n§ 4, pag. 21.<br>ARQUITETURA: O arquiteto (Paulo M. da Rocha) observa ainda que fazer arquitetura , estabelecer o desenho da contemporaneidade, desenhar edifícios para os homens de sua época. Modernidade, afirma, é também o momento da perda das ilusões. "O homem moderno está consciente de que , dono da natureza e pode geri-la em seu benefício". |
| DEL NERO, João - O DESAFIO SE MANTÉM - AU, ano 3, dez/jan.88, n§ 15, pag. 53.<br>ARQUITETURA: Entre a arquitetura de montagem (estruturas metálicas) e a arquitetura de moldagem (concreto armado) - considerados 2 sistemas suportes do movimento moderno - Oscar Niemeyer escolheu o último como sua forma de expressão, em função de sua qualidade plástica. "A arquitetura - sustenta - deve assumir essa técnica e esse material para poder ser leve, para empregar curvas, para se permitir todas as contravenções". |
| SABBAG, Haifa Y. - ...E FEZ A OBRA. DE CONCRETO E DE EMOÇÃO - AU, ano 3, dez/jan.88, n§ 15, pag. 43.<br>ARQUITETURA/PRODUÇÃO: Oscar continua perseguindo os mesmos princípios que se delinearam no início de sua vida profissional: Concisão de |

linguagem, preocupação com o significado formal da arquitetura, procura da beleza na concepção do projeto, leveza, exploração dos recursos da estrutura em termos de dimensionamento, continuidade espacial, jogos de luz. "A forma de tratá-los , que sofreu, as vezes, revisões".(Alberto Xavier).

TEPERMAN, Sergio - A MOCIDADE INDEPENDENTE DA PRAIA VERMELHA - AU, n§ 16, pag.82
ARQUITETO/PRODUÇÃO: ...: Henrique Mindlin, a pessoa que inventou o moderno escritório de arquitetura no Brasil, autor de livros e batalhador pela classe. Um arquiteto que agora , entendido, não por muitos mas por todos que compreendem que o que se espera de um profissional ,é pelo menos, que seja profissional.

GUEDES, Joaquim - DEPOIMENTO - AU, ano 4, abr/maio 88, n§ 17, pag. 59.PRODUÇÃO/ARQUITETO: ...e sei apenas uma coisa: para você fazer arquitetura, qualquer coisa, precisa ser de total fidelidade consigo mesmo.

TURKIENICZ, Benamy – ARQUITETURA URBANA – PROJETOS PONTUAIS – AU, ano 8, dez 92/jan 93. Pág. 76.
PRODUÇÃO/PROJETO : Panerai (Philipe) explora o tema das grandes estruturas urbanas ociosas. Seu projeto, vencedor do concurso internacional recentemente realizado pela prefeitura francesa de Strasbourg, propõe a ampliação da ponte existente sobre o Reno, entre Strasbourg e Kehl (Alemanha) e sua transformação em estação de transporte ferroviário, terminal rodoviário e fluvial. Panerai aposta na reanimação das áreas centrais das grandes cidades, um tendência bem delineada na Europa de hoje. O regresso aos lugares centrais observado a partir da década de 80 surge em contraposição ao movimento centro-periferia, característico dos anos 60/70. O arquiteto francês afirma que as principais vicissitudes de morar no centro (entre elas a de acomodar os automóveis) podem muito bem ser compensadas pela facilidade advindas da centralidade. Não é por acaso que cidades européias como Barcelona, Madri, Paris e Berlim estão investindo forte em suas áreas centrais. O reflexo dessa tendência é evidenciado pelo tratamento dado ao calçamento e arborização, a criação de praças e playgrounds, estacionamentos subterrâneos e equipamentos públicos. Se morar perto dos locais de trabalho significa poder ir à pé ao trabalho, às compras, aos restaurantes e aos teatros, significa igualmente poder desfrutar de um ambiente agradável 24 horas por dia, sete dias por semana.

WOLF, José/MOURA Éride (Coordenação e edição) – NAS TRILHAS DO PENSAMENTO CRÍTICO – AU, ano 9, ago/set 93 n.49. pag. 80.
PRODUÇÃO/PROJETO: Para Celso Pitanga, a raiz do problema curricular está na “ultrapassada e hoje injustificável” divisão do curso de arquitetura nas três áreas de aprendizado: Projeto (a espinha dorsal), Teoria e História, e Tecnologia, que ainda predomina na maioria das escolas brasileiras. Um equívoco, segundo

ele, se tratar como fundamental apenas o conhecimento relativo ao projeto e o restante como acessório. “Projetar é colocar-se diante de uma realidade e transformá-la”....A excessiva quantidade de disciplinas que não estão ligadas diretamente à Arquitetura constitui outro ponto questionado. Segundo Joaquim Guedes, “os alunos da FAU/USP chegam a fazer, por semestre, um total dessas cadeiras que, muitas vezes, não têm nada a ver com a profissão e os afasta da reflexão sobre o espaço construído”. Ciro Pirondi acrescenta: “O ensino hoje está absolutamente esquizofrênico. Os alunos têm aulas de cálculo estrutural mas não sabem onde usá-lo, aprendem paisagismo como se fosse uma questão isolada do território e da cidade.... “Nos últimos 20 anos, nos afastamos totalmente das obras, perdendo com isso não só o mercado de trabalho mas também o controle sobre a qualidade do espaço edificado”.

TOZZI, Décio – EM BUSCA DO NOVO DESENHO – AU, ano 10, fev/mar 94, n. 52 pag. 80.

PRODUÇÃO/PROJETO: A beleza, enfim, constitui o objetivo final de qualquer elaboração dos elementos que compõem a arquitetura. Pode ser a vibração numa parede, a textura ou uma luz com determinada função nas diversas horas do dia, ou seja, não é só a matéria, mas também a qualidade e as diversas relações espaciais. Dessa forma, para mim, acontece a arquitetura, tanto na escala de uma pequena casa quanto de um macroprojeto. Naturalmente, utilizando a tecnologia disponível naquele momento histórico....”Toda a estrutura de pensamento que já incorporei ao meu trabalho é no sentido de elaborar um projeto que atenda às condições sociais e culturais de um determinado momento histórico, através do uso franco da técnica disponível, mas sem perder de vista o conteúdo humanista e semântico do espaço construído.” Essa visão pressupõe outros caminhos e a própria reformulação da função de um escritório de Arquitetura, através da elaboração ou do processamento de programas compostos, dentro de uma nova escala urbana e arquitetônica que possa privilegiar a superposição de funções.....Sem dúvida – completa Tozzi – “vivemos um momento estimulante para a arquitetura. Não se trata mais de manter uma banca e ficar disputando projetos de pequenos edifícios. Cada vez mais é necessário formular, avançar e antecipar, buscando sempre a nova expressão da arquitetura e da cidade contemporânea”

GATI, Catharine – UM ARTÍFICE DO RACIONALISMO – AU, ano 10, abr/mai 94, n. 53, pag. 80/81/82/88/90.

PRODUÇÃO/PROJETO – O ano de 1948 marca a chegada a São Paulo – onde se estabeleceria em caráter permanente, proveniente da Europa – do arquiteto Franz Heep. No mesmo ano, Rino Levi elabora o projeto do edifício Prudência em Higienópolis, dentro da mais pura orientação moderna racionalista. A arquitetura desenvolvida por Rino, sua ascendência e formação européias

explicam o vínculo que estabeleceria com Heep e o claro parentesco entre algumas de suas obras.
Adolf Franz Heep nasceu em 24 de julho de 1902. Natural de Fachbach, realizou seus estudos de arquitetura na Escola de Artes e Ofícios, posteriormente Escola de Artes Aplicadas de Frankfurt-am-Mein.....
A formação e a experiência com Adolf Meyer e com Le Corbusier, mais os anos de trabalho com Ginsberg, sedimentam a práxis arquitetônica e o método de trabalho de Franz Heep, que chega ao Brasil como um profissional já maduro. Essa práxis e esse método caracterizariam a atividade de Heep até o final e a eles o arquiteto se manteria absolutamente fiel.
Sua primeira fase do trabalho em São Paulo situa-se entre 1948 e 1950 quando, poucos meses após sua chegada, é contratado pelo Escritório Pilon de Arquitetura e Construções. A facilidade da língua comum entre o francês Pilon e o estrangeiro Heep, residente por 19 anos em Paris, certamente constituiu fator de aproximação entre ambos. A chegada de Heep modificou bastante a linguagem dos projetos do escritório, que contava com numerosa clientela. O primeiro trabalho do qual Heep tomou parte foi o da sede do jornal o "Estado de S. Paulo", na rua Major Quedinho. Heep alterou bastante o desenho original, datado de 1946.....
Localizado na esquina das avenidas Ipiranga e São Luís, o edifício Itália é certamente a obra mais conhecida de Franz Heep. O projeto é de 56, nas a construção demoraria vários anos para a sua conclusão...Ainda hoje está entre os mais altos do mundo em estrutura de concreto armado...À partir do final dos anos 60, Heep encontra dificuldade para conseguir trabalho. O temperamento explosivo e a atitude ditatorial em relação ao projeto – que ele não consente em adequar a particuliaridades individuais -, o extremo cuidado com a execução, fazendo-o elaborar enorme quantidade de detalhes para cada obra, tornam-no temido por clientes e construtoras....Heep foi um apaixonado pela arquitetura. Os que o conheceram, descrevem-no "comendo, bebendo e dormindo arquitetura". Tal paixão, entretanto, não foi suficiente para integrá-lo ao ambiente profissional em São Paulo. Heep manteve-se afastado do debate em curso nos anos 50 até 68, onde a arquitetura era vista como instrumento de transformação social.

MOURA, Éride – ARQUITETURA COM AÇO (A ESCOLHA DA PRECISÃO) –AU,ano 10, jun/jul 74, n. 54, pag. 117.
PRODUÇÃO/PROJETO: Um exemplo significativo da atual produção arquitetônica em aço no Brasil pode ser observado no Vale do Anhangabaú, ponto mais movimentado da capital paulista. Em meio a construções de meados do século destaca-se o edifício Davilar, da empresa Paranapanema – uma caixa de vidro espelhado suspensa por pilares de aço -, que embeleza e valoriza o novo

| |
|---|
| espaço público nele refletido. O autor do projeto, arquiteto Ruy Ohtake, optou pelo espaço, no caso, por achar importante o uso de uma técnica atual no momento em que todo o Vale estava sendo renovado. Para essa opção, concorreram a reduzida dimensão do terreno, de 930 m2, que não permitia a instalação de canteiro de obras, e também sua localização, no centro de São Paulo, com rígidos limites de horário para a movimentação de caminhões. |
| TELLES, Sophia Silva – FORMA E IMAGEM – AU, ano 10, ago.set 94, n. 55, pág. 91.<br>PRODUÇÃO/PROJETO: A evidente facilidade dos desenhos de Oscar Niemeyer é identificada normalmente com a fluência do traço e o domínio seguro das formas no espaço, o que é inegável e admirável. Mas é preciso estar atento ao que habitualmente se entende por manualidade e a decorrente artisticidade das formas, induzidas pelo *medium* mais íntimo do desenho. O risco de Niemeyer não tem o caráter inicial do esboço ou tentativa; menos ainda: a sua linha não se faz rápida ou nervosamente, marcando no papel a expressividade da mão e a espacialidade do corpo que busca uma homologia física através da intensidade variada do traço.<br>Em Niemayer, a definição e a concisão das formas aparecem de uma só vez na continuidade de uma linha homogênea e sem esfôrço: uma marquise ou uma parábola são traçadas já atentas à natureza da sua matéria – o concreto armado -, compreendida no impulso controlado da mão. |
| MARTINEZ, Alfonso Corona arq. – BUENOS AIRES, RESIDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS – AU, ANO 11, fev/mar 95, pag.72/73.<br>PRODUÇÃO/PROJETO: A residência individual foi, na primeira metade deste século, o tema que reproduzia as formas da vanguarda e que deveria, inevitavelmente, desaparecer em favor da moradia coletiva. Isso não ocorreu: no final do século XX os subúrbios se ampliam, aparentemente sem fim, e as casas unifamiliares se multiplicam, desprovidas, porém, do seu sentido vanguardista. Numa época em que os projetos de vanguarda são propositadamente inabitáveis, a moradia conservou a habitabilidade e uma reflexão mais contínua e serena sobre a arquitetura. Reflexão essa certamente tipológica e convencional, pois é para a casa que converge a arquitetura...Parece natural que mentes e mãos acostumados a trocar, incessantemente, figuras quadrangulares no plano, na busca da disposição que transmita o partido claro, acreditem que as partes da arquitetura são, por si mesmas, cúbicas...Essa percepção está enfatizada na relação casa-jardim, que é também a relação com a rua. O jardim precede a casa; é um volume virtual equivalente ao da própria casa: cria uma perspectiva, a afasta da rua, origina uma praça particular na frente. |
| TEPERMAN, Sérgio –SOBRE ESPECIFICAÇÕES (OU SIMILAR) – AU, ano 11, fev/mar 95 n.58, pag. 108. |

PRODUÇÃO/ORGANIZAÇÃO: Uma questão sempre negligenciada pelos projetistas e construtores em geral é a dos documentos de construção. Para os construtores, aliás, ela não é negligenciada, mas simplesmente ignorada. Há os que constroem com plantas de prefeitura, os que usam o projeto estrutural e outros que utilizam o projeto arquitetônico até a escala 1:50. No Brasil, só construtoras muito cuidadosas olham todos os detalhes e as especificações que, apesar de precisas, são sumárias; as empresas de gerenciamento fazem calhamaços, porém genéricos e para qualquer obra...Normalmente um conjunto de documentos para licitação deve incluir, como elementos técnicos, os desenhos, as especificações que correspondam exatamente aos desenhos e aos quantitativos, que espelhem os dois itens....Ainda que todos se assustem (inclusive no campo dos projetos), a melhor atitude do governo Collor – a abertura dos portos – virá também na área da construção, dar uma chacoalhada na atitude de alguns fabricantes de material que, tendo um mercado cativo,, não inovavam, não se esforçavam em manter prazos, não atendiam, enfim, como tudo que não é competitivo, não se mexiam.

REPSOLD, Gregório - INTELIGÊNCIA COMPARTILHADA NA ARQUITETURA – AU, ano 12, jun/jul 97, n. 72, pag. 10.

PRODUÇÃO/ORGANIZAÇÃO: A internacionalização, que nos anos 60 aparecia no bojo do fenômeno da multinacionais, revela hoje toda sua força e conseqüências, algumas delas pouco imagináveis até então, exceto pelos teóricos da comunicação. A concepção de aldeia global tornou-se irreversível nos anos 90.

O empresariado brasileiro muitas vezes deixa-se seduzir pela mídia dos grandes escritórios internacionais e nessa busca comete equívocos que custam caro para o empreendedor. Não devemos importar modelos, mas sim, tecnologia e adaptá-la à nossa realidade cultural. Estamos hoje navegando em um momento maior – com dimensão mundial – de expansão tecnológica, que consagra a todos por meio da internacionalização dos mercados e da comunicação, instaurando novas referências sócio-econômicas e revolucionando os modos de habitar, consumir, trabalhar e mesmo de pensar.

LIMA, Catharina Cordeiro e SANDEVILLE Euler – DESAFIOS DO PAISAGISMO CONTEMPORÂNEO BRASILEIRO – AU, ano 12, dez/jan, 98 n.75, pag. 98/99.

PRODUÇÃO/PROJETO: Enquanto atividade projetual e campo disciplinar, o paisagismo tem, progressivamente, ampliado seu escopo e escala de abrangência, na medida da complexidade das demandas da sociedade. Tradicionalmente atrelado à história dos jardins, define-se modernamente como disciplina complexa com a inclusão de novas categorias de análise e possibilidades projetuais em uma escala que não tem precedentes na história.

.....Um olhar histórico sobre a profissão, que apenas iniciamos, ajuda a elucidar esta situação particular. O paisagista mais conhecido que atuou no Brasil no século XIX, emblemático, foi Glaziou. Sua formação como engenheiro e depois como botânico evidencia as demandas que a construção da paisagem propunha, desde as grande obras no território realizadas em Versalhes, na França, e na Inglaterra no século XVII, as quais são reinterpretadas na escala da cidade durante reformas empreendidas por Haussmann na Segunda metade do século XIX. Também evidencia os vínculos culturais do nosso projeto paisagístico com modelos parisienses. No século atual, Burle Marx ocupa essa posição emblemática, magma. Sua formação de artista plástico, que se atualiza com as vanguardas européias. Conjuga-se com o domínio dos materiais, da construção e da botânica

LAMPARELLI, José e ROCHA, Paulo Mendes – PROJETO E MERCADO: O EQUILÍBRIO DISTANTE – AU, ano 13 n. 76 fev/mar 98, pag.62.

PRODUÇÃO/ORGANIZAÇÃO: Existem os desafios do chamado mercado: cotejá-lo, conquistá-lo e mantê-lo. São momento em que nem sempre a competência e a qualidade do projeto são suficientes para garantir a sobrevivência do escritório...Conhecemos profissionais de diferentes gerações, produzindo arquitetura da maior qualidade e nem sempre vivendo de maneira confortável...A dificuldade maior para trabalhar é a equação do custo efetivo de um bom projeto e sua correspondente aceitação pelo mercado. Fazendo um balanço do faturamento do ano que passou, a conclusão é alarmante: 100% dos trabalhos executados pelo escritório custaram mais do que os clientes pagaram.....

Um exemplo: quando participamos de uma concorrência fechada, soubemos que nosso projeto esteve bem próximo de ser escolhido como vencedor, empatando com outro e que, para o desempate, prevaleceu o critério da experiência maior. Sentimos a resistência também no mercado imobiliário – muito fechado e impermeável a novas propostas e escritórios

MELLO, Christina de Castro e VAZ, Rita de Cassia Alves – ÓPERA: 2. ATO – AU, ano 13, n. 78, jun/jul 98, pag.62, 65.

PRODUÇÃO/PROJETO: Os caminhos para o embelezamento de uma cidade como São Paulo encontram-se, talvez, no modo de compreender e realizar arquitetura como indagação das possibilidades e processos de intervenção positiva no espaço da cidade – muitas vezes um lugar degradado. Esses temas, latentes, abrangeriam uma reconstrução do domínio público – hoje quase todo erodido, empalidecido. É necessário não se resumir a um edifício somente, mas se abrir a uma intervenção no âmbito do bairro, da cidade.

Talvez se acredite longa essa persistência do escritório Teuba sobre o desejo de reviver o Teatro São Pedro. Desde 1988, quando era secretária da Cultura a atriz

Beth Mendes, seguiram-se anos de problemas burocráticos, minucioso levantamento histórico e técnico, execução de projeto e inúmeras paralizações posteriores – uma década de tentativas de superação de obstáculos.

ANDRADE, Luciana - FAVELA BAIRRO, ALÉM DA ARQUITETURA POSSÍVEL. AU, ano 13, n. 78, jun/jul 98, pag.81.

PRODUÇÃO/PROJETO: O Programa Favela-Bairro apresenta o mérito de ser o reconhecimento da favela como espaço legítimo da cidade, enterrando de uma vez por todas os fantasmas das remoções tão comuns nas décadas de 60 e 70. Mas para contribuir efetivamente com a melhoria dos assentamentos humanos, é importante refletir sobre a qualidade das construções das favelas, consolidadas com precários conhecimentos arquitetônicos (*arche tektonicos*) e urbanísticos, e sobre os diversos determinantes históricos - sociais, econômicos e culturais – que condicionam a produção dos espaços físicos e por ela são condicionados...Não é demais lembrar problemas básicos de habitabilidade a que moradores de favelas estão sujeitos, mesmo em construções de alvenaria, como o de casas que dão choque elétrico. Problemas desse tipo, como os relativos à existência de ambientes favoráveis à proliferação de animais nocivos à saúde, entre outros, são facilmente identificados nessas casas, ou conjuntos delas, apontando para o caráter incompleto das intervenções que se restringem aos espaços públicos. Não se trata de incentivar a contratação de arquitetos pela classe pobre, nem de sugerir que a prefeitura financie alterações e reformas nas casa para adequá-las aos princípios da "boa arquitetura". Pelo contrário, o interessante é aproveitar os recursos que a própria população investe para construir, melhorar e ampliar suas casas, potencializando-os com orientação arquitetônica e algum tipo de incentivo à compra de materiais. Afinal, o direito dos moradores de favelas continuarem morando nelas, bem como o respeito pelas especificidades culturais dos diferentes grupos sociais, não implica a omissão quanto aos problemas urbanísticos e arquitetônicos verificados, não apenas nesses assentamentos, como também em toda a cidade. Na verdade não podemos nos esquivar de discutir e trabalhar por uma "boa arquitetura"; considerando que esse conceito deve se adequar a diferentes contextos geográficos e sociais.

REBELLO, Yopanan C.P.; BOGEA, Marta e LOPES, João Marcos A. – CAMINHOS DE FORÇAS – AU, ano 13, n. 78, jun/jul 98, pag. 117.

PRODUÇÃO/PROJETO: O desejo de desafiar a gravidade e a manutenção eloqüente desse desejo ao longo da vida de um edifício não surgem dissociados da solução formal. Mas nem sempre o comportamento estrutural transparece no resultado formal: a compreensão de uma estrutura pode, às vezes, resultar surpreendente. Tomemos como referência os edifícios Masp, de Lina Bardi, a Estação Largo 13, de Toscano, a Escola da Sagrada Família, de Gaudí, e a Igreja

de Atlântida, do uruguaio Eladio Dieste. À primeira vista, o Masp parecer estar para o Largo 13 assim como a Escola de Atlântida estaria para a Igreja de Dieste, enquanto soluções estruturais, efeito endossado pelos materiais utilizados e pela forma final resultante. Apesar do diálogo estabelecido de maneira indissociável entre forma e estrutura, determinante na origem da concepção desses edifícios, sua análise estrutural revela que, para além das semelhanças imediatas, o paralelo estrutural apresenta-se nos dois exemplos, aparentemente mais distantes (tanto pelo resultado formal quanto pelo material utilizado): Largo 13 e Igreja de Dieste. A solução definida por Dieste resulta numa estrutura portificada modular que se repete ao longo do eixo longitudinal do edifício. O que é fundamentalmente, a mesma solução adotada por Toscano. A semelhança formal Masp/Largo 13, reforçada pela explícita igualdade dos pisos atirantados na estrutura principal portante, desmonta-se como iguldade estrutural na medida em que o Masp não é constituído por uma estrutura porticada como parece. As duas grandes vigas superiores estão biapoiadas em vínculos articulados e não rigidamente conectadas como pressupõe uma estrutura porticada.

BOTTI & RUBIN ARQUITETOS – PILARES A MENOS – AU, ano 15, n. 86, out/nov 99, pag. 117.

PRODUÇÃO/PROJETO: Edifício mais alto do país, a Torre Norte do Centro Empresarial Nações Unidas testemunha a evolução técnica recente na construção civil brasileira.....A maior mudança no esquema estrutural deveu-se ao deslocamento do core de serviços para o centro do edifício, possibilitando a mudança no sistema de moldagem das lajes. Na Torre Oeste, as lajes são nervuradas e protendidas. Na nova torre, adotaram-se lajes lisas, com espessura de apenas 21 cm, protendidas segundo uma curiosa disposição das cordoalhas em leque.

Essa nova configuração das lajes permitiu acelerar a obra, com a concretagem de uma laje (2000m2) por semana, mas exigiu um tipo de concreto capaz de atingir 25Mpa em 48 horas.

ARQUITETURA & ESTRUTURAS – LEVEZA DE VIDRO (PIRÂMIDE DO LOUVRE) – AU, ano 16, n. 88,fev/mar 2000, pag. 42/43

PRODUÇÃO/PROJETO: A pirâmide de vidro projetada em 1989 pelo arquiteto sino americano Ieoh Ming Pei para cobrir o vestíbulo do Museu do Louvre representa o ponto inicial do eixo Louvre-La Defense. Com 21,5 metros de altura e 35 m de lado, o poliedro de base quadrada, fechado por 612 painéis losangulares de vidro, impressiona pela transparência. O desafio da pirâmide, entretanto, não reside no vencimento do vão que suporta as cargas: o peso próprio dos panos de vidro pode ser considerado leve em relação a outros tipos de vedação, o que, por si só, poderia levar a uma estrutura de sustentação

esbelta.....
Cada treliça suporta, além do peso próprio, as lâminas de vidro e os efeitos de vento que podem ser de pressão ou de sucção. Uma das componentes das cargas permanentes (peso próprio e vidros) é absorvida apenas pelo banzo superior da treliça, atuando o esforço de compressão simples.....
Na pirâmide do Louvre, um conjunto de cabos, como anéis concêntricos, paralelos à base da pirâmide, perpassa as treliças provocando uma prá-tensão. Esses cabos quando tracionados, aumentam os esforços de tração nas barras em cabo, garantindo uma reserva de tração mesmo quando ocorre uma tendência à inversão dos esforços provocados pela sucção do vento, assegurando estabilidade a todo o conjunto.

REBELLO, Yopanan; BOGEA, Marta; LOPES João Marcos – GALHO ESTRUTURAL – (Aeroporto de Stuttgart) – AU, ANO 16, N. 88, fev/mar 2000, pag.44.
PRODUÇÃO/PROJETO: Uma das grandes expectativas de um projeto de estrutura atento reside em transmitir as cargas de um ponto qualquer ao solo pelo caminho mais curto, com um desenho esbelto, com a menor quantidade de elementos e binômio forma e economia. A procura desses caminhos nos faz reportar à natureza que, além de elegante, é econômica: um rio, ao longo do caminho, traça curvas que correspondem às retas de menor declive dos planos inclinados pelos quais atravessa; uma árvore transmite as cargas das folhas, frutos e seiva, através dos galhos, procurando os menores caminhos resultando no complexo formado pelos galhos e tronco.
Assim, os caminhos que determinadas cargas podem percorrer sobre uma barra apoiada no centro parecem se inspirar nos percursos das cargas de uma árvore.

# 6. O arquiteto e a informatização da produção do projeto

**Levantamento / Revista AU**

MARINHO, Gabriela - MOMENTO DA RAZÃO - AU, ano 2, abr. 86, n§ 5, pag. 36.
INFORMATIZAÇÃO: Tanto que tem havido uma grande troca de informações e muitos professores são chamados para participar de aulas (FAU-SÃO CARLOS-USP) e debates promovendo a interação e reciclagem necessárias.
Isso significa que a tecnologia não vem em pacotes fechados mas vai sendo inserida no contexto do curso segundo as próprias exigências didáticas. Computação e Informática aplicada a Arquitetura é, por exemplo, uma disciplina que vai sendo introduzida junto com a matemática, hidráulica, cálculo, sem que se constituam massacre ou assunto maçantes.

PEDREIRA, Livia A. - CUBA SEJA AQUI - AU, ano 2, abr. 86, n§ 5, pag. 42.
INFORMATIZAÇÃO: Computador, a nova ferramenta. O futuro arquiteto deixa os bancos da escola pronto para trabalhar com os computadores que hoje "estão por toda parte", como afirma Enrique Ruiz, professor do Departamento de Desenho Básico. Há mais de 5 anos os microcomputadores auxiliam alunos e professores da Fac. de Arquitetura, sobretudo no cálculo físico e matemático. Neste caso, explica Ruiz, o aluno trabalha com programas que divulgam, além dos cálculos numéricos, a configuração física do cálculo solicitado. Outra linha de trabalho, continua Ruiz, está no Dep. de Desenho Básico onde o computador agiliza o ensino através de representação espacial da realidade, perspectiva, isometria e no tratamento da cor, fornecendo uma gama variada de tonalidades em poucos segundos. Não há qualquer preocupação com essa máquina que, para alguns inibe a criatividade, ou veio para substituir o trabalho humano. Rebatendo essas preocupações Ruiz comenta "usamos o computador como um apoio ao trabalho, a máquina nunca vai suplantar o humano mas liberar o profissional para se dedicar a tarefas antes morosas. E cita um exemplo: para fazer uma perspectiva o arquiteto demora 3 a 4 horas, a máquina divulga o resultado em apenas 10 segundos. As 4 horas o arquiteto pode dispensar na análise e discussão do desenho com outros profissionais ou com o próprio usuário. Além disso, arremata o professor, o arquiteto obtém uma gama de soluções alternativas para o seu projeto. No campo da docência, a máquina pode ensinar o aluno a estudar, desempenhando o papel do professor nos métodos de ensino programado, embora não vá substituí-lo. Aos docentes, o computador

possibilita o armazenamento de respostas dadas pelos estudantes. Como um problema de arquitetura pode ter inúmeras respostas, o professor consegue reanalisar as diversas respostas sempre que desejar, conclui.

GAMA, Ruy - NO CHÃO COBERTO DE GOIABAS - AU, ano 3, abr/maio. 87, n§ 11, pag.12.
INFORMATIZAÇÃO: ...não vejo nenhuma dificuldade de substituir certos trabalhos pelo computador. Não vejo nenhuma resistência a esses meios mecânicos, eletrônicos, são até fascinantes, mas que exigem longo aprendizado. Ele recorda, então, o surgimento da máquina de escrever. Mário de Andrade comprou uma e até encontrou um nome para ela: Manuela. O importante, enfim, é que o instrumento pode mudar, mas a essência do desenho continua a mesma. Ou seja, desenho, do latim desidium, designium, desejo, vontade, projeto...

FILGUEIRAS, João - A SEVIÇO DO BEM E DO MAL - AU, ano 3, abr/maio.87, n§ 11, pag. 18.
INFORMATIZAÇÃO: Então, com esse sentido filosófico, a criatividade jamais será esquecida. Pelo contrário, acho que a tecnologia é um instrumento que a enriquecerá. Se não utilizarmos o computador, que é um instrumento maravilhoso, porque certas pessoas vão ficar bitoladas por ele, o problema é da pessoa não do computador. Imagino que existam projetos, como o do Terminal da Lapa, que têm uma estrutura pensil; sem o computador até hoje se estaria fazendo contas e provavelmente errando. Agora, isso não quer dizer que o computador proporcionar qualidade arquitetônica a Estação da Lapa.

ROMANO, Elisabetta - O ARQUITETO/ENTRE A PRANCHETA E O COMPUTADOR - AU, ano 3, abr/maio.87, n§ 11, pag. 51.
INFORMATIZAÇÃO: A computação gráfica está destinada a substituir com vantagens a prancheta de desenho e a modificar profundamente a própria sistemática de trabalho do arquiteto por ampliar sua capacidade criativa e lhe permitir efetuar interações durante todas as fases de desenvolvimento do projeto. Na profissão do arquiteto o computador tem ainda uma curta história. Uma certa desconfiança característica do nosso meio, que durante muito tempo marginalizou seu uso por causa de uma suposta incompatibilidade entre a liberdade criativa e a conotação tecnicista a ele associada, é a principal responsável por este atraso e só muito recentemente vieram a cair, pouco a pouco, estas barreiras. Independentemente do tempo necessário para absorver estes novos conceitos, o início deste processo já foi deflagrado e daqui para frente a computação gráfica será sempre mais um indispensável e insubstituível instrumento de trabalho do arquiteto, de grande valia na abordagem dos problemas e na resolução dos projetos.

SABBAG, Haifa Y. - "UMA CORDA SOBRE O ABISMO" - AU, ano 3, abr/maio.87, n§ 11, pag. 45.

INFORMATIZAÇÃO: Norbert Wiener, pai da Cibernética, utilizando o conhecimento do cérebro humano para desenvolver o computador, teve como intenção construir máquinas que aprendem, apoiando-se na teoria do aprendizado. Recebendo duras críticas por apontar similaridade entre o processo mecânico e a aprendizagem, defendeu-se lembrando que havia muito a se descobrir sobre os mecanismos humanos. Ao se enfronhar na área de computação gráfica, Elisabetta Romano também se preocupou com o possível impacto psicológico sobre os arquitetos e o inevitável questionamento: ele seria um instrumento de ajuda ou uma ameaça à criatividade? Com base em sua experiência argumenta que uma máquina não faz nada sozinha e nem o computador inibe a criação. Entusiasta dessa nova técnica proclama ser quase impossível voltar à prancheta de desenho. Entretanto, reconhece que apenas a partir do ano passado começou a se abrir o mercado de engenharia civil a esse sistema(CAD), mas no campo da arquitetura ele ainda é insignificante. Enumera então as vantagens imediatas e mais adequadas ao CAD: revisões, atualizações e modificações no projeto; processos como detalhamento, tabelas de acabamento, planilhas etc. A aplicação mais racional se dá no projeto modular e padronizado. "No computador você trabalha com uma escala real, pode aproximar, afastar, rebater ou espelhar recursos que facilitam a execução do desenho", explica ela. Há dois anos a FAUUSP introduziu um curso de computação gráfica para arquitetos formados, por iniciativa de seu diretor, Ualfrido Del Carlo, que vem atuando também como coordenador. Ao analisar o desempenho do computador, o diretor da FAU adverte que a máquina em si não projeta nada, mas realiza, sem dúvida, trabalhos que o arquiteto não poderia fazer sozinho: "Uma máquina de informação muito ágil e de amplas possibilidades", diz. Sobre o curso, centrado basicamente na parte gráfica, abrangendo, num segundo tempo, outros campos da computação, Caparica insiste, como já observara Ualfrido Del Carlo, que sua finalidade é formar especialistas capacitados a desenvolver programas e sistemas gráficos para arquitetos. Salienta , no entanto, que esta postura difere da que ocorre no exterior. "Nos Estados Unidos, os arquitetos são apenas usuários do computador. Eles não desenvolvem o programa, apenas usam o que um técnico produziu. Nós não temos condições de formar um especialista que, em princípio, teria que cursar 2 faculdades para desenvolver um projeto desses" argumenta. Mas essa intenção do curso não é compartilhada pelo arquiteto Jaime Cupertino, da ITAUTEC, para quem ela representa uma deformação. Assim, sustenta sua crítica, dizendo que o arquiteto não necessita saber computação mas apenas aprender a operar o programa, "como dirigir um carro ou manipular uma televisão". Recentemente, em um congresso de informática, em Fortaleza, Paulo Caparica informou que nos Estados Unidos e JapÃo, países que dominam esse mercado, apenas cerca de 20% dos projetos são elaborados com auxílio da

computação gráfica. Suas justificativas: existência relativamente recente dos aparelhos e resistência a inovação pelos profissionais mais velhos. "A facilidade que o computador oferece de modificar o desenho acaba aumentando o aprimoramento do projeto, tanto a nível formal quanto funcional"(Jaime Cupertino). "O importante é ter capacidade de analisar a metodologia do trabalho e identificar onde o computador pode entrar, quais as conveniências e o que existe disponível no mercado"(Jaime Cupertino). Para Guedes, ainda é fantasia desenhar através do computador. Mas faz questão de afirmar que como auxiliar do desenho ele é de grande valor porque ajuda a pensar, apreender novas dimensões da reflexão arquitetônica, permitindo criar modelos de desenvolvimento com maior liberdade. O arquiteto lembra também que firmas equipadas com esses novos recursos fazem transformações muito velozes dos projetos. "O fato de se poder desenhar mais rapidamente reduz ainda o custo de um projeto a terça parte" conclui ele.

WOLF, José - A AMÉRICA, TERRA DISTANTE (entrevista com Gian Carlo Gasperini) - AU, ano 3, ag/set 87, n§ 13, pag. 12.
INFORMATIZAÇÃO: ...em silêncio, abre a porta, apontando os computadores: - Aí está a contemporaneidade.

MARINHO, Gabriela - CAD, A INFORMÁTICA NO COTIDIANO - AU, ano 4, abr/maio 88, n§ 17, pag. 95.
INFORMATIZAÇÃO: A desinformação sobre aplicações da informática ao desenho de arquitetura tem levado muitos profissionais da área a recusar sua utilização... A idéia mais disseminada é a que associa tal uso a restrições da "liberdade criativa", como aponta a arquiteta Elisabetta Romano em sua dissertação de mestrado "O arquiteto e o computador". Certo grau de desinformação não impede, no entanto, que um número crescente de escritórios de arquitetura informatizem sua rotina administrativa e de concepção de projetos, buscando inclusive assessoria de empresas especializadas na implantação desses sistemas. Ao contrário do que se disseminou, o computador não restringe a "liberdade criativa". Auxilia, pois racionaliza, tornando o processo mais eficiente. É um instrumento diferenciado ao substituir o trabalho humano nos procedimentos repetitivos. Tais ganhos são bastante evidentes em projetos modulares: escolas, hospitais, edifícios de apartamentos, edificações que exigem certo grau de reprodução das plantas tipos. Respaldado pela experiência em projetos sociais, Zanettini reafirma a convicção de que os desafios que se impõem ao país, especialmente na área de habitações, exigem a presença de técnicas e tecnologias avançadas e a criação de metodologias compatíveis com o porte e a magnitude destas exigências. Ao projetar com o auxílio do computador, o arquiteto muda a natureza de seu comportamento e se disciplina frente ao fluxo do trabalho, lembra Roberto Colaço-" A concepção

deixa de ser algo que vai acontecendo sobre a prancheta, ao sabor da inspiração, para se tornar também um procedimento mais racional", afirma. E prosegue: "Ao inserir os dados no computador, a planta tipo tem que estar definida em seus detalhes. A concepção perde o caracter artesanal para ganhar uma dimensão nova, racional e planejada".

FIUZA, Luiz - NÃO BASTA A PARTE - AU, n§ 20, pag. 66.
INFORMATIZAÇÃO: Agora com a ajuda da informática, pretendo racionalizar toda essa produção, mas ainda estou dando um tempo a espera de um ponto de equilíbrio do mercado. Recursos? O processo de conceber arquitetura ainda permanece fundamentalmente artesanal, não temos como sair disso. O computador pode ser uma ferramenta eficaz, mas não concebe. Constatei isso no escritório do Takanaka, no Japão, que dispõe de todos os equipamentos modernos, mas não dispensa seus 10 mil profissionais.

HISSA, José N.; HISSA, Francisco - A NIVEL DA REALIDADE - AU, n§ 20, pag. 60 - Publicação de projetos (FORTALEZA).
INFORMATIZAÇÃO: Ao primeiro contato, mostra a primeira estação gráfica que acabou de adquirir. Com ela (assegura), a gente consegue resolver velozmente um projeto, eliminando etapas técnicas intermediárias.

WOLF, José - ITAPETI – TRIÂNGULO QUASE PERFEITO - (Escritório arquitetos Fausto Torneri, José Tabith Jr. e Carlos Eduardo Bianchini), AU, n§ 20, pag. 96.
INFORMATIZAÇÃO: Simultaneidade que, na análise de Eduardo, envolve velozmente nosso cotidiano. Com efeito, manter-se sincronizado com as evoluções da global village mcluhaniana constitui um dos fatores essenciais da sobrevivência profissional para não ser surpreendido pelo futuro. Consciente disso, a equipe procura não perder o bonde da história, atenta aos circuitos e estímulos de fora, aos avanços da tecnologia. "Com a introdução do computador, estamos passando por uma revolução idêntica, em termos de velocidade e mutação, a era industrial, quando surgiu o automóvel". Isso significa o rompimento da linguagem padronizada, como ocorreu com Marinetti e Saint'Elia, possibilitando todo o tipo de experimentação, tanto de linguagem quanto de materiais e estética, sintetiza Eduardo.

FRASCINO, Tito Livio & MELLO, Vasco de - CENTRAL DE PROJETOS TRAÇO LIVRE - AU, n§ 23, pag. 102.
INFORMATIZAÇÃO: Programado para este ano(89) seu ingresso na era da informática, a Central de Projetos pretende agilizar sua produção através de um computador AT com estação completa, para atender as necessidades tanto administrativa quanto de arquitetura como montagem de programas ou memoriais descritivos. A informatização vem de encontro ao crescimento do escritório, atualmente com dez funcionários entre arquitetos formados e

estagiários, mas que na sua formação contava com 30 profissionais distribuídos nas áreas de hidráulica, elétrica e engenharia industrial. Porém arquitetura foi o único setor que resistiu a crise de 82.

JERÔNIMO & PONTUAL Arquitetos - A ESTRUTURA COMO EXPRESSÃO ESSENCIAL - AU, out/nov 1989, ano 5, n§ 26, pag. 112.
INFORMATIZAÇÃO: O “up to date” ilumina a própria sobrevivência profissional. Junto a informatização urgente do escritório "a fim de agilizar os trabalhos", mantêm-se atentos aos sinais da discussão arquitetônica contemporânea filtrada numa dimensão local.

WOLF, José - ENTREVISTA DECIO PIGNATARI - AU, out/nov89, ano 5, n§ 26, pag. 66.
INFOMATIZAÇÃO: ...Então, ainda se concebe arquitetura como organização do espaço, espaços vazios, volumes, planos, dentro de um programa, todo um tipo de funcionalidade ligada a um outro universo.
A partir do momento em que se começa a operar com os micros ou chips, quando se pode fazer aquela arquitetura sem prancheta, através de técnicas de simulação, computadores, todo o universo eletroeletrônico, percebe-se que o sistema comunicacional não chegou a arquitetura.

MOSSA, Guilherme - CAD - PRANCHETA ELETRÔNICA - AU, n§ 28, pag. 112.
INFORMATIZAÇÃO: Por último, de uma maneira focal, os sistemas para auxílio ao projeto e desenho representam a grande implementação em nível da automatização do escritório de projetos, revolucionando a maneira artesanal da produção e visualização do projeto.
Os programas aplicativos específicos de cada especialidade impõem um novo méodo de trabalho importante na rotina de elaboração dos projetos....O conceito de CAD ou CADD (Computer Aided Design and Drafting), isto é, projeto e desenho assistidos pelo computador, vem suprir as necessidades do arquiteto, ou engenheiro, para visualização e detalhamento do projeto proposto. Existem diferenças importantes na comparação dos dois sistemas de trabalho, e que são comuns nos programas em duas e em três dimensões, que nos ajudarão a entender as qualidades e facilidades do CAD. O aspecto da produtividade pode implicar entrega antecipada do projeto, como ganho de tempo para se estudar melhor alguma variante do projeto. O aspecto qualidade implica sentido de verificação das interferências nas fases de projetos e se dirige a um andamento de obra sem retrabalhos, repercutindo nos fatores de custo e prazos.

REZENDE, Ronaldo - CENÁRIO - AU, n§ 30, pag. 20.
INFORMÁTICA - Agora, mais do que nunca os escritórios de arquitetura vão ter que buscar mercado na iniciativa privada e não no estado, fazendo investimento na qualidade de seus serviços, na informática, treinamento de

pessoal, RH, prospecção de novos clientes e enfim, em sua própria condição de competitividade porque a concorrência nas crises aumenta significativamente e nessa hora a competência fala mais alto.

WOLF, José - PROJETO COM METODOLOGIA - AU, Arquitetura e Urbanismo, ano 7, fev/mar.91, n§ 34, Edit. Pini, S. Paulo, 1991.(CFA-Cambiaghi Arquitetura) Arq, Henrique Cambiaghi
INFORMATIZAÇÃO: A minha forma de expressão ainda é a lapiseira, mas grande parte de nosso trabalho hoje é informatizado através do pessoal mais jovem que colabora com a gente. O computador é um elemento a mais para otimizar o tempo e qualidade dos projetos, diminuindo a margem erros. Ele possibilita, principalmente, maior integração com outros aspectos de um projeto, como as instalações e estrutura. Ao contrário do que temem alguns, o computador não substitui o processo de criação, apenas agiliza. O desperdício na construção representa hoje cerca de 35 a 40% do custo de mão de obra e a maior parcela desse fraco desempenho é a descordenação de projetos, a falta de informações, de detalhes claros e precisos e, neste aspecto, o computador , um grande parceiro.

FOSTER, Norman - UM VÃO HIGH TECH - AU, n§ 37, ano 7, ago/set 91, pag. 64.ALTA TECNOLOGIA: A alta tecnologia não é um fim em si mesma mas um meio de se alcançar objetivos sociais mais amplos.

WOLF, José - ARQUITETURA AINDA É CONSTRUÇÃO - AU, n§ 39, pag 82. (Atelier de arquitetura Alexandre Feu Rosa)
INFORMATIZAÇÃO: Estamos investindo na informatização para oferecer serviços diferençados, de qualidade. A informática ajuda, principalmente, na concepção do projeto e na sua relação com o entorno urbano, além de reduzir as atividades manuais.

BARDA, Marisa - RENZO PIANO. UM AEROPORTO SOBRE O MAR - AU, abr/mai 92, ano 8, n§ 41, pag. 62.
INFORMATIZAÇÃO: E é com esse espírito de real conquista (e não no sentido do passado) dos valores do empirismo construtivo que ele consegue integrar vários materiais tradicionais com sofisticadas formas de elaboração teórica, possibilitada por computadores.

WOLF, José - UM PROJETO DE ESPERANÇA - AU, ano 8, out/nov.92, n§ 44, pag. 32.
INFORMATIZAÇÃO: Além de informatizar toda a UBC com equipamentos de última geração, ele foi um dos primeiros a apostar na mudança de rota do curso de arquitetura...

WOLF, José – ESCRITÓRIO – AU, ano 10, out/nov, n/56, 1994, pag. 108.
INFORMATIZAÇÃO: Sob o ponto de vista da tecnologia...pouco se avançou no Brasil nos últimos anos. Na verdade, continua-se construindo igual há 2 ou 30

anos. Mesmo com a introdução da informática, não se registrou nenhuma mudança significativa no campo da construção. Ela apenas agilizou alguns procedimentos projetuais. De qualquer maneira, devemos fazer, cada vez mais, uma arquitetura simples, despojada, adaptada às condições do país. Metodologia? Apesar do escritório informatizado, pessoalmente prefere o tradicional, o risco a mão, "no papel e com lápis" (Sami Bussab). A idéia inicial surge do risco, que sugere o encaminhamento do projeto. "Afinal, atrás de todo risco existe uma ideologia. E é através dele que o arquiteto imprime sua marca, traduz seu desejo e intenção. Caracterizados pelo predomínio da metodologia de projeto sobre a especialização e o uso adequado dos materiais, seus trabalhos buscam uma arquitetura correta em que o partido e a volumetria atendem ao programa e ao contexto ambiental e a estrutura comparece de forma simples e lógica....."Por muito tempo valorizou-se equivocadamente o arquiteto como profissional de ateliê. Devemos resgatar esse espaço, como acontece em outros países, do arquiteto que dirige a obra, que acompanha todo o processo construtivo." "A cidade é a referencia principal. Os objetos arquitetônicos acabam, na verdade, compondo a cidade como um todo", diz. E conclui: a arquitetura, enfim, se destina ao homem em todos os seus aspectos, e as suas demandas merecem soluções específicas. E é nesse universo que os arquitetos agem."

ALMEIDA, Rubens de – UM CAD SOB MEDIDA PARA ARQUITETOS: AU, ano 10, dez 94/jan 95, n. 57, pag. 101/102/103.

INFORMATIZAÃÃO: Um dos mais evoluídos programas para microcomputadores do mundo, dirigido à modelagem de projetos arquitetônicos, o ArchiCaD, está chegando aos escritórios de arquitetura no Brasil. O software surge como uma solução integrada para arquitetos e construtores e pode realmente significar uma nova etapa no relacionamento homem-máquina entre os mais renitentes profissionais e os microcomputadores, hoje definitivamente disseminados pelos escritórios de arquitetura e de projetos nas construtoras.....Nesses desenhos, produzidos a partir de um clicar do mouse, já se considera o material básico da alvenaria, o tipo e a espessura de revestimento interno e externo que ele irá receber até mesmo a cor desejada para a edificação final. Define-se, também, o pé-direito da construção ou do ambiente, determinando os níveis de pisos, degraus e demais elementos de ambientação, inclusive texturas especiais cujos efeitos podem ser observados de imediato....A qualquer momento o operador do programa poderá obter uma visão tridimensional da sua criação. Para isso é preciso determinar qual o posicionamento desejado para o espectador e acionar o comando: em poucos segundos surge na tela uma imagem espacial da edificação, que pode receber imediatamente a insolação e o sombreamento, conforme a posição do sol no

local, data e horário especificados.....Por fim, o ArchiCAD permite ainda que se façam "visitas" animadas aos ambientes produzidos, em modelos tridimensionais, gerando video tapes com opção de som e outras imagens de apresentação multimídia.

COSTA, Índio da – ESCRITÓRIO – AU, ANO 11, DEZ 95/JAN 96, N. 63. PAG.79, 80, 81.

INFORMATIZAÇÃO: Ao fazer o balanço desse período, enfatiza que a atividade profissional evoluiu, adquirindo cada vez mais, uma dimensão tecnológica. "Do tira-linhas artesanal (desenho à base de tinta nanquim) ao computador houve um salto qualitativo fantástico. A elaboração projetual melhorou, em termos de velocidade e qualidade. Em questão de segundos, pode-se detectar com antecedência problemas que antes só era possível descobrir na obra. O traço, esse lado romântico da profissão, praticamente se perdeu. Mas não basta o desenho, arquitetura só existe quando se torna 3ª dimensão.....Quanto à metodologia, privilegia a disciplina, o trabalho em equipe e em parceria, coordenado pessoalmente cada projeto, inclusive acompanhando a obra no canteiro.....Há sempre um lado racional e outro emocional que vão se cruzando.

3X4 – vários autores – AU, ano 11, jun/jul 96, pag.74.

INFORMATIZAÇÃO: "O atual processo de globalização está em sintonia com a passagem da fase "fordista" para a fase de produção imaterial, através da trilogia cultura, comunicação e consumo. A metrópole contemporânea é comunicativa e dissolve toda tentativa de fixação de limites. Produz turismo, arte, esporte, televisão, moda, desing, informática, mídia e post-mídia.

A nova cidade se situa numa arquitetura de trânsito, que refuta lugares fixos e certos, anula os códigos estabelecidos, excludentes, racionalistas e, ao mesmo tempo, renega a afirmação tediosa do fim da história.

ALMEIDA, Rubens – CAD FÁCIL – AU, ano 12, abr/mai 97, n.71, pag.27.

INFORMATIZAÇÃO: Um software de CAD produzido na Alemanha promete agilizar radicalmente o trabalho de arquitetos em computadores. Traduzido para o português e comercializado com exclusividade pela Pini, o Arcon é um programa super amigável, que permite ao operador desenhar projetos de arquitetura em todos os detalhes com extrema facilidade.

O Arcon exige apenas a biblioteca de objetos complementares ao projeto. O software vem com mais de mil modelos básicos de janelas, portas, peças sanitárias, móveis e materiais de acabamento. E em breve, vários fabricantes nacionais já estarão providenciando a digitalização de seus produtos para que os projetistas os utilizem diretamente no projeto.

CITYZOOM – SOFTWARE PARA A CIDADE – AU, ano 12, out/nov 97, n. 74, pag. 17.

INFORMATIZAÃÃO: Diferentes aspectos arquitetônicos, urbanísticos e ambientais podem ser correlacionados e visualizados simultaneamente, pelo City-Zoom, um software desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e utilizado com sucesso na Prefeitura de Porto Alegre. Por meio de simulações, o sistema interativo ajuda os administradores públicos a prever os resultados dos mais diverso tipos de intervenção feitos nas cidades.
O arquiteto e urbanista Benamy Turkienicz, um dos responsáveis pelo desenvolvimento do software, adianta que o ambiente CityZom tem várias utilizações, podendo, pelos dados cadastrados produzir pavimentos-tipo de edifícios a partir das legislações específicas, quantificar pontos comerciais a partir da acessibilidade do sistema viário, visualizar rotas de tráfego urbano, distribuição de rede de serviço e equipamentos urbanos ou antecipar níveis de poluição sonora em diferentes partes da cidade.

BARROSO, Paulo Hermano Mota e DUARTE, Robledo Valente – SEM ESQUECER O LÁPIS E A FOLHA DE PAPEL – AU, ano 13, n.76, fev/mar 98, pag. 75.
Qual o papel da informática no nosso trabalho? Quase toda nossa produção se utiliza da informática, mas o desenvolvimento do projeto não segue nenhum método rígido; cada projeto, cada cliente determina um procedimento diferenciado. Também não fugimos do lápis e do papel numa mesa do bar ou em uma casa.

MENDES, Adriana – INFORMÁTICA PARA ARQUITETOS – AU, ano 15, n. 82, fev/mar 99, pag.94/95/96.
INFORMATIZAÃÃO: “O Mackintoch é uma solução muito específica e o mundo inteiro desenvolve soluções para o Windows” considera o diretor da Pini Sistemas, José Pires Alvin Neto. Segundo ele, para o Mac ter sucesso absoluto, algumas barreiras precisam ser vencidas, como a resistência do usuário final. “O arquiteto não costuma ser especializado em informática, mas não pode desprezar o que acontece no mercado”, avalia Pires...Muita coisa mudou nesses 15 anos. O grande lançamento da Apple na Feira de São Francisco, em janeiro desse ano, foi o computador iMac, que já é recordista de vendas da marca. O diferencial é o desing, com cores e formas nunca usadas em um computador. “Profissionais de criação, como o arquiteto ou o designer, gostam de se destacar e computadores iguais, da mesma cor, padronizam o ambiente”, considera Davi de Oliveira, da Cad Tecnology, representante da Apple.....Limão, laranja, uva ou maçã, não importa o “sabor”, Carlos Bratke olha pela janela iluminada à sua frente e avalia que o computador tem grandes vantagens sobre as pranchetas e na realização do desenho está a maior delas. Não é mais preciso treinar os estagiários, que só precisam aprender a trabalhar com o AutoCad.....“Hoje, não basta saber operar o software de arquitetura. É preciso saber informática. O programa é totalmente

voltado para a prática e os alunos têm contato com arquitetos conhecidos que dão aula na FAU", explica o bolsista Noberto Nakeyama.

MÍDIA – RESOLUÇÃO LIVRE – AU, ano 16, n. 89, abril/maio, 2000, pag. 80.
Dentre os endereços levantados pela AU, foram selecionados os mais interessantes, pelo caráter didático das informações contidas nas páginas ou pelo apelo visual. A qualidade do material pesquisado varia. Enquanto alguns, como o do inglês Norman Foster (www.fosterandpartners.com), abrangem toda a produção do arquiteto e do escritório, organizada e completa, outros se limitam à apresentação de poucas imagens, com informações escassas. Isso, sem considerar aspectos como a definição das imagens, legibilidade e os recursos tecnológicos. Diante desse quadro, foram levantados dez *sites* de escritórios de arquitetos de destaque, cujos endereços contém, no mínimo, informações básicas sobre o escritório, como a filosofia de trabalho, o perfil, o histórico e a lista de projetos com imagens.

.